



RESTAVEC – from Haitian Slave Child to Middle-Class American

Tradução e Análise da obra de Jean-Robert Cadet

Mariana Rodrigues Antunes Araújo

Trabalho de Projeto

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Porto – 2014

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO
PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



RESTAVEC – from Haitian Slave Child to Middle-Class American

Tradução e Análise da obra de Jean-Robert Cadet

Mariana Rodrigues Antunes Araújo

**Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção
do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação da
Doutora Clara Sarmento**

Porto – 2014

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO
PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

AGRADECIMENTOS

Várias foram as pessoas que apoiaram e inspiraram a realização deste projeto:

À Professora Doutora Clara Sarmiento que aceitou acompanhar este projeto e cujas orientações foram preciosas agradeço de forma especial.

À Professora Doutora Eduarda Mota e à Professora Joana Fernandes deixo o meu muito obrigado por partilharem com os alunos o vosso entusiasmo pelo saber.

À Priscila Ferreira e ao José Santos Silva, que me acompanharam fielmente nesta difícil etapa, manifesto a minha gratidão.

Merci infiniment a Jean-Robert Cadet por ter tido a força de partilhar a sua história com o mundo e por me confiar a tarefa da tradução da sua obra.

Por último, gostaria de agradecer aos meus pais e irmãos, por todo o apoio e dedicação, e à minha madrinha, que possibilitou o contacto com o autor.

O homem é a sua linguagem, porque a cultura se constitui como sistema de signos. Mesmo quando acredita falar, o homem é falado pelas regras dos signos que usa. Conhecer as regras destes signos é conhecer a sociedade, mas é também conhecer o sistema de determinações linguísticas que se constitui como essência.

Umberto Eco, *O Signo*

RESUMO

O objeto final deste relatório é uma proposta de tradução e respectiva análise da obra de Jean-Robert Cadet, intitulada *RESTAVEC –from Haitian Slave Child to Middle-Class American*. A tradução desta obra foi realizada a pedido do autor, que tem a esperança de ver o seu trabalho publicado em Portugal, como acontece noutros países no mundo, com vista ao cumprimento de uma missão extremamente nobre, o que só vem a comprovar que a tradução é imprescindível nos mais variados âmbitos, nomeadamente no dos Direitos Humanos e do Voluntariado.

Assim, é nossa convicção que a proposta de tradução deste forte testemunho de vida despertará o público-alvo para um problema gritante do mundo - o da escravatura infantil - transportando-o, sem barreiras linguísticas ou culturais, para uma outra realidade lamentavelmente actual e pouco conhecida no nosso país.

Paralelamente à execução da tradução surge o “diário da tradução”, com base no qual é feita a análise do produto final.

Após uma breve biografia do autor e uma contextualização históricocultural, quer do Haiti, quer da obra em si, segue-se então um enquadramento deste trabalho nas várias teorias de tradução a que recorreremos, as quais orientam necessariamente o tradutor na árdua tarefa de ser, simultaneamente, recetor e comunicador cultural.

Na análise, são detalhadas as dificuldades mais relevantes que se colocaram durante o processo de tradução e as respetivas soluções, apoiadas nos referidos estudos e teorias.

Este trabalho contempla ainda um breve estudo comparativo relativamente à tradução da mesma obra para o português, na variante do Brasil

Por fim, é apresentada, em anexo, a tradução integral da obra cujo título é *Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*.

Palavras-chave: Restavec; Trabalho Infantil; Tradução; Tradutor.

ABSTRACT

The aim of this report is to propose and analyse a translation of Mr. Jean-Robert Cadet's work, entitled *RESTAVEC: from Haitian Slave Child to Middle-Class American*. The translation was asked by the author himself, who hopes to have his work published in Portugal, as it happened in several countries around the world.

This mission embraced by the author has a very noble purpose which proves that translation is required in many areas, including also Human Rights and Voluntary Work.

Confirming what has been mentioned above, the present translation of this dramatic life story will awaken readers to new world problems, taking them to a different from-our-time reality and overcoming linguistic and cultural barriers. At the same time, an analysis of the final product will be made, focusing on the translation difficulties which appeared along the work and their solution, supported by the many studies and theories that exist about this subject.

After a brief biography of the author and a short historical and cultural context, both from Haiti and the book itself, some theories of translation we used in this work are explored. These theories guided the translator in the arduous task of being both a receiver and a cultural communicator.

Finally, attached to this report, there is the final product of our work, the translation of the book itself.

Keywords: Restavek; Child Labour; Translation; Translator

LISTA DE ABREVIATURAS

LC - Língua de Chegada

LP - Língua de Partida

NT - Nota de Tradutor

TC - Texto de Chegada

TCC - Texto de Chegada Coloquial

TCF - Texto de Chegada Formal

TP - Texto de Partida

TO - Texto Original

VPB - Versão em Português do Brasil

VPP - Versão em Português de Portugal

ÍNDICE

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Lista de Abreviaturas.....	vii
Introdução.....	1
Capítulo I Jean-Robert Cadet: Vida e Obra.....	4
Biografia 	5
Capítulo II Contextualização Históricocultural	8
Apresentação histórica do Haiti 	9
Apresentação religiosa do Haiti 	11
Breve Apresentação de Abolicionistas da Escravatura nos E.U.A 	14
Capítulo III A Tradução: Análise e Comparação	16
Ser Tradutor 	17
Enquadramento teórico 	21
Análise da tradução 	29
Breve comparação entre traduções 	45
Conclusão	51
Referências Bibliográficas.....	54
Bibliografia Primária 	55
Bibliografia Secundária 	55
Obras de Referência 	56
Sítios em linha consultados 	57
Anexos	59
Restavec: from Haitian Slave Child to Middle-Class American 	60
Restavec: de Menino Escravo no Haiti a Americano de Classe Média - Uma Autobiografia de Jean-Robert Cadet 	60
Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média 	60

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, os meios de comunicação social debitam constantemente todo o tipo de notícias, que se repetem dia após dia, frequentemente com o objetivo de provocar o alarme e o escândalo. No entanto, não são suficientemente veementes na denúncia de problemáticas mundiais, como a pobreza extrema, a subnutrição, a escravidão, a desigualdade sexual, a imigração em massa, que, embora presentes no subconsciente de todos nós, não são encaradas seriamente nas suas múltiplas facetas, excepto pelos que vivenciam diariamente estes problemas. Vivemos a nossa rotina individualista, absorvidos pelo que temos de fazer - e com toda a legitimidade para isso -, mas permanecemos alheados de realidades extremamente preocupantes cuja resolução é da responsabilidade de todos enquanto comunidade global.

É absolutamente chocante que, no século XXI, tais acontecimentos ou discriminações, como se quiser chamar, sejam tolerados ou que os pedidos de ajuda sejam ignorados ou que haja sofrimento à conta de injustiça e maldade. Num mundo tecnológica e cientificamente tão avançado, seria de esperar que cada cidadão fizesse o que está ao seu alcance para aliviar o sofrimento humano.

Foi precisamente através de um pedido de ajuda do autor que a possibilidade de tradução desta obra surgiu. Jean-Robert Cadet, muito marcado por um passado revoltante que o persegue no presente, deseja pôr um ponto final na escravidão imposta às crianças da sua terra natal, denunciando, à escala global, esta prática vergonhosa. Tem razões para acreditar que a união faz a força e que todos poderão dar o seu contributo no sentido de alertar consciências e moldar mentalidades, forçando assim os governos, nomeadamente o haitiano, a rever as suas políticas no que diz respeito à promoção e defesa dos direitos das crianças.

Contudo, para além da vontade de ajudar uma causa tão nobre quanto esta, evidentemente, impõe-se uma série de questões que têm de ser tidas em consideração. Dessas questões, uma das mais prementes, na perspectiva do tradutor, é o conhecimento dos elementos linguísticos e socioculturais.

Na tradução de um livro como *RESTAVEC –from Haitian Slave Child to Middle-Class American* de Jean-Robert Cadet, publicado pela primeira vez em 1998, nos Estados Unidos da América, um tradutor vê-se obrigado a avaliar a obra, não só sob a perspectiva linguística mas também do ponto de vista histórico-sociocultural do país. Isto é tanto mais necessário quanto mais afastada e desconhecida for a realidade retratada. O tradutor, numa

INTRODUÇÃO

situação como esta, tem de ser o elo ou a ponte entre o escritor e o leitor, ou seja, tem de conseguir ver a realidade do escritor com os próprios olhos, abstraindo-se de toda a realidade que até aquele momento conheceu para conseguir compreender uma série de costumes, tradições e histórias de um país desconhecido. Assim será capaz de transmitir fielmente ao leitor a experiência do autor.

A intensa investigação feita sobre o país, os costumes e tradições, proporcionou uma atmosfera de contextualização absolutamente indispensável para a descodificação da mensagem da obra acima referida. Através dela, foi possível conseguir uma reprodução do texto na língua de chegada que expusesse fielmente toda a vivência do autor e contribuisse para criar no público-alvo português a vontade de aderir ao movimento de alteração de mentalidades com o fim último da libertação das crianças haitianas, no qual o autor se empenha arduamente. Criar as mesmas sensações é, porém, discutível, como defende Mounin, pois cada indivíduo, como leitor, tem uma percepção diferente da realidade mediante as suas próprias experiências e vivências (Mounin, 1963: 278). Desenvolveremos este ponto mais à frente neste trabalho.

Depois da tradução e análise da obra, foi realizada uma comparação com uma tradução para o português na variante do Brasil, já disponível no mercado brasileiro.

Procura-se, finalmente, a publicação deste livro que, a acontecer, consistiria na melhor forma de alertar o público português para um drama que afeta muitos milhares de crianças e, simultaneamente, prestar homenagem à força de vontade e coragem do escritor que, a muito custo, conseguiu partilhar com o mundo a sua história de vida, verdadeiramente difícil e cruel, mas também inspiradora e com uma forte mensagem de esperança.

CAPÍTULO I | JEAN-ROBERT CADET: VIDA E OBRA

/ *Biografia* /

Jean-Robert Cadet é um antigo escravo do sistema *restavec* praticado no Haiti que, na atualidade, se dedica insistente e incessantemente ao combate desta prática, dando o seu testemunho de sobrevivência e ajudando todas as vítimas deste flagelo que a ele recorrem.

Restavec, em francês, significa “aquele que fica com” e refere-se a crianças (desde a mais tenra idade até atingirem a maioridade) que, por questões de pobreza ou abandono da própria família, são adquiridas por outras das grandes áreas urbanas do Haiti e são posteriormente escravizadas, mal tratadas e privadas, na maioria das vezes, do sistema educativo. No futuro, estas crianças tornam-se maioritariamente prostitutas, pessoas sem-abrigo ou engraxadores de sapatos, nunca conseguindo chegar a criar famílias estáveis ou a ter qualquer poder económico.

Filho de um homem rico de raça branca e de uma mulher pobre de raça negra, Cadet foi dado, com apenas quatro anos, a uma das amantes (Florence) do seu pai (*Blanc Philippe*), após a morte da sua mãe, que teria sido assassinada por ciúmes, por ter chamado a atenção de um homem branco influente.

Durante a sua infância, para além de ter sido sujeito a todo o tipo de abusos (físicos, verbais, emocionais, entre outros), Jean-Robert foi obrigado a desempenhar todas as tarefas domésticas, recados, compras, não só em sua casa mas também em casas de familiares e/ou amigos de Florence, sua guardiã, a troco de quantias generosas, sendo sempre excluído de todas outras atividades familiares, chegando a permanecer no quintal até a chegada dos donos, que não o deixavam ficar sozinho no interior da casa.

Após toda a sua chocante experiência de vida no Haiti, emigrou aos quinze anos com a família de Florence para os Estados Unidos onde, devido ao forte racismo existente naquela época, continuou a ser vítima de discriminação racial e social.

Apesar de todas as dificuldades e traumas enfrentados, licenciou-se em Estudos Internacionais pela Universidade de Florida do Sul, tendo anteriormente passado uns anos no exército americano.

Depois de confrontado pelo filho, que o questionava sobre a inexistência de avós e familiares paternos, decidiu partilhar a sua história através da obra autobiográfica *Restavec: From Haitian Slave Child to Middle-Class American*, 1998 (*Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*) onde descreve pormenorizadamente todos os passos da sua vida e expõe os traumas daí recorrentes e com os quais ainda lida.

CAPÍTULO I | JEAN-ROBERT CADET: VIDA E OBRA | BIOGRAFIA |

Atualmente, Jean-Robert é pai, marido, escritor, mestre em Literatura Francesa pela Universidade de Cincinnati e membro do Grupo de Trabalho em Formas Contemporâneas de Escravatura das Nações Unidas, onde foi convidado a testemunhar a sua experiência e onde denunciou a existência deste cruel sistema que afeta entre 300 000 a 400 000 crianças, segundo estimativa recente da UNICEF. Participou, entre 2000 e 2010, em vários documentários sobre o mesmo tema e recorreu a entidades mundialmente conhecidas como *The Oprah Winfrey Show*, *60 Minutos* e CNN, com o objetivo de divulgar este terror incompreensível nos nossos dias.

É o fundador da organização não-governamental “The Jean R. Cadet Restavek Organization”, na qual se faz porta-voz destas crianças sem nome, sem idade, sem direitos, criando as condições para que deixem de ser escravas ou, quando tal não é possível, inserindo-as em programas educativos adaptados às suas necessidades, para que, no mínimo, as mesmas crianças possam ter a oportunidade que outrora também lhe foi dada.

Escreveu, em 2001, o seu segundo livro intitulado *My Stone of Hope: From Haitian Slave Child to Abolitionist*, para o qual ainda não existe tradução em português. Nesta segunda obra, o autor relata uma nova fase da sua vida depois de ter decidido tornar-se num agente transformador da sociedade em que nasceu. Tal processo gerou dois efeitos paralelos: por um lado, permitiu que o autor se libertasse das consequências psicológicas perversas dos abusos de que foi alvo; por outro lado, passou a ser visto como um sinal de esperança para muitos milhares de crianças.

Para mudar as mentalidades haitianas relativamente ao fenómeno da escravatura infantil, o autor tem recorrido a múltiplos meios de comunicação social, no sentido de criar um movimento global de consciencialização desta problemática. Recentemente, contou com a colaboração da compositora haitiana Marie-Carmel Berrouët Pérodin, na criação da canção *Lambi Konnen* (O búzio soa), gravada em CD's e DVD's distribuídos em países como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a Noruega. A canção já é considerada já um hino nas escolas haitianas e constitui uma prova tangível de que a determinação e persistência do autor estão a obter repercussões políticas e sociais positivas.

Durante este seu combate, as viagens têm sido uma constante, quer ao território haitiano, quer a muitos pontos do globo aonde se desloca para realizar palestras e conferências. No contacto com o autor, este manifesta a mesma disponibilidade para apresentar pessoalmente a sua obra caso esta venha a ser publicada em Portugal.

Paralelamente foram também adquiridos os direitos de adaptação das suas obras ao cinema. O realizador Michael Corrente já empreendeu uma viagem ao Haiti com o autor

CAPÍTULO I | JEAN-ROBERT CADET: VIDA E OBRA | BIOGRAFIA |

com o objetivo de testemunhar a interação entre “libertador” e escravos e assim poder transpô-la mais fielmente para o grande ecrã. "*He has this intense need to keep going back to Haiti, just to save one more child. He is such a sweet guy. What's really remarkable is that he has maintained so much humanity*", afirma o realizador, Michael Corrente, sobre Cadet, numa entrevista de Mark Curnutte para o *The Cincinnati Enquirer*, citada no jornal *USA Today*, a 8 de Setembro de 2013.

Conta, ainda, com diversas publicações em seu nome e já foi por diversas vezes premiado, uma das quais pelo Presidente Bill Clinton com o prémio *President Clinton Global Initiative Commitment Award*, em 2009. Sublinha-se que a Global Initiative do presidente Bill Clinton apoia a fundação criada por Cadet.

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL | APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO HAITI |

/ Apresentação histórica do Haiti /

O Haiti - que significa “terra alta” na língua dos Aravaques, os primeiros habitantes da zona - é o país mais montanhoso das Caraíbas, pertence ao arquipélago das Grandes Antilhas juntamente com a República Dominicana e é um dos mais pobres do mundo, apesar da sua aclamadíssima beleza natural. As suas línguas oficiais são o francês e o crioulo e a moeda é o *gourde*.

Foi descoberto em 1492 por Cristóvão Colombo, que lhe deu o nome de Hispaníola, reclamando-a para Espanha. No entanto, no fim do século XVI quase toda a população nativa da ilha havia sido eliminada pelos colonos, sendo que, em 1697, metade da ilha foi cedida à França, que a batizou de São Domingos. Esta região tornou-se a mais próspera e rica das Caraíbas, durante o século XVIII, devido à exportação de matéria-prima como café, açúcar, cacau, milho, vegetais e frutas. No entanto, toda esta riqueza provinha da exploração desmesurada de escravos africanos. Estes, inspirados pela Revolução Francesa de 1789 e sob a liderança de Toussaint Louverture¹, revoltaram-se em 1791. No entanto, o país só foi considerado independente em 1804, graças a Jean Jacques Dessalines² - cujo apelido deu o nome ao hino nacional haitiano “La Dessalinienne”, um século depois da proclamação da independência - e Henri Christophe³ (também eles heróis nacionais) que tiveram um papel determinante na vitória contra os franceses e criando, assim, a nação haitiana.

Porém, o país sempre foi marcado por uma enorme instabilidade política, sendo que quase todos os seus governantes foram assassinados ou acabaram por se suicidar.

Jean-Robert Cadet nasceu na época do terrível ditador François Duvalier, também conhecido por “Papa Doc” Duvalier, que se tornou presidente em 1957. No livro, existem referências à instabilidade no país causada pelos *Tontons Macoutes*⁴, que espalhavam o terror à mínima suspeita de revolta contra o poder presidencial. O seu filho prosseguiu o

¹Considerado um herói na História nacional haitiana, era um escravo com conhecimentos de armas que lutou e saiu vitorioso contra a colônia francesa, apesar de ter continuado a ter ligação à França, onde acabaria por falecer numa prisão em 1803, um ano antes de ser declarada a independência do seu país natal (*Grolier International Encyclopedia*, Deluxe Home Edition, Danbury, Connecticut: Grolier Incorporated, 1991.).

²General ao serviço de Toussaint Louverture, proclamou a independência do Haiti a 1 de Janeiro de 1804 e foi o primeiro líder oficial do país. Proclamou-se Imperador Jacques I, em 1805. Foi traído e assassinado, em 1806, por Henri Christophe e Alexandre Pétion, ambos lutadores pela independência do Haiti (*Grolier International Encyclopedia*, Deluxe Home Edition, Danbury, Connecticut: Grolier Incorporated, 1991.).

³Uniu-se ao exército de Jean Jacques Dessalines e participou na luta pela independência do Haiti tornando-se presidente, em 1807. Autoproclamado rei em 1811, acabaria por se suicidar nove anos mais tarde (*Grolier International Encyclopedia*, Deluxe Home Edition, Danbury, Connecticut: Grolier Incorporated, 1991.).

⁴Força de polícia pessoal voluntária do ditador Duvalier que tinha licença para torturar e matar quem se opusesse a este regime. Por vezes, exibiam e deixavam os cadáveres à vista da população haitiana para servir de exemplo.

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL | APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO HAITI |

mesmo tipo de regime e, em 1988, foi implantado o governo militar que se mantém até aos dias de hoje.

A 12 de Janeiro de 2010, o Haiti foi sacudido por um violento terramoto de magnitude 7.0 na escala de Richter, cujo epicentro se localizou apenas a 25km da capital do país, o que causou uma grande crise humanitária. Se, por um lado este terrível desastre natural provocou muita destruição e morte, por outro lado proporcionou também uma abertura ao mundo que, através de inúmeras ONG's e meios de comunicação internacionais, pôde constatar os graves problemas políticos, sociais e humanos daquela sociedade. Lamentavelmente, muitas crianças ficaram órfãs o que fez aumentar drasticamente o número de *restavecs*.

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL | APRESENTAÇÃO RELIGIOSA DO HAITI |

/Apresentação religiosa do Haiti /

Outro factor muito marcante da sociedade haitiana é a religião. É predominantemente praticado o Catolicismo Romano, embora os habitantes pratiquem também o culto do vodu - mistura de cristianismo com crenças tradicionais africanas.

No Haiti, o vodu, trazido de África pelos escravos que de lá partiram na época dos Descobrimentos, é, hoje em dia, considerado uma religião pela maioria da população do país. A. Métraux, citado por Amar Hamdani em *Ritos e Segredos do Vodou*, explica que a palavra “vodu” tem origem numa tribo africana e significa “Deus, Espírito ou Sua Imagem”. Verifica-se uma relação muito acentuada entre este culto tribal e a religião praticada no Haiti, tal como o comprovam diversos estudos linguísticos. Existem, no entanto, diferenças, pois a religião haitiana, ainda durante a época da escravatura, sofreu bastantes influências, quer do Cristianismo - que chegou a ser imposto a estes escravos -, quer de outros cultos africanos trazidos e praticados por escravos oriundos de distintos locais de África. O vodu é, pode afirmar-se, um exemplo de sincretismo religioso, em que estão patentes as três grandes influências acima referidas.

Esta religião acabou por ter um papel importante na própria luta pela independência haitiana. Pessoas marcantes neste movimento revolucionário como Bukman, Toussaint Louverture e Dessalines, eram conhecedores das práticas de vodu. No caso de Louverture, este praticava a medicina tradicional, podendo conjugando-a com a magia, embora não seja identificado como sacerdote. Dessalines, por outro lado, praticava abertamente esta religião, venerando as entidades sagradas envolvidas, denominadas por “loas”. Um “loa” é um espírito, divindade ou mistério considerada capaz de interferir no curso da vida das pessoas através dos seus poderes quando invocados.

Tal como a muitas outras pessoas- uns de forma passiva e outros de forma ativa -, este culto acabou também por influenciar e marcar determinados momentos da vida de Jean-Robert que são descritos na primeira parte da obra, referindo nomeadamente práticas, sacerdotes e “loas”.

Para conseguir compreender e produzir uma tradução correta, foi realizada uma intensa pesquisa sobre o vodu e suas entidades sagradas. As invocações mais mencionadas na obra e, por coincidência, também as mais respeitadas e importantes na crença vodu são as seguintes:

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL | APRESENTAÇÃO RELIGIOSA DO HAITI |

Ayida Ouedo - representa o poder dos céus, é mulher de Damballa e, como ele, é protetora cósmica e concede bênçãos.

Damballa - pai de todos os loas, é considerado o loa da criação; é uma divindade simbolizada por uma serpente e surge associada à sabedoria, paz, pureza, benevolência, inocência e vida. É venerado em quase todos os ritos.

Erzulie - grande loa, proveniente da Guiné; considerada a Vénus do vodu, é vista como uma mulher selvagem, independente, dura e vingativa; deusa do ciúme, do amor e da paixão; é, porém, maternal, protetora de crianças e de mulheres que foram abusadas ou então traídas por um amante. Estas invocações diferem consoante o ritual que é feito.

Legba - é o loa mais importante de todos - simbolizado pelo Sol - sendo este o primeiro e último a ser invocado em cada sessão; é o porteiro e guardião do outro mundo, aquele que permite a interação entre os humanos e os restantes loas. Os seus símbolos são o bastão de peregrino, o falo e a cor branca.

Ogun - associado a um dos apóstolos de Jesus Cristo (São Tiago Apóstolo, o Maior), é considerado um deus de guerra e proporciona força e coragem em momentos de aflição; é louvado para ajudar a travar e vencer batalhas; domina o fogo, o ferro, a política, a guerra e a caça; é considerado também o pai da tecnologia dos dias de hoje.

(HAMDANI 1981: 302-313)

Como estes “loas” e respetivas invocações foram mencionados ao longo da obra, foi importante fazer uma pesquisa para que a tradutora se contextualizasse. Tal pesquisa permitiu interpretar e transpor os mesmos sentidos e sentimentos associados aos rituais vodu, seus intervenientes (*hungan* e *mambo*⁵), cânticos, atitudes, crenças e superstições descritos. Possibilitou ainda uma análise mais profunda das personagens e dos seus conflitos internos.

Na descrição de rituais, cânticos entoados, sinais aparentemente enviados por “loas”, apresentam-se também atitudes das personagens que não são familiares à população portuguesa, mas que serão facilmente justificáveis e perceptíveis. Daí esta tradutora apenas ter feito uma investigação para si mesma e optado por não inserir NT no TC para

⁵*Hungan* (sexo masculino) e *mambo* (sexo feminino) têm a mais alta iniciação no vodu que os torna sacerdote e sacerdotisa, após uma aprendizagem secreta muito lenta no final da qual têm de prestar provas. Não praticam magia negra, ao contrário de um *boko*, feiticeiro que não concluiu a sua iniciação no vodu (Hamdani, A. *Ritos e Segredos do Vodu*. Lisboa: Amigos do Livro, 1981, pp. 309 e 312.).

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL | APRESENTAÇÃO RELIGIOSA DO HAITI |

contextualizar o público-português, pois as alusões ao culto vodu não são determinantes para a compreensão do enredo da obra. Já a investigação da tradutora foi fundamental para o processo de tradução da obra, contribuindo para escolhas lexicais capazes de transmitir com rigor e eficácia o ambiente religioso vivido pelo autor.

/ Breve Apresentação de Abolicionistas da Escravatura nos E.U.A /

Da mesma forma que a tradutora investigou as divindades do vodu e a importância delas na cultura e história haitiana, pesquisou também sobre os abolicionistas referidos no último capítulo da obra - “Regressei a Tampa”. Apesar de estes nomes não terem grande destaque na narrativa, são mencionados para que o autor possa defender a ideia de que a história da abolição da escravidão nos Estados Unidos tem sido manipulada, omitindo-se o papel desempenhado pelos escravos envolvidos neste processo, mencionando apenas personalidades que não recorreram à violência mas à palavra, como Sojourner Truth e Frederick Douglass e, mais tarde, já relativamente à luta contra a discriminação racial, Martin Luther King Jr. A pesquisa realizada tornou-se um meio útil na realização da tarefa de traduzir eficazmente tanto a ideia defendida pelo autor como os sentimentos inerentes à mesma.

Assim, na obra são recuperados nomes de escravos propositadamente ignorados pela sociedade americana e os quais desempenharam um importante papel na luta contra a escravidão, a saber:

- David Walker, nascido a 1796, foi o autor afroamericano de *Um Chamamento aos Cidadãos de Cor do Mundo* (“An Appeal to the Coloured Citizens of the World”), considerado um documento de influência quer a nível social, quer a nível político, onde lançava um apelo à luta contra a opressão e injustiça. Morreu em 1830, um ano depois da sua publicação da sua obra.

- Nat Turner, escravo afroamericano, nasceu em 1800 e, graças aos seus dotes oratórios, foi o impulsor de uma rebelião de escravos, em 1831, da qual resultou a morte de 60 brancos e de cerca de 200 afroamericanos, considerada, por isso, a mais grave da História americana. Foi condenado à morte em novembro do mesmo ano. Na sequência dessa rebelião, o estado de Virgínia executou 56 negros acusados de participar nela juntamente com Turner e mais de 200 escravos foram brutalmente espancados e mortos por milícias e multidões. Os legisladores, neste e noutros estados sulistas, proibiram o acesso à educação a escravos e negros livres, além de imporem outras restrições.

- Denmark Vesey, também afroamericano, após ter comprado a sua liberdade na Carolina do Sul, planeou uma enorme rebelião de escravos. Todavia, devida a uma fuga de informação, os líderes foram presos e executados pelas autoridades antes que a rebelião se

CAPÍTULO II | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICOCULTURAL | BREVE APRESENTAÇÃO DE ABOLICIONISTAS DA ESCRAVATURA NOS E.U.A. |

pudesse concretizar. No entanto, Vesey é hoje considerado por muitos um herói do seu tempo. Em Charleston, a sua casa foi nomeada um Marco de História Nacional em 1976.

- Gabriel Prosser nasceu em 1776 e morreu em 1800. Era um ferreiro instruído que se encontrava aprisionado quando planeou uma grande rebelião de escravos, em Richmond, no verão do ano da sua morte. Foi também traído por uma fuga de informação, o que inviabilizou a revolta, e foi capturado e enforcado juntamente com 25 seguidores.

- Frederick Douglass, nascido escravo em Maryland, em 1817, teve a sua liberdade comprada por amigos britânicos, em 1847. Dois anos antes, publicou uma autobiografia intitulada *The Narrative of the Life of Frederick Douglass*. Conhecido por ser um grande orador, foi responsável por diversos discursos que envolviam desde evocações do seu passado de escravo a denúncias da escravatura e a apelos à sua rápida abolição.

- Sojourner Truth foi uma oradora americana, abolicionista e feminista do século XIX. Nasceu em 1797, como escrava e fugiu em 1827, quando o seu dono se recusou a aceitar o ato de emancipação do estado de Nova Iorque. Tornou-se a primeira mulher oradora negra, que lutou a favor da emancipação dos negros e do acesso ao direito de voto por parte das mulheres.

Graças à pesquisa e à reflexão que se lhe seguiu, foi possível clarificar aquilo que o autor, na sua qualidade de professor, pretendeu demonstrar aos seus alunos e, posteriormente, à sociedade americana, ou seja, que a comunidade negra deve assumir um papel mais ativo na transformação da sociedade onde é, ainda hoje, discriminada e que a comunidade branca, da mesma forma, deve reconhecer as suas falhas e não menosprezar as personalidades que influenciaram o curso da sua História.

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE E COMPARAÇÃO

/ Ser Tradutor /

*Os autores escrevem as suas respectivas literaturas nacionais,
mas a literatura mundial é obra dos tradutores.*

José Saramago
(in Diário de Notícias, 12/03/1997)

O tradutor tem um papel absolutamente fundamental na interação mundial, pois é ele que funciona como ponte, ainda que psicológica, entre culturas, ou seja favorece e ajuda a compreensão de costumes e atividades culturalmente distantes e muitas vezes desconhecidos, evitando assim muitos conflitos que podem surgir devido a mal-entendidos derivados de percepções deficientes entre povos estranhos. Tal trabalho é, por si só, uma grande responsabilidade porque poderá englobar naturalmente questões sensíveis, não só do foro profissional e cultural mas também do foro político. Um mero lapso ortográfico ou de significado, impresso milhares de vezes pode por em causa uma publicação, obrigando a uma nova para corrigir a falha; pode levar o leitor a proceder erradamente, baseando-se numa informação errónea: só numa tradução de um manual técnico, por exemplo, imagine-se as consequências que uma má tradução de documentação oficial da União Europeia provocaria.

Por este motivo, um tradutor deve, de certa forma, saber um pouco de tudo, ter conhecimentos nas mais variadas e potenciais áreas de trabalho, sem nunca esquecer que não é um profissional dessa área concreta mas sim um mediador de informação entre uma língua e outra, conhecedor de ambas as estruturas gramaticais, de vocabulário e, por último mas não menos importante, de ferramentas de trabalho, como memórias de tradução e bases de dados, a utilizar para tornar o seu trabalho mais rentável e de fácil aceso, caso tenha a intenção de voltar a utilizar o que já foi feito. Apesar de exercer uma profissão que obriga a um certo isolamento, especialmente se trabalhar como independente, o tradutor não está sozinho, podendo influenciar a vida de várias pessoas a partir de um só trabalho, especialmente se se tratar de uma tradução do ponto de vista técnico. Numa tradução literária, a responsabilidade é idêntica sem, no entanto, influenciar a vida das pessoas num contexto profissional mas sim em contextos de fruição artística, filosófica, ideológica, epistemológica, entre outras.

Quer para um texto de domínio técnico e específico quer para um texto de domínio literário e descritivo - de tradução mais livre - o tradutor deve colocar algumas perguntas: “A quem se destina a tradução?”, “Em que época foi escrito o texto a traduzir?”, “Qual o

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | SER TRADUTOR |

grau de domínio da área em questão?”, ”Qual a finalidade da tradução?”. Para além disso, na tradução literária, o procedimento de análise textual do trabalho que terá a realizar torna-se mais completo, tendo o profissional de avaliar algumas considerações gerais como a intenção do texto ou do emissor, o tipo de texto, o local e a época, o público-alvo ou receptor, a linguagem (nível de formalidade/tom), o tipo de publicação, provável intenção/objetivo do autor ou o motivo comunicativo e o método a adotar pelo tradutor.

O tradutor deverá, posteriormente, reunir toda a informação que conseguir sobre o tema em questão e fazer um levantamento terminológico, para conseguir ser coerente com o vocabulário escolhido ao longo de todo o trabalho; se necessário, recorrer a profissionais da área que poderão ser úteis no desenvolvimento do trabalho e, ao mesmo tempo, ao já definido nas teorias da tradução, adaptando-o ao seu caso o melhor possível.

Resumidamente, deve ter boas capacidades de investigação e meios para isso, deve ser capaz de traduzir sobre qualquer tema e, acima de tudo, ser claro a transmitir as ideias apresentadas, tendo sempre em atenção as necessidades e limitações do público-alvo, que deve receber a informação com a mínima interferência do tradutor. Para além destas características, deve ser dotado de uma autodisciplina inquebrantável e demonstrar um alto respeito por prazos de entrega, combinados primeiramente com o cliente, para que a gestão do trabalho não falhe e a execução de tarefas seja realizada com tempo e com a possível coordenação de peritos na área.

Na realidade, apesar da sua importância a vários níveis, o tradutor assume uma posição invisível, pois serve apenas como elo de ligação entre um autor, que expõe ao mundo as suas ideias, e um leitor, que absorve essas mesmas ideias.

O escritor José Saramago, em Cadernos de Lanzarote - Diário V, publicado em 1998, reflete sobre a importância do que é ser tradutor:

“O trabalho de quem traduz consistirá, portanto, em passar a outro idioma (em princípio o seu próprio) aquilo que, na obra e no idioma originais, já tinha sido “tradução”, isto é, uma determinada percepção pessoal duma realidade social, histórica, ideológica e cultural que obviamente não era a do tradutor, substanciada, essa percepção, num entramado linguístico e semântico que igualmente não é o seu. (...) O diálogo entre o autor e o tradutor, na relação entre o texto que é e o texto a ser, não é apenas um diálogo entre duas entidades individuais que hão-de completar-se, é sobretudo um encontro entre duas culturas colectivas que devem reconhecer-se.”

José Saramago,

“Cadernos de Lanzarote - Diário V”, 1998, pp.52-3

Christiane Nord, uma investigadora alemã contemporânea da área da tradução, especializada em pedagogia, que tem explorado as teorias e criado e aprofundado metodologias de trabalho, criou um modelo (que abordaremos mais adiante) de análise com o objetivo de orientar o tradutor nas várias competências que lhe são exigidas: “competências na receção do TP e respetiva análise, competências de investigação, competências de transferência, competências de produção escrita, competências em avaliar a qualidade da tradução e competências linguísticas e culturais quer na LP quer na LC, que é o principal pré-requisito para traduzir” (1992:47).

As mesmas competências inserem-se na norma europeia aprovada em 2006 (EN 15038:2006), relativa à qualidade em serviços de tradução, que vai mais além e especifica todos os aspetos a ter em conta, nomeadamente a competência para traduzir, a aptidão linguística e textual em ambas as línguas de partida e chegada, as competências de pesquisa, aquisição e tratamento de informação e as competências culturais e técnicas:

Translating competence: Translating competence comprises the ability to translate texts to the required level. It includes the ability to assess the problems of text comprehension and text production as well as the ability to render the target text in accordance with the client-TSP agreement and to justify the results;

Linguistic and textual competence in the source language and the target language: Linguistic and textual competence includes the ability to understand the source language and mastery of the target language. Textual competence requires knowledge of text type conventions for as wide a range of standard-language and specialized texts as possible, and includes the ability to apply this knowledge when producing texts;

Research competence, information acquisition and processing: Research competence includes the ability to efficiently acquire the additional linguistic and specialized knowledge necessary to understand the source text and to produce the target text. Research competence also requires experience in the use of research tools and the ability to develop suitable strategies for the efficient use of information sources available;

Cultural competence: cultural competence includes the ability to make use of information on the locale, behavioural standards and value systems that characterize the source and target cultures;

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | SER TRADUTOR |

Technical competence: technical competence comprises the abilities and skills required for the professional preparation and production of translations. This includes the ability to operate technical resources.”

Norma Europeia EN 15038, Janeiro 2006

A mesma norma estipula ainda que todas as competências referidas devem ser adquiridas através de um curso superior reconhecido na área da tradução e/ou qualificação equivalente em qualquer outra área mais dois anos de experiência documentada em tradução e/ou cinco anos de experiência profissional documentada na área da tradução.

Em suma, um tradutor é um mediador entre línguas e culturas, é alguém que se tiver a mesma linha de pensamento do autor do TP, se se colocar na pele de quem escreve, obterá similaridade em termos de sentimentos e conceitos e será mais fácil expor linguisticamente o pretendido na LC, pois terá sempre conhecimentos para contrapor a CP e a CC; é alguém que expõe o trabalho de outrem numa cultura diferente da original e que consegue manter a ideia do autor e, ao mesmo tempo, dar o seu toque pessoal (a nível de vocabulário e expressões). Daí que uma tradução feita por duas pessoas nunca poderá ser igual, pois um tradutor utiliza um conjunto de palavras e um outro utiliza necessariamente outro conjunto, resultante das experiências intrínseca e extrínseca, que acabam por influenciar a utilização linguística de cada um.

/ Enquadramento teórico /

“*Tra-du-ção (substantivo feminino):*

1. ato de traduzir;
2. o que se traduz;
3. obra traduzida;
4. [figurado] significação, interpretação, explicação.”

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

Não existe uma definição clara e absolutamente objetiva sobre o que é uma tradução, o que pode ser confirmado num dicionário de Língua Portuguesa. São apresentadas quatro definições: a atividade, o texto traduzível, o produto final e, numa interpretação mais livre, o que se deduz de algo.

Ao longo dos tempos, vários especialistas em Teoria da Tradução têm-se pronunciado sobre o assunto e cada um tentou clarificar, conforme os seus estudos e conhecimentos, o que significa “traduzir algo” e o que é que tal implica.

Em primeiro lugar, há que distinguir dois tipos de tradução, ambos absolutamente válidos e possíveis, conforme o tipo de texto a traduzir. Pode, então, ocorrer uma situação onde é pedida uma tradução absolutamente fiel ao texto de partida (TP), ou seja, uma tradução feita palavra a palavra, ou, por outro lado, uma tradução dita livre, na qual o tradutor se permite afastar-se das palavras utilizadas no TP, valorizando o significado da mensagem, de forma a levar até o leitor da língua de chegada (LC) uma realidade culturalmente mais compreensível.

Segundo Dryden - poeta, crítico literário e tradutor do XVII - podem ser feitos três tipos de tradução:

- a metáfrase (*metaphrase*), que consiste na tradução literal, ou seja, palavra a palavra;
- a imitação (*imitation*), sendo esta uma aproximação livre ao que o autor pretende transmitir ao leitor;
- a paráfrase (*paraphrase*) que, apesar de manter o sentido original, prevê a sua expressão de forma livre, sem estar preso às palavras do texto original (TO).

(Dryden citado por Mota, E., 2003:4)

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | ENQUADRAMENTO TEÓRICO |

Tyler, citado por Hatim e Mason (1990:16), define em *Essay on the Principles of Translation* três leis para traduzir: a tradução deve facultar uma transcrição de ideias completa do trabalho original; o estilo e a maneira de escrever devem ter as mesmas características do original; a tradução deve ter a mesma ligeireza que a composição original. Na tradução deste trabalho, houve sempre a preocupação de respeitar estas três leis: procurou-se realizar uma transcrição fiel ao relatado pelo autor da obra, tendo sempre em conta o tom coloquial e a estrutura frásica simples da sua escrita.

Já no século XX, Eugene Nida, linguista americano pioneiro nesta área, completa a visão de Tyler, dando ênfase às três leis de Tyler e, fazendo notar algo novo, afirma que uma tradução precisa de:

- Fazer sentido;
- Manter o espírito (essência) e estrutura do original;
- Ter uma forma de expressão fluída e natural;
- Provocar uma reação semelhante.

(Nida citado por Mota, E., 2003:5)

Pela primeira vez na história da tradução, surge uma preocupação relativamente à reação do leitor que é, por sua vez, um elemento dinâmico na tradução, devendo ser tido em conta, visto que é o principal interessado no resultado final. Portanto, o autor de um TP espera criar no leitor da LP uma determinada reação, que o tradutor procurará reproduzir no público da LC, tendo consciência da dificuldade dessa tarefa. Nida realça a importância do significado e não do estilo de um texto (Nida citado por Mota, E., 2003:5). Pela importância que o público-alvo desta tradução pode vir a tomar após a sua publicação, proporcionou-se uma leitura clara, com vista a despertar o interesse pela causa humanitária associada à obra, apesar de retratar uma realidade culturalmente distante.

Catford (1965:20), na sua simplicidade, apresenta a tradução como um simples processo de substituição de uma língua de partida para uma língua de chegada. No entanto, existe todo um contexto cultural da língua de partida que não deve ser desvalorizado para a língua de chegada. Daí o tradutor ser a ponte entre as duas diferentes realidades linguísticas.

Já Jakobson afirma que “*a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes*” (1971:65). Isto é, como duas línguas são dois códigos próprios e singulares cujos signos têm significados específicos, a tradução limita-se a descobrir quais os códigos equivalentes em ambas as línguas para criar a mensagem que será comum, ou

seja, o elo de ligação para que o conteúdo seja mutuamente perceptível. Por muito diferentes que ambas as culturas ou línguas sejam, existem sempre sentimentos ou atitudes que nós, como seres humanos, temos e que não são absolutamente desconhecidos. No entanto, como cada povo é único, porque reúne características específicas, o tradutor terá de conhecer ambas as culturas para evitar conflitos ou mal entendidos, fruto de realidades culturalmente estranhas ou de códigos próprios. Esta situação verificou-se no decurso da tradução, nomeadamente, nas passagens referentes a superstições locais. Por exemplo, na primeira ocorrência da expressão *loup-garou*, tendo em conta o contexto, este poderia ser facilmente confundido com um vampiro, conhecido por sugar o sangue das suas vítimas. No entanto, pôde concluir-se que a expressão portuguesa equivalente é, na realidade, lobisomem, que não está associada à ideia de sugar o sangue. Ambas as expressões designam uma entidade mítica temível, em que um ser humano sofre uma metamorfose, transformando-se em lobo. Num outro episódio relatado na obra, são referidos animais (borboleta, pássaro) aos quais também estão associadas superstições que, embora não correspondam às da cultura portuguesa, podem ser compreendidas à luz de outras existentes nesta cultura, como, por exemplo, a mosca-varejeira que anuncia uma visita inesperada ou o uivo dos cães que anuncia uma morte próxima.

Jackobson, em *On Linguistic Aspects of Translation* (1959), explica que a tradução pode ser dividida em três tipos. Distingue então as traduções intralingual ou reformulação, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual é definida como uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais dentro da mesma língua, enquanto uma tradução interlingual - a dita “tradução” como hoje é mundialmente conhecida - é a interpretação de signos verbais por meio de outra língua. Susan Bassnett afirma também que “um tradutor nunca consegue reproduzir um texto equivalente idêntico numa outra língua - o que acontece é que os signos do envolvimento do tradutor no processo de transferência interlingual estarão sempre presentes e podem ser descodificados por qualquer leitor que examine o processo tradutivo” (Bassnett, 1998:26). Por último, a tradução intersemiótica ou transmutação é determinada como sendo a interpretação de signos verbais por meio de signos do sistema não-verbal como, por exemplo, passar de arte verbal para música, dança, cinema ou pintura. Dos três tipos acima mencionados, o que se enquadra melhor no contexto desta análise é a tradução interlingual, pois engloba precisamente a transposição de uma LP para a LC, através de todo um processo de criação e transformação que o tradutor produz, depois de se assumir como leitor e intérprete e apreender a verdadeira essência do texto de partida.

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | ENQUADRAMENTO TEÓRICO |

Mais tarde, este último ponto é reforçado por Mounin (1963: 278), quando afirma que “a experiência pessoal é incomunicável na sua unicidade”. O que quer dizer que, por mais que alguém - neste caso, o tradutor - queira transmitir as vivências do escritor ao leitor, ninguém sentirá o mesmo vivido pelo relator até porque duas pessoas nunca sentirão exactamente o mesmo em situações idênticas, pois há toda uma série de condicionantes em termos individuais, psicológicos e sociais que influencia cada qual a sentir-se de determinada forma. “Contudo,” continua Mounin (1963: 278), “no tocante às situações partilhadas pelo emissor e pelo receptor ou pelo autor e o tradutor, a comunicação é possível.” Nesta perspetiva, defende-se que é possível haver uma tradução onde se tenta expor uma situação e suscitar no leitor uma sensação semelhante à sentida pelo escritor, sabendo-se à partida que a reação nunca será absolutamente igual.

Neste projeto, procuramos que existisse uma ligação forte de sentimentos entre o autor da obra e o leitor, evitando-se o mais possível a interferência do tradutor na narrativa mas, ao mesmo tempo, mantendo a preocupação de suscitar todos os sentimentos de revolta e angústia, enquadrando o leitor na cultura haitiana, tão diferente da do público-alvo desta tradução. Esta preocupação é notória logo nos primeiros capítulos da obra, onde o autor descreve a sua rotina diária enquanto *restavec*, tal como se exemplifica no quadro seguinte:

TP	TC
While poor parents made financial sacrifices to purchase the necessary school materials for their children, Florence always told me to borrow books from other children and copy the pages into a notebook. Some days I didn't go to school at all because two of Florence's girlfriends would come to borrow me to clean their houses. Instead of thanking me for my services, they always said, "Tell Madame Cadet I said thank you." I preferred being at school to being borrowed, but preferred being borrowed to being at home, where I	Enquanto pais pobres faziam sacrifícios financeiros para comprar os materiais escolares necessários para os seus filhos, Florence sempre me disse para pedir emprestados os livros das outras crianças e copiar as páginas para o meu caderno. Por vezes, não ia à escola porque duas amigas de Florence me pediam emprestado para limpar as suas casas. Em vez de me agradecerem a mim pelo meu serviço, diziam sempre, "Diz à Madame Cadet que eu agradeço." Eu preferia estar na escola em vez de ser emprestado, mas preferia ser

<p>was routinely punched in the gut, slapped in the face, tugged by the ears, and pinched in the groin by Florence. - pág. 11</p>	<p>emprestado a estar em casa, onde era rotina Florence dar-me murros, bater-me na cara, puxar-me as orelhas e beliscar-me nas virilhas. - pág. 14</p>
<p>I stood helplessly in front of her with quivering lips and watery eyes. She locked her jaw and ground her teeth. Florence reached between my legs and held me by the testicles with her thumb and index finger, preventing me from pulling away. As I was about to drop to my knees, she removed her shoe and struck me across the face. The spiked heel made a deep cut in the corner of my right eye, sending a very sharp pain through my head. I let out a scream. Florence stopped as she noticed blood oozing from the side of my face. - pág. 19</p>	<p>Permaneci de pé, indefeso à sua frente, com os lábios trémulos e olhos lacrimejantes. Ela cerrou o maxilar e rangeu os dentes. Florence agarrou-me entre as minhas pernas e segurou-me pelos testículos com o polegar e o dedo indicador, para evitar que eu me afastasse. Quando estava prestes a cair de joelhos, ela descalçou o sapato e acertou-me na cara. A ponta do tacão fez um corte profundo no canto do meu olho direito, disseminando uma dor atrozmente aguçada em toda a minha cabeça. Soltei um grito. Florence só parou ao reparar no sangue que jorrava desse lado da cara. - pág. 25</p>

Vinay e Darbelnet (1995:31) apresentam ao tradutor métodos aos quais terá de recorrer conforme o trabalho a realizar. Primeiramente, o tradutor pode recorrer a duas hipóteses: ou produz uma tradução direta, também conhecida por literal, ou uma tradução oblíqua. Entende-se por direta quando:

“(…) it may be possible to transpose the source language message element by element into the target language, because it is based on either (i) parallel categories, in which case we can speak of structural parallelism, or (ii) on parallel concepts, which are the result of metalinguistic parallelisms. But translators may also notice gaps, or “lacunae”, in the target language (TL) which must be filled by corresponding elements, so that the overall impression is the same for the two messages”

(Vinay e Darbelnet,1995: 31)

Numa tradução oblíqua ocorre precisamente o oposto e, segundo os mesmos autores, esta acontece quando:

“(…), because of structural or metalinguistic differences, certain stylistic effects cannot be transposed into the TL without upsetting the syntactic order, or even the lexis. In this case it is understood that more complex methods have to be used which at first may look unusual but which nevertheless can permit translators a strict control over the reliability of their work”

(Vinay e Darbelnet, 1995: 31)

Existem, então, três métodos diretos, apresentados pelos mesmos linguistas:

- Empréstimo (*Borrowing*): acontece quando uma palavra/expressão não existe numa determinada LC e é absorvida ou transferida da LP para preencher essa falha.
 - Ex: *déjà vu; restavec; eggnog.*
- Decalque (*Calque*): quando há um “empréstimo” especial, onde uma língua empresta a outra uma forma de expressão, mas depois é traduzida literalmente.
 - Ex: *MilitaryPolice - Polícia Militar; Energy crisis - Crise de energia.*
- Tradução Literal (*Literal Translation*): pode acontecer quando se dá uma transferência direta, palavra por palavra, da LP para a LC.
 - Ex: *Esprit de corps - Espírito de equipa; Absent without leave - Ausente sem licença.*

Consequentemente, Vinay e Darbelnet definem os casos em que uma tradução direta deixa de ser aceitável:

- Dá outro significado;
- Não faz sentido - não tem significado;
- É estruturalmente impossível;
- Não tem uma expressão correspondente na experiência metalinguística no TC;
- Tem uma expressão correspondente, mas não no mesmo registo.

De acordo com os mesmos autores, chegando à invalidade das soluções da tradução direta na LC, o tradutor pode ainda optar pelos métodos oblíquos seguintes:

- Transposição (*Transposition*): altera-se a classe gramatical da palavra na LP para uma outra classe gramatical na LC.

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | ENQUADRAMENTO TEÓRICO |

- Ex: Childlabour - Trabalho infantil; Groping for - Às apalpadelas
- Modulação (*Modulation*): adaptação da forma da mensagem, consoante o ponto de vista, por exemplo, uma frase da LP está na afirmativa e na LC é passada para a negativa.
 - Ex: Blankexpression - Expressão vazia
- Equivalência (*Equivalence*): expressões com métodos estilísticos e estruturas diferentes, utilizados com a mesma finalidade mas em culturas diferentes.
 - Ex: Don't rock theboat. - Não fazer ondas.
- Adaptação (*Adaptation*): utiliza-se quando algo mencionado na LP não é culturalmente reconhecido na cultura da LC.
 - Ex: *martinetou rigoise* - chicotes de materiais diferentes.

Por vezes, estas soluções podem coexistir numa mesma frase ou expressão. Ao longo de todo este trabalho, recorreremos sempre aos pontos acima referidos para que o processo de tradução tivesse sempre um enquadramento teórico.

Inspirada por Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, dois funcionalistas que acreditam que o fator mais relevante da tradução é a sua função no TC (apesar de reconhecerem a importância de equivalentes culturais e gramaticais entre duas línguas), Christiane Nord (1991) produziu um modelo tradutivo de análise textual, ou seja, pré-tradução. Este guia de passos a seguir na análise de texto foi especialmente criado para a aprendizagem e treino do futuro tradutor, pois aponta para as competências gerais requeridas nesta profissão. O modelo é composto por três fatores principais: fatores textuais externos, que são definidos antes da leitura da obra e transmitem a situação e função comunicativas da mesma; fatores textuais internos, que se relacionam com o texto na sua totalidade, inclusivamente com elementos não-verbais; e o efeito do TP, que consiste na associação dos dois tipos de fatores anteriores.

Como fatores textuais externos, Nord apresenta-nos o emissor, a intenção do emissor, o recetor, o meio/canal, o local, o tempo, o motivo comunicativo e a função textual. Como fatores textuais internos, do ponto de vista do emissor, são enumerados a temática, o conteúdo, os pressupostos, a estrutura e construção textual, os elementos não-verbais, o léxico, a sintaxe e os elementos suprasegmentais.

A criadora deste modelo afirma que este “é aplicável a textos de partida em qualquer língua e tipo de texto e a traduções de ou para quaisquer línguas ou culturas” (1992:47).

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE | ENQUADRAMENTO TEÓRICO |

Após clarificar que “o processo tradutivo é posto em marcha, quando um implementador da tarefa, ao qual eu chamo Iniciador (Initiator), se dirige a um tradutor (Translator) porque necessita de um determinado texto-alvo para um determinado recetor, nomeadamente, porque quer rececionar na língua-alvo um texto publicado por um produtor textual numa língua de origem e sob determinadas condições culturais de origem”, Nord (1991) enumera por ordem de ação os participantes no referido processo, sendo eles:

- O produtor do texto de partida;
- O emissor do texto de partida;
- O texto de partida;
- O recetor do texto de partida;
- O iniciador;
- O tradutor;
- O texto de chegada;
- O recetor do texto de chegada.

Estas abordagens, que se complementam entre si, permitiram enquadrar a reflexão acerca da complexidade do processo de tradução e, simultaneamente, apontaram caminhos para a resolução dos problemas encontrados no decurso do mesmo.

/ Análise da tradução /

Neste capítulo, será apresentado todo o processo de tradução elaborado, desde os dilemas que surgiram ao longo da tradução até às respetivas soluções e escolhas, tendo em conta, não só as teorias de tradução anteriormente mencionadas, mas também o apoio de algumas pessoas que cooperaram para que o produto final fosse o mais fiel possível ao TO, sem perder o tom de escrita e o sentido da mensagem, noções estas que foram sempre tidas como essenciais.

Iniciando a primeira abordagem, recorreremos então aos já referidos parâmetros apresentados por Nord. Assim, tendo estes em consideração, enumeramos os participantes ativos neste processo de tradução. São eles:

- O produtor do texto de partida - **Jean-Robert Cadet**
- O emissor do texto de partida - **University of Texas Press**
- O texto de partida - *Restavec: From Haitian Slave Child to Middle-Class American*
- O recetor do texto de partida - **o público-alvo americano**
- O iniciador - **Jean-Robert Cadet**
- O tradutor - **Mariana Araújo**
- O texto de chegada - *Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*
- O recetor do texto de chegada - **o público-alvo português.**

Como é possível constatar através dos dados fornecidos, o produtor do texto de partida e o iniciador, ou seja, aquele que deseja uma publicação numa outra língua de chegada, para um outro público-alvo específico, são coincidentes, Jean-Robert Cadet, pois o autor tem todo o interesse em divulgar ao máximo de pessoas possível o seu passado que, infelizmente, ainda é o presente para demasiadas crianças.

De seguida, ainda sem ler a obra, preenchemos o guia do tradutor de Nord relativamente aos fatores textuais externos do TP:

- Emissor ou quem envia o TP, porque tem interesse em que o TP seja partilhado num outro TC: Jean-Robert Cadet;

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

- Intenção do emissor ou qual o propósito do envio (o tradutor limita-se a seguir a intenção do emissor/iniciador): publicação de uma obra autobiográfica, cujo tom é intimista e confessional;
- Recetor ou para quem é enviado o TP: primeiramente, o público-alvo americano ou do TP e, posteriormente, o público-alvo português ou do TC pois são públicos distintos quer linguisticamente quer culturalmente;
- Meio: livro autobiográfico publicado na LP;
- Local: Haiti e Estados Unidos da América;
- Tempo: de 1955 a 1969 (Haiti) e de 1969 a 1991 (Estados Unidos da América);
- Motivo comunicativo, ou seja, o que leva o emissor a querer uma nova publicação numa outra língua: divulgar um sistema escravagista da atualidade, do qual o próprio autor foi vítima;
- Função textual: testemunho de uma vítima da escravatura infantil com vista à mudança de mentalidades relativamente a esta prática (esta função depende dos vários recetores do texto pois cada um poderá encontrar uma função diferente)

Após terem sido expostos todos os pontos a que um tradutor deve ter atenção antes de realizar qualquer tipo de trabalho, deu-se uma primeira leitura e abordagem da obra em questão. Pode verificar-se, em primeiro lugar, que o livro divide-se em duas grandes partes: a fase de crescimento do autor no Haiti e a fase de adaptação ao novo país para onde emigra.

Dedicamo-nos então a preencher a segunda lista de fatores textuais de Nord:

- Temática: sistema *restavec* no Haiti e discriminação racial nos Estados Unidos;
- Conteúdo: o relato autobiográfico de uma vítima deste sistema;
- Pressupostos: a prática é inadmissível nos dias de hoje e algo deve ser feito para eliminá-la;
- Estrutura e construção textual: estruturado por um prefácio, 19 capítulos e um posfácio, nos quais a narrativa se apresenta linearmente;
- Elementos não-verbais: não aplicável;

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

- Léxico e sintaxe: vocabulário corrente, com expressões quer em crioulo, quer em francês; frases bastante simples e com frequente ocorrência de diálogos;
- Elementos suprasegmentais: entoação, por vezes, intimidatória, insinuante e ofensiva.

Tal como Tytler definiu, todo o TC respeitou o estilo, o registo e a intenção do autor. Este optou por um registo coloquial - registo utilizado no dia-a-dia, espontâneo - o que pode estar relacionado com o facto de relatar a sua experiência de vida, num tom familiar, íntimo e confessional, sem preocupações de ordem estilística. Esse registo coloquial é visível ao longo da obra, nomeadamente, em situações de diálogo, onde o autor utiliza constantemente o verbo “dizer” para introduzir o discurso, tal como faria numa conversa particular, relatando uma situação da sua vida. Da mesma forma, para manter coerência no registo durante toda a tradução, a expressão “é que” foi útil quer em frases interrogativas diretas, como é frequente, quer em frases interrogativas indiretas, tal como é muitas vezes usada num registo familiar.

No quadro seguinte podemos comparar os dois textos de chegada (formal e coloquial). Este último registo com a utilização do “é que” foi o escolhido pela tradutora pelos motivos já acima mencionados.

TP	TCF	TCC
During every trip back home, I thought about the First Commandment and wondered why Florence worshipped several other gods immediately after she returned home from church. - pág. 8	Sempre que voltava a casa, pensava no primeiro mandamento e perguntava-me porque venerava Florence outros deuses logo depois de regressar a casa vinda da igreja.	Sempre que voltava a casa, pensava no primeiro mandamento e perguntava-me porque <u>é que</u> Florence venerava outros deuses logo depois de regressar a casa vinda da igreja. - pág. 11
“What did you break, you son of a bitch?” - pág. 18	- O que partiste, seu filho da mãe?	- O que <u>é que</u> tu partiste, seu filho da mãe? - pág. 24

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

<p>The next morning I asked Maude why Louis had asked me to write the name <i>Edward</i> on a piece of paper. - pág. 89</p>	<p>Na manhã seguinte, perguntei a Maude porque tinha Louis me pedido para escrever o nome <i>Edward</i> num pedaço de papel.</p>	<p>Na manhã seguinte, perguntei a Maude porque <u>é que</u> Louis me tinha pedido para escrever o nome <i>Edward</i> num pedaço de papel. - pág. 109</p>
<p>During graduation, I sat somberly in the auditorium thinking about where I was going to live. - pág. 149</p>	<p>Durante a cerimónia de formatura, sentei-me sombrio no auditório a pensar onde iria viver.</p>	<p>Durante a cerimónia de formatura, sentei-me sombrio no auditório a pensar onde <u>é que</u> iria viver. - pág. 198</p>

No relato da vida do autor são feitas várias referências à moeda haitiana, o gourde, e à moeda americana, o dólar. Como o autor, em dois casos, teve o cuidado de converter o gourde para o dólar, e manteve o dólar no TP, pensando no público-alvo americano, optamos por apenas converter de gourde para euro nos dois referidos casos. Esta decisão prende-se com o facto de o valor das moedas ser variável e de o próprio autor apenas pretender dar uma ideia vaga do valor do gourde, intenção essa que a tradutora manteve em relação ao público-alvo português. Relativamente ao dólar, visto que o seu valor é de conhecimento mais geral, optou-se por não fazer a conversão para euro.

O livro em análise, *RESTAVEC – from Haitian Slave Child to Middle-Class American* de Jean-Robert Cadet, tem como LP o inglês. No entanto, ao longo de toda a obra é utilizado vocabulário de língua francesa e, até mesmo, crioulo. Na maioria das passagens, o autor mantém o vocábulo na língua original, clarificando seguidamente o significado em inglês entre parêntesis ou apresentando o termo estrangeiro com o significado entre vírgulas. No decurso da tradução, levantou-se uma pergunta lógica: *Se o livro está escrito em inglês, porque decidiu o autor deixar vocabulário noutra língua?*

Concluiu-se que esta decisão do autor terá sido tomada para sublinhar as suas raízes haitianas, primeiramente junto do público-alvo americano, fazendo as suas próprias traduções para inglês e, em segundo lugar, junto de um público-alvo mais generalizado, visto que o seu livro já foi traduzido para outras línguas. De forma a respeitar este desejo

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

do autor, todos os estrangeirismos utilizados no TP foram mantidos no TC, tal como a seguir se exemplifica:

TP	Inglês	Tradução Autor	TC
À l'étranger (pág.36)	Abroad	Sim	<i>À l'étranger</i>
Blanc (pág.3)	Whiteperson	Sim	<i>Blanc</i>
Demi-femme (pág.60)	Half-Woman	Sim	<i>Demi-femme</i>
Ecole (pág.8)	School	Aparece antes do vocábulo francês	<i>Ecole</i>
Loa (pág.11)	Voodoo spirit	Aparece antes do vocábulo francês	<i>Loa</i>
Loups-garous (pág.49)	Werewolves	Não	<i>Loups-garous</i>
Maîtresse (pág.11)	Mistress, teacher, madam	Não	<i>Maîtresse</i>
Martinet (pág.15)	a whip with leather strips and a wooden handle	Aparece tradução do autor após o vocábulo	<i>Martinet</i>
Mulâtresse (pág.11)	Light-skinned woman (aparece antes embora não directamente	Aparece antes, embora não directamente«(...) While Florence despised light-skinned women, she wished that she were a	<i>Mulâtresse</i>

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

		“mulâtresse.”»	
Nanpoint-femme (pág.60)	There’s No-Woman	Sim	<i>Nanpoint-femme</i>
Rigoise (pág.15)	a whip made of cowhide	Aparece tradução do autor após o vocábulo	<i>Rigoise</i>
Tit-homme (pág.60)	Little Man	Sim	<i>Tit-homme</i>

Levantou-se uma outra questão relativamente às formas de tratamento apresentadas na obra. Como definido anteriormente, esta divide-se em duas partes: a parte haitiana e a parte americana. Enquanto na parte haitiana, o autor tenta integrar o leitor americano no ambiente haitiano; na parte americana, o leitor não precisa de nenhuma contextualização por parte do autor pois trata-se da sua cultura materna. Ora, uma das formas de o autor fazer sobressair a cultura é, precisamente, com as formas de tratamento. Cadet escreveu-as propositadamente em francês no TP, para que o leitor americano sentisse a diferença cultural. Na segunda parte, as formas de tratamento são já as comuns da sociedade americana. No TC, para respeitar a tentativa do autor de dar a entender que são retratadas duas culturas distintas, as formas de tratamento mantiveram-se inalteradas do TP para o TC, sem que houvesse qualquer transposição para as formas de tratamento portuguesas, que pouco se enquadrariam neste caso.

No capítulo V, “O filho de Florence, Denis”, é feita uma referência ao nome haitiano *Joseph* que seria tão comum como os nomes americanos Jones e Smith. Como o público-alvo a quem se destina o livro terá, de alguma maneira, contacto com a cultura americana e saberá que são comuns, a tradutora optou por não substituir os nomes americanos por nomes portugueses também comuns, como Silva e Ferreira. Acresce a isto que o próprio autor já menciona na própria frase que esses nomes são todos igualmente comuns:

“*Joseph era um nome comum no Haiti, equivalente a Smith ou Jones.*” - pág. 37.

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

Posteriormente, já numa segunda fase do livro, onde o autor relata a sua experiência no exército dos Estados Unidos, surge uma nova questão: como grafar as patentes militares que, no texto de partida, são utilizadas com minúscula, excepto quando seguidas de um nome próprio. No Prontuário de Língua Portuguesa aconselha-se o uso de maiúsculas em nomes, adjetivos, pronomes e expressões que representem tratamento cortês ou de reverência, sem referir as patentes militares. No entanto, como no exército se exige especial deferência relativamente aos superiores, que, na LP, é manifestada pela expressão “sir”, foi decidido que, na LC, em texto corrido, a nomeação das patentes militares seria feita em minúscula e, em diálogo, como forma de tratamento reverencial, seria em maiúscula.

TP	TC
“What can I do for you?” asked a sergeant. - pág. 111	- O que posso fazer por ti? - perguntou um sargento. - pág. 147
“Yes, sergeant,” I answered and followed him to an empty barracks. - pág. 114	- Sim, <u>meu</u> Sargento - respondi e segui-o até à caserna vazia. - pág. 150
“All present and accounted for, sir,” said the first sergeant. - pág. 117	- Todos presentes, <u>meu</u> Comandante - disse o primeiro-sargento. - pág. 155

Dando continuidade à análise, as soluções de Vinay e Darbelnet (1995: 31-35), apresentadas anteriormente, podem enquadrar-se na realização deste trabalho. Algumas acabaram por ser utilizadas mais frequentemente do que outras. No entanto, tiveram um papel fundamental na qualidade do produto final.

Começamos pelas três soluções diretas:

- Empréstimo,
- Decalque,
- Tradução literal.

Solução	TP	TC
<u>Empréstimo</u>	GI BILL	GI BILL
	GT	GT
	PX	PX

Motivo - Por não existir nenhum tipo de apoio financeiro militar para veteranos que pretendam estudar e tirar um curso superior em Portugal, não seria possível fazer qualquer tipo de equivalência ou adaptação na tradução. Por isso, foi utilizado o empréstimo para preencher esta lacuna vocabular e cultural da LC. Da mesma forma, GT e PX são siglas que, em Portugal, não têm qualquer significado e se traduzirmos literalmente o seu significado - “General Technical” e “Post Exchange”, o público-alvo português continuaria sem conseguir apreender aquilo a que o autor se refere, não sendo possível haver uma tradução absolutamente fiel, sem o empréstimo destas palavras. Esta mesma razão motivou-nos à inserção de NT explicativas na tradução para esclarecer o leitor, dando uma ligeira informação sobre as palavras que sofreram um empréstimo.

Solução	TP	TC
<u>Decalque</u>	EEOC - Equal Employment Opportunity Commission	CIOE - Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego
	CID - Criminal Investigation Department	DIC - Departamento de Investigação Criminal

Motivo - Como anteriormente, não existem na cultura portuguesa entidades com as mesmas finalidades apresentadas no TP. No entanto, através de um decalque, é possível fazer este empréstimo e traduzi-lo literalmente, pois o público-alvo compreenderá o

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

significado final, isto é, já é possível deduzir a importância destas entidades no texto apresentado.

Pode também ser aplicado, neste caso, um procedimento onde os dois significantes permutam entre si, apesar de continuarem a fazer sentido em ambas as línguas, apresentado também por Vinay e Darbelnet (1972: 105), denominado “chassé-croisé”:

<p>Equal Employment <u>Opportunity</u> <i>Commission</i> <i>Comissão</i> de Igualdade de <u>Oportunidades</u> de Emprego</p>
<p>Criminal <u>Investigation</u> <i>Department</i> <i>Departamento</i> de <u>Investigação</u> Criminal</p>
<p><i>Physical Training</i> Treino Físico</p>

Seguindo para a última das soluções diretas apresentadas, deparamo-nos com a tradução literal.

Solução	TP	TC
<u>Tradução Literal</u>	The truth of this story	A verdade desta história
	The circumstances of his birth	As circunstâncias do seu nascimento
	Note to the Reader: All of the stories told in this book are true, but most of the names have been changed	Nota para o Leitor: Todas as histórias neste livro são verdadeiras, mas a maioria dos nomes foi alterada

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

Motivo: Esta solução de tradução será a mais utilizada ao longo do livro pois existe, em muitas ocasiões, a possibilidade de fazer uma tradução palavra a palavra. Isto acontece porque ambas as línguas obedecem à estrutura frásica SVO (Sujeito, Verbo e Objeto).

Voltemo-nos agora para as soluções chamadas oblíquas ou menos diretas, também classificadas por Vinay e Darbelnet (1995: 36-42):

Solução	TP	TC
<u>Transposição</u>	As the bus began to move again, the smell of food and diesel fumes <u>caused me to be sick.</u>	Quando o autocarro começou a andar novamente, o cheiro a comida e os fumos <u>causaram-me indisposição.</u>
	(...) used violence to overthrow the <u>slave system.</u>	(...) utilizaram violência para derrubar o <u>sistema esclavagista.</u>
	She had a bad left leg that caused her to walk <u>with a limp.</u>	Ela tinha um problema na perna esquerda, o que a obrigava a <u>coxear.</u>

Motivo: No primeiro caso, na LP temos o adjetivo “sick” (doente) que se alterou para o substantivo comum “indisposição”, para que a frase na LC fosse gramaticalmente correta. Poderia também ser traduzido por “deixaram-me mal-disposto” o que permitiria o uso do adjetivo na LP mas alteraria o verbo. No segundo caso, acontece precisamente o inverso do primeiro caso: na LP é utilizado um substantivo comum que passa a adjetivo na LC. No caso de “a limp”, substantivo comum na LP, foi alterada a classe gramatical da palavra, utilizando-se o verbo “coxear”, para que, mais uma vez, o segmento frásico mantivesse o sentido na LC.

Solução	TP	TC
<u>Modulação</u>	Anita shook like a <u>palsied old woman</u> as she placed a pot of water on the coal stove	Anita tremia como uma <u>senhora idosa</u> ao colocar uma panela de água no fogareiro

Motivo: Como o público-alvo português não associaria naturalmente a tremura à paralisia, mas sim à idade avançada de alguém, e como o autor menciona também a velhice na frase, assumiu-se que o melhor seria mudar a perspectiva de “paralítico” para apenas “idoso”, pois o sentido permanece igual e transporta a intenção inicial pretendida pelo autor.

Solução	TP	TC
<u>Equivalência</u>	Claudette’s few guests - mostly dark-skinned black men - sat in chairs along the wall, wiping their <u>sweaty brows</u> with red handkerchiefs.	Os poucos convidados de Claudette – na sua maioria homens de pele escura – sentaram-se em cadeiras ao longo da parede, limpando com lenços vermelhos as suas <u>testas suadas</u> .

Motivo: A expressão “limpar as sobrancelhas” em português europeu não é muito comum e, apesar de inteligível, seria sentida como algo estranho. Em contrapartida, é encarado como natural que se limpe o suor da testa. Tendo em conta as circunstâncias da descrição do autor e as referências culturais do público-alvo português, a solução encontrada para resolver este problema foi trocar as “sobrancelhas” do TP por “testas” no TC.

Solução	TP	TC
<u>Adaptação</u>	Cric-crac	Jogo infantil de adivinhas equivalente ao “qual é a coisa, qual é ela”

Motivo: Apesar de não ser uma adaptação total no TC, por primeiramente se ter dado um empréstimo e, posteriormente, criado uma NT com a contextualização do significado de “cric-crac”, este é um exemplo da finalidade desta solução de tradução. Devido à inexistência deste jogo infantil haitiano na cultura portuguesa, teve de se encontrar um jogo infantil português equivalente àquele que pudesse enquadrar-se no ambiente proporcionado pelo autor.

Nos capítulos VII - “O Natal estava a chegar” e XI - “Uma noite, já tarde”, há uma pequena referência a um saco de pôr ao ombro tipicamente haitiano, denominado “macoute”. Ao fazer a pesquisa necessária sobre o vodu, foi descoberta a associação deste objeto ao culto. É afirmado que se trata de um saco de palha entrançada, utilizado principalmente por camponeses. No ritual, o “macoute” é utilizado para fazer as oferendas a um dos grandes “loas”, *Legba*. Colocou-se então a questão seguinte: dever-se-ia explicar esta associação na primeira ocorrência da palavra, na qual o objeto tem apenas o sentido utilitário, ou na segunda ocorrência, na qual o objeto poderá adquirir uma conotação ligada ao ritual vodu? Optou-se pela segunda possibilidade por uma questão prática para o leitor. Este, no caso de a explicação se dar no capítulo VII, provavelmente não a recordaria quatro capítulos depois. Além do mais, não se justifica criar uma NT com uma informação à qual o leitor não atribuiria significado por não se aplicar no primeiro caso.

Como referenciado por Christiane Nord e declarado na norma europeia EN 15038:2006, a um tradutor exige-se que seja também um investigador, para que possa obter dados e processar a informação o melhor possível, especialmente se a área em questão não lhe for familiar. Há sempre dados novos e fontes a explorar para que a interpretação da leitura do tradutor seja clara e transparente, de forma a poder, por sua vez, transmiti-la ao público-alvo.

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

Como a tradutora não tinha qualquer experiência ou contato com a realidade militar portuguesa, e existindo na obra capítulos onde esse conhecimento seria importante para a tradução, sentiu a necessidade de procurar colmatar essa lacuna, com vista ao aperfeiçoamento do TC e à contextualização coerente com o vocabulário, expressões e atitudes próprias da vida militar.

Neste sentido, para tentar apreender melhor tudo o que o autor viveu durante a sua fase militar de paraquedista no exército americano, a tradutora preparou uma entrevista a dois ex-paraquedistas portugueses da Base de Escola de Tropas Paraquedistas (B.E.T.P) - o Sargento-mor de Infantaria Paraquedista António Rosa Henriques e o Soldado Paraquedista José Rodrigues da Costa. Foi assim possível entrar um pouco no mundo militar, perceber quais as expressões a utilizar, o tipo de vocabulário mais comum e, finalmente, compreender uma passagem específica do livro, em que o autor descreve todo o procedimento do seu primeiro salto de um avião da força aérea e as emoções inerentes, com o intuito de aproximar a descrição na LC o mais possível da realidade.

Para isso, foi necessária toda uma abordagem inicial em termos de nomenclatura e procedimentos na língua portuguesa, para que o verdadeiro conteúdo fosse absolutamente perceptível na língua estrangeira, neste caso, o inglês.

TP	Ideia inicial	TC
Barracks	Camarata	Caserna
Personal file	Ficheiro pessoal	Ficheiro militar
Post Exchange	Manutenção	<i>PX</i>
Supply	Casão militar	Depósito de fardamento
Troops (despedida)	Tropas	Camaradas
Weaponscards	Identificação das armas	Registos das armas

Apenas após conseguir essa contextualização terminológica e situacional na entrevista com os militares, é que foi possível a tradução concreta do capítulo XIV - “Estávamos em Junho de 1972”, mais especificamente, da descrição do primeiro salto que Jean-Robert deu como paraquedista do Exército dos Estados Unidos da América:

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

“(...) As tropas prenderam o mosquetão às cordas do paraquedas fazendo lembrar uma corda de roupa presa de uma ponta à outra do avião. O instrutor de saltos abriu a porta, deslizando-a. Uma poderosa rajada de vento frio abanou o avião, tornando difícil a tarefa de ouvir as ordens do instrutor. Acendeu-se uma luz vermelha perto da porta. Todos verificaram os paraquedas uns dos outros, assegurando-se de que todos estavam bem presos.

- Aguarda à porta!- gritou o instrutor de saltos.

Eu aproximei-me da porta aberta e olhei em frente para as nuvens lentas mesmo à minha frente. Pus as palmas das mãos na parte de fora do avião, os meus pés na soleira da porta. A luz vermelha mudou para verde. O meu estômago rugiu e comecei a ter suores frios.

- Vai! - gritou o instrutor.

Congelei. Olhei por cima do ombro e vi a bota brilhante do instrutor de saltos a entrar em contacto com o meu traseiro. De repente, as minhas mãos deixaram de tocar na superfície do avião. Estava a cair de pernas para o ar. Ao tentar contar "mil e um, mil e dois ... " o vento entrou-me pela boca dentro e forçou as palavras a voltarem para a minha garganta. O paraquedas abriu, puxando-me violentamente para cima e fazendo-me vomitar a dois mil pés de altura. Passado um bocado, aterrei com força no chão enquanto uma forte brisa puxou o paraquedas, arrastando-me alguns metros ao longo da erva alta e castanha. (...)"

Para além da colaboração externa mencionada, o próprio autor sempre se mostrou absolutamente disponível para ajudar no que não fosse compreendido e tal ajuda foi bem-vinda no esclarecimento de um vocábulo absolutamente desconhecido, quer na LC, quer em dicionários, quer na Internet. A palavra “grimeau” permaneceu pendente durante toda a tradução, pois por mais que se tentasse clarificar o seu significado através de uma qualquer fonte, tal não foi possível. Então, foi pedido a Jean-Robert Cadetque interviesse e apresentasse uma definição clara acerca do termo, visto ser completamente inacessível. A resposta foi a seguinte:

A "grimeau" is person born of a black and a caucasian parent.

Jean-Robert Cadet, 01/10/2014

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

Depois deste esclarecimento, foi facilmente encontrado um termo equivalente (mulato) que se inseriu em NT, mantendo-se no TC a expressão inicialmente usada pelo autor.

No capítulo XVI, “No Fort Lewis”, surgiu um impasse devido a um jogo de palavras associado à designação das profissões em inglês, mas que não se conseguiria manter em língua portuguesa. Em inglês, muitas vezes, a denominação das profissões faz-se através de palavras aglutinadas, isto é, *fireman*, *mailman*, *fishman*, o que não ocorre na língua portuguesa em que são usados sobretudo sufixos: *carteiro*, *bombeiro*, *carpinteiro*.

Numa tradução literal, não se colocaria qualquer problema, pois substituir-se-ia o nome da profissão na LC e a tradução manter-se-ia válida e perceptível. No entanto, na obra, coloca-se o seguinte problema:

“He introduced himself to the class as Dr. Mark T. Orr, chairman of the history department. I thought that a chairman must work with chairs, since a mailman delivers letters, a fireman puts out fires, a fisherman catches seafood, etc. etc. I became curious because he didn’t strike me at all as a chairman.”

O conflito linguístico surgiu porque, na LC, não existe a aglutinação de palavras na denominação de profissões e o jogo de palavras da língua inglesa não tem qualquer correspondência na língua portuguesa. Assim, a primeira decisão tomada foi omitir a palavra “departamento” para poder inserir a expressão “cadeira de História”, que permite que o jogo de palavras permaneça, ainda que ligeiramente alterado.

A segunda decisão tomada foi no sentido de reforçar a ideia de confusão provocada no narrador pela expressão “chairman”. Isso foi conseguido com a introdução de uma oração suplementar, dando o seguinte resultado:

“Apresentou-se à turma como Dr. Mark T. Orr, responsável pela cadeira de História, o que me deixou confuso. Se era responsável por uma cadeira deveria ser marceneiro, tal como o homem que entrega cartas é o carteiro, e o que pesca é o pescador, e por aí fora. Fiquei curioso, porque ele não parecia nada um marceneiro.”

A última parte a ser traduzida acabou por ser o título. Este, em inglês, é um pouco longo, mas transmite na sua totalidade a ideia de um percurso de vida, de acordo com o conteúdo da obra. Pretendia-se que o mesmo acontecesse em língua portuguesa, sem que fosse tão extenso. Opções como “Restavec: O Menino Escravo Haitiano” ou “Restavec:

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: ANÁLISE DA TRADUÇÃO |

“Escravidão Infantil” foram consideradas inicialmente. Contudo, eram títulos ambíguos que não provocariam qualquer tipo de curiosidade ao leitor nem expressariam a intenção do autor.

Antecipando a comparação entre as traduções portuguesas existentes a ser apresentada no capítulo seguinte, considerámos o título da versão em português do Brasil “Restavec: De Menino Escravo no Haiti a Americano de Classe Média” e tomámo-lo como ponto de partida para a ponderação quanto ao título a adotar na versão em português europeu. A partir daí, ocorreu um processo evolutivo que culminou no seguinte título: *Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*.

Esse processo evolutivo teve diversas etapas que passamos a descrever. Como o autor foi escravo quer no Haiti quer nos Estados Unidos, ainda sob a tutela da mesma família de acolhimento haitiana, alteramos o nome próprio “Haiti” para o adjetivo “haitiano”, ocorrendo assim uma transposição. Perante o possível título “Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Americano de Classe Média”, que seria linguisticamente correto e respeitaria a intenção do autor, considerámos que o vocábulo “American”, além de não ter exactamente o mesmo valor do vocábulo “Americano” (que designa também as pessoas que habitam o continente americano), não faria total justiça ao afirmado por Jean-Robert Cadet, no capítulo XIX, “Regressei a Tampa”:

“I am now a true American black man despite my Caribbean accent.”

Como, na presente versão portuguesa, a expressão foi traduzida para “*Sou agora um verdadeiro homem afroamericano apesar do meu sotaque das Caraíbas*”, faria todo o sentido que se mantivesse a coerência com esta afirmação e que o título sofresse a sua derradeira alteração - *Restavec: De Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*.

/ Breve comparação entre traduções /

Na fase final deste trabalho, é apresentada uma comparação entre a tradução em português, na variante do Brasil, facultada pelo autor da obra, e a tradução por nós realizada, que se encontra em anexo.

É comumente aceite que não é possível a realização de duas traduções iguais. Um só tradutor pode conseguir fazer múltiplas traduções do mesmo trabalho. O produto final pode até nunca estar verdadeiramente do agrado do tradutor, que poderá sempre querer melhorá-lo. O processo é dinâmico, evolutivo e construtivo e, enquanto estiver a ser tratado, pode ser sempre sujeito a modificação.

Efetivamente, duas traduções da mesma obra, em duas línguas diferentes, ainda que com a mesma base linguística - o português -, serão obviamente muito diferentes e refletirão, para além de todas as diferenças estruturais e vocabulares das duas variantes, todo o trabalho e conhecimento do tradutor, quer sobre o tema, quer sobre o público-alvo. E tal é necessário para conseguir saber se o texto necessitará de informações extra para, por exemplo, criar NT para a contextualização do público-alvo.

Nota-se, depois da comparação entre os produtos finais, que o tradutor da versão em português do Brasil não demonstra ter muitos conhecimentos da língua francesa, à qual o autor recorre várias vezes ao longo da obra original para transmitir fielmente a atmosfera da época. Durante o relato da vida do autor, este menciona, várias vezes, o nome das escolas que frequentou no Haiti: *Ecole du Canada*, *Ecole Simone Duvalier*, *Ecole Jean-Charles*, nunca, no entanto, grafando “Ecole” com acento no primeiro “e”, segundo a norma francesa de não colocar acentos em maiúsculas. Contudo, o tradutor da versão brasileira não respeitou esta regra, visto que todas as palavras “Ecole” apresentam o acento agudo no primeiro “e”. Entende-se que, se o tradutor manteve o nome da escola em francês, deveria também ter mantido a grafia escolhida pelo autor.

Apesar de a tradução em português ter, aproximadamente, o mesmo número (48) de NT que a tradução em português do Brasil (49), não se poderia deixar de fazer uma referência e breve comparação relativamente ao tamanho das NT dos dois trabalhos.

Comparativamente com as NT da versão em português do Brasil, as NT da versão na língua portuguesa são bastante mais sucintas, visto que a tradutora tentou despertar uma certa curiosidade ao leitor. Uma vez que nos nossos dias a informação é bastante prolixa e acessível, a tradutora assumiu a responsabilidade de definir questões que não seriam tão facilmente descobertas pelo leitor, deixando-lhe a liberdade de fazer as suas próprias

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: BREVE COMPARAÇÃO ENTRE TRADUÇÕES |

pesquisas. Para além disso, assume-se que o público-alvo é detentor de um certo nível de cultura geral que lhe permite compreender as realidades apresentadas sem a intervenção, quase paternalista, do tradutor.

Voltemo-nos para o capítulo XIX, “Regressei a Tampa”, onde são enumerados os nomes de vários escravos - que são, hoje em dia, personalidades históricas - que se opuseram e lutaram contra o sistema escravagista. O próprio autor explica na sua obra quem foram essas pessoas e, portanto, a tradutora da versão em língua portuguesa achou por bem não retirar o foco do texto central para referir uma mini-biografia de cada um deles, ao contrário do tradutor da versão em português do Brasil, que optou por fazer uma apresentação de cada uma das personalidades referidas em NT. Esta tradutora considera que, apesar de a intenção do colega tradutor ter sido boa, a mancha gráfica com tanta informação distrai o leitor e desvia-o da mensagem principal, visto que o próprio autor não dá muita ênfase a estas personalidades, pois apenas menciona os nomes para concluir uma ideia desenvolvida anteriormente.

Nos dois casos seguintes, um relativo a um programa televisivo da época e outro a um movimento racista, chamado KKK, esta tradutora criou também NT mais sucintas como a seguir se demonstra:

VPP	VPB
<i>“NT - Série norte-americana de comédia e familiar, emitida entre 1951 e 1957” - pág. 18.</i>	<i>“Um dos seriados de maior sucesso da história da TV, estreou na rede americana CBS em 1951, e trazia episódios protagonizados pelo casal Ricky e Lucy Ricardo. A série era estrelada por Lucile Ball (1911-1989) e Desi Arnaz (1917-1986), que também eram casados na vida real” - pág. 20.</i>
	<i>“Ku Klux Klan (KKK), associação de caráter segregacionista, fundada em Nashville, estado do Tennessee, no ano</i>

<p><i>“NT - referente a Ku Klux Klan - movimento racista e antissemita, fundado em 1866 nos Estados Unidos da América, que utiliza violência extrema para atingir o seu objetivo, discriminação racial e supremacia dos brancos” - pág. 220.</i></p>	<p><i>de 1867, por aristocratas e latifundiários reacionários, contrários à causa abolicionista. Disseminou-se com mais intensidade nos estados do sul dos EUA. Seu ativismo racista constituía no deliberado intuito de perseguir, causar danos físicos e morais; prejuízos patrimoniais e mesmo o extermínio de parcelas negras da sociedade americana. Durante os anos 60, através de atos de terrorismo e vandalismo, o KKK buscou impedir o processo histórico de integração social dos negros americanos pelo exercício de Direitos Civis” - pág. 193.</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Como se pode confirmar, as NT na versão em português do Brasil são consideravelmente extensas, provavelmente para ir de encontro às preferências do público brasileiro. No caso da tradução em português europeu, sentiu-se que uma explicação tão pormenorizada seria desnecessária e desviaria a atenção do leitor para aspetos secundários.

Através dos dados acima referidos, é ainda possível verificar que a numeração de páginas difere acentuadamente, tendo em conta que ambas as línguas têm o português como base linguística. Esta diferença tão grande poderá ficar a dever-se aos diferentes tamanhos das NT em ambas as traduções.

Também a nível de pontuação da versão em português do Brasil, constata-se que o tradutor não foi coerente relativamente aos diálogos. Inicialmente, até o capítulo VI, o tradutor utiliza a pontuação seguinte: travessão, discurso, travessão e final da frase. Esta pontuação coincide com a escolhida nos diálogos na versão em português europeu. No entanto, após os seis primeiros capítulos da VPB, no final de cada fala de diálogo, é colocado um ponto final e um travessão seguido de texto, em que a primeira letra aparece em minúscula, o que não é gramaticalmente correto, pois a frase em si apenas termina quando o texto que segue o diálogo termina. O tradutor desrespeita o ponto final que

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: BREVE COMPARAÇÃO ENTRE TRADUÇÕES |

coloca na fala quando o texto seguinte aparece com a letra inicial em minúscula, quando deveria começar por maiúscula, como é possível comprovar no exemplo abaixo indicado:

VPP	VPB
– Está na casa de banho – anunciou ela.	— Entrou no banheiro. — <u>denunciou</u> ela.
– Simon deve chegar em breve. Vai ficar feliz por te ver - disse ela.	— Simon deve chegar logo. Ele vai ficar feliz em ver você. — <u>disse</u> ela.

Concluída a análise relativamente à pontuação, confirma-se que o tradutor não foi coerente com a sua escolha, pois alterna-a constantemente nos diálogos existentes na obra. A tradutora da versão em português europeu teve constante atenção a inconsistências a esse nível, pelo que o produto final foi sujeito a três revisões: uma revisão linguística e de vocabulário, outra revisão apenas para a pontuação e a outra geral, incluindo formatação e alterações de aperfeiçoamento.

Um outro ponto que valerá a pena referir neste trabalho é a tradução da alcunha “Frenchy” nas duas versões. Quando foi feita a tradução, uma das questões levantadas foi precisamente como se traduziria este termo, se haveria ou não um equivalente no português europeu que pudesse ser aplicado nesta situação. “Frenchy” será alguém de nacionalidade francesa, mas não utilizado como diminutivo. Numa tradução fiel, “Francesinho” não faria justiça ao que o autor queria transmitir, mas, ao mesmo tempo, deixando a palavra na LP também não teria o impacto necessário no público-alvo português. Até que, posteriormente, o termo “Franciú” surgiu numa conversa com uma professora de Português-Francês, o que se adequa perfeitamente neste caso, cujo significado, com sentido depreciativo, é “pessoa de nacionalidade francesa” (*Dicionário Infopedia*, Porto Editora). O tradutor da versão em português do Brasil optou por manter o termo como no TO, “Frenchy”, pois, provavelmente, não existirá um equivalente depreciativo reconhecido nessa língua para identificar alguém de nacionalidade francesa.

Existe uma outra diferença no nível de vocabulário calão utilizado entre as duas traduções. Na tradução da versão em português do Brasil, o tradutor optou pelo uso explícito de calão nos diálogos insultuosos, enquanto a tradutora da versão em português europeu substituiu as expressões mais grosseiras por outras. Tal justifica-se devido à intensidade diferente que expressões com calão têm em cada uma das culturas envolvidas

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: BREVE COMPARAÇÃO ENTRE TRADUÇÕES |

nesta obra. Na versão em português europeu o calão pôde ser substituído por outras palavras que, apesar de significarem o mesmo, acabam por ser mais neutras quanto à intensidade das palavras utilizadas.

Muitas mais comparações poderiam ser feitas neste capítulo, especialmente a nível de vocabulário e construção frásica. No entanto, decidimos apresentar as seguintes, a títulos de exemplo:

VO	VPB	VPP
The affluent disguise their evil deeds with the label <i>restavec</i> , a French term that means “staying with.”	Os ricos disfarçam sua maldade com esse nome, <i>restavec</i> , que em francês significa “agregado da família”.	Os influentes disfarçam as suas intenções malévolas sob a expressão <i>restavec</i> , um termo francês que significa “ficar com”.
“You’re going to scratch my feet until I fall asleep if I have to kick your head off...”	“Você vai massagear os meus pés até eu dormir, nem que eu tenha de chutar até lhe arrancar a cabeça...”	- Vais massajar-me os pés até eu adormecer, nem que tenha de te dar pontapés até te arrancar a cabeça...
I told him a dirty joke that I had heard from a vendor of leaves.	Eu lhe contei uma piada suja que tinha ouvido de um vendedor de folhas.	Contei-lhe uma anedota picante que tinha ouvido de um vendedor de folhas.
“You’ll never be anything but a shoeshine boy.”	“Você nunca vai ser nada além de engraxate”.	“Nunca serás mais do que um engraxadorzito de sapatos.”
After I gave my Saint Joseph to a classmate who had thrown away his black saint, we played Toussaint Louverture and Jean-Jacques Dessalines against the blancs, the same way	Depois de dar o meu São José para um colega que tinha jogado fora o seu santo negro, nós brincamos de Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines contra os blancs, tal como	Depois de dar o meu São José a um colega de turma que tinha deitado fora o seu santo negro, brincámos a Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines contra os brancos, da

CAPÍTULO III | A TRADUÇÃO: BREVE COMPARAÇÃO ENTRE TRADUÇÕES |

American children played Cowboys and Indians.	os meninos americanos brincam de caubóis e índios.	mesma forma que as crianças americanas brincam aos Índios e aos Cowboys.
--------------------------------------------------	-------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O culminar de cinco anos de aprendizagem na área de tradução é a realização deste relatório. A oportunidade que surgiu para a elaboração da proposta de tradução desta autobiografia anexada foi um achado, pois não só permitiu que se tomasse conhecimento do mundo editorial e literário, como também alertou para um problema maioritariamente desconhecido no nosso país.

Através desta experiência, comprovaram-se as teorias estudadas e apreendidas no curso destes anos devido à sua aplicação prática ao longo deste projeto. Tornou-se por de mais evidente que a tradução não é, de forma alguma, uma mera conversão linguística, realizada apenas com o conhecimento das duas línguas e sem qualquer ligação às suas raízes culturais. A tradução passou a ser encarada cientificamente, pois adquiriu uma visão teórica que pôde ser testada e aplicada, contribuindo de forma efectiva para a resolução dos problemas que se colocaram. Ficou claro que a tradução envolve conjuntos de signos únicos pertencentes a duas línguas distintas, cujas formas e regras gramaticais são exclusivas. Ao tradutor cabe a sua interpretação, investigação, apreensão e, posteriormente, exposição das ideias, de acordo com a visão e a intenção do autor do texto original.

Apesar de as teorias aqui apresentadas estarem sempre presentes no processo de tradução, este relatório foi realizado posteriormente ao mesmo, com a ajuda do “diário da tradução”, onde foram registadas todas as questões que se levantaram e as respetivas soluções. Paralelamente, foram investigadas todas as informações relativas aos diversos temas do livro, desde a origem do país, a instabilidade política, a importância do vodu naquela comunidade, incluindo os futuros projetos do autor. Seguidamente, o produto final foi analisado três vezes: a primeira vez para corrigir falhas gramaticais e expressões que merecessem mais atenção; a segunda para nos certificarmos de que a pontuação do texto era adequada, e a terceira decorreu aquando da elaboração do relatório, pois uma tradução, da perspectiva do tradutor, é algo dinâmico, que pode ser sempre alterado ou melhorado e que nunca será perfeito por mais aperfeiçoado que seja.

Todo este projeto faz parte de algo maior: pretende contribuir para uma mudança de mentalidades, para lançar um alerta a este país, para atender a um pedido de ajuda internacional, para fazer o que está certo. Foi com um grande prazer que acedemos ao pedido de Jean-Robert Cadet e que entramos, também nós, na luta contra esta realidade absolutamente chocante e inaceitável. Como cidadãos globais, é nosso dever ser solidário e interventivo, pois todos temos um lugar e uma missão a desempenhar.

CONCLUSÃO

Esperamos que este modesto projeto possa constituir um incentivo também para outros e que proporcione a quem o estudar um momento de reflexão, tanto teórico-prático como cívico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

/ Bibliografia Primária /

CADET, Jean-Robert. *Restavec: From Haitian Slave Child to Middle-Class American*. Austin: University of Texas Press, 1998.

CADET, Jean-Robert. *Restavec: De Menino Escravo no Haiti a Americano de Classe Média - Uma Autobiografia de Jean-Robert Cadet*. 2002 (Edição do autor).

/ Bibliografia Secundária /

BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. London: Routledge, 1980.

BASSNETT, Susan. “When is a Translation Not a Translation?”, in Bassnett, S. e Lefevere, A. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1998.

CATFORD, J.C. *A linguistic theory of translation – An essay in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

Escola de Tropas Pára-quedistas 50 Anos (1956-2006). Coordenador Tenente Coronel Infantaria Para Jorge Prazeres. Praia do Ribatejo: Editora Escola de Tropas Pára-quedistas, 2006.

HAMDANI, Amar. *Ritos e Segredos do Vodú*. Edição Reservada aos Amigos do Livro, Lisboa: Amigos do Livro, Editores, Lda, 1981.

JACKOBSON, Roman. “On Linguistic Aspects of Translation”, in Venuti, L. (ed.), *The translation studies reader*, London/New York: Routledge, 1959.

MOTA, E. *As Dimensões do Discurso e da Tradução - Aplicação de um Modelo Tradutivo de Análise Textual*. Dissertação de Provas Públicas para Professor Coordenador. Porto: ISCA/IPP, 2003.

MOUNIN, G. *Les Problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

MOUNIN, G. *Introdução à Linguística*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NORD, Christiane (1992). “Text Analysis in Translator Training”, in DOLLERUP, C. e LODDEGAARD, A. (ed.) *Teaching Translation and Interpreting - Training, Talent and Experience*. Amsterdam/ Philadelphia: John Publishing Company, 1992, consultado a 15 de outubro de 2014, disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=Sr9OAgAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_PT&pg=GBS.PA47

NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen*. Heidelberg: Julius Gros Verlag, 1991.

TYTLER, Alexander. *Essay on the Principles of Translation*, 1791.

VINAY, J.P. e DARBELNET, J. *Comparative Stylistics of French and English*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

/ Obras de Referência /

BERGSTRÖM, M.; REIS, N. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, 1988.

Ciberduvidas (Setembro de 2014): www.ciberduvidas.com

CUNHA, C.; Cintra, L. F. Lindley, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 18ª ed. 2006.

Enciclopédia de Povos e Países - América do Norte, Coordenador de edição Sue Grabham, Everest Editora, Lda; Janeiro 2000.

Grolier International Encyclopedia. Deluxe Home Edition. Danbury, Connecticut: Grolier Incorporated, 1991.

Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora (Setembro de 2014):

<http://www.infopedia.pt/>

Linguee (Outubro de 2014): <http://www.linguee.pt>

Priberam (Outubro de 2014): www.priberam.pt

The Free Dictionary (Outubro de 2014): www.thefreedictionary.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

/ Sítios em linha consultados /

Conversor de moeda (consultado pela última vez em janeiro de 2014):

<http://www.xe.com/pt/>

Norma EU (consultado pela última vez em agosto de 2014):

http://www.babelia.pt/media/norma_en_15038.pdf

Extremism in America (consultado pela última vez a 25 de agosto de 2014):

http://archive.adl.org/learn/ext_us/kkk/default.html?LEARN_Cat=Extremism&LEARN_SubCat=Extremism_in_America&xpicked=4&item=kkk

US Department of Veteran Affairs (consultado em 18-07-2014):

<http://www.benefits.va.gov/gibill/apply.asp>

MRE Info (consultado em 18-07-2014)

<http://www.mreinfo.com/us/older/mcis.html>

The Military Order of the Purple Heart (consultado em 19-07-2014)

<http://www.purpleheart.org/HistoryOrder.aspx>

Black Past - Remembered and Reclaimed (consultado a 26-08-2014)

<http://www.blackpast.org/gah/tonton-macoutes>

USGS - Science for a Changing World (consultado a 26-08-2014)

<http://earthquake.usgs.gov/earthquakes/eqinthenews/2010/us2010rja6/>

News (consultado pela última vez a 12 de janeiro de 2014)

<http://www.cbsnews.com/news/the-lost-children-of-haiti-19-03-2010/>

The Jean R.Cadet Restavek Organization (consultado pela última vez a 2 de novembro de 2014)

<http://www.jeanrcadet.org/aboutus.aspx>

BBC News (consultado pela última vez a 12 de dezembro de 2013)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

http://news.bbc.co.uk/today/hi/today/newsid_8390000/8390444.stm

USA Today (consultado pela última vez a 2 de novembro de 2014)

<http://www.usatoday.com/story/news/world/2013/09/08/haiti-anti-slavery-foundation/2782649/>

E-Dicionários de Termos Literários (consultado pela última vez a 7 de setembro de 2014)

http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=74:niveis-de-lingua&task=viewlink

Parlamento Português (consultado pela última vez a 7 de setembro de 2014):

http://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Guia_Acordoortografico.pdf

ANEXOS

ANEXOS

/ Restavec: from Haitian Slave Child to Middle-Class American | de Jean-Robert Cadet

Versão original: apresenta-se em CD-Rom, anexado a este documento.

/ Restavec: de Menino Escravo no Haiti a Americano de Classe Média - Uma Autobiografia de Jean-Robert Cadet |

Versão em português do Brasil: apresenta-se em CD-Rom, anexado a este documento.

/ Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média |

Proposta de tradução em português europeu da obra de Jean-Robert Cadet.

FICHA TÉCNICA

Título original: Restavec - From Haitian Slave Child to Middle-Class American

Autor: Jean-Robert Cadet

University of Texas Press

Austin

Copyright © 1998 by the University of Texas Press

Reservados todos os direitos

Impresso nos Estados Unidos da América

1.ª Edição, 1998

Pedidos de permissão para a reprodução de material deste trabalho devem ser enviados para: Permissions, University of Texas Press, Box 7819, Austin, TX 78713-7819.

∞∞ O papel utilizado nesta publicação cumpre os requisitos mínimos de American National Standard for Information Sciences— Permanence of Paper for Printed Library Materials, ANSI Z39.48-1984.

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data

Cadet, Jean-Robert, 1955–

Restavec : from Haitian slave child to middle-class American / by Jean-Robert Cadet. — 1.ª ed. p. cm. ISBN 0-292-71202-2 (alk. paper). — ISBN 0-292-71203-0 (pbk. : alk. paper) 1. Cadet, Jean-Robert, 1955– 2. Haitian Americans—Biography. 3. Children—Haiti—Social conditions. 4. Haiti—Social conditions. 5. Cincinnati (Ohio)—Biography. I. Title.

E184.H27C34 1998

973'.049697294—dc21[B] 97-4832

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Em memória
Da minha mãe,
Henrilia Brutus,
E à minha melhor amiga
E esposa,
Cindy

Prefácio

A verdade desta história relatada pelo meu marido ecoa em mim dia e noite. Eu não testemunhei as circunstâncias do seu nascimento, os horrores da sua infância ou a assimilação surreal na sociedade americana que moldam a base da sua memória, mas deito-me a seu lado todas as noites enquanto dorme. E quando esse sono é instável - quando ouço a sua respiração ofegante, o seu choro abafado ou sinto os braços dele a tremer e as pernas a debaterem-se - sei que a realidade de outrora se encontra novamente sobre nós. As minhas manhãs saúdam-me com outra verdade: o nosso filho. Sei que a combinação da minha pele clara com a pele castanha do meu marido poderia ter criado o nosso amoroso filho de tez bege apenas pelos efeitos genéticos ecoantes, os genes de “Blanc Philippe”, o pai do meu marido. O meu marido diz-me que o nosso filho é a razão pela qual escreveu isto, é a sua fonte de força. Eu sorrio. Esta é, de facto, uma história de força: fonte de força incrível, forjada no fogo. Que possa ser uma inspiração para os próprios dias e noites do leitor.

Cynthia Nassano Cadet

Em 1994, os Estados Unidos enviaram tropas para restaurar a democracia no Haiti e para dar esperança a um povo acostumado a viver sob o punho de ferro de ditadores. No entanto, existem mais de 250.000 restavecs no Haiti - crianças escravas que não têm a esperança de alguma vez se tornarem participantes formados na democracia restaurada. Tendo perdido a minha própria infância na servidão restavec, detesto saber que outras crianças perdem as delas da mesma maneira. Que esta narrativa da minha vida inspire as nações a proteger todas as suas crianças.

J.-R.C.

<< **Nota para o Leitor:** Todas as histórias neste livro são verdadeiras, mas a maioria dos nomes foi alterada.>>

I

<<Um *blanc* (pessoa branca) vem visitar-nos hoje. É o teu pai, mas quando o vires, não o trates por *papa*. Dizes “*Bonjour, monsieur*” e desapareces. Se os vizinhos te perguntarem quem ele é, diz-lhes que não sabes. É muito bom homem, por isso temos de proteger a reputação dele. É o que acontece quando homens com tão bom carácter têm filhos com cadelas – disse-me Florence em crioulo, teria eu sete ou oito anos.

Antes do meio-dia, um pequeno carro preto entrou pelo caminho de acesso à casa e de lá saiu um homem branco. Quando estabelecemos contacto visual, ele acenou-me e entrou rapidamente pela porta da frente antes de eu ter oportunidade de dizer “*Bonjour, monsieur*”. Florence deixou-o entrar na casa e eu desapareci para o quintal das traseiras. Quase logo a seguir, ouvi-o a ir-se embora.

Aos cinco anos, comecei a detestar Florence.

– Quem me dera que a tua *maman* fosse também minha – disse a Eric, um vizinho da minha idade.

Um dia, enquanto brincávamos juntos, a mãe de Eric tirou um lenço do seu soutien, molhou o canto com a língua, apoiou-se num joelho e limpou uma mancha de sujidade da cara do filho. Eric afastou a mão dela.

– Ah, *Maman*, pára com isso! – disse ele.

Eu olhei para ela com os olhos a brilhar.

– Faça-me a mim, em vez dele – disse eu.

Ela olhou para a minha cara por um momento e respondeu com um sorriso carinhoso:

– Mas a tua cara não está suja.

– Não importa. Faça-me a mim, de qualquer maneira.

Ela limpou gentilmente uma mancha da minha cara, enquanto eu sorria de orelha a orelha.

A minha mãe biológica morreu antes que a sua imagem pudesse ficar gravada na minha memória. Não me lembro da época em que me trouxeram até Florence, a mulher a quem chamava *Maman*. Era uma *negresse* linda, de tez escura e presença majestosa. Não tinha

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

emprego, mas obtinha pequenos rendimentos de inquilinos que alugavam parcelas da quinta que herdara. Também entretinha altas patentes do governo como forma de complementar os seus rendimentos. O seu filho adolescente, Denis, vivia com a avó paterna e frequentava uma escola privada. Florence afirmava que o seu marido morreria quando o filho tinha dez anos de idade, mas eu nunca vi fotografias do casamento dela.

Entrei na vida de Florence quando Philippe, o seu antigo amante branco, lhe fez uma visita-surpresa. Ele era um exportador bem-sucedido de café e chocolate quer para a Europa quer para os Estados Unidos. Philippe vivia em Port-au-Prince, Haiti, com os pais, dois irmãos e uma sobrinha. Chegou no seu Jeep à casa de dois andares, de estilo francês, que pertencia a Florence e se localizava na zona da classe alta da cidade. Um bebé mulato com olhos brilhantes, bochechas rechonchudas e de tez clara encontrava-se no banco de trás. Philippe estacionou o carro, alcançou o banco de trás e tirou o bebé. Ele pousou-o no chão e o bebé tentou caminhar. Esse bebé era eu.

Philippe saudou Florence com um beijo em cada bochecha enquanto ela olhava para o bebé.

– De quem é? – perguntou, sabendo de antemão a resposta.

– A mãe dele morreu e eu não posso levá-lo para casa, para os meus pais. Eu gostaria que ficasses com ele – disse Philippe, entregando a Florence um envelope com dinheiro.

– Compreendo – disse ela, aceitando o envelope. Ele despediu-se e foi embora, deixando-me para trás. O problema de Philippe estava resolvido.

A minha mãe tinha trabalhado numa das fábricas de café de Philippe no sopé das Montanhas Cahos, no vale Artibonite. Tal como os grandes *blancs* do passado distante, que sabiam que o seu sangue corria nas veias das suas crianças escravas, emancipando-as e cuidando delas, Philippe seguia a tradição. Talvez pensasse que Florence me daria uma vida melhor.

– Angella! – gritou Florence.

– Sim, *Madame*? – respondeu a cozinheira, aproximando-se de Florence.

– Toma conta deste rapazinho, sim? Arranja-lhe alguma coisa para comer – ordenou.

Angella pegou em mim.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Qual é o nome dele? – perguntou ela.

Florence pensou por um momento e disse *Bobby*. Florence não queria mais um filho, mas o acordo financeiro que tinha com Philippe era demasiado atrativo para recusar. Até aos seis anos, dormi todas as noites numa pilha de trapos num canto do quarto de Florence, como um animal doméstico. A partir dessa idade, ela obrigou-me a dormir debaixo da mesa da cozinha.

Florence não tomava conta de mim. Desde que eu entrara no pessoal da casa, várias cozinheiras atendiam às minhas necessidades básicas, libertando assim Florence de qualquer situação ligada a mim. Nunca me aproximei muito de nenhuma das cozinheiras visto que nenhuma delas permanecia mais do que um ano. Florence despedia-as por queimarem uma refeição ou por lhe darem troco a menos do que deviam quando regressavam do mercado.

À medida que fui crescendo, aprendi a prever que tipo de dia iria ter baseando-me no humor de Florence e no seu tom de voz. Quando estava bem-disposta, o chicote de quatro tiras de couro, chamado *martinet*, permaneceria pendurado no seu gancho na parede da cozinha.

Eu conhecia três grupos de crianças em Port-au-Prince: os da elite, os muito pobres e os *restavecs* ou crianças escravas.

As crianças pertencentes à elite reconhecem-se normalmente pela sua tez clara e pela boa qualidade das suas roupas. São encorajados pelos pais a falar francês correto, em vez de crioulo, a língua das massas. Vivem em casas confortáveis com anexos para os criados e jardins tropicais. As semanadas excedem em muito o salário mensal das suas criadas. As criadas tratam-nos por *Monsieur* ou *Madame* seguido dos primeiros nomes. Têm um motorista que os leva até às melhores escolas privadas e as pessoas tratam-nos por *'ti'* [*petit*] *bourgeois*¹.

Os filhos dos pobres têm normalmente a pele muito escura. Aparecem sujos e mal nutridos. Nas suas casas de uma só divisão, cobertas com uma folha de metal enferrujada, não existe saneamento básico nem eletricidade. As suas refeições de feijões vermelhos, papas de milho e inhames são cozinhadas sob nuvens de fumo expelidas por fornos feitos com três pedras do tamanho de cocos e acesos com madeira e raminhos secos. Comem com as mãos

¹ NT - Pequeno burguês, em francês.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

em gamelas de cabaça e bebem por copos de lata com cantos afiados, sentados em troncos de madeira, sendo continuamente incomodados por moscas. Para fazerem as suas necessidades, agacham-se nos arbustos rasteiros e limpam-se com folhas ou pedras. À noite, dormem em tapetes de palhinhas ou de cartão por cima de pavimentos sujos, enquanto pulgas sugadoras de sangue se banqueteam das suas carnes suadas. Percorrem a pé vários quilómetros para se deslocarem até escolas públicas mal equipadas, onde sobrevivem graças a almoços de leite em pó, doados por países estrangeiros que outrora dependeram do trabalho de escravos dos seus antepassados. Depois da escola, uns apressam-se para chegar a casa e citar em voz alta a lição do dia de forma cadenciada, antes que a luz do dia das Caraíbas se desvaneça. Outros caminham alguns quilómetros até ao Parque Champ-de-Mars e sentam-se debaixo de candeeiros de rua a fazer os trabalhos de casa enquanto traças ziguezagueiam por cima das suas cabeças.

Os restavecs são crianças escravas que pertencem a famílias prósperas. Não recebem qualquer tipo de pagamento e são mantidas longe da escola. Desde a emancipação e independência em 1804, negros e mulatos influentes reintroduziram a escravatura, utilizando os filhos dos mais pobres como criados da casa. Às famílias pobres de vilas longínquas, que têm demasiadas bocas para alimentar, eles prometem uma vida melhor para os seus filhos. Estas crianças perdem então o contacto com as suas famílias e, como aos escravos do passado, são-lhes dados nomes novos por conveniência. Os influentes disfarçam as suas intenções malévolas sob a expressão *restavec*, um termo francês que significa “ficar com”. Outras crianças gozam-nos com o termo porque estes são frequentemente vistos, descalços e vestidos com trapos sujos, a fazer recados nas ruas.

Os restavecs são mais mal tratados do que escravos porque não custam nada e o seu rendimento laboral parece inesgotável. Fazem os trabalhos que as criadas contratadas, ou *bonnes*, se recusam a fazer e podem ser obrigados a dormir em cartões, quer debaixo da mesa da cozinha quer fora de casa, no alpendre da casa. São chicoteadas à mínima infracção, com um chicote de tiras de couro que ainda é feito especialmente para esse propósito. E, como os escravos africanos do passado, cozinham habitualmente as suas refeições, à base de papas de milho e algumas cabeças de arenque seco. Tratando-se de raparigas, é normalmente ainda pior porque, por vezes, são usadas como concubinas dos filhos adolescentes dos seus “donos”. Se ficarem grávidas, são expulsas para as ruas como lixo. Com a maturidade, os *restavecs* são libertados para se fazerem à vida como engraxadores de sapatos, jardineiros ou prostitutas.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Eu tornei-me um *restavec*. Educar-me deste modo era mais conveniente para Florence porque assim não tinha de explicar a ninguém quem era eu ou de onde tinha vindo. Como *restavec*, eu não podia interagir com Florence a nível pessoal; não podia falar com ela acerca das minhas necessidades. Aliás, eu não podia falar a não ser que me fosse dirigida a palavra, excepto para lhe dar mensagens de terceiros. Também não me atrevia a sorrir ou a rir na sua presença, visto que tal seria considerado desrespeitoso. Eu não era filho dela, mas sim, o seu *restavec*.

O meu copo de lata, o prato de alumínio e a colher eram guardados separadamente dos restantes utensílios domésticos. As minhas roupas eram trapos e as crianças da vizinhança gritavam “*restavec*” sempre que me viam nas ruas. Sempre me senti magoado e profundamente envergonhado porque para mim aquela palavra significava que eu não tinha mãe e que não era desejado. Quando vinham visitas e me viam no quintal, perguntavam-me sempre:

- ‘*Ti*’ *garçon* (rapazinho), onde está a tua mãe ou o teu pai?

Todas as noites, quando estava recolhido debaixo da mesa da cozinha, nos meus trapinhos, desejava que ou eu ou Florence não acordasse mais. Eu queria viver num mundo de sonhos onde às vezes eu voava como um passarinho e nadava como um peixe. Mas nesse mundo de sonhos, eu acabava sempre por me aliviar contra uma árvore, acordando numa poça de urina quente.

Voltar ao mundo real era, em si, um pesadelo – eu tentava sempre evitar Florence, a mulher a quem chamava *maman*. Eu desejei todos os dias que Florence morresse durante o sono, até fazer uma descoberta muito mais assustadora. Enquanto limpava a casa de banho, num final de tarde, reparei um pequeno saco de lona fechado debaixo do lavatório. Curioso, abri-o e encontrei vários trapos ensanguentados. De repente, o meu coração acelerou e convenci-me de que Florence *ia* morrer. Eu estava ansioso por lhe perguntar de onde viera aquele sangue, mas não podia. Só era autorizado a falar-lhe quando me fazia alguma pergunta ou quando tinha de lhe entregar um recado de uma terceira pessoa.

O pensamento de que Florence ia morrer era real na minha cabeça. Por vezes, chorei a pedir a Deus para retirar o meu desejo da sua morte. Comecei a observar Florence atentamente, a visualizar todas as partes descobertas do seu corpo, para tentar encontrar a

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

origem do sangue. Eu espiei-a através dos buracos das fechaduras sempre que estava na casa de banho ou no quarto dela.

Numa tarde quente e insuportavelmente húmida, depois de me dar um beliscão na barriga porque me tinha esquecido de limpar o chão da cozinha, passou-me para a mão um pequeno saco com detergente *Fab* para lavar roupa e uma garrafa de lixívia Clorox.

- Vai à minha casa de banho e lava os trapos que estão no balde – ordenou ela, raivosa.

Eu destapei o balde de metal e vi uma pilha de nauseabundos trapos brancos de molho em água ensanguentada. Eu peguei e esfreguei todas as peças até às manchas começarem a sair. Vomitei e recomecei a minha nova tarefa.

Depois de uma pequena eternidade, Florence abriu a porta. O ar fresco inundou os meus pulmões. A minha camisa gasta estava encharcada em suor. Olhei para cima e apercebi-me pela primeira vez de que Florence era a mulher mais alta que eu jamais conhecera. Depois de inspecionar os trapos, disse:

- Agora, põe-nos de molho em lixívia. Amanhã podes passá-los por água.

Enquanto seguia as ordens dadas, olhei para os seus pés, novamente à procura da origem do sangue.

No dia seguinte, sem que me mandassem, lavei mais uma vez os trapos, um a um, e passei por água limpa cada peça. Florence veio supervisionar enquanto eu estava a pendurá-los no estendal no quintal.

- Depois de estarem secos, dobra-os e põe-nos aqui dentro – disse ela, entregando-me o pequeno saco branco de lona.

Eu peguei nele e analisei os seus braços e pernas, à procura de cicatrizes, mas sem sucesso. Respondi *Oui*, em vez do habitual *Oui, Maman*. Ao final do dia, segui as suas instruções e coloquei o saco na cama dela. A partir daí, Florence entregou-me, todos os meses, o pequeno saco branco *de lona* com detergente para roupa, ordenando-me que lavasse o seu conteúdo.

Vivia todos os dias em grande ansiedade, perguntando-me dentro de quanto tempo iria a minha única guardiã morrer de hemorragia. Como eu tinha de lavar os trapos já tarde na

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

casa de banho, presumi que Florence não queria que ninguém soubesse da hemorragia. Pensei que era um segredo que ela queria que eu guardasse.

Um dia, enquanto entrava num quintal vizinho, reparei numa pequena caixa de cartão azul claro com a palavra *Kotex* no cesto do lixo. Eu dirigi-me até à caixa e parei. Na minha cabeça, eu estava prestes a roubar algo. Eu queria a caixa para fazer um carro de brincar, com tampas de garrafas de Coca-Cola a fazerem de rodas e botões a fazerem de faróis. Quando ninguém estava a olhar, tirei rapidamente a caixa, escondi-a debaixo da camisa e fugi. Escondi-a atrás de um arbusto do lado da casa de Florence, até quando tivesse algum tempo livre para fazer o brinquedo. Depois do almoço, Florence deitou-se na sua cama para fazer a sesta e chamou-me para a massagem aos pés. Eu tinha ouvido, uma vez, que esta era uma atividade que as escravas faziam às suas *madames*. Eu detestava esta rotina porque tinha de me ajoelhar ao fundo da cama, no chão de mosaico, o que provocava dores no meu joelho direito que estava inchado e libertava um líquido malcheiroso. Sempre que adormecia aos seus pés, ela dava-me um pontapé na cara e gritava:

- Vais massajar-me os pés até eu adormecer, nem que tenha de te dar pontapés até te arrancar a cabeça, seu *extrait caca*², seu filho da mãe.

Quando finalmente Florence adormeceu, eu saí silenciosamente do quarto, a pensar na caixa *Kotex* que tinha escondido. Uma vez no exterior, acocorei-me e tirei do arbusto a caixa de tesouros. Só então reparei em vários pedaços de roupa que estavam no interior da caixa. Desenrolei o primeiro e descobri uma grande mancha de sangue. Confuso, larguei aquilo e voltei ao quintal vizinho. Observei disfarçadamente a pele descoberta de todos os que ali estavam, na esperança de descobrir a origem do sangue. Voltei para casa e deitei fora a caixa.

Sentei-me sob a mangueira no quintal, com o meu catecismo, para tentar memorizar o máximo que conseguisse para me preparar para a Primeira Comunhão. Ao recitar passagens, imaginei-me, vestido com longas calças brancas, uma camisa branca de mangas compridas, um laço vermelho e sapatos pretos brilhantes, a entrar na igreja juntamente com os meus colegas. Eu seria o primeiro da fila, segurando um brilhante rosário preto.

Imediatamente antes de me dar a comunhão, o padre diria:

- O Corpo de Cristo.

² NT - Essência de caca, em francês.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Ao que eu responderia “*Amen*”, abrindo a boca para receber o Espírito Santo. Não imaginei uma recepção com um grande jantar numa casa cheia de amigos e familiares que me dariam presentes e dinheiro, mas tinha a certeza que teria a minha Primeira Comunhão porque a minha escola – École du Canada – estava a preparar um grupo de alunos para o sacramento. Nesta altura, eu teria entre oito e dez anos.

Durante as aulas aos sábados à tarde, estavam todos ansiosos para responder a perguntas e demonstrar os conhecimentos que tinham sobre a Bíblia e o catecismo. Todas as aulas começavam da mesma forma.

Professor:

- O que é um catecismo?

Alunos:

- Um catecismo é um livrinho de onde nós aprendemos a religião católica.

Professor:

- Onde está Deus?

Alunos:

- Deus está no Céu, na Terra e em todo o lado.

Professor:

- Recitem os Dez Mandamentos de Deus.

Alunos:

- Não adorarás outros deuses para além de mim.

- Não...

- Não...

Todos respondiam a todas as perguntas e mandamentos em uníssono e com entusiasmo. No final da aula, contavam uns aos outros com olhos brilhantes o que é que os pais tinham planeado para o jantar do dia da Comunhão. Parecia que os pais de todos tinham estado a engordar ou uma cabra ou um peru. Alguns falavam da sua ida ao alfaiate ou ao sapateiro.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Todos tinham uma história para contar – até eu, embora as minhas fossem todas inventadas. Sempre que voltava a casa, pensava no primeiro mandamento e perguntava-me porque é que Florence venerava outros deuses logo depois de regressar a casa vinda da igreja. Ela devia saber sobre os Dez Mandamentos porque eu lia-os no seu livro de rezas sempre que ela saía para visitar vizinhos.

No sábado ao final da tarde, uma semana antes da Confissão, os alunos estavam todos entusiasmados sabendo que o dia da sua Primeira Comunhão se aproximava. Depois da aula, todos contaram histórias sobre como foram buscar os sapatos ou fatos ou estes tinham sido entregues. Em casa, procurei por roupas e sapatos novos no quarto de Florence, mas não descobri nada que fosse para mim. Embora quisesse perguntar-lhe se tinha comprado as roupas necessárias para mim, não podia, visto que não estava autorizado a fazer-lhe perguntas. Eu considerei e decidi perguntar-lhe na mesma e correr o risco de levar um estalo. Todavia não conseguia vocalizar as palavras – o medo que sentia dela era demasiado paralisante. Na quinta-feira à tarde, procurei novamente em todos os armários e também debaixo da cama, mas não encontrei nada.

Comecei a ficar preocupado. “*Talvez se tenha esquecido*”, pensei eu. Como lembrete, coloquei o catecismo na mesa de jantar da sala. Ela colocou-o na mesa da cozinha. “*Ela lembra-se*”, disse a mim mesmo com um sorriso.

Na sexta-feira à tarde, na véspera da Confissão, ouviu-se uma vendedora de rua a anunciar os seus produtos.

- Bobby, chama a vendedora – gritou Florence.

Eu corri para o passeio e chamei a vendedora, que tinha pele escura como carvão e estava a balançar um cesto amarelo gigante no topo da cabeça. Várias galinhas de penas coloridas pendiam de pernas para o ar do seu antebraço esquerdo. Já no quintal e debaixo da árvore, ela dobrou-se e colocou uma pilha de aves de capoeira no chão. A cozinheira de Florence ajudou-a a libertar a sua cabeça do cesto pesado. Depois de vários minutos de discussão de preços, Florence comprou duas galinhas. Eu senti-me tão feliz, pensando que estava a ser planeado um grande jantar para celebrar a minha Primeira Comunhão. No entanto, no fundo do meu coração, surgiu uma pequena dúvida. No sábado de manhã, na véspera da minha Primeira Comunhão, Florence saiu num táxi. Eu nunca me sentira tão feliz.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- A *Maman* foi comprar-me as roupas para a Primeira Comunhão – disse eu à cozinheira, a sorrir, a dançar e a cantar.

Ela não me prestou atenção, mas a expressão da sua cara refreou o meu humor festivo. Por volta do meio-dia, um táxi parou em frente a casa. Eu corri para ver. Era Florence e carregava um grande saco de papel castanho. O meu coração dançou, enquanto eu reprimia a vontade de a abraçar, sabendo que ela me daria um estalo para me afastar.

Ela entrou sem dizer uma palavra. Fui para dentro e fui buscar-lhe os chinelos. Ela trocou de vestido e começou a supervisionar a cozinheira, que estava a preparar o jantar. Cedo na tarde seguinte, depois de terminar as minhas tarefas, aproximei-me de Florence com uma bacia de água e uma toalha e comecei a lavar-lhe os pés. Ela estava sentada na sua cadeira de baloiço, a beber café preto quente e doce. Com o coração a mil, falei.

- A Confissão é às seis horas e amanhã, às nove horas da manhã, tenho a Comunhão.

Ela olhou para mim durante um longo momento enquanto rangia os dentes. A cara dela ficou possessa.

- Sua cabeça de esterco mijona, seu idiota, seu engraxador de sapatos! Se achas que vou gastar do meu dinheiro para a tua Primeira Comunhão, estás louco! – gritou ela.

A tremer de medo, sequei-lhe os pés, calcei-lhe os chinelos e levantei-me, a segurar a bacia e a toalha. Sentia os pés e as pernas demasiado pesados para me mexer. Fiquei estarecido com as suas palavras.

- Sai-me da frente! – gritou ela.

Fui para a cozinha e sentei-me silenciosamente no meu canto habitual sem deitar uma única lágrima.

- Amelia! – chamou Florence sonoramente.

- *Oui, Madame Cadet* – respondeu a cozinheira.

- Não precisas de preparar a galinha para amanhã; vou passar o dia com a minha sobrinha. O filho dela vai fazer a Primeira Comunhão amanhã – disse ela.

Eu fui para o quarto dela para tentar descobrir o conteúdo do saco e vi um par de sapatos que ela tencionava levar para a Primeira Comunhão do afilhado. Sentia-me esmagado,

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

mas, ao mesmo tempo, conformei-me, pensando que talvez apenas crianças com mães e pais verdadeiros é que fizessem a Primeira Comunhão, recebessem presentes do Pai Natal e celebrassem os aniversários.

II

Todos os sábados de manhã, Florence sentava-se na sua cadeira de baloiço por baixo da enorme árvore no nosso quintal da frente, à espera dos habituais vendedores de carne de cabra e porco. A maioria das vezes, comprava a crédito e prometia pagar na semana seguinte. “Tu conheces-me, no que toca a pagar as minhas dívidas. Eu sou *blanc*,” costumava ela dizer em crioulo aos vendedores, que respondiam sempre com um “Oui, *Madame*, eu confio em si.” *Blanc* era uma palavra mágica que parecia hipnotizar, em submissão, vendedores e credores. Embora Florence desprezasse as mulheres de pele clara, desejava ser ela mesma *mulatrêsse*³. Lavava a sua cara três vezes por dia com água gelada, pensando que abrandaria o envelhecimento e clarearia a sua tez. Ocasionalmente, esfregava a cara com um cubo de gelo como se tentasse apagar a sua negrura. Às vezes, enquanto me espancava dizia-me, “Não penses que és melhor do que eu só porque tens uma pele mais clara que a minha.” Ela dizia sempre que uma mulher mulata pobre era equivalente a uma mulher de pele escura rica e uma mulher mulata rica estava acima de qualquer outra pessoa. Florence também acreditava que as mulheres mulatas em Port-au-Prince eram mais procuradas. Como amantes, eram lindamente recompensadas e, como esposas, pareciam ter os maridos mais ricos.

Florence venerava a *Maîtresse* Erzulie, um espírito vodu, ou *loa*, de tez clara que fazia lembrar a Virgem Maria. Florence acreditava que Erzulie lhe traria uma grande riqueza. Acreditava também noutros *loas* chamados Ayida Ouedo, Damballa e São Tiago Apóstolo, o Maior. Ela venerava as imagens dos *loas* no centro de um armário de mogno feito à medida. Todas as manhãs, depois de regressar a casa da igreja, acendia pavios de algodão em taças de porcelana brancas, colocava-as em frente do santuário e entoava cânticos vodu até parecer possuída. Mandava-me ir comprar rosas uma vez por semana e, às vezes, uma garrafa de rum para colocar no seu precioso oratório.

A única vantagem que eu tinha relativamente a outros *restavecs* era que Florence me permitia andar numa escola pública depois das minhas tarefas estarem feitas. Na escola, os professores dirigiam-se a mim como Jean-Robert Cadet e em casa, Florence tratava-me por Bob ou Bobby. Enquanto pais pobres faziam sacrifícios financeiros para comprar os materiais escolares necessários para os seus filhos, Florence sempre me disse para pedir emprestados os livros das outras crianças e copiar as páginas para o meu caderno. Por

³ NT - Mulata, em francês.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

vezes, não ia à escola porque duas amigas de Florence me pediam emprestado para limpar as suas casas. Em vez de me agradecerem a mim pelo meu serviço, diziam sempre, “Diz à Madame Cadet que eu agradeço.” Eu preferia estar na escola em vez de ser emprestado, mas preferia ser emprestado a estar em casa, onde era rotina Florence dar-me murros, bater-me na cara, puxar-me as orelhas e beliscar-me nas virilhas. Eu tinha um par de sapatilhas, dois calções caqui, duas camisas e não tinha roupa interior. Às cinco e trinta da manhã, arrumava os meus trapos do chão da cozinha, enchia a banheira, ia buscar o penico de Florence, punha a mesa e ia até à padaria. Enquanto Florence tomava o pequeno-almoço, eu esvaziava o penico, regava as plantas e varria o quintal.

Depois do pequeno-almoço, levantava a mesa e comia o que quer que sobrasse, sentado num pequeno degrau num dos cantos da cozinha. Lavava também os pratos antes de ir para a *Ecole du Canada*, que ficava a dois quarteirões de distância. Todas as manhãs, os alunos permaneciam em frente ao mastro da bandeira na entrada. Os seus copos de lata, trazidos para receberem leite em pó gratuito, balançavam por estarem presos por um fio aos calções caqui. Enquanto dois alunos içavam lentamente a grande bandeira branca com uma folha de ácer vermelha no centro, todos prestavam lealdade ao Canadá com a mão direita sob o peito. “*Oh Canada, terre de nos aieux*⁴ [terra dos nossos antepassados]...” A bandeira era retirada todas as tardes com a mesma cerimónia.

Em raras ocasiões, quando visitas brancas entravam nas salas de aula, todos se levantavam e assim permaneciam, com os olhos a brilhar. As expressões faciais dos alunos pareciam indicar que estes *blancs*, que distribuíam sempre santinhos religiosos antes de se irem embora, não pertenciam a este mundo. Eu olhava-os com admiração e pensava que eram como deuses. “Será que usam a casa de banho como as pessoas normais?” perguntava-me a mim mesmo. A voz de Florence ecoava-me na cabeça: “No que toca a pagar as minhas dívidas, eu sou *blanc*.” Às vezes, dizia sobre o seu filho, “No que toca à inteligência, o meu filho é *blanc*.”

Durante o intervalo, os alunos trocavam os santinhos. Aqueles que, por acaso, recebessem imagens de santos negros, abandonavam os seus cartões no pátio, pois acreditavam que estes santos não respondiam às orações. Uma vez, recebi dois santinhos, um com a Virgem Maria e outro com o São José. Depois de dar o meu São José a um colega de turma que tinha deitado fora o seu santo negro, brincámos a *Toussaint Louverture e Jean-Jacques*

⁴ NT - Hino Nacional do Canadá, em francês.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Dessalines contra os brancos, da mesma forma que as crianças americanas brincam *aos Índios e aos Cowboys*. De certo modo, estávamos a reencenar a revolução haitiana que libertou os escravos e criou a primeira república negra independente no Hemisfério Ocidental. Dormi todas as noites com o santinho da Virgem Maria por baixo da minha almofada, feita com um velho vestido dobrado.

A sessão da manhã iniciava às nove horas e terminava ao meio-dia, com um intervalo de meia hora que começava às dez da manhã. Durante aquele tempo, eu copiava as páginas necessárias dos livros dos outros alunos. Voltar a casa depois da escola era sempre uma experiência assustadora e de adrenalina para mim. Sentia-me sempre como um homem condenado a caminhar em direção à cadeira eléctrica. Lembrava-me de cada detalhe da manhã, à procura de erros que poderia ter cometido e rezava a Deus para encontrar Florence de bom humor e para que esta se tivesse esquecido de inspecionar os meus trapos à procura de sinais de molhado.

Antes de regressar para a sessão da tarde às duas horas, limpava o pó à mobília, punha a mesa, lavava os pés de Florence e enchia com água as garrafas no frigorífico. Eu gostava mais da sessão da tarde porque a minha disciplina preferida era a Matemática. Na escola, os meus colegas admiravam-me, apesar da minha aparência *restavec*. Assumiam que eu era inteligente, porque tinha uma tez clara. Havia alunos de todas as idades na minha turma. Nunca discutíamos sobre a idade que tínhamos – não nos parecia importante. De facto, eu não sabia a minha idade porque Florence nunca ma disse.

Os professores davam-me mais atenção na turma, mandando-me mais vezes ao quadro do que aos meus colegas. Era sempre seleccionado para fazer pequenas peças e davam-me poemas para decorar. Quando estava mais ou menos no meu terceiro ano e o Dia da Mãe era dali a duas semanas, um grupo de estudantes estava a preparar-se para atuar em palco para assinalar a ocasião. Eu tinha sido seleccionado para cantar um solo chamado “Coração da Mãe, Eu Canto Para Ti Que Eu Amo.” Pelo princípio de cada tarde, os participantes enchiam, ansiosos, uma grande sala para o ensaio.

O coro deveria vestir-se com calções caqui e camisas brancas. Para além disso, todos deveriam trazer um cravo vermelho na camisa. Aqueles cujas mães tivessem falecido, deviam levar um cravo branco. Eu tinha os calções caqui, mas não a camisa branca. Eu sabia tão bem a música que podia cantá-la durante o meu sono.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Na manhã do Dia da Mãe, Florence foi à igreja e voltou com um cravo vermelho na sua blusa. Eu estava ansioso por saber se ela tinha comprado a camisa branca que lhe pedira. Esperei até às três horas, uma hora antes do espectáculo. Depois, aproximei-me de Florence, tentando transmitir a minha ansiedade sem palavras. Florence pareceu ler a minha mente, como fazia frequentemente.

- *Mérité pas mandé* - disse-me em crioulo, o que significa, “Aqueles que merecem não perguntam.”

Eu baixei a cabeça e afastei-me a pensar que não merecia a camisa porque fazia xixi na cama. Nessa tarde, veio um carro buscar a Florence. Ela trancou a casa e deixou-me no quintal até escurecer.

Quando os professores se aperceberam de que eu não iria aparecer para o espectáculo, deixaram de me escolher para fazer os papéis. Eventualmente, repararam que eu era um *restavec* a quem apenas era permitido ir à escola.

As cozinheiras também pareciam gostar de mim. Às vezes, encobriam os meus erros ou levavam com as culpas por causa de tarefas em que eu falhara. Uma cozinheira em particular, Matilda, gostava muito de mim. Ela submergia os meus trapos ensopados de urina num enorme balde de água antes de Florence ter a oportunidade de os inspecionar. “*Madame*, o menino não molhou a cama dele; estou a lavar-lhe os trapos”, dizia ela.

Às vezes, depois de Florence me bater severamente, Matilda dizia-me, “Porque não foges e voltas para a tua família? Eu dou-te o dinheiro do autocarro e embrulho-te alguma comida.”

Eu ficava sempre confuso com esta sugestão porque não me conseguia lembrar de ter outros pais ou de ter estado noutra lugar.

- Ela já te disse alguma vez quem são os teus pais? - perguntava a cozinheira.

Eu repetia o que Florence me dizia frequentemente enquanto me batia: “A tua mãe era uma cadela e uma prostituta. Por isso é que o teu pai não te quer. És uma vergonha para ele.”

Matilda abanava a cabeça e dizia, “Jesus Maria José.” Ela não me podia salvar sempre que me batiam porque tinha poucas oportunidades e o desejo de Florence de infligir dor era

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

implacável. Além disso, trabalhava apenas das oito às cinco e podia ser despedida a qualquer altura.

Todas as noites, às dez horas, eu recolhia o penico da casa de banho e colocava-o ao lado da cama de Florence. Sempre que ela detetava cheiro a urina, punha o penico na minha cabeça e abanava-o como se estivesse a tocar uma campainha. O penico tinha de ser lavado com folhas de menta do jardim e colocado de volta no quarto. Eu sentava-me no canto da cozinha, à espera que ela fosse dormir, antes de espalhar os trapos no frio chão de mosaico. Deitava-me, cobria o meu corpo com um vestido antigo e ouvia o som monótono do frigorífico antes de adormecer. Acordava cedo na manhã seguinte com palpitações no coração e numa piscina de urina.

Por vezes, os *restavecs* conseguiam fazer amizades com outros *restavecs* e brincar juntos quando os “amos” se encontravam fora por horas prolongadas. Eu conheci René, um rapaz com cerca de catorze anos e uma tez castanho-escura. Ele parecia uns anos mais velho que eu. Eu deveria ter cerca de onze anos. René tinha sido adquirido pela família Beauchamp, que vivia a três casas de distância. *Madame* Beauchamp precisava de alguém que tomasse conta dos seus dois filhos permanentemente e *Monsieur* Beauchamp, um alto e avarento mulato, queria alguém para lavar a sua pequena frota de táxis todas as manhãs. René era magro, com cara de quem tinha sempre fome. Uma vez disse-me que tinha sido adquirido numa pequena aldeia em Jérémie e que a sua mãe Dieudonne lhe tinha dado o nome de Prophet. René acordava cada manhã com o cacarejar do primeiro galo para lavar os carros antes dos condutores chegarem. Às oito horas da noite, recolhia todas as chaves dos carros assim como o dinheiro apurado pelos taxistas. Entre as oito e as nove horas da noite, eu ouvia o sinal de René – três longos assobios. Se eu assobiasse de volta, encontrar-nos-íamos atrás da casa de Florence para vermos *I Love Lucy*⁵ através da janela, de pé em cima de blocos de cimento, no escuro, enquanto os mosquitos se banquetevavam com nossos braços e pernas expostos. Quando Florence saía e me deixava trancado da parte de fora à noite, eu e René encontrávamo-nos ao lado da casa dos Beauchamps para comer cana-de-açúcar por baixo da amendoeira, enquanto contávamos os carros que passavam. Na sala de estar dos Beauchamps, a televisão estava posicionada por baixo da janela e os *restavecs* não estavam autorizados a vê-la dentro de casa. Raramente nos víamos durante o dia, pois René estava sempre ocupado a tomar conta das crianças e eu tinha de estar constantemente ao alcance da voz de Florence.

⁵ NT - Série norte-americana de comédia e familiar, emitida entre 1951 e 1957.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Numa linda noite de luar, o ar estava frio, os grilos discutiam para trás e para a frente e os mosquitos quase não se sentiam. As aventuras de *Tarzan* mal tinham começado, quando René chegou nervosamente com um cesto.

- O que trazes aí? - perguntei.

René tirou uma tigela com *grillot* (porco frito) e bananas, duas garrafas de Cola Couronne e bolos frescos. Sentámo-nos no bloco de cimento e comemos em silêncio, da mesma tigela com as mãos. Eu queria perguntar-lhe onde tinha arranjado o dinheiro para comprar comida, mas na verdade não queria saber a resposta. No final do espetáculo, René afastou-se sem dizer adeus. Observei-o a desaparecer na escuridão, enquanto o meu coração batia mais depressa do que o normal.

A meio da manhã, a notícia de que René tinha roubado dois dólares da caixa de dinheiro do *Monsieur* Beauchamp espalhou-se rapidamente entre as criadas e os *restavecs*. René tinha sido severamente espancado com um *rigoise* – um chicote feito de couro. Cada golpe tinha levantado a pele e formado uma bolha.

Monsieur Beauchamp queria saber se René tinha partilhado o dinheiro com outros *restavecs*, mas ele não me denunciou. Foi obrigado a ajoelhar-se numa cama de pedras quentes, utilizada pelas criadas para branquear roupas debaixo do duro sol tropical, enquanto segurava duas pedras do tamanho de mangas em cada mão bem acima da cabeça. Depois de René desmaiar, *Monsieur* Beauchamp atirou-o para o banco de trás do seu carro e levou-o até à esquadra da polícia.

Nessa mesma tarde, a polícia trouxe René de volta. O nariz dele sangrava, os olhos fechados de tão inchados e os lábios faziam lembrar dois pedaços de fígado de vaca crus. A cara inchada estava distorcida para um lado e a sua camisa rota colada ao corpo partido. Nessa noite, ouvi os assobios de René, sabendo que seria a última vez que os ouviria. Embora nunca mais tenha visto René, eu escutava todas as noites, entre as oito e as nove horas, e esperava o sinal que apenas conseguia ouvir através da minha imaginação.

O desaparecimento de René fez-me viver com medo. Eu tinha sempre saltado e tremido com o som furioso da voz de Florence, mas agora o medo fazia com que tivesse diarreia. Antes de ele partir, eu costumava molhar a minha cama de trapos velhos três a quatro vezes por semana, pelo que era castigado ou com o cabo de uma vassoura ou com o *martinet*, um chicote com tiras de couro e um cabo de madeira. Depois disso, molhar a

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

cama tinha-se tornado uma ocorrência sistemática e as agressões uma rotina diária. Em cada pancada, Florence dizia, a ranger os dentes, “O meu filho nunca molhou a cama. Tu molhas a tua cama desde que te acolhi. É por causa disso que nunca terás um colchão.” Nos dias em que estava demasiado ocupada para me bater, esperava até eu estar a dormir. Depois do primeiro golpe me acordar, eu enfiava o meu queixo no peito, enrolava o meu corpo numa bola e protegia a cara com os meus ombros. Às vezes, ela só parava quando o cabo da vassoura lascava.

III

Fiquei doente. Nada disse a Florence, como sempre. Ela tinha de descobrir por si própria a minha condição, ou então, a cozinheira diria “Madame Cadet, o Bobby tem febre”. Florence ficava sempre zangada quando eu ficava doente porque as minhas tarefas ficavam por fazer. Ela tinha de esvaziar o seu pote, lavá-lo e pô-lo novamente no quarto. Um rapazinho engraxador de sapatos, que trazia consigo uma pequena caixa de madeira e tocava músicas com uma pequena campainha, era chamado para lhe engraxar os sapatos. Mantinha-me longe da sua vista, deixando-me ficar a descansar no canto do seu quarto numa pilha de trapos que faziam de cama até eu recuperar. Passava a ser da responsabilidade da cozinheira, o que era ótimo, pois podia transmitir-lhe as minhas necessidades.

Este arranjo era bom para mim porque podia comunicar as minhas necessidades. A cozinheira cuidou de mim com três tipos de chás: verbena com açúcar mascavado de manhã, pele de alho com sal grosso ao meio-dia, e umas folhas amargas com sal grosso, que me provocavam arrepios, ao final da tarde. Fazia caretas e deixava a saliva escapar pelo meu lábio inferior. Depois de me servir sopa de tomate com pão ao pequeno-almoço, fervia folhas de laranja, limão e graviola numa grande panela e deixava-as ao sol. Em seguida, levava-me até o exterior e despejava a minha própria urina quente pela cabeça abaixo antes de me dar banho com as folhas cozidas. Depois disso, ajudava-me a voltar para os meus trapos e cobria-me com dois vestidos velhos de Florence.

Para elevar a minha cabeça, colocava uma pequena cadeira de madeira virada ao contrário, sendo as costas da mesma a minha almofada. Na cama de Florence, havia duas almofadas com lindas fronhas bordadas, mas a cozinheira não se atrevia a colocar-me uma por baixo da minha cabeça, pois sabia que eu era um *restavec* e não um familiar de sangue de Florence. Sabendo que eu fazia xixi na cama, acordava-me do meu sono três ou quatro vezes por noite para se assegurar de que ia à casa de banho. Se os meus trapos estivessem molhados, sentava-me numa cadeira até que tivessem secado ao sol. Apesar de haver uma clínica médica a um quarteirão da casa, Florence não me levava ao médico. Era socialmente inaceitável que um membro de uma família influente fosse visto numa clínica gratuita com um *restavec*.

Florence nunca recorria à medicina caseira ou à urina para curar o filho, Denis, quando ele estava doente. Consultava médicos que lhe passavam receitas.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Quando estava doente, fui acordado tarde numa noite. Os meus trapos estavam molhados. O quarto estava escuro e a cama da Florence tremia. Assustei-me com os gemidos da Florence e de um homem. Fui para o lado da cama e disse:

- Estás a magoar a *Maman*! Estás a magoar a *Maman*!

De repente, ouvi a voz da Florence gritar:

- Cala-te e sai daqui!

Eu corri para a porta, à procura da maçaneta. Fui para a cozinha escura e agachei-me no canto, a chorar convulsivamente.

Passado um bocado, a Florence chegou e puxou a corda da luz. Levantei a cabeça e os meus olhos encontraram os dela. Abriu a porta e um homem, que me era familiar, saiu da casa.

- Vai dormir! - ordenou-me num tom duro.

Segui Florence até ao seu quarto e separei os trapos secos dos molhados. Ela esvaziou um cesto cheio de roupa suja à minha frente e disse:

- Dorme nestes.

Depois de eu arranjar os trapos, ela apagou a luz. Nem uma palavra foi proferida. Ao deitar a minha cabeça nas costas da cadeira que me servia de almofada, questioneei-me por que razão a *Maman* tinha permitido que aquele homem a magoasse. Quando melhorei da minha doença, recomecei com a rotina de dormir no chão da cozinha e recebi o tratamento de sempre. Mas sempre que olhava para Florence, lembrava-me daquela noite em que a vira na cama com aquele homem. Perguntava-me uma e outra vez por que motivo ela teria permitido que ele a magoasse.

O homem voltava, normalmente, aos sábados à noite. O seu carro preto ficava sempre estacionado na rua em frente à casa. Depois de alguns momentos na sala de estar, ele seguia Florence até ao quarto dela. Homens diferentes vinham visitá-la quase todas as noites. Para estes homens – chamados Roland, Albert, Roger e vários outros nomes – eu era tão significativa como um animal da família. Estava convencido de que aqueles homens eram responsáveis pelo sangue de Florence e desejava poder impedi-los de vir até à casa. Imaginei-me a alvejá-los como os *cowboys* alvejavam os índios nos filmes. Como não

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

havia armas disponíveis em casa, fazia aquilo que estava ao meu alcance – esvaziava o ar dos pneus dos seus automóveis.

IV

Numa quente tarde de sábado, um táxi chegou com a Florence e a sua melhor amiga, Claudette Estimé, a quem eu era frequentemente emprestado. Ela era uma *negresse* de linda pele escura, com os seus trinta e poucos anos, que me fazia lembrar uma garrafa de Coca-Cola gigante. Por vezes, quando a seguia até casa, reparava em como balançava as suas grandes ancas, de um lado para o outro, para parar o trânsito. Sempre que lhe davam boleia até casa, eu era sempre deixado para trás, tendo de continuar o percurso a pé. Tal como Florence, ela era amante de vários homens influentes. As duas mulheres sentaram-se à sombra da mangueira no quintal.

-Bobby! - chamou Florence.

Em segundos, apareci à sua frente, descalço, com os braços caídos ao longo do corpo, a olhá-la olhos nos olhos.

- Traz-nos, a mim e a *Mademoiselle* Claudette, um jarro de água com gelo.

Eu respondi com um simples “Oui” e dei meia-volta para obedecer às suas ordens. Ao ir buscar os copos na última prateleira do armário, um copo caiu e partiu. De repente, o meu coração acelerou e comecei a tremer. Comecei a ter suores frios. O meu estômago desatou a fazer barulhos.

- O que é que tu partiste, seu filho da mãe? - berrou Florence.

Eu pus dois copos e uma garrafa de água gelada no tabuleiro e levei-o para fora para servir as duas mulheres. Florence olhou para mim com fogo nos olhos e repetiu a pergunta:

- O que é que partiste?

- U-um co-copo - gaguejei a chorar.

- Não me quero chatear agora. Trato de ti mais tarde - disse ela calmamente.

Coloquei o tabuleiro numa mesinha de aço perto de *Mademoiselle* Claudette. Quando comecei a deitar a água, Claudette esticou-se e tirou a garrafa da minha mão trémula.

- Vai-te ajoelhar perto da porta - disse Florence, apontando para a entrada da cozinha.

Eu obedeci à ordem e, com os joelhos nus no degrau de cimento, cruzei os braços. Enquanto as duas mulheres falavam e riam no quintal, eu tive uma visão de René e

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

perguntava-me se a Florence me iria ou não levar à polícia para me espancarem. Os meus pensamentos foram interrompidos subitamente com o arrulhar dos pombos que estavam na borda do telhado. Ao observá-los, desejei poder transformar-me de alguma forma num pombo e voar para longe.

Um sonoro “Vem cá!” vindo de Florence surpreendeu-me. *Mademoiselle* Claudette tinha acabado de partir.

Pus-me lentamente de pé, pois os músculos das minhas pernas estavam tensos. Florence estava impaciente, mexendo a sua cadeira de baloiço para trás e para a frente. Eu dirigi-me lentamente até ela, antecipando ser agarrado pela pele da barriga e levar vários estalos na cara. Permaneci de pé, indefeso à sua frente, com os lábios trémulos e olhos lacrimejantes. Ela cerrou o maxilar e rangeu os dentes. Florence agarrou-me entre as minhas pernas e segurou-me pelos testículos com o polegar e o dedo indicador, para evitar que eu me afastasse. Quando estava prestes a cair de joelhos, ela descalçou o sapato e acertou-me na cara. A ponta do tacão fez um corte profundo no canto do meu olho direito, disseminando uma dor atrozmente aguçada em toda a minha cabeça. Soltei um grito. Florence só parou ao reparar no sangue que jorrava desse lado da cara.

Corri em direção à cozinha. Matilda molhou imediatamente em água fria o seu avental de lona branco e segurou-o por cima do meu olho, limpando a mistura de sangue e lágrimas da minha cara enquanto Florence desaparecia para o seu quarto para venerar os seus *loas*. Incrédula, Matilda abanou a cabeça, dizendo “Jesus Maria José.”

De tão inchado, o meu olho direito fechou. Durante vários dias, apenas consegui ver com o meu olho esquerdo. Naquela tarde de sábado, Florence não me chamou para ir massajar os seus pés. Eu desejei que ela morresse durante a sesta, mesmo sabendo que se morresse eu não teria sítio para onde ir. Para meu espanto, a palavra *maman* tornou-se-me muito difícil de pronunciar e cedo desapareceu do meu vocabulário. Naquela tarde, Matilda executou as minhas tarefas e serviu-me um prato de sopa de feijão vermelho com farinha de milho e um pedaço de carne de cabra. Depois de Florence acordar da sua sesta, olhou para a minha cara com uma expressão vazia. Virou-se para Matilda e disse:

- Põe o frango a marinar para amanhã antes de ires embora.

- Oui, *Madame* - respondeu ela prontamente.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Matilda pôs água a ferver numa panela e reuniu páginas de jornais velhos para depenar a ave, depois de a matar. Desamarrou as patas da galinha, depenou-a por baixo do pescoço e deslizou a lâmina pela goela. O sangue ainda escorria da faca, quando ela largou a ave moribunda. Em vez de ficar pousado, o frango pôs-se de pé. Quando Matilda se baixou para apanhar a ave, esta correu para o quintal. Matilde chamou-me para a ajudar. Com o olho fechado de tão inchado, percorri todo o bairro, perguntando às pessoas se tinham visto passar uma galinha com o pescoço ensanguentado. Algumas diziam “Non” e riam-se, enquanto outras diziam arrogantemente “Se a encontrar, vou comê-la.” Passado um bocado, voltámos de mãos vazias para uma Florence furibunda, que despediu imediatamente Matilda, descontando-lhe do salário o preço da galinha.

Ao fim da tarde, depois de lavar os pés de Florence, esta mandou-me até casa de Claudette para fazer algumas tarefas domésticas. Lavei os pratos, limpei a casa de banho e o pó do quarto. Claudette tinha preparado uma grande variedade de pratos: carne de cabra, frango, feijão vermelho com arroz, inhames, pudim de milho, pipocas e amendoins torrados. Estes foram metidos em pequenas taças de cabaça de diferentes formas e tamanhos e colocadas meticulosamente numa grande esteira no canto da sala de estar. Velas cintilantes, reflectidas no chão de mosaicos multicolores, tornavam a sala misteriosamente sombria. Um fumo pálido e cinzento de pauzinhos de incenso serpenteava preguiçosamente até ao teto. O cheiro de tafiá, um licor forte feito a partir da cana-de-açúcar, parecia ficar de guarda à entrada. Encostado à parede, estava um armário de mogno de duas portas aberto. Estava decorado, por dentro, com coloridas imagens religiosas de pessoas brancas. A imagem que mais se destacava era o que parecia ser um elegante cavaleiro romano a lutar com uma espada contra uma serpente de muitas cabeças.

Os poucos convidados de Claudette – na sua maioria homens de pele escura – sentaram-se em cadeiras ao longo da parede, limpando com lenços vermelhos as suas testas suadas. No centro da sala, estava Claudette a cantar uma canção sobre *Saint Jacques Majeur*⁶ e a dançar como uma marioneta. Depois, caminhou pela sala, cumprimentando cada convidado com um aperto de mão firme.

Pegou numa garrafa de rum da esteira e deitou várias gotas em cada canto da sala enquanto murmurava os nomes dos seus *loas*.

⁶ NT - São Tiago Apóstolo, o Maior (equivalente ao *loa* haitiano *Ogou*).

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Depois do ritual, olhou casualmente para o meu olho ferido e mandou-me limpar o chão. Colocou algumas taças de comida num saco de papel castanho.

- A caminho de casa, põe estas taças na encruzilhada, onde a estrada não tem pavimento - disse ela.

Vim-me embora com o saco. O céu não apresentava nuvens e as ruas desertas estavam iluminadas por uma lua cheia excessivamente brilhante. Corri e andei um pouco até chegar ao cruzamento escolhido. À distância, o rítmico tam-tam de um tambor solitário viajava pelo silêncio da noite. Estava assustado. O meu coração bateu com força dentro do meu peito enquanto removia do saco as três taças, uma por uma. Depois de as colocar no meio da estrada, corri até casa de Florence, a pensar na minha última tarefa: colocar o seu penico por baixo da cama dela.

V

O filho de Florence, Denis, mudou-se para casa da mãe. Os homens deixaram de a visitar. Denis estava prestes a casar-se com uma mulher alta e de tez clara chamada Lise. A mãe de Lise veio visitar-nos. Era uma sacerdotisa de vudu de tez escura a quem Florence se referia como *mambo*. A avaliar pelo tom de pele da sua filha e dos dois filhos, o marido devia ter pele clara. Florence disse a amigos que a mãe de Lise não estava muito entusiasmada com aquela união devido ao tom escuro da pele de Denis e à sua profissão sem prestígio – administrador de projetos de obras públicas.

No dia do casamento, passei toda a manhã a limpar a casa e a varrer o quintal. Ao princípio da tarde, houve pessoas que começaram a trazer a mobília da noiva e roupas. Um camião da Coca-Cola com uma imagem enorme do *Tonton Noël* (Pai Natal) estacionou nas traseiras e entregou várias caixas de Coca-Cola. Os bolos de casamento foram colocados na sala de estar. Eu estava curioso e questionava-me sobre o que se estaria a passar.

Convidados muito bem vestidos de todas as idades chegavam e esperavam na sala de estar.

- Bobby, traz uma esfregona - disse Florence.

Uma criança tinha entornado a sua bebida. Ao entrar na sala de estar, segurando a esfregona, observei o rapaz de tez escura, que, provavelmente, teria a minha idade, e os nossos olhos encontraram-se por breves momentos. Admirei a sua camisa branca, o fato azul e os sapatos pretos brilhantes. A expressão facial do menino indicava que o meu odor tinha acabado de ofender o seu nariz. Senti-me desconfortável e deslocado. A minha camisa estava suja e faltavam-lhe botões. Os meus calções caqui imundos tinham uma nódoa desde o gancho até o cinto e as minhas nádegas estavam expostas.

Fiz três incursões até à sala de estar para limpar derramamentos e, de cada vez, retirava-me de costas, a olhar para o chão, de forma a assegurar-me de que ninguém tinha um vislumbre do meu *derrière*. Depois, retomava o meu lugar no canto da cozinha, à espera da próxima chamada.

Os noivos entraram. Eu levantei a cabeça e apercebi-me, pela primeira vez, de que os convidados estavam aqui para celebrar um casamento.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Depois de todos se irem embora, Florence guardou o resto do bolo e dos *hors d'oeuvres*⁷. Eu voltei à sala de estar por ordem de Florence e retirei os pratos de papel de cima da mesa. Agarrei em restos de fatias de bolo e atirei-os furtivamente para a minha boca o mais depressa que pude. Depois de terminar as minhas tarefas, sentei-me no pequeno degrau no canto da cozinha, à espera do sinal de Florence para espalhar os meus trapos e ir dormir.

Quando o casal regressou da sua lua-de-mel, trouxe uma jovem rapariga com cerca de treze anos. A sua pele, que era pouco mais clara do que carvão, parecia ter sido esfregada com um apagador de quadros sujo. A julgar pela sua aparência, eu soube imediatamente que era *restavec*. A sua parca bagagem consistia numa caixa de cartão com a palavra “Carnation” impressa a vermelho e uma esteira toda embrulhada, presa firmemente com um pouco de corda.

O seu cabelo estava distribuído em quatro tranças curtas, uma de cada lado, uma no topo da cabeça e outra atrás. Conseguia ver-se o reflexo do sol numa parte do seu cabelo. Os olhos eram grandes e sombrios; as orelhas furadas e despidas; o nariz era largo e liso; a cara oval e esquelética. A sua expressão era robótica e parecia incapaz de sorrir. A clavícula era visível através do vestido cor-de-rosa e o seu peito era liso. Os joelhos eram duros e secos. Os pés empoeirados estavam dentro de umas sandálias de plástico sujas.

Ela lançou-me um olhar que dizia “mantém-te afastado de mim”. Eu desprezava-a. Olhávamo- -nos de forma reprovadora sempre que os nossos olhos se encontravam. A tensão crescia à medida que as horas passavam.

Lise guiou-a até a casa de banho e indicou-lhe onde poderia pôr a caixa e vestir as roupas de trabalho. Lise deu-lhe uma pilha de roupa interior para lavar. Tinha sido *restavec* dela e agora vinha executar as suas antigas tarefas. Não me foi apresentada nem à cozinheira. Só recebia ordens de Lise.

Preparava o banho a Lise e assistia-a na casa de banho. Tal como eu, só falava quando a palavra lhe era dirigida. Só soube o nome dela quando foi chamada para executar uma tarefa.

– Anita! – chamou Lise.

– *Plaît-il* [faz favor], *Madame* – respondeu ela prontamente.

⁷ NT - Aperitivos, em francês.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Enquanto ela esfregava a roupa numa pilha de pedras, eu fui à casa de banho e procurei a caixa dela. Tinha dois vestidos, uma camisa de dormir, duas ou três peças de roupa interior, um pente preto oleoso com alguns dentes em falta e uma pequena garrafa com óleo castanho-escuro para o seu cabelo.

Lise saiu com um saco de papel e entregou-o a Anita. Tinha uma escova de dentes antiga de Lise, um sabão usado e algumas roupas antigas que eram muito grandes para Anita.

– Obrigada, sim – disse ela, ao receber o saco.

Ao observá-la, comecei a sentir ciúmes de Anita porque ela tinha roupa interior e eu não. Assim que Lise ficou longe da vista, belisquei-a atrás do pescoço e corri. Quando voltei para tornar a beliscá-la, ela agarrou numa pedra e disse furiosa:

- Rapazinho, deixa-me em paz ou racho-te a cabeça.

Olhei para os seus olhos e recuei.

Anita ajudava na cozinha e a pôr a mesa para o jantar. Depois dos adultos jantarem, a cozinheira levava a farinha de milho especialmente preparada para *restavecs*. Era cozinhada em água salgada e uma colher de chá de banha. Ela deu-nos, a mim e a Anita, um prato cheio de sobras de molho da mesa. Sentei-me no pequeno degrau num canto da cozinha enquanto Anita se agachava noutro. Comi com uma colher enquanto ela comia com os dedos e bebemos água dos nossos copos respetivos.

Enquanto trocávamos olhares malévolos, tal como os pugilistas em combate, Denis estava de pé na entrada a comer uma fatia que sobrara do bolo de casamento. Ao olhar-nos, começou a atirar-nos pedaços de cobertura dura para os nossos pratos. Por vezes, falhava, mas quando acertava no prato, sorria com prazer. Eu e Anita comemos a cobertura, temendo o que nos aconteceria caso não comêssemos.

Depois de jantar, executei as minhas tarefas normais, lavei o carro e engraxei os sapatos de todos. Anita lavou os pratos e continuou a tratar da roupa de Lise.

Eu tinha mais medo de Denis do que Florence. Quando Denis estava por perto, o meu coração parecia bater muito mais depressa.

Nas tardes de domingo, Lise preparava sobremesas especiais para Denis. Quando fazia gelado, era sempre meu dever rodar a manivela da máquina dos gelados, sentado num

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

pequeno degrau virado para os três adultos sentados confortavelmente nas suas cadeiras de baloiço por baixo da mangueira que dominava o pátio como um guarda-chuva gigante. À medida que os meus braços iam ficando cansados, trocava de mão. Uma vez, Denis inclinou-se para um lado e descuidou-se sonoramente. Enquanto se ria, atirou-me ao chão com o pé.

– Seu porquinho, não sabes dizer “desculpem-me”? – disse ele.

Florence e Lise riram às gargalhadas. Sem levantar a cabeça para evitar contacto visual, disse nervosamente “pardon” e continuei a rodar a manivela. Estabeleceu-se um precedente. Sempre que um adulto se descuidava, eu tinha a obrigação de dizer “desculpem”.

Quando o gelado estava pronto, Lise servia o seu marido, a sua sogra, a si própria e colocava o resto no congelador. Não nos dava, nem a mim nem a Anita, uma gota sequer. Nem bolo nem gelado nem outro tipo de sobremesa era desperdiçado com *restavecs* – nem, a propósito, qualquer parte suculenta de galinha ou peru. Mesmo assim, eu provava o gelado - lambia as taças antes de as lavar.

Quando anoitecia, marido, mulher e sogra instalavam-se na sala de estar a ver televisão. Eu corria para as traseiras da casa e ficava de pé em cima de um bloco de cimento a ver *I Love Lucy* através das cortinas abertas. Ainda que os episódios fossem em Inglês, eu conseguia rir.

– Anita! – chamou Lise.

Eu assustei-me.

– *Plâit-il*, Madame – respondeu ela, a correr até Lise.

– Podes ir para as traseiras para ver televisão com o Bobby – ordenou ela.

Oh, não! Eu não vou partilhar o meu bloco com uma rapariga! – pensei eu.

Anita aproximou-se de mim e tentou partilhar o meu bloco. Eu empurrei-a.

– Vai procurar um bloco de cimento para ti – sussurrei-lhe.

De repente, lembrei-me do meu amigo René. Eu estava determinado a não partilhar aquele bloco com uma rapariga de quem não gostava. Anita voltou para a cozinha e sentou-se

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

num canto a olhar para a parede vazia, à espera de que lhe dissessem quando e onde deveria colocar a sua cama.

Às onze horas, desligaram a televisão. Eu executei as minhas últimas tarefas e fiz a minha cama no chão da cozinha como era habitual. Disseram a Anita para dormir na sala de jantar. Fez a sua cama debaixo da mesa, vestiu a sua comprida camisa de noite e deitou-se na posição fetal. Um vestido antigo enrolado numa bola servia de almofada.

De manhã, enquanto recolhia a sua cama, reparei numa grande mancha molhada no colchão dela. Depois de estender o colchão no monte de rochas para secar, secou também o chão.

Parecia que todos os *restavecs* que eu conhecia molhavam a cama. Eu via os colchões castanhos molhados a secar ao sol da manhã sobre rochas, cercas e pequenos arbustos quando ia fazer recados.

Depois de alguns dias, comecei a gostar mais de Anita. Quando os adultos saíam durante longas horas à noite, trancavam as portas e davam-nos a cada um, um *penny* para comprarmos o nosso jantar. Cada um de nós comprava cinco mangas a um vendedor de rua sentado debaixo de um candeeiro de rua. Comíamos as mangas no escuro para evitar ver minhocas na fruta.

Sempre que nos encontrávamos os dois sozinhos no quintal, a face de Anita parecia menos mecânica e a expressão sombria desaparecia dos seus olhos. Apesar de não saber nem ler nem escrever o seu próprio nome, era uma boa contadora de histórias. Uma vez, contou-me a história de um casal. O marido suspeitava que a mulher era um *loup-garou* ou lobisomem. Certas noites, quando a lua estava cheia, a mulher – que era mesmo um *loup-garou* – removia a sua pele, escondia-a debaixo da cama e ia em busca de vítimas para lhes sugar o sangue. Regressava sempre antes de amanhecer. Certa noite, o marido, que fingia estar a dormir, decidiu pulverizar a pele com sal e pimenta assim que a sua mulher saiu de casa. Quando regressou, a sua pele ardia sempre que a tentava vestir novamente. Assim que o sol nasceu, o marido saltou para fora da cama e abriu todas as janelas. Incapaz de tolerar a luz solar, o *loup-garou* gritava enquanto encolhia e morreu.

– Cric⁸? – disse Anita, a sorrir como uma criança doente.

⁸ NT - Jogo infantil de adivinhas equivalente ao “qual é a coisa, qual é ela”.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Crac – respondi eu prontamente.

– Eu vou por este caminho, tu vais por outro e vamos encontrar-nos – continuou ela, com música na sua voz.

– Um cinto – respondi, tendo ouvido aquela adivinha, no mínimo, mil vezes.

– Cric? – disse ela imediatamente.

– Crac – respondi novamente.

– Uma bola num buraco – disse ela.

– A tua cabeça num chapéu – respondi.

Continuámos com o jogo até sermos interrompidos por dois brilhantes faróis e o som familiar do carro de Denis.

Encontrei um tronco de árvore de onde Anita podia ver televisão quando esta estava ligada na sala de estar. A sua saúde era frágil. Ficava frequentemente com febre e dependia sempre da generosidade da cozinheira no que dizia respeito à medicina caseira.

Lise assegurou-se de que Anita ajudava o mais possível na cozinha para que pudesse eventualmente substituir a cozinheira.

Numa tarde de sábado, Lise decidiu testar Anita. Ordenou à frágil criança que matasse e pusesse a marinar uma galinha para o jantar de domingo. O medo apoderou-se totalmente de Anita ao saber que todos os seus passos estavam a ser observados. Os gestos que correspondiam à menina pequena que era tinham desaparecido. Anita tremia como uma senhora idosa ao colocar uma panela de água no fogareiro. Armada com uma faca, agarrou desajeitadamente o não-cooperativo pássaro e cortou a corda fina que tinha atada à perna. Enquanto o animal aterrorizado lutava para se soltar, Anita largou a sua arma e controlou o seu oponente ajoelhando-se em cima das suas asas. Recuperou a faca ao mesmo tempo que segurava para trás o pescoço da ave com a mão esquerda e atingiu-lhe a cabeça depois de vários golpes. O sangue esguichou das veias do animal e manchou a blusa dela. Enquanto a ave moribunda se debatia violentamente no chão, Anita pôs-se em pé descalça e a tremer com a faca ensanguentada na mão. Fez-se silêncio. Anita levou a ave sem vida para a cozinha e colocou-a dentro da água a ferver para lhe arrancar as penas. Depenou o pássaro,

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

manteve-o sobre jornais a arder e dissecou-o segundo as indicações de Lise. Depois do frango estar marinado, colocou-a no frigorífico para o jantar de domingo.

Lise deu a Anita algumas gotas de azeite num copo.

– Limpa as vísceras e come-as ao jantar – disse ela.

Eu, que estava suficientemente perto para ouvir, mas sem ser visto por Lise, mal podia acreditar no que presenciara. Eu nunca ouvira falar de alguém que cozinhasse e comesse as entranhas de uma galinha.

– Sim, *Madame* – respondeu Anita.

– Usa uma panela antiga ou uma taça. Não uses as panelas normais – acrescentou Lise.

– Sim, *Madame* – respondeu Anita.

Ela virou as entranhas ao contrário, lavou-as e salteou-as no azeite enquanto eu observava sem querer acreditar.

– Queres um bocado? – perguntou Anita, oferecendo-me um bocado de entranhas enroladas de galinha.

Eu fiz uma careta.

– Não, obrigado – disse eu.

Anita comeu as entranhas como se já estivesse acostumada a fazê-lo.

Naquele momento, a minha aversão por Lise tornou-se óbvia, até para ela que mal me olhava. Depressa encontrei também fúria na cara de Denis sempre que os nossos olhares se cruzavam. Os olhos de Denis pareciam dizer-me “*Não gosto de ti se não gostares da minha mulher*”. Costumava dar-me pontapés e empurrar-me para o lado sempre que os nossos caminhos se cruzavam.

Num sábado à tarde, roubei gelado do congelador. Quando estava prestes a pôr a colher à boca, senti uma presença atrás de mim. O meu coração acelerou. Virei a minha cabeça e era Lise.

– Estás a gostar do meu gelado? – perguntou-me com uns olhos gelados e um sorriso cínico.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Eu fiquei à frente dela a tremer de medo. Ela foi embora e juntou-se a Florence lá fora. Eu continuava a segurar a colher cheia de gelado, sem saber o que fazer com ela.

– Bobby! – gritou Florence.

Eu abri rapidamente o congelador e coloquei lá o gelado.

– *Plâit-il, Madame* – respondi, a correr lá para fora antes que me chamasse uma segunda vez.

Pus-me à frente de Florence, ainda abalado.

– Vai calçar os teus sapatos. Vais ter de ir à loja - disse ela.

Eu suspirei de alívio! “*Ela não lhe contou*” disse a mim próprio. Olhei para Lise e ela mostrou-me o mesmo sorriso sinistro. Eu afastei-me a pensar ” *Estou livre*”. Fui à casa de banho para calçar os sapatos. Abri a minha caixa de cartão. Faltava-me um sapato. Depois de o procurar freneticamente, comecei a tremer.

– Tiraste-me um dos meus sapatos? – perguntei a Anita.

– *Non* – disse ela.

– Sou um rapaz morto. Ela vai-me matar.

Anita ajudou-me a procurar o sapato por toda a casa de banho.

Florence gritou por mim outra vez e eu calcei rapidamente um dos sapatos e corri lá para fora. Pus-me à frente de Florence, a esconder o pé descalço atrás do pé calçado. Lise baixou a *Paris-Match*⁹.

– Onde está o teu outro sapato? – perguntou ela.

Antes que lhe pudesse responder, Florence olhou para os meus pés e perguntou com raiva nos olhos:

– Onde está o outro sapato?

– Eu não consigo encontrá-lo – respondi.

Ela mandou-me ir procurar outra vez o sapato e eu procurei em todo o lado em vão.

⁹ NT - Primeira revista de atualidades francesa.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Bobby! – gritou Florence.

Eu apressei-me a sair outra vez e pus-me em frente a Florence.

– Não consigo encontrar o outro sapato – disse-lhe.

Os olhos de Lise permaneceram fixos na revista. Florence agarrou-me firmemente pelo gancho dos calções. Descalçou a sua sandália e começou a bater-me na cabeça e na cara enquanto Lise mantinha os olhos na revista. Florence parou quando o seu braço pareceu cansado e, depois disso, fiz os recados e fui para a escola descalço.

Pouco tempo depois, Anita ficou doente. Tossia constantemente. A cozinheira estava a ajudá-la a ficar melhor, dando-lhe uma variedade de chá salgado e lavando-lhe a cabeça com folhas de laranjeira cozidas e urina quente da Anita. A clínica era a um quarteirão de distância, no entanto ninguém a levou a uma consulta no médico. Numa tarde, cheguei a casa da escola e descobri que a caixa de cartão de Anita e o colchão tinham desaparecido. Eu esperei pela manhã para perguntar à cozinheira o que tinha acontecido a Anita.

– Ela não estava a melhorar. A *Madame* Denis mandou-a para casa, para a mãe – respondeu ela. Puseram Anita num táxi e nunca mais a vi.

Eu decidi nunca mais olhar para Lise. Apesar de ela nunca me castigar fisicamente, tinha mais medo dela do que de Denis e de Florence.

Num sábado à tarde, eu estava sentado no pára-choques traseiro do carro a brincar com fósforos e com um bocado de vela que Florence tinha deitado fora do seu armário de vudu.

– Estás a tentar incendiar-me o carro? – gritou Denis furioso.

– *Non* – respondi enquanto o medo me revirava o estômago.

Denis atirou-me ao chão com um estalo na cara. Voltou para dentro e saiu com uma extensão elétrica. Depois do primeiro golpe, fiz xixi por mim abaixo. A corda rasgou-me a camisa e a pele. Rapidamente fiquei todo ensanguentado. Berrei o mais alto que consegui, na esperança de que Florence interviesse, mas não o fez. Denis ficou tão transpirado que teve de tomar um banho antes de sair.

Fiquei com tantas bolhas que não me conseguia sentar confortavelmente numa cadeira e dormir de costas era ainda mais insuportável.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Denis só me chicoteou duas vezes. A segunda vez foi quando me apanhou a lavar o carro do vizinho. Eu queria obter dinheiro para comprar material que usaria para fazer um papagaio de papel. Denis ficou furioso porque o carro dele ainda não tinha sido lavado.

– Como é que te atreves a lavar o carro de outra pessoa enquanto o meu está cheio de lama? – perguntou ele.

Foi a casa buscar uma extensão elétrica. Como não a conseguiu encontrar, pediu emprestado um chicote a uma família que tinha dois *restavecs*.

– Vais levar vinte chicotadas. Cada vez que levatares as mãos, começo de novo – disse ele.

Eu permaneci firme com os braços pressionados de cada lado. Cerrei os dentes e fechei os olhos. Fazia caretas à medida que contava cada golpe que atingia as minhas costas. Depois do último golpe, caí de joelhos.

– Vai ajoelhar-te atrás da cadeira – ordenou Denis.

Levantei-me. Não verti nem uma lágrima. Ao ajoelhar-me na barra mais baixa da cadeira, encarei Florence e depois baixei a cabeça.

– Excremento, caca, filho da mãe. Não sabes quem é que te alimenta? Como é que pudeste lavar o carro de outra pessoa em vez do dele? Tenho vergonha de ti. Dei-te o meu nome e tu não o respeitas. Devia ter-te chamado Bobby Joseph - tudo menos Bobby Cadet – disse Florence.

Joseph era um nome comum no Haiti, equivalente a *Smith* ou *Jones*.

Depois de estar muito tempo ajoelhado contra a cadeira, Denis mandou-me engraxar os sapatos e lavar o carro.

– Eu não quero ver nem uma mancha de lama nele – disse ele furioso.

Foi difícil levantar-me, pois estava com as pernas dormentes.

Aproximei-me de Denis

– Por favor, desculpe. Nunca mais vou lavar o carro do vizinho - prometi a olhar para o chão.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Fui buscar os meus sapatos. Descobri debaixo da cama de Florence a extensão que Denis tinha procurado. Perguntei-me quem a teria escondido debaixo da cama. Costumava estar na mesa perto da batedeira eléctrica. Levei os sapatos lá para fora juntamente com a caixa de sapatos que continha graxa, trapos e escovas. Depois de engraxar os sapatos, levei-os para dentro. Ao pôr os sapatos de Florence debaixo da cama, reparei que a extensão já lá não estava. Alguém a tinha colocado novamente no local habitual. Suspeitei que fora cozinheira quem tentara salvar-me a pele.

VI

Lise estava grávida há cerca de seis meses do seu primeiro filho. Deixei de frequentar a escola por um tempo indeterminado. Encarar Lise já não me era tão desagradável e a mesma tinha deixado de escrutinar todos os meus passos. Ao contrário do seu marido, que me chamava “seu porquinho”, ela tratava-me sempre pelo meu nome. Tinha parado de fechar as cortinas na minha cara quando eu via televisão do quintal.

Sempre suspeitei que Lise tivera algo que ver com o desaparecimento do meu sapato. Eu continuei a guardar o solitário sapato na minha caixa na esperança de que o outro aparecesse o que nunca aconteceu.

Florence e Lise não gostavam uma da outra. Toleravam-se para agradar a Denis. Era importante para ele que a sua mulher e a sua mãe gostassem uma da outra.

Eu tinha tanto medo de Denis que fiz o esforço consciente de me manter tanto quanto possível longe da sua vista. Engraxava-lhe os sapatos mesmo quando não precisavam, preparava-lhe o banho todas as noites quando regressava a casa do trabalho e limpava o interior e o exterior do seu carro todos os dias. Denis tinha encontrado uma solução para me tornar um trabalhador mais eficiente e para corrigir o meu problema de molhar a cama ou para qualquer outro problema que ele achava que eu tinha. Sempre que Florence me menosprezava ou batia, Denis dizia:

– Deixa-me levá-lo à esquadra. Uma boa sova da polícia vai endireitá-lo de vez.

De cada vez que ele fazia esta ameaça, a imagem de um René severamente espancado vinha-me à memória. Finalmente, a ocasião pela qual Denis tanto esperava apresentou-se. Fui apanhado pela cozinheira a deitar água para o recipiente do leite para substituir a quantidade que eu tinha roubado. A cozinheira ficou furiosa e não queria ficar com as culpas do leite diluído. Eu implorei-lhe para não contar a ninguém, mas ela contou a Florence quando estavam os três sentados no quintal a beber Coca-Cola.

– *Madame*, Bobby roubou algum leite e queria substituí-lo por água – disse-lhe ela.

– Onde está o porquinho? – perguntou Denis.

– Está na cozinha, a chorar – respondeu a cozinheira.

– Trá-lo cá – ordenou Denis.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

A cozinheira foi até à cozinha.

– *Monsieur* Denis quer ver-te – disse-me ela.

Os meus intestinos revoltaram-se e corri para a casa de banho.

– Onde está o porquinho? – gritou Denis mais uma vez.

A cozinheira correu até lá fora.

– Está na casa de banho – anunciou ela.

Eu saí e fiquei cabisbaixo perante o trio.

– Já para o carro! Vou levar-te até à esquadra. Isso vai ensinar-te a nunca mais roubares.

Olhei para os olhos de Florence, a tentar dizer-lhe silenciosamente “*salva-me, por favor*”.

– Eu não te alimento, seu ladrãozeco? – gritou Florence furiosa.

Caminhei na direção do carro, a imaginar a face ensanguentada de René. Quando toquei no puxador da porta de trás do carro, Denis levantou-se.

– Vou buscar as minhas chaves – disse ele, entrando em casa.

Eu fugi o mais depressa que pude, correndo em direção à minha escola, *Ecole du Canada*. Estava a anoitecer. O recreio estava vazio. Caminhei freneticamente à volta do edifício de um único andar, tentando abrir todas as janelas até que encontrei uma aberta. Rastejei para a sala, fechei a janela e escondi-me por baixo da secretária do professor. Quando não vi mais luz a passar pelas frinchas das janelas fechadas, trepei para cima da secretária e adormeci em posição fetal.

Acordei cedo na manhã seguinte com as buzinas dos carros e camiões. Passei todo esse dia no recreio da escola e na sala de aula, a praticar divisões e multiplicações no quadro até que a fome me convenceu a parar.

Antes que anoitecesse, fui até um quintal vizinho e a empregada deu-me um prato de comida que devorei com as minhas mãos sentado num degrauzinho do alpendre. Olhei para o outro lado da rua para ver se o carro de Denis estava à frente da entrada. O quintal parecia deserto.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

– Penso que a *Madame Denis* foi para o hospital para ter o bebé – disse a empregada do vizinho.

Enquanto caminhava até casa, olhei para as persianas. Não havia luz em sítio algum da casa. Aquela noite estava escura e abafada e o céu parecia nu. Fiquei debaixo da mangueira e reparei que as cadeiras de baloiço tinham sido postas no interior da casa. Apoiei-me contra a árvore, a recitar o *Pai Nosso* como tinha aprendido na catequese, durante a preparação para a *Primeira Comunhão*. Sempre que as luzes de um carro irrompiam pela escuridão espessa, o meu coração explodia. Passado pouco tempo, um carro chegou. Fiquei gelado perante os faróis de luz encandeante. O carro parou, mas as luzes continuaram ligadas, o motor ainda a trabalhar. Passado um bocado, o motor ficou silencioso e os faróis de luz desapareceram. Eu fiquei desorientado e petrificado.

Denis e Florence saíram do carro. O som das chaves dele quebrou o silêncio.

– Bobby, seu filho da mãe, tira a mala do carro – disse Florence.

Sem dizer uma palavra, apressei-me até ao carro e retirei do assento de trás uma grande mala com comida. Segui os dois adultos até o interior e coloquei a mala na mesa da cozinha enquanto observava Denis e Florence pelo canto do olho.

– Tens aí teu jantar – disse Florence, a apontar para o prato de comida no fogão a lenha.

Quando me sentei no degrau para comer, Florence saiu do quarto.

– Quando acabares, limpa os potes e põe-nos nos quartos – disse ela calmamente.

– *Oui* - disse eu, a observar o meu prato com milho coberto de molho de feijão vermelho.

“*Deve ser uma armadilha. Se calhar a polícia já aí vem para me vir buscar*” – disse a mim mesmo.

Depois de comer uma porção de comida, lavei os potes. Bati à porta de Denis.

– Entra – disse ele calmamente.

Sentia-me desorientado pelo medo. Girei a maçaneta devagar e entrei. Denis estava na cama. Os nossos olhos encontraram-se. Não me disse nada, mas a sua cara estava cheia de fúria. Eu coloquei o pote ao lado da cama dele, saí e fechei a porta atrás de mim. Depois, bati à porta de Florence.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Entra – disse ela.

Entrei. Também estava na cama, mas parecia relaxada. Eu coloquei o pote ao lado da cama, saí e fechei a porta atrás de mim.

“Se calhar, estão à espera que eu adormeça para me baterem”.

Olhei para o relógio na sala de estar. Eram dez e meia. Arranjei os meus trapos de dormir no sítio do costume e deitei-me. Resisti ao sono tanto quanto pude, a pensar que ia ser chicoteado com uma extensão elétrica. Acordei cedo na manhã seguinte com os trapos molhados por baixo das minhas costas. A cozinheira veio trabalhar.

– Menino, para onde foste? – perguntou-me ela.

Eu olhei-a, dando-lhe a entender que me deixasse sozinho e não falasse comigo.

Antes de a semana terminar, Lise voltou do hospital com uma menina pequenina. Ouvi dizer que o seu nome era Emilie. Ao longo do dia, várias pessoas vieram visitá-las, trazendo-lhes presentes. Eu estava curioso em relação à bebé. No entanto, a tarde já ia a meio e eu ainda estava à espera de ser convidado para ver Emilie, no quarto de Lise. Mantive-me longe da vista de todos o mais que pude, ansiando que se esquecessem da minha escapadela.

– Bobby! – gritou Florence.

Fiquei em suspenso. O meu coração parecia ter-se esquecido de um batimento antes de saltar para a minha garganta. Ela entregou-me um saco de papel castanho.

– Vai tomar um banho e veste isto – disse ela.

– *Oui*, obrigado – disse eu, sem verificar o conteúdo do saco.

Eu sabia que eram roupas novas, porque ela esperava sempre que a roupa que eu tinha vestida se transformasse em trapos antes de me dar roupas novas.

Levei o saco até à casa de banho e tirei de lá dois pares de calções caqui e duas camisas. Depois de ter tomado banho, tirei da minha caixa uma velha saia que me tinha sido dada para usar como toalha. Denis tinha insistido que as toalhas de banho antigas fossem para limpar o carro dele para evitar marcas de arranhões. Eu vesti-me e apareci em frente a Florence.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Estas roupas com que estás vestido não são tuas. Estou a emprestar-tas. Sempre que te aproximares da bebé, tens de vestir roupas lavadas – disse-me ela.

– *Oui* – respondi.

– Podes ir ver a bebé. Bate à porta antes de entrares – disse Florence.

Eu voltei para dentro. A porta do quarto de Lise estava entreaberta. Antes que eu tivesse batido, Lise disse-me para entrar, como se estivesse à minha espera. Entrei hesitante. Lise cumprimentou-me com um sorriso que parecia genuíno. A recém-nascida de pele escura estava a dormir pacificamente ao lado dela.

– Vieste ver Emilie. Aproxima-te mais – disse ela.

Eu inclinei-me sobre a cama e sorri para a bebé adormecida. Dei-me conta de que não tinha uma prenda para ela, então ausentei-me durante um momento, pedindo desculpa, e regresssei com o meu bem mais precioso - um carrinho de brincar que fiz a partir de uma caixa vazia de sabão em pó e coloquei-o ao lado de Emilie. Lise sorriu mais uma vez. A maternidade obrigara-a a ver-me temporariamente como um ser humano.

– Porque não tomas conta do carrinho por ela? Agora, ainda é muito pequenina para o poder apreciar.

Eu saí com o brinquedo e coloquei-o de novo na minha caixa de cartão.

As minhas novas tarefas de ferver biberões de bebé, lavar fraldas, alimentar e tomar conta da bebé mantiveram-me longe da escola. A minha relação com Emilie era simbiótica. Eu era como uma segunda mãe para ela, enquanto ela me protegia a pele. Desde que me mantivesse perto dela, não me aconteceria qualquer dano físico.

Em breve, a preparação para o batismo de Emilie estava em curso. Lise queria que o padrinho fosse alguém influente, o que era a sua forma de assegurar desde cedo vantagens sociais no futuro da sua filha. Denis escolheu a sua mãe como madrinha. Preparou-se um peru e convidaram-se várias pessoas. A presença de Emilie alterou toda a atmosfera da casa. Era a prioridade de toda a gente. Lise insistiu que se falasse francês correto em vez de crioulo na presença de Emilie. Corrigia a minha gramática sempre que eu fazia um erro e encorajava-me a cantar músicas francesas à sua princesinha.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Lise preparou uma grande festa com jantar. A Coca-Cola foi-nos entregue antes do tempo. O padrinho de Emilie, um mulato alto e bem vestido, chegou com a sua máquina fotográfica. Outra convidada, uma mulher de pele escura, entregou-me um cãozinho castanho.

– É para Emilie. Dá-lhe um pouco de leite, pode ser? – pediu ela.

Eu deitei algumas sobras das papas *Similac*¹⁰ de Emilie que estavam no biberão para um prato para o cão e guardei outras para mim. Denis, Lise e Florence pareciam prestar mais atenção ao mulato do que a qualquer outro convidado. Era sempre o primeiro a ser servido e, na sua presença, falava-se sempre francês em vez de crioulo. Ele era o centro das atenções. Quando o jantar terminou, foi posta uma mesa grande no quintal, com gelado, bolo e *crémase*, um licor de coco caseiro. Lise tirou-me Emilie.

– Vai comer e volta depressa cá para fora – disse ela.

A cozinheira deu-me um prato de sobras e partilhou comigo a Coca-Cola que sobrava das poucas garrafas abertas.

Depois de comer, sentei-me num colchão grande, longe dos convidados, a alimentar a bebé. O cãozinho estava ao meu lado. O padrinho aproximou-se do colchão com a sua máquina fotográfica. Quando estava prestes a tirar algumas fotografias, Denis disse:

– Não desperdice rolo com ele – tirando a sua filha dos meus braços e afastando-me.

Depois de o mulato ter tirado algumas fotografias a Emilie nos braços de Denis com o cão em plano secundário, Denis devolveu-me a bebé e eu retomei o meu papel maternal.

¹⁰ NT - Marca de comida de bebé.

VII

O Natal estava a chegar. A música *Petit Papa Noël*¹¹ ouvia-se por todo o lado através da rádio. O ar estava adocicado com o aroma de compotas caseiras; os perus cirandavam nos quintais dos ricos, enquanto não eram sacrificados para as ceias de Natal e de Ano Novo; as vendedoras de rua com roupas coloridas pareciam apregoar as suas mercadorias mais alto do que o normal, balançando nas suas cabeças os cestos enormes.

Eu tinha deixado de desejar aquelas botas de *cowboy* que sempre quis porque Florence me dizia o mesmo todos os anos:

– O *Tonton Noël* nunca traz prendas a pessoas que fazem xixi na cama.

Todavia, com seis anos, eu já sabia que o *Tonton Noël* não gostava de *restavec*s.

Na manhã de Natal, vários presentes esperavam por Emilie na sala de estar.

– Como é que ela recebe estes presentes todos? Molha as fraldas constantemente... – pensei eu.

Eu culpava o meu pénis pelo meu problema de molhar a cama. Pensei em cortá-lo para ver se parava. Tive uma faca nas minhas mãos bastantes vezes, mas nunca consegui arranjar a coragem para levar a cabo a tarefa. Amarrei-o com uma corda numa véspera de Natal, mas acordei antes do sol nascer com dores de barriga muito fortes. Depois, comecei a medir a quantidade de água que bebia durante o dia e a quantidade que era expelida. Tinha duas taças iguais. Uma estava guardada na cozinha e outra escondida num arbusto ao lado da casa. Bebia por uma e fazia xixi noutra. Eu pensava que se urinasse a mesma quantidade que tinha bebido durante o dia, não molharia os meus trapos. Nunca percebi porque é que a minha experiência nunca funcionou e tinha demasiada vergonha para falar sobre ela com a cozinheira.

No primeiro dia do ano, crianças pobres e vendedores de rua conhecidos vinham até ao quintal pedir por *étrenne*, um presente de Ano Novo. Normalmente recebiam alguns cêntimos. No dia de Natal e de Ano Novo, eu e a cozinheira comíamos arroz e feijões com molho que sobrava da mesa, em vez da usual comida de milho, e partilhávamos uma garrafa de Coca-Cola.

¹¹ NT - canção popular francesa relativa o Natal.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Antes do pôr-do-sol desse agradável dia 1 de Janeiro, quando Emilie era bebê, vesti as minhas roupas limpas e segui a cozinheira até um grande campo ao ar livre perto do parque *Champ-de-Mars* para ver a subida ao gorduroso poste de telefone, *masuiffé*. As pessoas diziam que a polícia do *Estado* colocava cem *gourdes* (1,78 euros) e uma salsicha mesmo no topo do poste. Milhares de espectadores reuniam-se à volta do poste para testemunhar este importante evento. Várias pessoas que subiam levavam consigo pequenos sacos de pôr ao ombro, chamados *macoutes*, cheios de sujidade para atirar para o poste, de modo a reduzir a textura escorregadia e criar tração.

Um homem correu até ao poste e subiu o mais depressa que conseguiu enquanto outro servia de suporte ao anterior com a sua cabeça. Enquanto cobriam o poste com sujidade, seguiram mais dois homens. Quando os quatro chegaram a metade da distância, envolveram o poste com os braços e pernas, sentando-se na cabeça uns dos outros, para recuperar o fôlego. Quando o primeiro homem retomou a subida, perdeu a tração e escorregou para cima dos seus companheiros, provocando um riso incontrolável no público. O processo repetia-se, transformando o poste num totem vivo até que um homem atingisse o cobiçado prémio.

Terminado o evento, o presidente vitalício François Duvalier aparecia num carro preto comprido e atirava ao ar mãos cheias de moedas novas que continham a sua imagem, pondo a multidão num frenesim. As pessoas apanhavam o dinheiro e corriam atrás do veículo, a gritar *Vive Duvalier! Vive Duvalier!*, deixando para trás os que eram espezinhados até à morte.

Enquanto esperávamos perto do parque que a multidão dispersasse, a cozinheira perguntou:

– Viste os *Kamokins*¹² mortos na berma da estrada perto do aeroporto?

– Não, não os fui ver – respondi eu.

Estava a referir-se a cinco pessoas suspeitas de serem comunistas.

– Foram mortos a tiro pelos *Tontons Macoutes* (polícia secreta) e os corpos foram deixados perto do aeroporto para que todos os vissem. Devias tê-los visto. Eles incharam, sorrindo ao sol como cães mortos – disse ela.

¹² NT - Rebeldes.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Lembrei-me de um cão preto que tinha sido atropelado por um carro e deixado morto no meio da rua.

– Os corpos ainda lá estão? – perguntei eu, a pensar numa mulher morta que tinha visto enforcada numa árvore atrás da *Ecole du Canada* cujo corpo os alunos descobriram durante o recreio da tarde.

– Não. Já foram retirados porque o cheiro era insuportável. Menino, nunca digas a ninguém que não gostas do Duvalier – disse ela enquanto caminhávamos para casa.

Eu já sabia que a forma mais eficaz de cometer suicídio era ir para o meio da rua e gritar *A bas Duvalier!*¹³

Enquanto continuava a seguir a cozinheira, recordei aquela vez em que ela regressou do mercado a tremer como se tivesse visto um fantasma. Fez para si própria um pouco de chá salgado para acalmar os nervos e foi visitar a cozinheira da casa vizinha. As duas estavam sempre a falar sobre os Kennedy quando eram pagas ao final do mês.

– Não vais acreditar no que se passou no *tap-tap* (pequeno autocarro) enquanto regressava do mercado – começou ela.

– Podes sentar-te. Não está ninguém em casa – disse a cozinheira vizinha.

Enquanto as duas mulheres estavam sentadas no alpendre da frente, eu pus-me de cócoras ao lado delas para ouvir o que tanto tinha assustado a minha cozinheira adulta.

– O condutor do *tap-tap* passou por cima de um buraco, salpicando lama um carro preto com chapas de matrícula oficiais. Quando se apercebeu do que fez, parou para pedir desculpa. Quando estava a limpar o carro com o seu lenço, o *Tonton Macoute* puxou do revólver e deu-lhe um tiro na cabeça. Ele caiu como um saco de carvão. Toda a gente saiu e fugiu, temendo pelas suas vidas – disse ela, ainda a tremer.

Passado um longo bocado, um táxi trouxe a senhora da casa e todos regressaram ao trabalho.

Um dia, descobri que Denis não tinha vindo para casa e que o carro não estava lá para ser lavado. Lise e Florence estavam a jantar sem ele – algo que nunca tinham feito antes.

¹³ NT - A baixo Duvalier, em francês.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Onde está o *Monsieur* Denis? – interrompi a cozinheira que estava a falar com a empregada da casa ao lado sobre alguém conhecido que vestia um Kennedy.

– Ela anda naquele vestido como se fosse novo. Aposto contigo que é um Kennedy verdadeiro – disse ela, enquanto eu esperava pacientemente pela minha resposta.

– Foi à *l'étranger* (para o estrangeiro) – disse ela.

À l'étranger normalmente significava ir para Nova Iorque, a Paris ou a Montreal.

Suspirei de alívio porque Denis era o único da casa que queria levar-me até à esquadra da polícia para me espancarem.

– Espero que fique lá para sempre – sussurrei para mim próprio.

A meio de uma tarde, enquanto limpava o quintal, aprendi que Kennedy era, na realidade, uma pessoa em vez de mais um nome de artigos de roupa em segunda mão que vinham dos Estados Unidos. Um vizinho saiu e disse:

– Acabaram de anunciar na rádio que o Presidente Kennedy foi assassinado.

Depois todos continuaram o que estavam a fazer como se nada se tivesse passado.

Denis encontrou um emprego em Nova Iorque e estava a fazer preparativos para a família se mudar. O seu segundo filho, um rapazinho, estava prestes a nascer.

Os homens tinham começado a vir outra vez para ver Florence. Lise não estava nada satisfeita com a situação e notava-se uma tensão crescente entre ambas. Evitavam-se o mais possível. Lise levava as crianças para passar tempo com a mãe dela até que acabou por sair de casa de Florence. Voltei a frequentar a escola, mas fiquei no quinto ano devido a excesso de faltas.

Florence tinha dois amantes – um estudante de medicina chamado Paul, que parecia ser muito mais novo que Denis, e um senhor mais velho, Roland, um oficial do governo que tinha idade suficiente para ser o pai de Denis. O seu cabelo era escuro e caminhava como se carregasse um fardo pesado sobre os ombros. O velho Roland pagava a Florence pelo seu tempo, normalmente uma hora, duas vezes por semana, em dias específicos. Paul, alto e pesado, recebia dinheiro de Florence pelo seu tempo. Ela estava muito apaixonada por

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Paul, esperando casar com ele para se tornar *Madame Docteur*.¹⁴ Ela costumava preparar jantares especiais de cada vez que ele vinha e fazia a cama de lavado com lençóis de linho. De todos os homens que visitavam Florence, Paul era o único que me reconhecia. Chegava mesmo a dar-me alguns cêntimos, às vezes. Eu admirava-o por essa sua atenção e por me salvar de algumas tarefas.

Num final de tarde, Paul veio a nossa casa, enquanto Florence estava na casa do vizinho. Ele trouxe uma bola de futebol de plástico e deu-ma. Nunca fiquei tão contente em toda a minha vida. O meu primeiro presente importante! Para mim, Paul era, ao mesmo tempo, o Super-Homem e o Batman, os dois super-heróis que me faziam rir sempre que os via na televisão, a partir do quintal da casa.

– Eu gostava que me disseses uma coisa – disse Paul.

– O que queres saber? – perguntei.

– Florence leva outros homens para o quarto dela? – perguntou-me ele.

Eu pensei na pergunta por um momento.

– *Non* – disse eu.

Paul tirou-me a bola das mãos.

– Eu prometo que não lhe digo nada, se me disseres a verdade – disse ele, devolvendo-me a bola.

– *Oui* – sussurrei.

– Quantos? – perguntou ele.

– Um.

– Quando é que ele esteve cá? – perguntou-me.

– Domingo à noite – respondi.

– Ele dá-lhe dinheiro?

– *Oui* – respondi mais uma vez.

¹⁴ NT - Mulher de um médico.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

– Lindo menino – disse ele, dando-me umas pancadinhas na cabeça.

– Vem comigo – disse ele, levando-me até ao quarto de Florence.

Paul despiu-se totalmente e começou a masturbar-se. Envergonhado, virei a cara para evitar vê-lo.

– Olha, vê isto. Eu vou pôr isto tudo dentro de Florence – disse-me ele.

De repente, passei a não gostar tanto dele. Deixou de ser o meu herói.

– Bobby! – gritou Florence no quintal. Eu corri para fora do quarto com a bola antes que chamasse por mim uma segunda vez.

– Onde está *Monsieur* Paul? – perguntou ela.

– Está na cama.

– Foi ele que te deu a bola?

– *Oui*.

Florence foi para dentro para o ver. Levou comida e uma garrafa de Coca-Cola para o quarto dela. Depois de Paul ter ido embora, Florence chamou-me ao quarto. Estava sentada na cama, com o seu quimono vestido e parecia perturbada.

– O que disseste a *Monsieur* Paul? – perguntou ela.

– Eu não lhe disse nada.

Ela segurou-me pela braguilha e apertou o meu pénis com o dedo indicador e o polegar.

– O que disseste a *Monsieur* Paul? – repetiu ela, apertando com mais força.

– Ele perguntou-me se outros homens vinham cá às vezes e eu disse *oui* – respondi com as lágrimas a rolar pela cara abaixo.

– Nunca mais lhe digas nada, estás a ouvir? – gritou ela enquanto continuava a beliscar e a puxar.

– *Oui* – respondi.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

– Vai para o inferno, seu excremento de caca, seu paneleirote – berrou ela, enquanto me dava estalos por toda a cara com a outra mão.

Quando Paul voltou da vez seguinte, fingi que não o vi.

– *Bonjour*, Bobby – disse ele, a sorrir.

Como Florence estava a ouvir, disse *bonjour* sem olhar para ele. Foram os dois para o quarto.

O velho Roland parou de visitar Florence, enquanto Paul aparecia para almoçar e jantar. Depois de cada refeição, eles esgueiravam-se para o quarto. Quando ele não podia ir almoçar, Florence preparava-lhe um cesto de piquenique completo, com sumo de frutas e mandava-me entregá-lo em casa da mãe de Paul, juntamente com um pequeno envelope castanho com dinheiro.

A mãe de Paul, *Madame Duval*, era a senhora idosa mais gorda que eu alguma vez tinha visto. Ela fazia lembrar-me um pião gigante. A parte de cima era desproporcionalmente pequena em relação às descomunais ancas. Ela nunca saía da cadeira a não ser que fosse estritamente necessário e, quando o fazia, tinha sempre a ajuda de uma bengala. Dava um passinho de cada vez e tinha sempre a perna esquerda envolta em gaze. Uma vez ouvi Florence dizer à amiga Claudette que a perna de *Madame Duval* nunca sararia porque um *bâca*, ou um espírito mau, vivia naquela perna.

Madame Duval tinha um rapaz *restavec* que se chamava Jean. Era tão magro como um esqueleto e tinha a cara cheia de cicatrizes. Eu nunca tinha tido a oportunidade de falar com ele porque ele estava constantemente ao lado da sua *dona*. Não podia falar a não ser que falassem com ele, assim como eu.

Um dia, Paul era suposto vir almoçar a nossa casa, mas não veio. Florence ficou aborrecida e deu-me uma morada com a direção de uma casa num outro bairro.

– Vai até à rua desta casa e vê se o carro de *Monsieur Paul* está lá estacionado.

Eu segui as instruções e encontrei a casa. O carro de Paulo estava, de facto, estacionado na rua. Eu regresssei e dei as notícias a Florence.

– O carro dele está lá – disse-lhe eu.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Ela ficou enraivecida. Mais tarde, Paul apareceu e tentou abraçar uma Florence que não reagia. Sempre que ele tentava, Florence afastava-se. Depois do jantar, eles foram para o quarto. Passado um bocado, saíram ambos, sorrindo um para o outro. Sempre que Paul estava atrasado, Florence mandava-me descobrir se o carro estava estacionado no mesmo local. A maior parte das vezes estava.

– Aquela grande pega quer tirar-me o doutor – dizia Florence com olhos flamejantes. Paul tirou-lhe o máximo de dinheiro que conseguiu e foi para Paris acabar o curso de medicina.

– Nós vamos casar quando eu regressar – disse-lhe ele uma vez.

O sonho de Florence de casar com um médico nunca se realizou. Ela tornou-se amarga e descarregava as suas frustrações em mim sempre que tinha oportunidade.

Florence vendeu a casa e alugou um apartamento num prédio noutra cidade. Começou então os preparativos para emigrar para os Estados Unidos. Eu ia à escola ocasionalmente, apenas durante o turno da manhã. Fui colocado novamente no quinto ano. Durante as tardes, ia buscar água para abastecer dois reservatórios enormes, cheios para as necessidades da casa, porque neste novo bairro a água não chegava regularmente. Andar com baldes de água pesados na cabeça fez com que o meu cabelo ficasse mais fino no topo. As outras crianças chamavam-me *restavec tête chauve* (*restavec careca*).

Numa sexta-feira de manhã, Florence mandou-me ir à peixaria *Fruits de Mer*, com um dólar para comprar percas. Ela queria preparar uma refeição especial a Lise, que já tinha viagem marcada. Era a sua maneira de compor as coisas com Lise, sabendo que, em breve, estaria a viver em Nova Iorque, em casa de Lise. Quando cheguei à loja, reparei que o meu bolso tinha um buraco e que o dinheiro desaparecera. O dono da loja reconheceu-me visto que eu costumava lá ir todas as sextas-feiras.

– Senhor, eu perdi o dinheiro. Por favor, dê-me o peixe – implorei eu.

– Sem dinheiro, não há peixe – respondeu-me.

– Mas, senhor, se eu regressar sem o peixe, vão matar-me. Tem de me dar o peixe – implorei mais uma vez.

– Sai da minha loja antes que eu te expulse. Acho que gastaste o dinheiro em guloseimas – respondeu o dono.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Eu comecei a chorar. Caí de joelhos, implorando ao dono.

– Por favor, dê-me o peixe, pelo amor de Deus.

O dono deu a volta ao balcão, agarrou-me pela parte de trás dos meus calções e expulsou-me como um gatinho indesejado. A caminho de casa, parei ao pé de um muro onde homens paravam sempre para urinar. Uma brisa calma trouxe o fedor intenso até à minha cara. Quatro homens aproximaram-se do muro para se aliviarem. Eu esperei que terminassem. Implorei por dinheiro a cada um deles, explicando que tinha um buraco no meu bolso e que o meu *adulto* me ia matar.

– *S'il vous plaît* (por favor), *monsieur*, *s'il vous plaît* – choraminguei eu. Eles ignoraram-me e continuaram o seu caminho. Eu caminhei para casa muito lentamente com o coração palpitante, desejando nunca lá chegar.

Junto ao portão, olhei para o alpendre da frente e vi Florence na sua cadeira de baloiço, os olhos cheios de fúria.

– Porque é que demoraste tanto tempo e onde está o peixe? – perguntou ela.

– Eu perdi o dinheiro – respondi eu, a chorar e a tremer. Florence agarrou-me pela orelha e levou-me até às traseiras do alpendre.

– Põe-te de joelhos! – gritou ela, pegando no cabo da vassoura.

Ela deu-me pontapés até eu estar no chão. Manteve o pé na minha garganta, enquanto me espancava. Eu não conseguia respirar. Parecia que alguém estava a desligar a luz do dia lentamente e tudo o que fazia barulho. Lise observava Florence a bater-me. O meu corpo ficou adormecido e deixei de sentir qualquer dor. Um vizinho apareceu. Ao aperceber-se que eu não me mexia, apressou-se e empurrou Florence.

– Estás a matá-lo! – gritou ele.

– Ele roubou o meu dólar, esse ladrãozeco – gritou ela.

Por alguns momentos, flutuei no ar, vendo o homem a levantar-me lentamente pelo bocado de corda que servia de cinto e insulou ar nos meus pulmões. Pouco depois, sentei-me. Ele levou-me para o seu apartamento e fez-me descansar no sofá. A mãe dele deu-me a beber uma taça de água salgada.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

– Pobre criança, onde está a tua *Maman*? – perguntou a mulher de cabelo acinzentado, cuidando dos meus ferimentos com um trapo frio.

– Eu não tenho *maman* – respondi a fazer uma careta.

A substância no trapo ardia-me. Olhei para o espelho da parede. A minha cara estava desfigurada e vermelha. A imagem de René veio-me à mente, embora a cara dele tivesse estado pior. Todos os movimentos, todas as tosses e espirros eram dolorosos. A mulher levou-me pela mão e encaminhou-me para o exterior. Florence estava na sua cadeira de baloiço, embalando-se lentamente, para frente e para trás. Nunca a tinha visto tão zangada.

– Não tenham pena dele! É um pequeno ladrãozeco. Não há muito tempo atrás, roubou leite e tentou substituí-lo por água. É um vigarista que pode comprar-te e vender-te – disse Florence.

– Creio que já aprendeu a lição – respondeu a mulher idosa.

– É um vendedor de leite; vai fazê-lo outra vez – disse Florence.

– Põe-te de joelhos e pede perdão – disse a senhora idosa.

Eu dobrei-me lentamente e caí de joelhos. Com os braços cruzados e a cabeça pendendo, disse:

– Desculpe! Nunca mais vou perder dinheiro.

– Vai embora. Não vais comer hoje – disse Florence.

A cozinheira foi à peixaria. O jantar atrasou-se e nada me deram para comer. Mais tarde, as portas foram trancadas. Florence e Lise foram juntas num táxi. Eu sentei-me no quintal.

O vizinho chamou-me até à sua cozinha e deu-me um prato de comida. Depois aqueceu um óleo escuro, espesso e malcheiroso e massajou o meu peito e as minhas costas magoadas. Nessa noite, dormi no alpendre de trás.

Passado algum tempo, Lise partiu para se juntar a Denis em Nova Iorque e deixou os filhos ao cuidado da mãe. Florence iria acompanhá-la até Nova Iorque assim que os papéis de viagem dela estivessem em ordem. Denis mandava dinheiro à sogra para tratar dos filhos, mas nenhum à sua própria mãe. Florence estava a ficar desesperada. Perdia o dinheiro a

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

jogar na lotaria. Despediu a cozinheira. A cozinheira do vizinho ia ao mercado para ela e Florence fazia a sua própria comida, provavelmente pela primeira vez.

Numa noite, Florence decidiu fazer sopa de cabeça de cabra. Eu passei-lhe a concha da sopa que me tinha pedido e ela partiu-a na minha cabeça porque estava suja. Eu senti um líquido quente a escorrer pelo meu pescoço abaixo. Pensei que era suor, mas quando limpei e olhei para a minha mão, vi sangue. O mesmo vizinho, que tinha cuidado de mim anteriormente, parou a hemorragia, esmagando algumas folhas verdes num pequeno almofariz e amarrando-as à minha ferida.

Max, um antigo amigo de Florence, veio visitá-la com um homem branco muito baixo, num final de tarde. Eles sentaram-se no alpendre por algum bocado e Max foi embora, deixando o seu companheiro para trás. Florence foi para a sala de estar com o estranho branco. A cabeça dele estava um pouco abaixo do ombro dela. A pensar que eles iam ver televisão para a sala, fui para as traseiras. Depois de subir para o bloco de cimento para olhar lá para dentro, vi o estranho sentado no sofá enquanto Florence estava de joelhos, com a cabeça enterrada no colo dele. Os olhos dele estavam fechados e a boca aberta. Ao pressentir que não deveria estar a ver o que quer que estivesse a acontecer, descii lentamente do bloco e fui para dentro pela porta das traseiras. Sentei-me na cozinha, a tentar memorizar as páginas que tinha copiado de um livro de um amigo da escola, cedo naquele dia.

– Bobby! – gritou Florence.

– *Plâit-il* – respondi eu, apressando-me antes que me chamasse a segunda vez.

– Vai à sala e limpa a mancha molhada do chão – disse ela.

– Sim - disse eu, apressando-me a pegar num trapo.

Porque é que eles cuspiram para o chão? – perguntei-me a mim mesmo enquanto limpava o chão.

O estranho e diminuto branco tinha acabado de ir embora.

Max visitou-nos frequentemente com homens que nunca tinham vindo antes. Cada visita era igual à anterior. Max nunca ficava mais de cinco minutos e deixava sempre os companheiros para trás.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Florence ficou muito doente por esta altura e manteve-me longe da escola. Ela deixou de ir à igreja de manhã. Às vezes, passava dias inteiros na cama. Dava-me instruções para cozinhar e fazer chá. Eu ficava constantemente ao lado da cama dela, aplicando-lhe compressas na testa e limpando-lhe a cara.

Um dia, ela olhou para mim e disse gentilmente:

– O que faria eu sem ti?

As suas palavras aqueceram-me o coração e fizeram-me sentir desejado pela primeira vez na minha vida. Senti orgulho de mim mesmo. Ela pegou na minha mão e segurou-a contra a sua testa ao mesmo tempo que lágrimas deslizavam pela sua cara castanha e sedosa. Eu fiquei assustado. Nunca a tinha visto a chorar. Os meus lábios começaram a tremer de emoção, enquanto lágrimas se formavam e caíam pela minha cara abaixo. Pensei que Florence estava a morrer e perguntei-me “*Para onde vou eu?*”. Preparei os meus trapos no chão ao lado da cama dela, olhando por ela sempre que podia.

Na manhã seguinte, a sua condição tinha piorado. Eu senti-lhe a testa. Estava com muita febre e os olhos continuavam fechados. Salteei uma pequena cebola verde e tomate em azeite e fiz sopa com pão seco. Ela não comia. Eu estava preocupado. Corri como um relâmpago até ao nosso bairro anterior e fui à clínica. Entrei no consultório e pedi ajuda.

– A minha *Maman* está muito doente. Está a morrer! – gritei com lágrimas nos olhos.

Um médico reconheceu-me. Era um velho amigo que tinha ido ao casamento de Denis e ao batismo de Emilie.

– Quem é a tua *Maman*? – perguntou-me ele.

– *Madame Cadet*.

– És o rapazinho que tem ficado com ela?

– *Oui*. Agora vivemos noutra bairro – respondi com os nervos em franja.

– Vamos! – disse ele, pegando na sua mala de couro preta.

Fui no banco da frente do carro e dei-lhe a morada. O doutor examinou Florence e deu-lhe uma vacina. Depois de algumas visitas, ela voltou a ir à igreja. Tudo parecia normal.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Depois Florence recebeu um aviso de despejo por não pagar a renda. O senhorio queria-a fora de casa imediatamente. Ela vendeu a mobília, peça por peça. Estava convencida de que a sua doença assim como os seus problemas financeiros eram obra de um *wanga*, um tipo de feitiço de magia negra que o amante muito mais novo Paul lhe tinha lançado. Recomeçou a louvar os seus espíritos novamente, mas a ideia de vingança estava sempre presente. Estava sempre a fazer misturas esquisitas, a pô-las em sacos de papel castanho e a mandar-me pô-los na entrada da casa da antiga amante de Paul durante as horas de escuridão. Como eu tinha sempre medo de ser apanhado, simplesmente atirava os sacos para a pilha de lixo mais próxima que encontrava.

– Fizeste o que te disse? – perguntava-me sempre que chegava.

– *Oui* – respondia eu.

VIII

Yvette, uma velha amiga, veio visitar-nos e convidou Florence para ir viver com ela. Morava numa casa de dois andares, com varanda e aposentos separados para criados. Os quartos e casas de banho da família eram no segundo andar; a sala de estar, a sala de jantar e a cozinha ficavam no primeiro andar. A princípio, a ideia agradou-me, pois havia sempre comida em abundância.

Yvette tinha duas filhas - Jeanne tinha quinze anos e Anne-Marie trinta e seis. Esta era casada e tinha três filhas e um filho da minha idade. Nessa altura, estava grávida do quinto filho. O seu marido, Jacques Villard, um mulato alto, trabalhava para o governo haitiano.

A filha mais velha de Anne-Marie, Catrine, de dezasseis anos, partilhava o quarto com a sua tia Jeanne. Véronique, de seis anos, partilhava o quarto com a sua irmã de nove anos, Cécile, e Olivier, de catorze anos, tinha um quarto só para si.

Florence partilhava o quarto com Yvette. Eram tão compatíveis como gémeas. Veneravam os mesmos *loas*, partilhavam as roupas que tinham e apreciavam o mesmo tipo de comidas. Yvette era alta e majestosa como Florence, mas tinha uma tez mais escura. Vestiam roupas justas e pareciam balançar intencionalmente as suas ancas quando caminhavam.

Sophie, a governanta da casa, fazia a supervisão da lavadeira e da cozinheira. Controlava todas as atividades da casa e era uma segunda mãe para as crianças, mas sem ter o poder de as disciplinar.

Na mesma noite em que Florence se mudou, Yvette disse-me que me apresentasse a Sophie para que esta me indicasse as minhas funções. Eu apresentei-me com a minha caixa de cartão e os meus trapos.

- Tu vais dormir nesta sala – disse-me ela, a apontar para o quarto da empregada.

Era um compartimento pequeno e sem janelas, com chão de cimento, onde cabia apenas um pequeno beliche. Depois os meus haveres no chão.

- Vou acordar-te às cinco e meia todas as manhãs. O teu trabalho é lavar o carro do *Monsieur Villard* antes de ele ir trabalhar, lavar o alpendre, limpar o quintal, encher as banheiras para as crianças e verificar se os depósitos da casa de banho estão cheios, porque a pressão da água, às vezes, é demasiado fraca para chegar ao andar de cima – explicou Sophie.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Onde está o jardineiro? – perguntei eu.

- Contigo aqui, já não precisamos dele. O que é que pensavas? – perguntou Sophie.

- A minha escola começa às nove horas – disse eu.

- Esquece a escola! Vais deixar de ir. E põe-te no teu lugar. Usa *Monsieur* ou *Mademoiselle* antes dos nomes das crianças e não comas na sala de jantar – disse Sophie.

Senti-me desencorajado pela notícia de não poder ir mais à escola e sabia que seria inútil pedir a intervenção de Florence.

Olivier tinha acabado os trabalhos de casa. Ele queria mostrar-me as suas coleções de banda desenhada, selos e berlindes.

- O meu nome é Olivier. Como é que te chamas? – perguntou ele.

Antes que eu pudesse responder, Sophie interrompeu.

- Para ti, o nome é *Monsieur* Olivier. És um *restavec*. Põe-te no teu lugar.

- Não te preocupes com Sophie. Não deixes que ela te assuste – disse Olivier.

- O meu nome é Bobby – disse-lhe.

- Vamos para o meu quarto – disse Olivier, com entusiasmo.

Eu olhei para Sophie e segui Olivier pelas escadas acima, até ao seu quarto.

- Eu quero que tu durmas no meu quarto – disse Olivier.

Eu sorri, descrente.

- Não posso. É suposto dormir no quarto da empregada – disse.

- Eu trato disso – disse Olivier, com confiança.

- Como?

- Segue-me – disse ele.

Eu assim fiz e esperei por ele atrás da porta quando ele entrou no quarto da avó.

- Florence? – chamou Olivier.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Querido – respondeu ela em francês.

A palavra “querido” acertou-me como uma faca. Senti-me a afogar no meu próprio sangue. *Como é que ela o trata por querido e me chama extrait caca? Ele nunca fez nada por ela – disse a mim mesmo.*

- Eu queria partilhar o meu quarto com Bobby – pediu Olivier.

Florence ficou em silêncio, à espera que Yvette interviesse.

- Não sabes quem és? – perguntou Yvette.

- *Oui*, sou Olivier – respondeu ele inocentemente.

- Já olhaste para ele e para ti? – perguntou Yvette firmemente.

- *Oui*, já olhei para ele. Mas porque é que não posso partilhar o meu quarto com ele? – perguntou Olivier.

- Pergunta à tua mãe quando ela chegar a casa – disse Yvette, de forma autoritária.

- Está bem – respondeu Olivier, saindo.

Eu segui-o de volta ao seu quarto.

- *Maman* vai dizer que sim, vais ver – disse Olivier a olhar para mim.

- Bobby, vem já aqui! – gritou Florence.

Eu deixei Olivier e fui até ao quarto de Yvette.

- Eu quero que te tornes útil nesta casa e não encorages *Monsieur* Olivier. Lembra-te, põe-te no teu lugar – disse ela.

Yvette olhou para mim com asco. Eu desci as escadas até ao quarto da empregada.

Um carro estacionou à entrada. Olivier correu lá para fora.

- *Maman*, o Bobby pode ficar a dormir no meu quarto? – perguntou Olivier, entusiasmado.

- Pergunta ao teu *Papa* – respondeu ela.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Anne-Marie e Jacques olharam um para o outro por um momento e, depois, Jacques disse *Sim* relutantemente. Olivier aproximou-se de mim.

- Está tudo bem, o *Papa* disse que sim.

Eu peguei na minha caixinha de cartão e nos trapos do chão. Sophie olhou para mim com um olhar mau.

- *Monsieur* Olivier não é teu irmão! Não ajas como se fosse, seu pequeno *restavec* – disse ela, enojada. Uma vez no quarto de Olivier, ele abriu a minha caixa e tirou a minha taça, o prato de alumínio amolgado, alguns trapos velhos e dois cadernos.

- Isto é tudo o que tens? – perguntou ele, parecendo confuso.

Eu acenei que sim. Olivier olhou para o seu armário e tirou dois pares de calças e duas camisas.

- Experimenta – disse ele.

Eu obedeci. Éramos do mesmo tamanho, só que eu tinha uma tez ligeiramente mais clara. Olivier levou as roupas para o quarto da mãe e pediu permissão para mas dar. Ele regressou e disse:

- A *Maman* disse que podias ficar com elas.

- *Merci* – disse eu.

Eu agora tinha quatro camisas e quatro pares de calças, uma quantidade que nunca tivera antes.

Do outro lado da parede, Yvette, Anne-Marie e o seu marido, Jacques, estavam em reunião. Quando estava prestes a deitar-me, ouvi chamarem alto o meu nome. Eu saltei, pus-me de pé e apressei-me para o quarto de Yvette.

- Pediste ao *Monsieur* Oivier para partilhar o quarto contigo? – atirou-me ela, com fogo nos olhos.

- *Non* – respondi, com o coração a mil.

Jacques e Anne-Marie foram até ao quarto de Olivier para falarem com ele.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Tu não estás autorizado a dormir no quarto do *Monsieur* Olivier. Entendeste? – perguntou Yvette.

- *Oui* – respondi. Florence olhava para mim, furiosa.

- Seu filho da mãe ingrato! Não sabes qual é o teu lugar? Não sei porque te dei o meu nome. Vou mudá-lo para Bobby Joseph mas é. Tira as tuas coisas do quarto do *Monsieur* Olivier e vai para onde pertences – disse Florence.

Eu voltei ao quarto de Olivier, a pensar que não queria ter *Joseph* como último nome. Reuni as minhas coisas e voltei para o quarto da empregada. Sophie olhou para mim repulsivamente.

- Eu sabia que alguém te poria no teu lugar – disse ela.

Eu preparei os meus trapos no chão de cimento e adormeci.

Às cinco horas da manhã fui acordado por Sophie, que descobriu que os meus trapos estavam molhados.

- Seu pequeno *restavec* mijão! Querias dormir no quarto do *Monsieur* Olivier? Como te atreves? – disse ela.

Sophie obrigou-me a espalhar os trapos molhados num monte de pedras nas traseiras e entregou-me uma barra de sabão.

- Este é o teu sabão e pasta de dentes e não uses nada meu - disse ela.

Eu peguei no sabão, esfreguei nele a minha escova de dentes em segunda mão e escovei os dentes. Lavei o carro, limpei o alpendre e o jardim antes do pequeno-almoço. Depois, Sophie mandou-me encher as banheiras para os banhos das crianças porque a pressão da água era muito fraca para chegar ao andar de cima. Eu passei a manhã inteira a carregar à cabeça baldes atrás de baldes de água para o andar de cima, para encher o depósito sempre que alguém puxava o autoclismo.

Depois do pequeno-almoço, chegou um motorista para levar as crianças à escola. Para mim, ir à escola estava absolutamente fora de questão. Depois de ter comido, limpei com uma esfregona o chão da sala de jantar, limpei as casas de banho e o pó da mobília.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Perguntei a Sophie se podia ir à escola de tarde para as aulas de História e Matemática. Ela concordou desde que a pressão da água estivesse forte o suficiente para chegar às casas de banho do andar de cima e as três enormes baterias que serviam de reservatórios estivessem cheias. No entanto, parecia-me que a pressão só ficava forte em determinados dias.

Em dias em que a água não chegava de todo, porque a pressão era muito baixa, eu ia buscar água a uma ravina próxima para manter cheios os depósitos das casas de banho. Os fins de semana eram particularmente cansativos para mim porque estavam todos em casa e parecia que estavam sempre a puxar o autoclismo.

Olivier estava proibido de brincar comigo visto que Yvette temia que tal fraternização poderia fazer com que ele perdesse prestígio e *estatuto social* aos olhos dos seus colegas. No entanto, quando a água vinha durante o dia todo e em toda a força, eu conseguia brincar com Olivier no nosso esconderijo secreto perto da ravina. Olivier detestava que o tratassem por *Monsieur*, mas tolerava-o para evitar que os seus pais – e, especialmente, Yvette – se chateassem com ele. No esconderijo secreto, ele encontrava-se com outros colegas vizinhos para brincar aos berlindes ou jogos de guerra. Depois de brincarmos, não podíamos ir juntos para casa. Olivier assegurava-se de que chegava a casa primeiro para que pudesse perguntar alto a Sophie: “*Onde está o Bobby?*” E eu aparecia mesmo a tempo de responder: “*Estou aqui, Monsieur Olivier.*”

As raparigas mantinham-se muito distantes. Para elas, eu não existia até que precisassem que lhes levasse algo.

A *Ecole Simone Duvalier* era a minha nova escola. Era do outro lado da ravina, muito mal conservada e inacabada. Só os mais pretos e os mais pobres a frequentavam. Não havia administradores ou conselheiros. As turmas estavam sempre sobrelotadas. Os que chegavam atrasados encostavam-se contra a parede preta, usando os joelhos como suporte para as suas lousas.

Quando eu sabia que teria de ir buscar água à tarde, depois da escola, escondia as minhas roupas de escola e cadernos no balde. Uma vez na ravina, mudava-me, escondia as minhas roupas de trabalho atrás de uma rocha e carregava o balde para a aula como se fosse uma mala para os livros. Depois da escola, às quatro horas, voltava até à ravina, vestia novamente as roupas de trabalho e escondia os materiais da escola para os vir buscar mais tarde, antes de anoitecer. Perdia as aulas de Ortografia, Francês e Moral que eram

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

ensinadas de manhã. Sempre que tinha alguns momentos para mim, lia as bandas desenhadas de Olivier por baixo de um limoeiro atrás da casa.

Por vezes, Olivier trazia os meus materiais da escola até à ravina, debaixo da sua camisa. Chegado lá, trocava de roupa comigo e esperava pelo meu regresso. Eu ria-me de Olivier por ter trapos sujos e sapatos brilhantes e ele ria-se de mim por me ver com roupa boa e lavada, feita por um alfaiate, mas sem sapatos.

Olivier partilhava comigo tudo o que tinha – doces, sobremesas e, às vezes, a própria mesada. A partilha acontecia sempre longe de casa.

Durante a semana de *Mardi Gras*¹⁵, quando a família ia ver os carros alegóricos em frente ao Palácio Nacional, eu ficava com as empregadas porque os *restavecs* não estavam autorizados a acompanhar a família. Eu deambulava pelas ruas e corria atrás de *chaloskas*, homens com máscaras e fatos com cordas de caricas de garrafas de Coca-Cola enrolados à volta das pernas para o efeito sonoro. Os seus chapéus de três bicos faziam lembrar aquele usado pela estátua de Jean-Jacques Dessalines no *Park Champ-de-Mars*. Juntava-me a outras crianças que gritavam em Crioulo:

- *Chaloska*, eu não tenho medo de ti – és um humano!

Outros homens mascarados e com fatos especiais, chamados *lamayottes*, andavam com caixas de cartão que continham desde cobras a bonecas brancas. Eles cobravam a todos aqueles que, curiosos, estavam dispostos a pagar para ver o que estava lá dentro.

Algumas mulheres disfarçavam-se, carregando à cabeça baldes de folhas para vender. As folhas não tinham nenhuma finalidade medicinal, mas as pessoas que queriam ouvir linguagem sexualmente explícita chamavam as vendedoras até os seus quintais. Quanto mais os compradores pagavam, mais ouviam.

Antes de regressar a casa, vi algumas pequenas bandas musicais chamadas *RaRas*. Enquanto homens tocavam tambores e tubos de bambu, as mulheres cantavam. Eu mantive-me afastado porque algumas pessoas diziam que eles eram *loups-garou* e que conseguiam voar, especialmente à meia-noite.

Yvette começou a desconfiar da minha amizade com Olivier. Ela tinha reparado que, sempre que eu não estava presente, Olivier também não. Ela resistiu à tentação de nos

¹⁵ NT - Carnaval.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

mandar seguir,mas sempre que eu e Olivier chegávamos juntos dizia sarcasticamente: “Os dois irmãos regressaram”. Era dessa maneira que recordava a Florence que eu me tinha esquecido de me manter no meu lugar e também lembrava a Olivier que estava a fazer algo que não era socialmente aceite.

Numa tarde de sábado, estando na varanda, Yvette reparou em mim e em Olivier a brincar um com o outro atrás da casa.

- O que é que se passa aqui em baixo? Bobby, não tens trabalho a fazer? – perguntou-me em crioulo. – E Olivier, não tens trabalhos de casa? – perguntou-lhe em francês.

Separámo-nos rapidamente. Eu agarrei num balde e fui buscar água para encher os depósitos das casas de banho e Olivier foi fazer os trabalhos de casa para dentro de casa. Quando eu voltei com a água, Florence e Yvette estavam à minha espera. Depois de ter enchido os depósitos, Yvette entrou na casa de banho, agarrou a parte de trás do meu pescoço e obrigou-me a pôr-me de joelhos. Ela levantou a tampa da sanita e empurrou a minha cabeça para a sanita suja.

- Isto é melhor do que tu porque isto sabe o lugar que ocupa e tu não sabes o teu – disse ela, a puxar o autoclismo.

- Vês? Está a ir para onde pertence; agora fica tu também no teu lugar – acrescentou ela.

A minha cara estava molhada. Ao levantar a cabeça, soprei a água suja dos meus lábios e sequei a cara com a fralda da camisa. Olhei para os olhos de Florence inquirindo como consentia que a amiga me fizesse aquilo.

Florence estava furiosa. Ao sair da casa de banho, ela encaminhou-me para a varanda a puxar-me a orelha. Olhou para todos os lados à procura de alguma coisa com que me bater; finalmente agarrou uma cadeira de criança e atirou-a contra a minha cabeça. Eu protegia a minha cara com as mãos. O meu dedo mindinho foi atingido e senti uma dor muito aguda. Florence avançava loucamente na minha direção. Quando estava prestes a ser encostado à proteção, saltei da varanda e aterrei em cima do limoeiro, que amorteceu a minha queda.

Olivier precipitou-se para o exterior e encontrou-me encostado à árvore, a segurar a dorida mão direita.

- Estás bem? – disse ele com simpatia.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Acho que o meu dedo está partido – disse eu, envergonhado.

Olivier foi para dentro para evitar ser visto comigo. Antes do anoitecer, a minha mão tinha duas vezes o seu tamanho por causa do inchaço e o dedo estava ligeiramente verde. Apesar da lancinante e constante dor, Sophie assegurou-se de que eu fazia as minhas tarefas. O carro tinha de ser lavado duas vezes em alguns dias, consoante o percurso de *Monsieur Villard*.

Observar as crianças a fazer os trabalhos de casa e ouvir Florence a tratá-las por *meus queridos* era-me mais doloroso do que o dedo magoado.

Aos sábados, ao final da tarde, todos se sentavam no alpendre da frente. Quando se ouviam as campainhas do carrinho dos gelados, era meu dever correr para a rua para chamar o vendedor para o quintal. As crianças reuniam-se à volta do carrinho a gritar: “*Eu quero de chocolate! Eu quero de baunilha! Eu quero de coco!*” Depois, eu obedecia às ordens dos adultos e dava dinheiro ao vendedor. Depois de ter servido todos, eu entregava o troco a *Monsieur Villard* e ia sorrateiramente para as traseiras da casa onde Olivier esperava por mim para partilhar o seu doce comigo. Ele segurava no cone de chocolate em frente à minha boca, esperando que eu trincasse. Eu hesitava sempre, sentindo-me como se estivesse prestes a infringir a lei. À medida que dávamos lambidelas à vez no gelado, eu sentia-me igual a ele. Depois de tais momentos, sempre que lhe preparava o banho, descarregava o autoclismo ou limpava os seus sapatos, sentia-me mais como um pai a cuidar do seu filho do que como uma criança *restavec*, escrava por comida e abrigo.

Eu gostava muito de Olivier. Ele era diferente dos outros rapazes ricos, infringindo todas as convenções da sua classe social. Ele comprava comida feita a vendedores de rua, era amigo de crianças muito pobres e, às vezes, sentava-se na companhia das empregadas quando os seus pais não estavam em casa.

Uma manhã, eu fui devolver os sapatos de Olivier ao seu quarto depois de os ter engraxado. Contei-lhe uma anedota picante que tinha ouvido de um vendedor de folhas. Ele reventou a rir.

- Olivier, porque é que te estás a rir assim? – gritou a sua mãe da sala oposta.

- O Bobby está a fazer-me cócegas! – gritou ele.

Anne-Marie chamou-me até ao átrio perto da casa de banho.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Põe-te de joelhos – disse ela.

Eu obedeci. O meu coração estava acelerado. Depois, foi buscar o cinto de couro do marido ao armário e começou a bater-me, dizendo repetidamente:

- Nunca mais deves fazer cócegas a *Monsieur Olivier*.

Eu implorei por misericórdia, a dizer que o *Monsieur Olivier* tinha mentido, o que só a pôs mais furiosa. Olivier veio em meu socorro:

- Não, *Maman*, o Bobby não me estava a fazer cócegas. Eu disse isso porque ele me contou uma piada.

Anne-Marie não acreditou nele e continuou a bater-me. Depois do meu castigo, Florence saiu do quarto dela e disse-me enojada:

- *Chien, sang sale* (seu cão de sangue sujo).

Na primavera desse ano, dizia-se que Anne-Marie estava grávida há já quase dez meses. Enquanto o seu médico a aconselhava a ter paciência e dizia que ela entraria em trabalho de parto a qualquer altura, ela procurou um *mambo*, um praticante de vodu, que lhe disse que um inimigo tinha prendido o bebé dentro da barriga dela. Toda a família estava preocupada. Sacerdotes de vodu estavam sempre a entrar e a sair de casa para praticar cerimónias. Eles esfregavam a barriga de Anne-Marie com movimentos concebidos para desatar o não-nascido. Estes sacerdotes entravam em transe e falavam com vozes masculinas profundas. Às vezes, apareciam três ou quatro personalidades diferentes dentro da mesma pessoa. Identificavam-se como sendo *Dambala*, *Papa Legba*, *Ogun* e *Erzulie Yeux Rouges*.

Por vezes, Florence também ficava possuída, mas era sempre pelo mesmo *loa* – *Ogun*.

O *mambo* sugeriu que o inimigo que tinha atado o não-nascido provavelmente seria a amante do marido de Anne Marie.

Um dia, depois do pequeno-almoço, uma borboleta castanho-escura enorme entrou pela casa dentro. Uma das crianças gritou:

- Vejam esta borboleta enorme!

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Florence viu-a e anunciou que era um espírito mau enviado pelo inimigo. Foi ordenado às criadas que a pusessem fora da sala. Toda a gente entrou em pânico. Enquanto as crianças foram mantidas no interior para sua própria proteção, mandaram-me ir buscar água. Eu fiquei paranóico, a pensar que um *loup-garou* me mataria ou sugaria o meu sangue a caminho da ravina. Uma das empregadas começou a cantar canções com letras incompreensíveis. Yvette, que queria saber se o *loa* da empregada a tinha avisado de algo, guiou-a pelas escadas acima até ao seu quarto. A empregada começou a dançar como se todas as partes do seu corpo estivessem possuídas por um ser vivo diferente. A sua reação à borboleta convenceu toda a gente da casa de que alguém queria realmente magoar o bebé não-nascido de Anne-Marie.

Explicaram às crianças o perigo de apanhar objetos do chão. A casa era como um forte sitiado.

Numa outra ocasião, um pequeno pássaro entrou em casa. Toda a gente entrou em pânico novamente. Desta vez, Florence ordenou às empregadas que o apanhassem vivo. Fecharam todas as janelas e perseguiram o pássaro com vassouras e almofadas pela casa até que o capturaram. Florence invocou o seu *loa* e começou a falar com uma voz profunda. Uma hora depois, a *mambo* visitou-nos. Ela decidiria o destino do pássaro. Seguiu-se uma longa cerimónia de vodu no quarto de Yvette. Velas vermelhas e pretas feitas manualmente foram acesas em frente de um armário aberto decorado com imagens religiosas num canto do quarto. A empregada que tinha estado a cantar, invocou outro *loa* e começou a dançar como uma cobra, rastejando de barriga para baixo enquanto os seus braços permaneciam colados ao corpo. A *mambo* e o *loa* de Florence deram instruções a Yvette para que trouxesse uma bacia de água para dentro do quarto. Fizeram uma mistura com diferentes folhas e outros ingredientes e deitaram-na na água da bacia. Anne-Marie despiu-se e saltou lá para dentro. Yvette massajou-lhe a barriga com as folhas, presumivelmente para desatar o não-nascido e afastar os espíritos maus. Depois, chamaram as crianças uma por uma para serem lavadas.

- Há uma outra criança que precisa de ser lavada – disse o *loa* na cabeça de Florence.

- Onde está Bobby? – gritou Yvette.

Eu, que estava de pé atrás da porta, apareci rapidamente.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Aqui estou eu – disse, a olhar para os olhos *raiados de sangue* de Florence. Ela estava a murmurar e a balançar a cabeça lentamente de um lado para o outro. *Gotas* de suor *deslizavam* por baixo da sua peruca preta até a sua face castanha, confluíam até ao queixo e escorriam para a sua blusa vermelha. Yvette observou-me como se a minha presença a ofendesse.

- Despe as tuas roupas e põe-te dentro da bacia – disse Yvette.

Eu despi-me lentamente, cobri as minhas partes íntimas com a mão magoada e entrei no verde, frio e malcheiroso líquido.

- Então?! Não fiques aí parado. Lava-te! – comandou Yvette.

Com a minha mão boa, cheguei ao líquido, peguei numa mão cheia de folhas molhadas e esfreguei-me até estar completamente molhado. Em breve, todo o meu corpo ficou coberto de arrepios. A *mambo*, que falava com uma profunda voz anasalada, caminhou em direção a mim, baixou-se e pegou na minha mão magoada. Eu cobri-me atrapalhadamente com a minha mão boa.

- Tens uma mão má - disse ela.

Levantou-me a cabeça e olhou para Florence novamente.

- Ele é bom rapaz – disse novamente, enquanto apertava firmemente o meu dedo mindinho na sua mão. Eu estremei – a dor era insuportável. Passado um pouco, ela abriu a mão.

- Já te podes vestir agora. O teu dedo vai ficar bom – disse ela.

Eu vesti as minhas roupas e saí. Antes de a semana terminar, a minha mão estava curada.

Nessa noite, as águas de Anne-Marie rebentaram. *Monsieur* Villard levou-a de carro para o hospital. Pouco depois, teve um bebé de 4,5 kg.

IX

Florence tinha viagem marcada. Comprou várias malas e mandou fazer vários vestidos. Estava muito entusiasmada, mas eu estava preocupado. Não fazia ideia do que ia acontecer e não queria ser abandonado nas ruas como outros *restavecs* que já não eram desejados. Dois dos meus amigos *restavecs* tinham sido abandonados nas ruas, ficando entregues a eles próprios. Os “donos” tinham vendido a casa e partido *à l'étranger* – para Nova Iorque. Fizeram-no sem tentarem encontrar as famílias das suas crianças escravas e sem sequer se despedirem.

Fiquei com diarreia e molhava a minha cama todas as noites. Florence já não me batia desde o incidente na varanda. Teria sido muito inconveniente para ela descer até ao quarto da empregada a meio da noite. Além disso, esse quarto trancava-se por dentro.

Todas as manhãs, Sophie dava-me um desinfetante para eliminar do quarto o odor a urina .

Eu estava morto por perguntar a Florence o que me iria acontecer, mas sempre que me aproximava dela não conseguia pronunciar as palavras. Então, pedi a Olivier para descobrir por mim.

- O que é que ela disse? – perguntei eu.

- Ela disse que está a pensar numa solução e depois eu perguntei à *Maman* se podíamos ficar contigo e ela disse que não – respondeu Olivier.

Fiquei devastado. Corri para a casa de banho. Não tive apetite durante dias e passei noites sem dormir, a congeminar qual seria o meu destino.

Na véspera da partida de Florence, ao final da tarde, um jipe castanho encostou em frente à casa. Um homem branco de estatura média saiu. Olhou para mim e cumprimentou-me com a cabeça.

- *Bonjour, Monsieur* – disse eu nervosamente. Era o meu pai, sendo esta a terceira vez que o via.

Florence estava à sua espera, aparentemente para discutir o meu futuro. Ela sentou-se na sala de estar com ele durante uns bons dez minutos e, depois, Philippe saiu sem me dizer

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

adeus. Os meus olhos encheram-se de lágrimas enquanto via o jipe desaparecer com a distância.

- Aquele era Philippe Sébastien. Não sabia que era amigo de Florence – disse Olivier.

- Eu sei. É o meu *papa* - disse eu, secando a face.

- Os gémeos dele andam na minha escola – disse-me Olivier.

- Não os conheço.

- Eles têm carro e conduzem até à escola – acrescentou Olivier, entusiasmado.

Mais tarde, à hora de dormir, pensei que assim que Florence partisse, Anne-Marie me mandaria embora. Fiquei acordado toda a noite a pensar sobre o meu futuro.

O dia da partida de Florence chegou. O seu voo para Nova Iorque seria às quatro horas da tarde. O meu coração parecia debater-se para se soltar do meu corpo. Às duas horas, os filhos de Denis chegaram com a avó. Ficaram felizes por me verem. Brinquei com eles até à hora de partirem.

Estavam três carros à espera para levar Florence até ao aeroporto.

- Bobby, pega nas malas e põe-nas no carro – disse Yvette.

A tremer de nervosismo, coloquei a bagagem nas malas dos carros. Florence sentou-se no banco de trás do carro de *Monsieur* Villard com as crianças. Anne-Marie sentou-se ao lado do marido. Os outros distribuíram-se pelos outros dois carros. Os meus lábios começaram a tremer e os meus olhos humedeceram. Quando o carro arrancou, Florence acenou-me. Eu corri atrás dos carros a gritar *Maman, Maman! Por favor, não me deixes!* Ao caminhar para casa, a voz dela ecoou-me na memória “*Nunca serás mais do que um engraxadorzito de sapatos.*” De repente, a percebi-me de que nem dinheiro tinha para comprar o necessário para engraxar sapatos quando Anne-Marie me mandasse embora.

As empregadas riram-se de mim quando eu corri atrás dos carros e passaram o resto da tarde a zombar de mim.

- Já não sabes que o sangue é mais espesso do que a água? – disse uma das empregadas.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Não interessa o tempo que estiveste com ela, és um *restavec*. Os netos vêm sempre em primeiro lugar. – disse outra.

Eu ignorei-as. Preparei a minha cama e deitei-me.

A noite já ia avançada quando ouvi o carro de *Monsieur* Villard chegar à entrada. O meu coração começou a acelerar. *Espero que eles mudem de ideias e me deixem ficar*, sussurrei eu. Ao nascer do dia, acordei com um plano. Pensei que se trabalhasse o mais que conseguisse, Anne-Marie me deixaria ficar. Então, lavei o carro o melhor que consegui, varri o quintal e limpei com uma esfregona todo o primeiro andar. De seguida, fui para cima e limpei as casas de banho. Depois de acabar as minhas tarefas, fui ter com Sophie.

- Sophie, fala com *Madame* Villard por mim, por favor. Diz-lhe o quão útil sou e que trabalharei no duro para ela – disse eu.

- Eles vão livrar-se de ti porque não sabes qual é o teu lugar. Estás sempre a brincar com *Monsieur* Olivier como se ele fosse teu irmão – disse Sophie.

- Por favor, fala com ela por mim. Eu não volto a brincar com *Monsieur* Olivier – supliquei eu, num choro incontrolável.

- Eu tenho trabalho para fazer. Deixa-me! – disse Sophie afastando-se.

Depois do pequeno-almoço, Sophie deu-me um par de sapatos velhos de Olivier.

- Aqui tens. Se forem muito grandes, enche-os com papel. Veste umas roupas lavadas e arruma a tua caixa – disse ela.

- Para onde é que eu vou? – perguntei, a tremer.

- Vais viver para Petite Rivière com a irmã de *Madame* Cadet – disse Sophie.

Experimentei os sapatos. Eram muito grandes. Enchi-os com alguns trapos para me servirem e vesti roupas lavadas – um par de calções caqui e uma camisa velha de Olivier.

- Vai-te despedir – disse Sophie.

Eu fui para dentro. Anne-Marie e Yvette estavam sentadas na varanda. Eu pus-me à frente delas com a cabeça para baixo e com os braços cruzados sobre o peito.

- Vou-me agora embora – disse eu, a tremer.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Adeus, juvenzinho. Toma conta de ti – disse Anne-Marie.

- Está bem, Bobby, adeus – disse Yvette com indiferença. As crianças não estavam em casa.

Quando saí de casa, um táxi estava à espera para me levar até à estação de autocarros. Sophie disse ao motorista para se assegurar de que eu entrava no autocarro certo, para Petite Rivière, e deu-me dinheiro.

- Isto é para o táxi e para o condutor do autocarro.

Eu sentei-me no banco de trás, com a minha caixinha no colo.

- Adeus, Sophie – disse eu, sem olhar para ela.

- Adeus, Bobby.

Quando o táxi chegou à estação de autocarros, o motorista disse-me para sair e procurar um autocarro chamado *Deus É Grande*.

- Se não souberes ler, pergunta a alguém – disse ele.

- Eu sei ler – respondi, ao pagar-lhe.

A estação de autocarros era um enorme parque lamacento sem passeio. Parecia haver pilhas de lixo fedorento, infestadas de moscas por todo o lado. Vendedores ambulantes vendiam tecidos, pão já desembalado, cana-de-açúcar, potes e panelas, vestidos coloridos, camisas, sandálias, garrafas de sumo de frutas e Coca-Cola.

Os autocarros eram carrinhas enormes de caixa aberta, preenchidas com bancos e pintadas com cores vivas. Os tejadilhos estavam excessivamente carregados com baldes enormes e malas. Com a minha caixinha de cartão firmemente segura, caminhei pela parte da frente dos autocarros estacionados, observando por cima do pára-brisas de cada um, à procura do nome *Deus É Grande*.

Li nomes como *Em Nome de Deus*, *Jesus Maria José*, *Deus Está Em Todo O Lado*, *São Tiago*, *Santa Virgem Maria*, *São José*, *Deus É O Meu Co-piloto*, *Deus É Bom*, *Santo António*, *São Miguel*, *Nossa Senhora do Cabo*, e *Avé Maria*. Quando detetei o *Deus é Grande*, entrei e sentei-me silenciosamente ao fundo do banco, a imaginar-me a caminhar pelas ruas e a carregar a caixa de engraxar sapatos enquanto fazia melodias, tocando numa

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

pequena campainha. Ao meio-dia em ponto, o motorista recolheu o dinheiro dos passageiros e partiu de Port-au-Prince. Depois de um longo percurso, a estrada começou a ficar com buracos, fazendo com que os passageiros se inclinassem de um lado para o outro e balançassem nos seus lugares.

Ao passar por várias aldeiazinhas de *pequenas cabanas de barro*, o motorista parava por vezes para deixar passageiros ou para evitar embater em vacas, cabras ou burros.

Crianças nuas – negras como carvão, com nariz *moncoso*, olhos brancos e ventres protuberantes – acenavam *olá* e *adeus* em nuvens de poeira, excitadas com o barulho do escape do autocarro. Numa paragem, alguns passageiros compraram aos vendedores ambulantes comida cozinhada e servida em folhas de bananeira verdes. Alguns comiam com os dedos enquanto outros partilhavam uma colher, abanando-a ao passá-la aos outros. Bebiam de garrafas e de pequenas cabaças e limpavam a boca com a parte de trás da mão. Eu não comprei nada apesar do cheiro de cebolas verdes fritas me aguçar o apetite.

Quando o autocarro começou a andar novamente, o cheiro a comida e os fumos causaram-me indisposição. Num suor frio, eu pus a cabeça de fora para vomitar. Ninguém me prestou atenção.

Pelas seis horas da tarde, comecei a reconhecer algumas marcas familiares da terra. A irmã e mãe de Florence viviam a uns minutos de distância de uma enorme igreja de pedra na praça da cidade de Petite Rivière. Há quatro anos, Florence tinha-me trazido para passar duas semanas com a sua mãe, uma mulher já idosa com um coração gentil a quem todos chamavam Avozinha Alcée. Ela tinha um problema na perna esquerda, o que a obrigava a coxear. Eu estava ansioso por vê-la novamente porque as duas semanas que ali tinha passado tinham sido as melhores de sempre. Ela assegurava-se de que ninguém me fazia mal mesmo quando molhava os meus trapinhos. Por vezes, quando os vizinhos deixavam lá ficar os bebés para a Avozinha tomar conta, punha as crianças ao peito onde se acalmavam com o mamilo dela.

Recordei a sua casa. Era uma cabana de estuque com dois andares, com o telhado de latão, chão de cimento, um alpendre enorme e duas portas de azul índigo. No sótão, guardava sacos de arroz *paddy*¹⁶, abacates verdes e mangas. Nas traseiras, havia uma pequena quinta. A sua horta de vegetais particular, no lado este da casa, estava meticulosamente

¹⁶ NT - Arroz com casca.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

tratada. A cozinha, uma pequena cabana de barro coberta com palha, ficava a uma curta distância do pequeno alpendre das traseiras. Um poço de água cimentado e coberto ficava do lado oeste da casa. Ao centro do enorme quintal, estava uma frondosa árvore verde pejada de doces uvas de casta tinta. Coloridos beija-flores dançavam em silêncio por cima de densas flores vermelhas de hibiscos perto de uma superfície coberta de pedrinhas brancas. Dos ramos de duas árvores sem folhagem pendiam centenas de espigas de milho seco em aros de arame farpado. Nas imediações da latrina, havia currais para porcos e cabras. Dois burros e uma mula descansavam perto de um arbusto. As galinhas andavam soltas à procura de sementes para alimentar os pintainhos acabados de nascer. Um enorme cão castanho estava preguiçosamente deitado à espera do cheiro a comida antes de se mexer.

Quando eu estivera de visita, a Avozinha Alcée não tinha nem frigorífico, nem rádio, nem sequer um relógio. Todas as refeições tinham sido cozinhadas em cima de madeira em chamas e ela tinha noção do tempo lendo as sombras no chão.

Pensar na Avozinha fez-me sorrir. Lembrei-me de que uma vez durante a minha última visita, cedo numa manhã, antes de os galos começarem a cantar, acordei com a urgente necessidade de utilizar a casinha exterior. Estavam todos a dormir sonoramente. Eu abri a fechadura da porta muito devagar e saí. Estava escuro e eu, assustado. Sem conseguir ver a casinha à distância a que me encontrava, agachei-me ao lado da casa perto do jardim da Avozinha, aliviei-me e voltei para a cama. Pouco depois, fui acordado pelos barulhos familiares das atividades matinais e com o forte aroma do café da Avozinha. Permaneci deitado e preocupado, a pensar no que tinha feito porque ela tinha um grande esmero em manter o jardim limpo. Todas as manhãs, antes de varrer à volta da cabana da cozinha, ela tirava água do poço e vaporizava o quintal para limpar o pó.

Nessa manhã particular, antes do pequeno-almoço, ela reuniu todas as crianças junto à casa. Ela cobrira os meus dejetos com um monte de folhas.

- Quero saber quem se aliviou ao lado da casa esta manhã – disse ela, extremamente direta.

Todos permaneceram silenciosos. O meu coração começou a palpitar porque eu tinha a certeza de que a Avozinha cortaria um pau da árvore mais próxima para chicotear o culpado.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Eu quero que quem fez isto pegue numa pá, recolha tudo e deite fora - insistiu ela, a apontar para o monte de folhas. Quando se apercebeu de que o culpado não tencionava admitir o seu ato, ela baixou-se para apanhar uma mão cheia de malaguetas do seu jardim e atirou-as para o monte de folhas.

- Eu vou queimar estas malaguetas com esta *caca*¹⁷ e dizer três palavras. Quando o dono desta *caca* se tentar aliviar outra vez, o intestino dele irá arder como se lhe tivessem ateadado fogo e sairá pelo seu *derrière*. Depois disso, saberei quem fez isto – disse ela, aborrecida.

Pensar que teria o meu intestino a sair-me pelo *derrière* assustou-me mais do que a possibilidade de ser chicoteado.

Quando ela estava prestes a acender o fósforo, desatei a chorar. Levantei a mão com medo e disse:

- Avozinha, fui eu quem fez isso. Por favor, não o queimes.

A Avozinha deu um grande sorriso desdentado e disse:

- Da próxima vez que tiveres de ir no escuro, acorda um adulto ou usa o pote ao lado da minha cama.

A Avozinha encaixou afetuosamente a minha cara nas suas mãos e disse-me:

- Não chores e nunca me mintas. Eu tenho os meus métodos para descobrir a verdade.

A Avozinha acreditava no poder dos *loas*, apesar de não ter nenhum oratório de vodú. Acreditava também que cada corpo de água - desde rios a nascentes e poços de água - tinha um espírito ou um *maître*.

Ela costumava beber água numa caneca de barro chamada *canarie*, num canto da casa. Atrás da *canarie* estava uma grande garrafa que continha longas e espessas sanguessugas, vermelhas como o barro, que se moviam no líquido. Por vezes, a Avozinha sentava-se na sua cadeira de baloiço debaixo da árvore *kénèpe*¹⁸ e apoiava a sua inchada perna esquerda numa outra cadeira. Depois, colocava, em sítios específicos, algumas sanguessugas na perna inchada. Quando uma sanguessuga atingia o tamanho de um pequeno pepino,

¹⁷ NA – Excremento.

¹⁸ NT - Pequeno fruto local haitiano, que faz as delícias às crianças.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

retirava-a da perna e fazia-a rolar gentilmente entre as suas mãos para lhe espremer o sangue escuro sugado.

Quando o motorista parou, eu saltei para fora com a minha caixa. Olhei em todas as direções e apercebi-me repentinamente de que o autocarro era o único veículo a motor na cidade. Tudo estava em silêncio. Parecia que toda a cidade estava a dormir excepto algumas pessoas montadas em cavalos ou em burros que voltavam da praça do mercado da cidade. Depois de andar alguns quarteirões, reconheci as portas duplas azuis ao longo da rua despavimentada. Como estavam fechadas, dirigi-me às traseiras.

Fiquei chocado. O telhado da cozinha tinha um grande buraco, a árvore tinha desaparecido e a beira cimentada do poço de água estava visivelmente danificada. Não se viam animais alguns e jardim e a horta tinham desaparecido também.

De onde eu estava, reparei que a porta das traseiras estava aberta e que havia moscas a entrar e a sair da casa. Ao entrar, um poderoso fedor a urina e excrementos humanos assaltou o meu nariz. A Avozinha Alcée estava na sua cama de mogno, a olhar para o teto. Os olhos estavam profundos nas suas cavidades e a cara parecia uma passa gigante com um buraco no meio. O seu cabelo branco agarrava-se à cabeça como musgo espanhol entrançado num ramo morto.

Fiquei devastado. Sustive a respiração o mais que pude.

- Avozinha Alcée? - chamei, afastando com a mão as moscas à volta da sua cara.

Chamei novamente:

- Avozinha Alcée?

Ela rodou lentamente a cabeça na minha direção.

- Gertrude! - disse ela.

- Não, Avozinha, sou o Bobby. A Gertrude não está aqui - disse eu.

Aparentemente, a Avozinha não se lembrava de mim. Gertrude era a sua filha mais velha, irmã de Florence. Saí de casa, enchi os meus pulmões de ar fresco e fui até ao sítio onde costumava estar a árvore. Pensei na Avozinha a fazer café, bolos de pão de milho, batatas-doces cozinhadas em leite de cabra e ovos mexidos para o pequeno-almoço.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

A minha melhor recordação do quintal da Avozinha foi a de um dia em que um dos seus porcos foi morto. Uma semana antes, tinha mandado chamar um talhante que vivia numa vila distante. Numa vibrante manhã de sábado, chegaram dois talhantes com sacos ao ombro montados numa grande mula castanha. Um dos homens exibiu uma variedade de facas e punhais afiados e o outro uma cabaça pequena cheia de alho finamente picado, salsa, pimenta e cebolas verdes. Todos os cães da cidade pareciam ter sido previamente avisados da matança do porco porque estavam todos presentes. Crianças de todas as idades e tamanhos estavam ansiosas por assistir ao espetáculo. O porco grande e gordo, pouco cooperante, foi agarrado pelos açougueiros e amarrado a uma mesa improvisada, feita com uma porta suportada por duas cadeiras. O animal foi lavado com a ajuda das crianças. Foi colocado um balde no chão, debaixo do pescoço, para apanhar todas as gotas de sangue. Ali perto, foi feita uma fogueira num poço para lhe queimar os pêlos. Enquanto um talhante carregava para baixo a cabeça do porco, que guinchava, o outro espetou-lhe uma longa e aguçada adaga no cachaço. Todas as crianças seguravam a agitada cauda enrolada, pensando que os seus esforços fariam com que o animal parasse de se debater. O sangue foi temperado, transformado em salsichas e servido com ovos mexidos ao almoço. Todos comiam, sentados num banco corrido por baixo da árvore, enquanto os cães lutavam por pequenos pedaços de porco. A maioria da carne foi enviada para o mercado, mas algumas partes foram preservadas em sal num barril para consumo diário.

Todos os dias, antes da grande refeição da tarde, a vizinha, Madame Émile, que estava grávida do seu terceiro filho, enviava uma taça de comida. Eu gostava de uma refeição em especial que era beringela cozinhada com porco, acompanhada de arroz branco e molho de feijão vermelho. Depois de dividir a comida pelas crianças, a Avozinha lavava a taça e colocava-a a secar num cesto para pratos num monte de pedras perto do poço. Mais tarde, a Avozinha retribuía com um *gumbo*¹⁹ de galinha e batatas-doces na mesma taça de louça azul do céu, cujo dono nunca conheci. Quando a parteira estava a fazer o parto do bebé de Madame Émile, Monsieur Émile Dorsaintville esperava nervosamente debaixo da árvore com os dois filhos pequenos, *Tit homme* (Pequeno Homem) e *Demi-femme* (Meia-Mulher). Estes nomes foram dados às crianças pois ambos tinham nascido anormalmente pequenos. Depois do parto, Madame Émile chamou à sua nova bebé, que tinha nascido ainda mais pequena que Demi-femme, *Nanpoint-femme* (Não Existe Mulher). O marido

¹⁹ NT - Guisado.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

colocou a placenta num buraco atrás da casa e plantou uma bananeira por cima para assegurar uma vida longa à nova chegada.

As minhas recordações foram interrompidas pouco depois.

- Quem diabo és tu? - disse uma mulher com um vestido estampado, um chapéu de palha grande e sandálias de couro. Era Gertrude. Em quatro anos, parecia ter envelhecido vinte.

- Sou o Bobby, Tia Gertrude. Lembra-se de mim? - perguntei.

- Não conheço nenhum Bobby. Estás aqui para me roubar? - balbuciou.

O cheiro do seu hálito forçou-me a dar dois passos atrás. Ela era três tons mais clara do que Florence e muito mais magra. Florence sempre tinha tido ciúmes da sua tez clara e do seu longo cabelo.

- Se eu tivesse a tua tez, seria uma mulher muito rica - tinha-lhe dito Florence, quatro anos antes.

Gertrude entrou para ver Avozinha. Pouco tempo depois, chegou Chelaine, a filha adulta de Gertrude, com um cesto na mão. Trouxe duas taças de louça com comida cozinhada. Ela reconheceu-me imediatamente e pôs-me várias questões sem esperar pelas respostas.

- Quando é que chegaste aqui? Vieste sozinho? A Tia Florence foi à *l'étranger*?

Foi para dentro e ligou o candeeiro a gás. Segui-a e esperei à porta. Gertrude tinha desfalecido numa pequena cama perto da da Avozinha. Chelaine voltou a sair, tirou água do poço, levou-a para dentro e deu um banho à Avozinha. Depois, mudou os lençóis e alimentou a avó como se fosse uma criança de dois anos. Deu-me a porção de comida da mãe.

- O que aconteceu ao quintal, aos animais e à árvore? - perguntei.

- Léon foi preso e morto pelos *gendarme*²⁰ há três anos atrás. Tinha sido contratado para um assassinato político por alguém que lhe tinha prometido um bom trabalho no governo. Quando a Avozinha soube das notícias, teve um ataque. Depois, a minha mãe começou a

²⁰ NT - Agentes policiais.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

beber. Vendeu tudo, até a mobília, para comprar *tafia*²¹. Tem estado bêbeda desde então - explicou Chelaine com lágrimas nos olhos.

Léon era o filho mais velho de Gertrude. Teria os seus vinte e muitos. Gertrude tinha investido imenso na sua educação, na esperança de que um dia ele satisfaria as suas necessidades financeiras, mas eu recordo-me dele como um ladrão, que costumava roubar o pequeno porta-moedas da Avozinha. Léon costumava pegar no pequeno porta-moedas do soutien da Avozinha e fugir.

- Quando é que a Tia Florence foi *à l'étranger*? - perguntou-me.

- Partiu no sábado - respondi.

- Também te vai levar? - perguntou.

- Não sei. Ela não disse - respondi.

- O teu *papa* sabe que estás aqui? - perguntou.

- Não sei - disse-lhe.

Chelaine sabia que o meu pai pagava a Florence para tomar conta de mim e assumiu que Florence me tratava como um filho em vez de um *restavec*.

- Simon deve chegar em breve. Vai ficar feliz por te ver - disse ela.

Eu acenei afirmativamente. Simon era o filho mais novo de Gertrude. Tinha vinte e poucos anos. Tinha visitado Florence uns anos antes em Port-au-Prince. A visita durou quase duas semanas. Deslocara-se todas as noites até aos meus trapinhos, puxara as calças para baixo e esfregara os seus genitais contra o meu corpo. Ele sabia que eu era tratado como um *restavec* e também sabia que não me era permitido falar com Florence a não ser que me dirigissem a palavra. Não se preocupou que eu pudesse contar a alguém.

- Se contares a alguém, digo a todos que foi ideia tua - tinha-me dito.

Eu considerava-o nojento e não estava nada ansioso por voltar a vê-lo. Simon estava sempre a tentar matar um beija-flor, chamado *wanganégresse*, que em crioulo que significa “poção mágica para mulheres”. Ele queria secar ao sol o pássaro morto, triturá-lo até ficar num pó fino e atirá-lo a mulheres bonitas. Sempre que via uma rapariga bonita, dizia:

²¹ NT - Rum.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Se eu tivesse um pouco de pó *wanganégresse*...

- Porque é que não vives aqui, para poderes tomar conta da Avozinha? - perguntei.

- Eu costuro o dia todo para ganhar a vida. Se não trabalhar, todos nesta casa passam fome. Simon é um aprendiz de sapateiro. Tudo o que ganha, guarda para ele próprio. Quando não ganha nada, eu alimento-o - explicou Chelaine.

De repente, pensei em tornar-me um engraxador de sapatos, a profissão que Florence escolhera para mim. A voz de Florence ecoou novamente na minha mente: “Nunca serás mais do que um engraxadorzito de sapatos...”

Petite Rivière era um mau sítio para ser engraxador. A maioria das pessoas andava descalça ou de sandálias. A porta abriu. Era Simon.

- Quem é este? - perguntou.

- É o Bobby - respondeu Chelaine.

Simon avançou na minha direção e deu-me uma palmadinha na cabeça.

- Então, Bobby, como estás? Quando é que chegaste? - perguntou.

- Bem. Esta manhã - respondi abruptamente, lançando-lhe um olhar frio.

Chelaine apercebeu-se da minha reação com Simon. Pareceu confusa.

- Tenho de voltar ao trabalho agora. Vejo-te amanhã - disse ela, saindo.

- O que está na caixa? - perguntou Simon.

- As minhas roupas - repliquei.

Simon abriu a caixa e revistou-a.

- Tens algum dinheiro? - perguntou.

- *Non* - respondi, pensando nos dois gourdes que tinha no bolso. Sophie dera-me dinheiro extra para o almoço.

- Dormes na esteira. O divã é meu - disse Simon.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Eu estendi a esteira de palhinha no chão de cimento e sentei-me. Ainda tinha fome. A um canto estavam dois *cruches* ou cântaros de barro com água. Tirei o meu copo de lata da caixa e servi-me. Mal conseguia ver a água no quarto mal iluminado. Sabia a peixe e a pântano.

- Vou levar o candeeiro até à latrina - disse-lhe.

- Está lua cheia e não existe nenhuma latrina. Foi destruída - replicou Simon.

- Eu preciso de ir à casa de banho - disse.

- Vai aos arbustos das traseiras - disse Simon.

Ao sair para me aliviar contra uma árvore no quintal das traseiras, lembrei-me de uma certa tarde de domingo cerca de quatro anos antes. Simon vestia roupas lavadas e tinha pressa para ir ver um jogo de futebol de duas equipas locais. De repente, os insistentes gritos de um bebé foram ouvidos muito além no quintal das traseiras. Todos se apressaram em direção à latrina. A porta tinha sido deixada completamente aberta. Os gritos vinham das profundezas do buraco escuro e malcheiroso. Gertrude acendeu uma mão cheia de cascas de milho seco e segurou a tocha no buraco do banco, procurando a origem dos gritos.

- Jesus Maria José, é uma das minhas cabritas bebés. Está enterrada em *caca*. Só consigo ver a cabeça de fora. Simon, deixaste a porta toda aberta! Vai buscar a minha cabra! - ordenou Gertrude ameaçadoramente.

- Não, *Maman*, por favor, não me obrigues a ir lá abaixo - choramingou Simon.

- Posso vender aquela cabra por quatro gourdes. Que eu morra aqui e a Virgem Maria me fure os olhos! Tu vais lá abaixo buscar a cabra! - gritou Gertrude.

Com a parte lisa de um martelo, Simon retirou o banco e amarrou uma corda à volta de uma viga de madeira. Quando estava prestes a descer, Gertrude ordenou que se despisse.

- É bom que tires as tuas roupas. Eu não as lavo quando voltares para cima - disse Gertrude.

Simon desceu nu enquanto todos esperavam debaixo da árvore. Passado um bocado, Simon emergiu a fazer caretas, segurando a cabra com uma mão e cobrindo as suas partes íntimas com a outra. Quer ele, quer a cabra estavam cobertos de fezes.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Vai lavar-te na pocilga - ordenou Gertrude. Depois de Simon se limpar na gamela dos porcos, foi nadar no Canal Artibonite enquanto Gertrude dava banho à cabra.

Quando voltei para dentro, encontrei Simon na cama, de roupa interior e de sapatos calçados. Deitei-me na posição fetal de costas para ele. Simon apagou o candeeiro. Fiquei desorientado pela densidade da escuridão. Passado um longo momento, Simon perguntou-me se estava acordado. Eu não respondi.

- Eu sei que não estás a dormir. Lembraste do que costumávamos fazer quando eu fui visitar a Tia Florence em Port-au-Prince? - continuou.

Eu fingi estar a dormir. Ouvi Simon sair do divã e rastejar na minha direção. Fiquei morto de medo. Senti as mãos de Simon a puxar para baixo os meus calções. Berrei com todos os pulmões e dei pontapés. Simon depressa encontrou o caminho de regresso à cama dele. Gargalhou sonoramente; depois tudo ficou pacífico.

Fui acordado pelo cacarejar dos galos. Os meus pés estavam doridos. As ratazanas tinham mordido os meus calcanhares. Fiquei deitado até os raios de sol se infiltrarem pelas frinchas nas janelas fechadas de madeira. A ausência do cheiro do café da Avozinha era notória. Senti-me esmagado com o peso da decepção.

Alguém abriu a porta das traseiras. Era Gertrude. Eu esfreguei a minha escova dos dentes em sabão e fui lá fora com um copo de água para lavar os dentes. Simon não tinha uma escova de dentes. Mergulhou os dedos molhados em cinzas da cozinha, esfregou os dentes e passou a boca por água.

- *Bonjour*, Tia Gertrude - disse.

Pareceu surpreendida por me ver. Tinha um aspeto doentio e mal nutrido. Faltavam-lhe os dentes da frente e tinha os olhos raiados de sangue. Verteu água de um copo para a mão e lavou a cara.

- Como estás? - perguntou com um sorriso que teria assustado uma criança pequena.

Evitei-a o mais possível porque ela estava sempre a falar alto consigo mesma.

Chelaine chegou com um cesto. Trouxera sopa de pão com tomate e café. Alimentou a Avozinha e voltou para casa comigo. Chelaine vivia numa casa de barro de uma só divisão com um teto de palha e um chão sujo onde cabia a sua cama, uma pequena mesa e duas

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

cadeiras. A cozinha, separada da casa, era constituída por quatro pilares com duas folhas de metal enferrujado como telhado. Não tinha latrina nem poço de água.

Serviu-me um prato com farinha de milho cozinhado com quiabo, tomate e pedaços de porco salgado. Passado um bocado, Simon chegou. Foi diretamente até à cozinha, serviu-se numa pequena tijela de cabaça e comeu lá fora, encostado a uma parede. Depois chegou Gertrude. Depois de se servir, comeu na cozinha improvisada, sentada num tronco.

Chelaine tirou a máquina de costura de baixo da cama e começou a trabalhar. Simon e Gertrude foram-se embora mal terminaram de comer. Chelaine não tinha rádio, nem jornal, nem revistas, nem livros, nem sequer um relógio. No centro de uma pequena mesa de madeira, estava um candeeiro a gás. Passei o dia com ela, segurando o tecido quando precisava de o cortar. Quando pensou que era meio-dia, parou de coser e começou a cozinhar. Pôs um pote de feijões secos em cima de três pedras, deitou um bocado de gordura de porco e acendeu o fogo por baixo. Uma mulher com um cesto de mão foi buscar um vestido de menina. Entregou a Chelaine um pequeno saco com alimentos.

Quando o jantar estava pronto, chegou um homem alto e de pele muito escura. Chelaine apresentou-me como filho do *Blanc* Philippe. O seu nome era Antoine. Ela serviu-o à mesa enquanto ela e eu comemos lá fora na cozinha improvisada, sentados em cima da lenha. Depois Chelaine pediu-me para ir embora.

- Vejo-te mais tarde, quando for dar de comer à Avozinha - disse ela.

Eu ainda tinha fome.

Em vez de ir até a Avozinha, fui dar um passeio, procurando de árvores de fruto e observando agricultores que, a cavalo, regressavam do mercado às suas quintas. Antes de a escuridão cair, fui nadar para o Canal Artibonite e regressei ao quintal da Avozinha. Sentei-me na beira do poço com a cabeça para baixo, a visualizar uma Avozinha Alcée saudável. A lua estava cheia, o quintal vazio e o meu peito sentiu-se oco por dentro. Pensei na época em que todos se sentavam cá fora num círculo, antes da hora de dormir, a comer milho torrado, a contar adivinhas e histórias tradicionais sobre *loups-garous* e sobre dois amigos chamados Bouki e Malice.

Chelaine e Antoine eram *placé*, um acordo socialmente aceite em que um homem sustenta uma mulher, providenciando-lhe uma casa, e ela devolve-lhe o favor comportando-se

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

como se fosse sua mulher - provavelmente, um legado dos grandes *blancs* que costumavam ter escravas mulatas como concubinas. A maioria dos homens casados tinha um acordo assim. Homens solteiros com recursos eram, por vezes, placé com duas ou três mulheres. A maioria das mulheres casadas aceitava este costume porque detinham algum controle financeiro nos negócios dos maridos.

X

Antes do final da semana, perguntei a Chelaine se podia ir viver com ela em vez de dormir em casa da Avozinha.

- Porquê? - perguntou.

- Não posso dormir em casa da Avozinha porque quando a Tia Gertrude se embebedada tenta-me bater - expliquei-lhe.

Era fácil escapar a Gertrude, mas manter-me longe dos avanços de Simon todas as noites era mais difícil do que lutar contra porcos e cães selvagens na vegetação rasteira. Eu não queria acusar Simon de me molestar com medo de que ele pudesse vingá-lo. Afinal de contas, ele era um homem e eu apenas um rapaz. Além disso, contar a Chelaine não o trairia.

- Esta casa não é minha. Eu vou falar com Antoine e logo te conto o que ele diz - disse Chelaine.

- Eu vou escrever ao meu *Papa* em Port-au-Prince a pedir-lhe para te mandar dinheiro para tomares conta de mim - acrescentei.

Eu estava determinado a não passar nem mais uma noite em casa da Avozinha. De repente, os olhos de Chelaine iluminaram-se.

- Nesse caso, tenho a certeza de que Antoine vai aceitar - disse ela.

Eu não fazia ideia onde o meu pai vivia em Port-au-Prince. Alguns minutos mais tarde, Antoine chegou.

- Bobby, porque não esperas lá fora enquanto eu falo com Antoine? - sugeriu Chelaine.

Eu fui para as traseiras da casa e ouvi a conversa deles debaixo de uma janela aberta. A princípio, Antoine recusou porque a casa era demasiado pequena. Quando Chelaine lhe falou sobre a carta que eu mandaria a Blanc Philippe a pedir dinheiro, ele aceitou desde que o dinheiro lhe fosse dado diretamente. Mal a conversa terminou, eu corri de volta para a parte da frente da casa.

- Quando vais escrever a *Blanc Philippe*? - perguntou Antoine, sorridente.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Amanhã de manhã - respondi eu, sem saber nem como nem através de quem é que mandaria a carta para Port-au-Prince. Além disso, eu nunca tinha escrito uma carta antes.

- Podes ficar - disse-me.

Eu corri até casa da Avozinha e recolhi a minha caixa e a esteira. Quando chegou a hora de dormir, Chelaine transformou um lençol numa cortina para separar a cama dela da minha esteira. Os sons das suas práticas sexuais mantiveram-me acordado até Antoine ir para casa, de volta para a sua mulher.

De manhã, quando Simon veio tomar o pequeno-almoço, perguntei-lhe se havia uma escola na cidade para onde eu pudesse ir.

- Sim, mas não é gratuita - respondeu Simon.

- Podes levar-me lá? Quero vê-la - disse eu.

- Onde é que vais arranjar dinheiro para pagar a escola? Estás a perder o teu tempo - disse-me.

- Eu vou escrever a *Blanc Philippe* e ele vai mandar-me o dinheiro - repliquei.

Depois do pequeno-almoço, segui Simon até à cidade. Ele apontou para a escola e eu continuei pelo caminho por ele indicado. Parei em frente ao portão e li *Ecole Jean-Charles* escrito numa tabuleta de madeira. Observei o pátio e avistei ao longe um grande cavalo castanho, atado a um poste perto de um anexo. Ali perto, algumas galinhas raspavam o chão à procura de sementes. Como era sábado, não estava à espera de ver alunos. Havia três pequenas casas de barro com telhados de palha e janelas anormalmente grandes, lado a lado. Próximo do portão havia uma casa maior com janelas abertas e um grande alpendre frontal.

Abri o grande portão de madeira apenas o suficiente para entrar. Estava nervoso. Um enorme cão amarelo, que abanava amistosamente a cauda, estava a olhar para mim. Da casa saiu um homem negro, alto e robusto. A sua camisa vermelha berrante estava cuidadosamente metida por dentro das suas calças azuis escuras meticulosamente passadas. No seu amplo e brilhante cinto preto, estava pendurado um coldre com um revólver ligeiramente enferrujado. O reflexo do sol era visível nas suas botas de cano alto pretas.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- O que posso fazer por ti? - perguntou, com uma voz de barítono.

- Eu quero andar na escola - respondi.

- Onde é que andaste na escola antes?

- *Ecole Simone Duvalier* em Port-au-Prince - respondi, clareando a voz.

- Em que ano?

- No oitavo - respondi, sabendo que nunca tinha passado do quinto por excesso de faltas.

- São três *gourdes* (cinquenta cêntimos de euro) por mês. O primeiro mês tem de ser pago em avanço e não aceito *crétins* (idiotas) - explicou-me.

- Eu não tenho dinheiro, mas posso trabalhar para si depois das aulas - disse eu.

- Ah, ah, ah!

Riu até ter lágrimas nos olhos. Tirou um lenço vermelho e limpou a cara.

Sorri - já não estava nervoso.

- Então e os livros? Tens de ter livros - disse ele.

- Eu peço aos alunos os livros emprestados e copio as páginas - respondi, provocando-lhe outro ataque de riso.

A voz de Florence ecoou na minha cabeça - *Pedes os livros emprestados e copias as páginas.*

- Anda comigo! - ordenou-me.

Eu segui-o até à primeira pequena cabana. Ele empurrou a porta, entrou e abriu as janelas. No interior, havia secretárias com tinteiros, uma pequena mesa e um grande quadro preto bastante usado. O cheiro da cabana de aulas era-me familiar.

- Vais fazer um ditado e, se tiveres menos de dez erros, aceito-te - disse ele.

Subitamente, o meu coração começou a bater mais depressa. Fiquei novamente nervoso. Concordei com a cabeça e pus-me em frente ao quadro preto. O homem tirou um livro da

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

mesa e abriu-o. Senti pingas de suor a escorrerem-me pelas costas abaixo. Os meus dedos ficaram húmidos. A minha mão tremeu enquanto pegava num bocado de giz do quadro preto gasto. Depois de escrever *Dictée*²² no topo, ele leu alto o título *Le Braconnier* (O Caçador Furtivo). Respirei fundo, levantei a cabeça e comecei a escrever. Eu retinha as frases, como se cada uma fosse uma palavra-passe da qual a minha vida dependia, enquanto a minha mão as transferia para o quadro preto para serem avaliadas. “Deux coups tirés. . . . Il lève la tête, le canon d’un revolver, braqué sur lui, jette dans la nuit une petite lueur [Dois tiros disparados. . . . Ele levanta a cabeça, o cano do revólver, apontado para ele, atira para a noite uma luz fraca.] No final da última frase, pus um ponto final e afastei-me. O homem leu o ditado outra vez, levantando a voz, por vezes, para enfatizar certas palavras, enquanto eu procurava os erros. Ao aproximar-se do quadro, entreguei-lhe o giz e olhei-o nos olhos. Quando começou a sublinhar as palavras mal escritas, senti o meu coração a subir-me pela goela.

- Tiveste seis erros - disse ele.

Eu relaxei.

- Podes analisar gramaticalmente a primeira frase? - perguntou-me.

Soltei um suspiro de alívio e identifiquei as partes do discurso.

- O meu nome é *Maître* Jean-Charles. Como te chamas? - perguntou-me.

- O meu nome é Jean-Robert Cadet - respondi.

- Vemo-nos na segunda-feira de manhã, às oito horas - disse *Maître* Jean-Charles.

Eu saí da pequena cabana de aulas, observando à distância os porcos perto do anexo, o cavalo e o poço de água ali perto. Mal cheguei à rua e fiquei longe da vista do *Maître* Jean-Charles, saltei freneticamente com entusiasmo, a dizer: “Fui aceite! Fui aceite!” Mal podia esperar para partilhar a boa notícia com Chelaine. Ao chegar a casa, corri para ela.

- Tia Chelaine! Tia Chelaine! Fui aceite na escola do *Maître* Jean-Charles. - disse.

- Hum, hum... - disse ela com indiferença enquanto girava a manivela da sua máquina de costura.

²² NT - Ditado, em francês.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Escreveste ao teu *Papa*? - perguntou-me.

- Sim - respondi, abandonando a casa para dar uma volta pelas aldeias vizinhas para procurar mangas caídas, abacates ou outros frutos para complementar a minha alimentação.

Mais uma vez, nada encontrei. Tinha fome e o meu estômago parecia ter um nó. No regresso a casa de Chelaine, reparei num pequeno grupo de pessoas num quintal, sentados em círculo a cantar. Eu avancei e reparei que todos estavam a descascar um cesto cheio de espigas de milho secas. Estavam todos descalços.

- *Bonjour, messieurs, dames.* - disse eu.

- *Bonjour* - responderam em unísono.

Todos me olhavam curiosos. O cheiro de comida chegava vindo de uma cozinha numa pequena cabana perto do poço de água. Eu queria duas espigas com as quais podia fazer pipocas, mas tinha demasiada vergonha para pedir.

- Eu gosto de descascar milho. Posso ajudar? - perguntei nervosamente.

- Podes ajudar, se quiseres - disse uma mulher nos seus trintas.

Sentei-me próximo de uma menina pequena com cerca de seis anos e comecei a descascar milho. Pouco depois, a mulher foi até à cozinha e começou a distribuir a comida. Chamou a menina, que rapidamente voltou com um prato de papas de milho, vegetais, fatias de abacate e uma colher. Entregou o prato a um senhor mais idoso e regressou à cozinha. Depois de estarem todos servidos, perguntou-me se queria um pouco, numa doce e inocente voz.

- *Oui* - repliquei, envergonhado.

Ela voltou à cozinha e disse à mãe, que me enviou uma pequena porção sem abacate numa tijela de cabaça.

- Não há mais colheres - disse a criança.

- *Merci* - disse, aceitando a comida.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Comi com os dedos e bebi de uma lata que estava perto do poço de água. Enquanto estavam todos ocupados a comer, pus duas espigas de milho no bolso, agradeci à mulher e vim embora. Na cozinha de Chelaine, assei as duas espigas no forno de três pedras do tamanho de cocos, comi e guardei o que sobrou para utilizar como papel higiênico quando fosse aos arbustos. Ir a casa dos vizinhos sempre que me cheirava a comida tornou-se num hábito.

Na segunda-feira de manhã cedo, pus alguns bocados de tecido nos meus sapatos e vesti o meu último conjunto de roupas lavadas. A farinha de milho diária não estava pronta.

- Vou para a escola agora - disse eu.

- Está bem, eu guardo-te a comida - disse Chelaine.

Saí de casa, levando os meus antigos cadernos de Port-au-Prince e um lápis. Comprei dois bocados de bolo de milho a um vendedor de rua para o pequeno-almoço, gastando os meus dois últimos *pennies*. Ao chegar à escola, reparei no *Maître* Jean-Charles, com um longo chicote de couro preso no cinto como uma espada, de pé ao lado do portão aberto. Fez-me lembrar um capataz que eu tinha visto numa imagem sobre escravatura em Saint Domingue. Todos os alunos o saudavam com "*Bonjour, Maître Jean-Charles*" ao que ele respondia com um simples "*Bonjour*".

Às oito menos cinco, ele fez soar uma sineta enquanto os alunos se apressavam a entrar nas três cabanas de aulas. Aguardei no exterior até *Maître* Jean-Charles me levar a uma cabana de aula e dizer ao professor, um homem alto com a pele cor de carvão: "Este é Jean-Robert Cadet. Ele pertence ao oitavo ano."

Na cabana de aulas, havia duas filas de secretárias e dois alunos em cada uma. O oitavo ano ficava na fila à direita do professor. Mandaram-me para a sexta secretária atrás, passando a ser o décimo segundo aluno no oitavo ano. A outra fila, à esquerda do professor, era para os doze alunos do sétimo ano.

Ao olhar pela janela, conseguia ver a cabana de aulas próxima da minha, onde estavam o nono e décimo anos. Depois dessa, estava a cabana dos décimo primeiro e décimo segundo anos. *Maître* Jean-Charles ensinava estes últimos. Havia duas raparigas na escola e eram as duas da turma do *Maître* Jean-Charles, preparando-se para o exame nacional.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Cada professor tinha um chicote de couro para utilizar nos alunos que chegavam atrasados ou davam erros no quadro.

Um aluno mais velho entrou e entregou-me três livros.

- Estes são do *Maître* Jean-Charles - disse ele e voltou para a aula dele.

Havia um aluno que se sobressaía em todos os anos. Esses, normalmente, eram chamados ao quadro para corrigirem os erros dos outros. Os alunos raramente levantavam as mãos. Eram chamados para recitar a lição, responder ou ir até o quadro. Todos os alunos estavam sempre concentrados.

Almajipe Bello, um rapaz alto do oitavo ano, que tinha a pele mais escura do que eu, era considerado o mais inteligente do ano por causa do tom de pele claro. Até o professor de pele escura parecia reconhecer isso visto que, por vezes, recompensava Almajipe com um sorriso, dizendo *petit blanc*²³, o maior elogio quanto à inteligência. Nessa manhã, pelo menos, cinco alunos foram chicoteados no quadro com um *rigoise*²⁴.

Durante o intervalo de trinta minutos, todos os alunos do oitavo ano pareciam estar focados em mim, perguntando-me: "És inteligente? És tão inteligente como Almajipe Bello?" Almajipe estava contrariado porque deixara de ser o centro das atenções. Ele avançou e olhou de cima para mim. Fiquei preocupado. Pensava que ele me ia bater.

- Eu sou dez vezes mais inteligente que tu - disse ele.

O professor estava a assistir e sorriu abertamente.

Cinco minutos antes do meio-dia, o professor escreveu um exercício de matemática no quadro.

- Preparem-se para esta tarde - disse ele, em tom de desafio.

Almajipe virou a cabeça para mim e sorriu.

Já na rua, Almajipe gritou por mim:

- Ei, Jean-Robert. Vais apanhar esta tarde.

²³ NT - Pequeno branco, em francês.

²⁴ NT - Chicote de couro.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Em casa de Chelaine, comi e inspecionei os três livros usados. O nome "Bach Jean-Charles" estava escrito na parte de dentro de todas as capas. Era o filho de *Maître* Jean Charles, que se preparava para os exames nacionais em Port-au-Prince. Fiz os exercícios e revi cálculos matemáticos nos meus cadernos antigos.

À uma e meia, voltei à escola e esperei pelo começo da sessão às duas horas. Almajipe estava no recreio, a provocar-me.

-Vais apanhar esta tarde - continuava a dizer.

Cinco minutos antes das duas, todos estavam nos seus lugares.

Estava um dia quente e húmido. O odor de corpos transpirados tinha absorvido o cheiro dos tinteiros, novamente enchidos nas secretárias dos alunos. Depois do toque da campainha, o professor entrou e todos se levantaram. Ele fez um sinal com a mão e todos se sentaram silenciosamente. Antes do professor dar instruções, o pai de um rapaz do oitavo ano entrou como se fosse esperado. Todos se levantaram e assim permaneceram. O professor chamou o rapaz à frente da turma e entregou o *rigoise* ao pai. Sem que fosse preciso dizer-lho, o rapaz ajoelhou-se em frente do quadro e o pai chicoteou-o nas costas, pelo menos, vinte vezes. O rapaz soltou um pequeno e abafado "Hum" em cada golpe. Tentou não chorar, mas as lágrimas começaram a cair. Depois, o pai agradeceu ao professor por lhe emprestar o chicote e mandou o filho para o lugar dele.

- Não o voltará a fazer - disse o pai do rapaz, enquanto saía.

O professor sorriu abertamente, molhou os lábios e fez sinal aos alunos para que se sentassem.

Ele começou com os do sétimo ano, enquanto os do oitavo faziam revisões. Qualquer aluno que tivesse erros ajoelhava-se no canto à frente da turma. Antes do professor trabalhar com os do oitavo ano, os alunos ajoelhados encurvaram as costas e enfiaram os pescoços entre os ombros até parecerem tartarugas. O professor chicoteou cada criança nas costas. Aqueles que se atreviam a levantar as mãos eram tratados com mais severidade.

- Jean-Robert Cadet, vai ao quadro com o teu livro - disse o professor.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

O meu coração acelerou. Disse-me para resolver o problema de matemática de uma página específica.

Depois de terminar, o professor perguntou:

- Há erros?

A sala ficou completamente silenciosa. Parecia que ninguém respirava. Nem uma mão foi levantada.

- Almajipe Bello, vai ao quadro e corrige - mandou o professor.

Almajipe sorriu a olhar para mim, enquanto se aproximava ao quadro. Eu dei-lhe o giz e pus-me de lado. O meu coração estava a bater fortemente. Almajipe apagou alguns números e escreveu outra coisa. Fiquei paralisado. O professor sorriu. Almajipe pôs-se de lado, entregando o giz ao professor, que corrigiu Almajipe e reescreveu os números que eu tinha escrito.

- Põe-te de joelhos - disse a Almajipe.

Ao regressar ao meu lugar, o professor olhou para mim e disse *Petit blanc* a sorrir. Chicoteou Almajipe com o *rigoise*.

Durante o intervalo da tarde, todos os alunos no oitavo ano gozaram com Almajipe, gritando que ele não era mais o número um. Furioso, avançou em direção a mim e disse-me acenando o punho: "Depois da escola, eu mostro-te quem é o número um". A campainha tocou às quatro horas. Fomos dispensados da escola. Todos os alunos sabiam da luta. A um quarteirão da escola, todos pararam e me rodearam juntamente com Almajipe. Tremi de medo. Um aluno do oitavo ano, ansioso por assistir à luta, avançou na minha direção e ofereceu-se para segurar nos meus livros. Eu olhei para a multidão e reparei no finalista que me tinha dado os livros, enviado pelo *Maître* Jean-Charles. Avancei na direção dele.

- Toma, segura nos meus livros - disse, esperando que ele evitasse que a luta acontecesse.

O finalista pegou nos livros com cara de preocupação.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Ei, Almajipe! Se lutares com Jean-Robert, eu vou dizer ao *Maître* Jean-Charles e tu sabes o que ele acha sobre vagabundos que lutam na rua - disse ele.

Almajipe olhou para o finalista e refletiu por um momento. Depois, pegou nos livros dele, que estavam com outro rapaz, e abandonou o círculo sem dizer uma palavra. Eu suspirei de alívio. A multidão dispersou.

Durante o intervalo do oitavo ano, costumava observar *Maître* Jean-Charles com o seu *rigoise* atrás de um aluno no quadro. Por cada erro que o aluno cometesse, *Maître* Jean-Charles atingia-o nas costas e gritava *Crétin! Cochon marron!* [Idiota! Porco selvagem!] Um aluno que chegasse atrasado à aula recebia vinte chicotadas nas palmas das mãos. Ao ser chicoteado, o aluno alternava as mãos e contava em voz alta os golpes, a ranger os dentes.

No final de cada semestre, *Maître* Jean-Charles convocava uma assembleia no recreio da escola para distribuir cartões escolares com as notas. Todos ficavam em silêncio enquanto ele chamava pela classificação, nome e média de cada aluno, começando pelos finalistas. A média era baseada numa escala de 10,0. Quando chegava aos nomes cujas médias eram abaixo de 6,0, chamava-lhes *Crétin*.

Na minha turma, eu fui sempre o primeiro com uma média de 9,5 ou mais. Almajipe era o segundo e Raoul Bonhomme era o terceiro. Para muitos alunos, o objetivo não era aprender, mas sim evitar ser brutalmente chicoteado e insultado publicamente de *crétin* por *Maître* Jean-Charles.

Na tarde seguinte, fui mandado ao quadro para corrigir Almajipe. Antes de sair do meu lugar, comparei a solução de Almajipe com a que eu tinha escrito no meu caderno.

- *Maître*, a minha solução é igual à dele. Não há erros - disse eu.

Almajipe sorriu e eu devolvi-lhe o sorriso. O professor concordou e elogiou-me com *petit blanc*.

Numa tarde quente e abafada, Chelaine não tinha água em casa para cozinhar. Fizemos uma viagem até ao Canal Artibonite num burro emprestado no qual carregamos cabaças cheias de água. Perdi a noção do tempo e cheguei tarde à escola. Quando entrei na sala, o professor mandou-me ajoelhar no canto.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Não há desculpas para chegar atrasado - disse ele.

Foi a primeira vez que fiquei no canto. Antes de a aula terminar, o professor atingiu-me nas costas com o chicote. Eu tentei proteger a cabeça levantando as mãos.

- Como é que te atreves a levantar as mãos? - disse ele, numa raiva incontrolável.

Cada golpe era como apagar um cigarro nas minhas costas. A minha camisa estava coberta de sangue, mas não derramei nenhuma lágrima. Nessa mesma tarde, quando cheguei a casa de Chelaine, ela olhou para mim e perguntou:

- Castigaram-te, não foi?

Eu acenei que sim com a cabeça. Antes do jantar, eu decorei as páginas designadas do livro de textos sobre a história do Haiti e pratiquei três ditados num texto de gramática francesa antes da escuridão se instalar. Essa noite pareceu-me muito longa. Enquanto Chelaine e Antoine permaneciam nas suas atividades habituais, a minha pele parecia estar a arder. O sal do meu suor fazia com que as minhas feridas picassem como abelhas.

Antoine estava a ficar impaciente comigo. Já tinham passado quase três semanas desde que lhe tinha dito, a ele e a Chelaine, que tinha escrito ao meu pai a pedir dinheiro.

- Porque não escreves outra carta e a dás ao Louis? Ele compra café ao *Blanc Philippe* e vai a Port-au-Prince a cada duas semanas - disse Chelaine.

Os meus olhos iluminaram-se.

- Onde é que ele vive? - perguntei nervosamente.

Depois de Chelaine me dar a morada de Louis, corri pelo quintal do vizinho até à rua. Depois de correr cerca de duas milhas, encontrei a casa. Abri o portão pintado de fresco e entrei. Era um local muito mais agradável do que a casa da Avozinha. Só a cozinha era bem maior do que a cabana de Chelaine. O poço estava tapado com cimento. O roncar dos porcos, o cacarejar das galinhas e o balir das cabras preenchiavam as traseiras.

Um rapaz com cerca de oito anos saiu pela cozinha.

- *Aunt Maude*, está aqui alguém - gritou.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Uma mulher de tez castanha, com cerca de um metro e meio, com um vestido novo e sandálias, saiu para me cumprimentar. Antes que eu pudesse emitir uma palavra, ela exclamou:

- Tu deves ser Alfrenold!

- *Non*, o meu nome é Bobby - respondi, pensando que tinha ido parar à casa errada.

- Tu deves ser filho da falecida Henrilia Brutus - a tua *mama* deu-te o nome de Alfrenold Brutus. A tua nova *mama* deve ter mudado o teu nome para Bobby - explicou-me.

- Como é que me reconheceu? - perguntei surpreendido.

- És muito parecido com *Blanc* Phillippe e Louis contou-me tudo acerca da tua mãe - respondeu.

Não fiquei impressionado com o nome *Alfrenold*, mas gostava de ter podido manter o nome *Brutus*, o nome de família da minha mãe. Assim não teria de suportar a ameaça constante de Florence de me retirar o nome *Cadet* e alterá-lo para o comum *Joseph*.

Pouco depois, Louis abriu o portão e entrou com uma bicicleta preta nova. Era de estatura média, com uma tez escura e nos quarentas.

- É este Alfrenold, o rapaz de *Blanc* Philippe? - perguntou.

Antes que pudesse responder, a mulher disse:

- Sim, é, mas o nome dele agora é Bobby.

- Vieste com a *Madame* Cadet? - perguntou Louis.

Mais uma vez, ela interrompeu.

- Olha para ele. Olha só para ele! É tão parecido com o *Blanc*!

Eu estava chocado e surpreendido porque nunca ninguém tinha ficado tão excitado por me ver.

- *Non*, não vim com a *Madame* Cadet. Ela foi para *l'étranger* - respondi eu.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Ela vai mandar alguém buscar-te? - perguntou-me.

- Não sei - repliquei. - Como é que me reconheceu? - acrescentei.

- Depois da morte de Henrilia, eu levei-te ao *Blanc Philippe* e ele levou-te até à *Madame Cadet*. Tinhas começado a aprender a andar - disse Louis.

- Posso viver aqui convosco? - perguntei.

- Sim, esta casa é tua. Podes chamar-me *Aunt Maude* - respondeu a mulher. Era a mulher de Louis.

- Estou de volta às cinco horas - disse eu, enquanto corria de volta para casa de Chelaine.

- Encontraste-o? - perguntou Chelaine.

- Sim, encontrei e ele disse que concordava - repliquei, pegando nos livros para me apressar para a escola.

Uma vez na rua, fartei-me de saltar todo o caminho até à escola.

Às quatro horas, apressei-me para casa de Chelaine e disse nervosamente:

- Vou viver com Louis a partir de hoje.

Chelaine parou de coser. Parecia admirada com a notícia.

- Então e o dinheiro? Antoine quer o dinheiro dele - disse ela.

Eu tirei a minha caixa de baixo da cama dela e saí a correr.

Quando cheguei a casa de Louis, Maude estava à minha espera. A mesa estava posta no alpendre das traseiras com pratos de porcelana, talheres de prata e copos.

- O jantar está pronto. Vem comer - disse ela, a sorrir.

Fiquei tão assoberbado pela hospitalidade dela que me senti desconfortável.

- Obrigado - disse eu, ao sentar-me desconfortavelmente à mesa.

- Serve-te. Come o que quiseres. É tudo para ti - disse ela.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Eu tremi nervosamente. Nunca me tinha sentado à mesa a comer com outras pessoas. Maude tinha três taças separadas de porcelana e cada uma tinha algo diferente - frango com beringela, arroz branco e molho de feijão vermelho.

- Que parte do frango queres? - disse ela.

- Não sei - repliquei porque nunca ninguém me tinha colocado essa questão antes. Senti-me pouco à vontade. Maude serviu-me uma perna e uma coxa juntamente com arroz e molho. Ela sentou-se e comeu comigo. Senti-me importante embora desconfortável.

- Bobby, não estejas nervoso. Esta casa é tua. Considera-me como a tua *Aunt* Maude - assegurou-me ela.

Eu estava sem palavras. Comecei a transpirar enquanto saboreava a refeição deliciosa.

Quando o jantar terminou, Chelaine entrou pelo quintal.

- Honra - gritou ela, uma saudação que as visitas utilizavam para anunciar a sua presença quando entravam no domínio de alguém.

- Respeito - respondeu Maude.

- Eu vim aqui buscar Bobby - disse Chelaine.

- Ele quer viver aqui agora e eu quero que ele fique - disse Maude.

Louis chegou ao quintal montado a cavalo.

- A minha tia Florence Cadet mandou-o vir viver comigo e eu quero-o de volta - exigiu Chelaine.

- Bobby vai passar a viver aqui agora. É o que ele quer - disse Louis, a segurar no portão aberto para indicar a saída a Chelaine.

- Seu rapazinho ingrato. Olha para tudo o que já fiz por ti. É assim que me pagas de volta? Eu alimentei-te e lavei-te as roupas - gritou Chelaine enquanto saía do quintal.

Louis levou-me para a sala para conversarmos. Olhei em redor. Havia um pequeno divã, um transístor a pilhas, um relógio numa pequena mesa verde, uma mobília de sala de jantar, duas cadeiras e um armário.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Eu vou a Port-au-Prince de duas em duas semanas durante a época do café para ver o teu *papa*. Tenho trabalhado com ele, comprando-lhe café para exportar desde a sua juventude. Ele tinha uma fábrica abaixo das montanhas de Cahos. Foi onde ele conheceu a tua *maman*, Henrilia. Aquele *Blanc* Philippe, digo-te uma coisa, não a deixava em paz. Ela era a cozinheira dele na fábrica, sabias? - disse Louis, a sorrir e a abanar a cabeça.

- O que aconteceu à minha *maman*? - perguntei.

- Envenenaram-na. Todas as mulheres em Cahos andavam atrás de *Blanc* Philippe. Quando Henrilia te teve, muitas mulheres tiveram ciúmes dela por ter um filho com um *blanc*. Ela era a mulher mais bonita da fábrica, preta como carvão, com uns dentes muito brancos - disse Louis.

- Sabes quem a matou? - perguntei.

- *Non*, muitas mulheres não queriam que a vida de Henrilia melhorasse. Em Cahos, as pessoas dão-se melhor quando não têm nada. *Blanc* era bom para Henrilia. Dava-lhe dinheiro. Fala-me sobre ti. A *Madame* Cadet mandou-te de férias? *Blanc* sabe que estás aqui? - perguntou Louis, que presumiu que Florence me tinha tratado como um filho.

- *Madame* Cadet foi à *l'étranger* há cerca de um mês e não sei se *Blanc* sabe que estou aqui - repliquei.

- Quando for para Port-au-Prince, eu digo a *Blanc* que estás comigo. Se precisares de alguma coisa, diz-me - disse Louis.

Maude entrou.

- Bobby está na escola, Louis. Olha para os livros dele - disse ela, mostrando os livros a Louis.

- Em que escola andas? - perguntou-me Louis.

- Na *Ecole Maître* Jean-Charles - respondi.

- Já lhe pagaste? - perguntou-me.

- *Non* - respondi.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Quanto é que ele cobra? - perguntou.

- Três *gourdes* por mês - repliquei.

Louis abriu um pequeno armário e tirou uma caixa de metal, cheia de dinheiro haitiano sujo e empilhado organizadamente. Deu-me seis *gourdes*.

- Precisas de mais alguma coisa? - perguntou-me.

- *Oui*, preciso de três cadernos - respondi-lhe.

Ele deu-me mais três *gourdes* e disse:

- Compra, também, alguns lápis.

- Vem ter comigo quando acabares de conversar com Louis. Quero mostrar-te o teu quarto - disse Maude.

Eu segui-a. Ela abriu a cortina na entrada que separava a sala de estar do quarto dela.

- Este é o meu quarto - disse ela. Em frente da cama estava uma mesa com duas cadeiras. Estavam dois *cruches* ou cântaros de barro, cheios de água, num canto. Aos pés da cama estava um armário alto. Ela abriu outra cortina que revelou um quarto mais pequeno.

- Esta é a tua cama - disse ela, apontando para uma pequena cama com lençóis e almofada bordados brancos. Eu olhei para a cama e pensei no meu problema de molhar a cama. Ela apontou para o colchão no chão e disse:

- Este é para Théodore.

Théodore era o rapazinho que tinha anunciado a minha presença, horas mais cedo.

- *Non*, não é preciso. Eu durmo no colchão - disse eu.

- *Non*, eu quero que tu fiques com a cama. Eu quero dormir no chão - disse Théodore, na entrada.

- Théodore não se importa. Ele gosta de dormir no chão - disse ela.

- Agora tenho de estudar e fazer os trabalhos de casa para amanhã - disse eu.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Estava a ficar escuro. Maude acendeu um candeeiro de querosene na sala de estar. Louis foi alimentar os porcos. Sentei-me à mesa e comecei a memorizar a lição do dia seguinte.

- Porque vais à escola? - perguntou Théodore, na porta.

Eu virei-me para ele e disse:

- Eu gosto da escola. Tu não vais?

- *Non*, eu não vou à escola porque não sei ler - respondeu-me Théodore.

Ao chegar a hora de deitar, Maude colocou um pote no chão entre a cama e o colchão e desejou-nos uma boa noite.

- Boa noite, minha tia - dissemos ambos em uníssono.

Convenci Théodore a aceitar a cama de volta e dormi no colchão, utilizando uma almofada por baixo da cabeça, pela primeira vez na minha vida.

Cedo, na manhã seguinte, Théodore descobriu que eu tinha molhado o colchão.

- Tia Maude, Bobby molhou o colchão - disse ele.

- Já chega, Théodore. Bobby teve um acidente - replicou.

Senti-me envergonhado, mas, ainda assim, seguro.

O irmão de Maude trouxe para o quintal uma das vacas do campo de arroz e começou a ordenhá-la. O café estava pronto; foi entregue pão fresco. Depois do pequeno-almoço, Louis disse-me para levar a bicicleta para a escola, mas eu não sabia andar nela. Aprendi sozinho, utilizando uma parede da casa para manter o equilíbrio. Depois de alguns dias, comecei a ir para a escola de bicicleta. Todos começaram a ter ciúmes. *Maître* Jean-Charles costumava perguntar-me: “-Jean-Robert Cadet, encontraste algum pote de outro no fim do arco-íris?”

Eu trabalhava com Louis, aos sábados, no armazém de café, a pesar e a verificar a hidratação dos graus de café. Também o ajudava a verificar todas as transações importantes. Sempre que eu descobria um erro, Louis sorria e dizia:

- Tu és mesmo filho de um *blanc*.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Durante a época de plantação do arroz, Louis levou-me aos seus *combites*, onde homens de tronco nu, mulheres e crianças trabalhavam o dia inteiro, enfiando novas plantas de arroz germinado em campos alagados em troca de duas refeições. Ao meio-dia, eram servidos inhames com leite e, ao final do dia, papas de milho amarelo com molho de feijão vermelho, ambos em tijelas de cabaça. As mulheres comandavam os homens com canções de vodu, que pareciam ajudar a suportar a fúria do sol. Louis não me queria a plantar arroz porque eu era filho de um *blanc*. Pensava que a minha tez castanha-clara não toleraria os raios de um sol furioso durante o dia inteiro.

O meu dever era ir buscar água a uma nascente ali perto, aos pés de uma árvore magnífica com grossas raízes rastejantes e vozes de mil cigarras. A sua enorme copa verde fazia de escudo contra os raios brilhantes do sol, criando uma câmara fresca e escura por baixo. Os líquenes balançavam dos ramos em todas as direções como o cabelo indomável de um monstro feminino num pesadelo. A nascente era uma perfeita cratera em forma de cone, construída por bocadinhos de areia tão fina como açúcar mascavado. A água era sempre transparente, doce, e vibrava no fundo, como se uma mão transparente procurasse o lugar perfeito para colocar um ou dois grãos de areia. Com o coração a bater, costumava pressionar a grande cabaça para o fundo, afogando-a na natureza. Mantinha os meus olhos fixos na árvore porque as pessoas diziam que aí residia a *maître* da nascente, supostamente uma serpente enorme. Eu carregava a água de volta ao campo de arroz e enchia copos de lata com ela. Era tão fria que os trabalhadores a bebiam cuidadosamente.

Depois do trabalho, todos iam até uma lagoa perto da nascente para se lavarem. Normalmente, a água estava muito quente à superfície, mas muito fria por baixo.

Todos os domingos de manhã, Louis levava-me a assistir a lutas de galos em pequenas aldeias na montanha. Os pescoços e pernas dos galos eram rapados e fortalecidos. As longas garras curvas eram previamente afiadas para a luta numa arena semelhante a um poço rodeado por bancos de madeira. Os participantes chegavam a cavalo, com chapéus de palha, segurando os seus galos encapuçados contra o peito com um braço, como recém-nascidos. Dos seus cintos pendiam longos machetes enfiadas em bainhas de couro castanhas. Antes de cada luta, eles borrifavam os lutadores à frente e atrás com água das suas bocas. As suas mochilas de pôr ao ombro continham pequenas garrafas com cascas de alho, verbena e casca de canela embebidos em tafiá. Faziam as suas apostas com notas haitianas velhas, gastas e, por vezes, rasgadas. Durante as lutas sangrentas, incitavam os

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

galos com gritos: “Mata-o! Apanha-o e fura-lhe os olhos!” Alguns riam e sorriam satisfeitos, expondo os seus dentes escurecidos. Louis disse-me que a maioria dos participantes com camisas vermelhas e calças de ganga azuis eram *houngans*, ou seja, feiticeiros. Ali perto havia uma construção coberta com palha onde se vendia comida cozinhada, servida em pratos de folhas de bananeira feitos por mulheres. Sempre que o galo de Louis vencia, levava o animal derrotado para ser cozinhado pela mulher e deixava o vencedor com o treinador.

Numa segunda-feira ao final da tarde, ao voltar da escola para casa de Louis, dei com o irmão de Maude, 'Ti' Bobo, a atar os pés a um cão no chão, perto da cabana da cozinha. Maude e Théodore assistiam sentados num grande bloco de cimento. O cão, petrificado, tinha a cauda entre as pernas e notavam-se as costelas através do pêlo castanho.

- O que é que se passa? O que é que vais fazer com o cão? - perguntei.

- Pilhou o galinheiro e eu vou ensiná-lo a nunca mais roubar ovos - respondeu 'Ti' Bobo num sorriso maléfico.

De repente, a voz de Denis ecoou na minha cabeça: “*Vou levar-te até à esquadra. Isso vai ensinar-te a nunca mais roubares.*” Um arrepio percorreu-me a espinha e, por breves momentos, vi-me a mim mesmo, atado, no chão em vez do cão.

Um ovo estava a ser cozido no fogão de três pedras no chão do meio da cabana da cozinha. 'Ti' Bobo retirou o ovo cozido a esquentar da panela com uma grande colher de madeira e colocou-a em frente ao nariz preto e frio do cão. Depois, obrigou-o a abrir a boca com um pau, enfiou-lhe o ovo a esquentar e manteve a boca do cão fechada. Enquanto o animal se debatia para se libertar, a chiadeira abafada e os olhos em lágrimas fizeram-me tremer. Depois de 'Ti' Bobo o libertar, o ovo quente saiu da boca. O cão fugiu do quintal, latindo dolorosamente.

Numa manhã cedo, um som percorreu o quintal. Louis precipitou-se para fora da casa e reparou que um dos porcos que ele andava a engordar tinha desaparecido. Saltou para o cavalo com um machete e mandou-me segui-lo de bicicleta. Ao aproximarmo-nos de um pequeno campo de milho, ouvimos um homem a gritar continuamente:

- Criador de porcos, tirei a minha parte. Vem buscar a tua.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Pendurado num dos ramos de uma pequena mangueira à beira da estrada perto da quinta estava o porco que pertencia a Louis. Faltavam as duas pernas dianteiras, uma perna traseira e a cabeça.

Enojado, Louis abanou a cabeça e disse:

- Aposto que o meu porco nem sequer comeu assim tanto da colheira dele para ele o matar.

Louis cortou a corda, deixando cair a carcaça no chão. Depois, atou-a à parte de trás do cavalo e voltou a casa com alguns cães a seguirem-lhe o rasto. O resto do animal foi cortado e mandado para o mercado.

O agricultor podia ter mantido o animal para resgate, mas como era grande e gordo ficou mais satisfeito com a carne.

- Se algum dos animais dele alguma vez se soltar e vaguar pelo meu quintal, mato-o - disse Louis, furioso.

XI

Uma noite, já tarde, fui acordado pelo som da chuva pesada a cair no telhado de lata. Théodore dormia profundamente. Louis discutia com a sua mulher. De repente, ouvi o som de um estalo. Maude gritou. Outro estalo, outro grito. Puxei lentamente a cortina para o lado para observar. O pequeno candeeiro estava aceso sobre a mesa. Ela estava presa por um Louis nu. Deu-lhe outro estalo. Ela gritou mais alto. Saltei para as costas de Louis e gritei:

- Deixa a minha tia em paz!

Louis arrastou-me de volta para o outro quarto, bateu-me inúmeras vezes no traseiro e foi dormir para a sala de estar. Na manhã seguinte, a face de Maude estava gravemente inchada.

- Obrigada por vires em meu auxílio ontem à noite - disse ela.

- Porque te estava a bater? - perguntei.

- Não conseguimos ter filhos - respondeu-me.

Eu fiquei confuso com aquela resposta.

- Ele estava a bater-te porque não conseguem ter filhos? - perguntei.

- Louis nem é homem nem é mulher - disse ela.

- Ah?

Eu já tinha ido nadar com ele no canal num domingo, depois de uma luta de galos. Já tinha visto o seu pénis.

- É um homem - disse eu, sentindo-me ainda mais confuso.

- Ele não consegue fazê-lo - disse ela.

- Não consegue fazer o quê? - perguntei.

- Não te posso explicar isso, mas um dia vais perceber - disse ela.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Na noite seguinte, um homem, vestido com uma camisa vermelha, estava na sala a conversar com Louis e Maude. Quando assumiram que eu e Théodore estávamos a dormir, foram para o quarto e sentaram-se à mesa. Alguém apagou o candeeiro. A escuridão era densa. O homem começou a entoar algo. Eu estava a ouvir. Théodore dormia profundamente. De repente, a mesa começou a tremer e a saltitar contra o chão de cimento como se tivesse vida própria. A voz do homem mudou, parecendo cada vez mais um urso a roncar numa caverna. As palavras eram incompreensíveis. O meu coração batia fortemente. Fiquei petrificado. Então, lembrei-me do catecismo que tinha memorizado quando me preparava para a minha Primeira Comunhão e comecei a recitar algumas páginas, incluindo o "Pai Nosso". Quando fiquei sem orações, tentei recordar passagens que tinha lido no livro de orações de Florence quando ela ia à casa vizinha. Lembrei-me de *Je renonce au Satan et à ses oeuvres. Je m'attache à Jesus Christ pour toujours*. [Eu renuncio a Santanás e as suas obras. Eu uno-me a Jesus Cristo para sempre] e comecei a repetir vezes sem conta até a sessão terminar. Alguém acendeu o candeeiro e o desconhecido foi embora. Após uma breve conversa, Louis apagou o candeeiro e tudo ficou calmo.

As sessões continuaram todas as noites seguintes durante quase duas semanas. Já não queria continuar a viver com Louis, mas também não queria voltar para casa nem de Chelaine nem da Avozinha.

Decidi confrontar Maude.

- Tia Maude, ontem à noite ouvi muitos barulhos. Se calhar sonhei. Ouviste alguma coisa?
- perguntei.

- Não estavas a sonhar, Bobby. O barulho assustou-te? - perguntou, preocupada.

- Sim. O que era? - perguntei.

- O homem que tem cá vindo é amigo de Louis. Está a ajudar-nos a descobrir porque é que não conseguimos ter filhos - disse ela, tristemente.

- Ele disse-vos porque é que não conseguem ter filhos? - perguntei.

- Alguém arranjou uma cadeira a Louis - disse-me.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Ah? O que é que arranjar uma cadeira tem a ver com vocês não conseguirem ter filhos? - perguntei.

- Nunca podes dizer isto a ninguém, Bobby - é o nosso segredo. Alguém pôs um pó mau na cadeira de Louis e ele sentou-se nela. É por causa disso que ele não funciona como homem para me engravidar. Percebes?

Eu acenei que sim apesar de não ter compreendido completamente.

- Sabem quem fez isso? - perguntei.

- Sabemos quem fez e Louis vai tratar dele - disse ela, chorosa.

- Sabem porque é que ele fez isso? - perguntei.

- Pela mesma razão que mataram a tua *Maman*. Muitas pessoas querem fazer mal a Louis por ele ser um homem próspero. Tem terrenos e vacas e compra café para *Blanc Philippe*. Não querem que ele tenha filhos para herdarem qualquer coisa dele - disse ela.

Mais tarde nesse dia, o homem que executava as sessões voltou com uma mochila de pôr ao ombro chamada *macout*²⁵ e Louis levou-o até à sala de estar. Pouco depois, Louis chamou Maude para se juntar a ele e ao amigo. Quando o visitante foi embora, perguntei a Maude se ele ia voltar.

- Não vem mais, Bobby. Já acabou. Ele disse-nos o que fazer - disse ela.

Théodore e eu estávamos a dormir quando Louis entrou no quarto nessa noite e me acordou.

- Ei, Bobby, acorda! - disse Louis, abanando-me.

Estava a segurar num pequeno candeeiro de querosene.

- *Oui*, Louis - disse eu, sentando-me no colchão.

- Toma, quero que me escrevas o nome *Edward* neste pedaço de papel - pediu-me.

Sem fazer quaisquer perguntas, escrevi o nome no papel e devolvi-o a Louis.

²⁵ NT - Vocábulo já anteriormente mencionado, mas que, neste contexto, adquire uma conotação distinta, pois trata-se de um objeto utilizado em rituais vodu para apresentar oferendas.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- *Merci* - disse Louis e saiu do quarto.

Eu voltei a deitar-me, mas antes de adormecer, ouvi o som de um cavalo a sair do quintal. Na manhã seguinte, perguntei a Maude porque é que Louis me tinha pedido para escrever o nome *Edward* num pedaço de papel.

- Ele precisava do nome para pôr na taça de cabaça - disse ela.

- Porquê? O que é que isso vai fazer? - perguntei.

- O homem que nos ajudou mandou Louis ir ao rio Artibonite ontem à noite. Ele arranjou-nos uma taça de cabaça e disse a Louis para acender uma vela preta no meio da taça, pôr o nome nela e deixá-la flutuar pelo rio abaixo - explicou ela.

- O que vai acontecer depois? - perguntei nervosamente.

- Quando a taça afundar, Edward morrerá. Talvez eu e Louis já consigamos ter filhos - disse ela.

Senti-me traído. Fiquei assombrado pela culpa e senti-me responsável pela morte de Edward.

- Porque é que não escreveu ele mesmo o nome? - perguntei.

- Porque Louis não sabe escrever - disse ela.

De repente, lembrei-me do Quinto Mandamento. "Não matarás" ecoou na minha cabeça. E lembrei-me da Avozinha Alcée dizer "Quem apontar o dedo e disser «Olha, uma serpente!» é o responsável pela morte da serpente." Tinha-me contado esse provérbio no dia da matança do porco. Eu tinha reparado numa pequena serpente verde a deslizar perto do poço e disse entusiasmado: "Simon, olha - uma serpente!" Simon pegou num machete, cortou-lhe a cabeça e atirou-me o corpo. A Avozinha, muito zangada, disse a Simon que a serpente poderia ser um *mystère* ou um *loa*. A Avozinha apontou-me o dedo e disse: "Quem apontar o dedo e disser «Olha, uma serpente!» é o responsável pela morte da serpente." Fiquei petrificado e pensei que o *mystère* ia retaliar contra mim por ter causado a morte da serpente. Do meu ponto de vista, escrever o nome de Edward, para Louis o pôr na taça de cabaça, era o mesmo que alertar Simon para a existência da serpente.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Em vez de ir para a escola, fui dar um longo passeio em direção a Port-au-Prince até a fome me forçar a voltar para casa de Louis de noite, já tarde. Estava zangado e recusava-me a conversar com alguém. Deixei de ir ao armazém do café e aos domingos recusava-me a ir às lutas de galos dele.

- Não és o mesmo rapaz que veio viver connosco - dizia-me Louis, enquanto eu olhava para ele enojado.

Num final de tarde de sábado, fui a um concerto com um vizinho amigo que era muito mais velho que eu. A lua estava tão brilhante que perdi a noção do tempo. O concerto decorreu debaixo de uma árvore gigante no meio de um grande campo aberto. Os músicos tocaram trompetes, tambores, tubos de bambu, maracas e címbalos. Só voltei às três da manhã. Depois do pequeno-almoço, Louis cortou uma longa vara. Foi para o lado do anexo da casa e convocou-me.

- Anda cá, rapazinho! Vou ensinar-te uma lição - disse ele.

Nervoso, peguei em duas pedras do tamanho de mangas.

- Se me tocares, parto-te a cabeça em duas, juro - gritei.

Louis ficou perplexo. De boca aberta.

Maude interveio, tirando a vara ao marido.

- O que é que ele te fez? - perguntou-me.

Louis pegou na bicicleta e saiu do quintal.

Nessa noite, quando todos dormiam, peguei no relógio da sala de estar, programei-o para as três da manhã e coloquei-o por baixo da minha almofada. O acelerar do meu coração e o tique-taque abafado do relógio pareciam ter-se juntado numa conspiração para não me deixarem dormir. Antes que o alarme pudesse acordar alguém, desliguei-o. Calcei os meus sapatos, peguei na minha caixa e devagar destravei o fecho da porta. Saí e fechei a porta lentamente atrás de mim. Enquanto abria o portão para sair do quintal, olhei para cima, procurando no céu escuro e sombrio *loups-garous* que pudessem estar a voar para casa antes do nascer do sol. Rezei para não ser raptado por um bando de RaRa, músicos que se

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

pensava serem *loups-garous*. Corri até chegar à praça da cidade, onde o autocarro *Deus É Grande* estava a fazer tempo para partir para Port-au-Prince.

Disse ao condutor ofegantemente:

- Louis mandou-me ir a Port-au-Prince para fazer um recado e disse-me para te pagar na vinda.

- Está bem, sobe - disse o condutor.

Dormi no autocarro e acordei em Port-au-Prince, por volta das nove horas daquela manhã. Pensei em ir até casa dos Villard, mas mudei de ideias, pensando que Yvette nunca me deixaria ficar lá. Lembrei-me de Louis dizer que *Blanc Philippe* vivia na Rua Bernard, 18, e decidi ir até lá. Perguntei a desconhecidos nas ruas o caminho para a Rua Bernard até a encontrar e, nela, uma grande casa amarela com o número 18.

Fiquei do outro lado da rua, a observar nervosamente as atividades no quintal. Estavam dois carros estacionados. Observei um homem branco a entrar num deles, um carocha preto VW. Atravessei a rua e avancei em direção ao carro à medida que ele fazia marcha atrás para sair. O condutor reparou em mim e parou. Saiu do carro e perguntou-me ríspidamente:

- O que estás aqui a fazer?

- Não quis viver mais com Louis - respondi, tremendo com a minha caixa nas mãos.

- Onde queres viver? - perguntou Philippe, severamente.

- Quero viver aqui contigo - respondi, com o coração a acelerar.

- Não podes viver comigo. O que é que eu vou fazer contigo? Entra no carro - disse ele rapidamente. Pus a minha caixa no assento de trás e sentei-me à frente.

- Tens fome? - perguntou Philippe, fazendo marcha atrás.

- *Oui* - respondi.

Estivemos em silêncio até Philippe estacionar em frente a um café.

- Vamos comer qualquer coisa - disse ele.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

No interior, Philippe sentou-se num banco ao balcão e eu sentei-me nervosamente perto dele, olhando em frente para não olhar para ele.

- Duas sanduíches de frango, dois sumos de graviola e um café preto - pediu Philippe.

O empregado afastou-se. O barulho do trânsito não conseguiu quebrar o silêncio. Levantei a cabeça e observei a lenta ventoinha no teto até nos porem a comida à frente. Olhei para Philippe pelo canto do olho, à espera que ele tocasse na comida dele antes de eu tocar na minha. Com as mãos a tremer, dei uma pequena dentada e comecei a engolir em câmara lenta.

- Não podes comer mais depressa? Tenho pressa - disse Philippe.

Sem olhar para ele, dei dentadas maiores e engoli. Depois deitei o sumo pela goela abaixo. Philippe ainda comia.

- Vamos - disse ele, sem acabar de comer.

Eu saltei da cadeira e apressei-me para o carro. Depois de conduzir durante alguns minutos, disse:

- Vou pedir a uma amiga minha para te acolher até eu te mandar ter com Florence, em Nova Iorque.

Eu continuei a olhar para ele pelo canto do olho até ele encostar a alguns blocos de distância de casa dele.

- Espera no carro - disse ele.

Encaminhou-se para uma senhora roliça, de tez castanha, sentada no alpendre da frente e beijou-a em ambas as faces. Depois de conversar com ela cerca de cinco minutos, ele acenou-me para que me juntasse a eles.

- Esta é *Madame* Laroche. Vais ficar com ela até eu te mandar para Nova Iorque - disse Philippe, tirando a carteira.

Deu-lhe alguns dólares, beijou-a novamente para se despedir e disse:

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Vejo-te daqui a duas semanas. Ali fiquei, observando, em silêncio, o carro do meu pai ir embora.

- Como te chamas? - perguntou *Madame Laroche*.

- Chamo-me Bobby - respondi sombriamente.

- Bobby quê? - perguntou-me.

- Bobby Cadet - repliquei.

- Oh, o teu pai não te deu o nome dele, pois não, Bobby Cadet? És uma vergonha para ele, não és? Vais ficar aqui até ires para Nova Iorque. Philippe é tão bom homem! Tens muita sorte - disse ela.

Era uma casa com uma estrutura de madeira, de dois andares e com canalização interna. Segui-a para o segundo andar com a minha caixa e ela disse-me para a colocar por baixo da pequena cama de ferro.

- Este é o quarto do meu filho - vais dormir aqui. Vou pôr um colchão no chão para ti. Jérôme está na escola. Chega a casa às cinco - disse ela e abriu outra porta.

- Este é o quarto de *Mademoiselle Marie-Claire*. Ela também está na escola.

Finalmente, abriu um terceiro quarto.

- Este é o meu quarto.

Fechou rapidamente a porta, evitando que eu olhasse bem para o oratório de vodu. Segui-a pelas escadas abaixo e ela mostrou-me a casa de banho, a sala de jantar e a sala de estar.

Mais tarde, quando as crianças chegaram, ela falou-lhes da minha estada temporária, até eu ir para Nova Iorque. Jérôme era um aluno do décimo ano com a tez da mãe e Marie-Claire era finalista e tinha a pele clara do pai. Ambos frequentavam o ensino privado.

À hora de dormir disse a Jérôme que às vezes molhava a cama e ele contou imediatamente à mãe, que logo trocou o suposto colchão espanhol por uma esteira no chão.

- Se ainda molhas a cama, deves andar doente - disse *Madame Laroche*.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Como andava aborrecido por passar o dia em casa sem fazer nada, perguntei a *Madame Laroche* se havia alguma escola que eu pudesse frequentar até ir para Nova Iorque.

- A escola custa dinheiro e não me parece que Philippe gaste dinheiro nisso visto que daqui a pouco partes - disse-me ela.

- Quando vou para Nova Iorque? - perguntei.

- Philippe anda a tratar disso. Conhecendo a reputação dele, irás muito em breve - replicou.

- Então é uma escola pública? A *Ecole Simone Duvalier* não fica muito longe - observei.

- *Non*, não podes ir - disse ela.

Obrigava-me a limpar todos os dias a sala de estar. Estudei por mim mesmo com os livros do filho, lendo e praticando as minhas aptidões matemáticas.

Um pequeno carro encostou à estrada numa sexta-feira ao final da tarde. Antes do condutor sair, *Madame Laroche* disse-me:

- Vem cá, rápido!

Eu segui-a até à sala de estar.

- Este jovem vem visitar *Mademoiselle Marie-Claire*. Quero que fiques com eles até ele se ir embora - disse ela.

O jovem era o namorado da filha. Por vezes, referiam-se a ele com um *grimeau*²⁶ por causa da pele clara. Se o cabelo dele fosse liso e os traços menos marcados, seria considerado um mulato. A família dele estava muito bem financeiramente. *Madame Laroche* tornou-me o protetor da virgindade de *Mademoiselle Marie-Claire*, como se o futuro da família assim como a sua reputação dependessem disso. Ela mandou-me segui-los durante os passeios de tarde, assegurando-me de que não entravam em nenhuma casa. *Marie-Claire* tinha de relatar todos os minutos em que se ausentava de casa.

Num final de tarde, o jovem, cujo nome era Jérôme, ofereceu-me cinquenta cêntimos para me ausentar pelas traseiras, permitindo-lhe assim alguns minutos de privacidade com *Marie-Claire*. Eu aceitei e peguei no dinheiro. Passado algum tempo, pensei que seria uma

²⁶ NT - Filho de uma pessoa negra e de outra branca; mulato.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

boa forma de ganhar dinheiro. Sempre que Jérôme pedia privacidade, eu cobrava mais dinheiro. Já não era um cinto de castidade ambulante, mas sim um pequeno proxeneta com um cliente exclusivo. Durante um passeio à tarde, Jérôme levou *Mademoiselle Marie-Claire* para sua casa enquanto os pais estavam ausentes. Esperei cá fora perto de um portão de trabalhado. Passada quase uma hora, o jovem casal saiu para continuar o seu passeio. Reparei que Jérôme parecia mais bem-disposto do que o costume.

Sempre que tinha uma oportunidade, ia observar a casa do meu pai, ficando do outro lado da rua a observar as pessoas a entrar e a sair. Num domingo à tarde, quando não havia carros, entrei no quintal.

- Não és aquele jovem que eu vi a falar com *Monsieur Sébastien*? - perguntou a criada.

- *Oui* - disse eu.

- És filho dele? - perguntou-me.

- *Oui* - respondi.

- Vamos para dentro. Vou levar-te a conhecer a tua avó - disse ela.

Segui a governanta até um quarto onde estava uma senhora idosa, branca, pálida e frágil, sentada numa cadeira de baloiço. O seu cabelo era branco como algodão.

- *Grandmère*, este jovem é seu neto - disse a empregada.

- Onde está ele? - perguntou ela, procurando com as mãos enquanto os seus olhos de avelã permaneciam fixos.

- Segura-lhe a mão. É cega - disse a empregada.

Eu estendi a minha mão e ela agarrou-a firmemente.

- Quem és? Como te chamas? - perguntou em francês numa voz suave embora fragilizada.

- O meu nome é Bobby - disse eu, em francês.

- Não me lembro de nenhum Bobby. Os meus rapazes têm filhos que eu desconheço. Quem é o teu pai - Philippe, Pierre ou Robert? - perguntou-me.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Philippe - respondi.

- Está na hora do seu banho agora, *Grandmère* - disse a empregada.

- Está bem. Querido, vem visitar-me novamente, ouviste? - disse ela.

- *Oui* - respondi.

Embora me tenha tratado por "querido" o que me fez sentir bem-vindo, não senti que me desejassem e ser desejado era o que eu sempre quis.

Ao passar na sala de jantar, reparei numa garrafa de rum aberta na mesa e numa taça de açúcar. Apesar de não estar com sede, senti uma enorme vontade de ir embora com algo que pertencesse ao meu pai. Deitei algum rum num copo, misturei com açúcar e bebi. A sobrinha de Philippe, Madelaine, entrou e descobriu-me bêbado.

- Quem é este rapaz na casa? - gritou.

A empregada interveio.

- O nome dele é Bobby e é filho do *Monsieur* Philippe.

- O que é que ele está aqui a fazer? Está bêbado. Onde é que ele vive? - disse ela.

- Não sei onde vive. Ele veio sozinho - replicou a empregada enquanto eu vomitava no chão.

- Onde vives? - perguntou Madelaine.

Eu apontei na direção da casa de *Madame* Laroche.

Um homem ajudou-me a entrar num carro.

- Eu levo-te a casa. Podes indicar-me a direção? - perguntou-me.

Acenei afirmativamente e indiquei o caminho até casa de *Madame* Laroche. Ele encostou e ajudou-me a sair do carro.

- Ele serviu-se de algum rum e ficou bêbado - disse o motorista a *Madame* Laroche.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Está bem, obrigada por trazê-lo de volta. Vou cuidar dele - disse ela enquanto o motorista se afastava.

Levou-me até à casa de banho pelas orelhas, forçou-me a entrar no chuveiro e ligou a água. Depois tirou-me de lá e pôs-me de joelhos. Ela subiu rapidamente pelas escadas acima, pegou num cinto de couro e chicoteou-me sem misericórdia.

- O teu pai é um homem tão bom! Como te atreves a ir até casa dele e a envergonhá-lo, a ele e à família dele, dessa forma? Não sabes a sorte que tens por teres um pai assim. Philippe é um santo! - disse ela.

Philippe veio buscar-me num fim de manhã, quando o sol ainda não estava muito quente, num VW preto. Vesti os meus calções caqui limpos, uma camisa axadrezada azul de manga curta, meias brancas e o meu único par de calçado, umas sapatilhas de lona branca. Sentei-me nervosamente a seu lado e, de vez em quando, olhava para ele pelo canto do olho. Guiou até uma parte da cidade perto de uma estátua enorme representando um homem negro a soprar numa concha. Nos braços e tornozelos da estátua viam-se penduradas correntes e algemas. Philippe estacionou à frente de um pequeno edifício de tijolos de um único andar com uma placa onde se lia "Voyage Chatelin". Segui-o. Fiquei surpreendido pelo ar frio que surgiu mal a porta abriu. Nunca tinha estado dentro de um edifício com ar condicionado antes. Pensei no frigorífico de Florence quando eu abria a porta. Lá dentro, estavam três lindas *demoiselles* mulatas com cabelo preto pelos ombros, sentadas à secretária atrás de máquinas de escrever. Estavam bem vestidas e tinham aquela pele suave à qual muitas pessoas se referiam como *peau airconditionée*, o que significava que eram peles que raramente se expunham à fúria do sol.

Philippe fez-me sinal para que me sentasse enquanto ele se aproximava do balcão. Sentei-me com os joelhos juntos, observando-o a falar em francês com uma das mulheres mulatas num tom de voz baixo. Depois acenou-me para o seguir até uma pequena sala nas traseiras. Ao entrar na sala, vi um grande homem de pele escura de pé atrás de um tripé de uma máquina fotográfica. Na parede atrás dele, estavam pendurados um *blazer* às riscas preto e branco e uma gravata preta. Eu pus-me em frente à câmara enquanto Philippe permanecia à porta. Disse em crioulo ao homem a apontar para mim:

- Ele precisa de uma fotografia para o passaporte.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

O homem pegou no casaco e ajudou-me a vesti-lo. Olhei para baixo. Ficava-me abaixo dos joelhos e as minhas mãos estavam perdidas dentro das mangas. O fotógrafo retirou alguns alfinetes do bolso e alterou as costas e os lados como um alfaiate experiente para ajustar o casaco.

- Não te preocupes com as mangas. Não vão aparecer na fotografia - disse ele.

Depois alargou a gravata, deslizou-a pela minha cabeça como um nó e ajustou-o ao meu colarinho. Tirou-me uma fotografia quando eu tinha um ar sério. Foi a primeira vez que me tiraram uma fotografia. Após o fotógrafo me libertar do casaco, Philippe fez-me sinal para que o seguisse.

Uma vez lá fora, reparei que o sol estava a ficar forte. Utilizei a minha mão como viseira e segui Philippe até ao carro. Levou-nos até um edifício amarelo brilhante e estacionou. Segui-o novamente. As portas abriram-se e a maioria das pessoas de tez escura lá dentro tinham sobranceiras suadas. Uma ventoinha preta rodava, preguiçosa, no teto. Philippe aproximou-se do balcão alto. Fiquei a três passos para trás dele, à sua direita. Ele disse em crioulo a um homem vestido com uma camisa branca de mangas curtas que eu estava ali para ser vacinado para uma viagem a Nova Iorque.

- Como te chamas? - perguntou-me o rececionista em francês.

- Chamo-me Jean-Robert Cadet - respondi, desejando ter o último nome de Philippe.

- Qual é o nome da tua mãe? - perguntou-me.

De repente, lembrei-me do nome Henrilia Brutus. Estava prestes a dizê-lo, mas Philippe respondeu "Florence Cadet".

- Qual é o nome do teu pai?

Eu olhei para Philippe na esperança de que ele, no mínimo, me reconhecesse, dizendo o seu próprio nome. Ele olhou para o funcionário e disse "*Inconnu*", que quer dizer "desconhecido". O funcionário olhou para Philippe e para mim por uns segundos como se soubesse que eu estava ao lado do meu pai. Fui invadido pela sensação de que me estava a afogar. Senti-me morto por dentro. O meu coração parecia ter sido atingido por uma pedra, como uma manga madura de uma árvore, que caiu numa poça de lama e estrume de vaca.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

O funcionário entregou-me um cartão e conduziu-me a uma sala para a vacinação enquanto Philippe esperava na parte de fora. De seguida, fui atrás de Philippe até ao carro e ele levou-me de volta a casa de *Madame* Laroche.

Entrei no quintal como um *zombie* e *Madame* Laroche lembrou-me que Philippe era um santo e que eu tinha sorte em tê-lo como pai. Pensei no que me disse e acordei para a vida, apercebendo-me que eu tinha mais sorte do que outros *restavecs* cujos "adultos" tinham ido à *l'étranger* e os tinham abandonado na pobreza absoluta nas ruas de Port-au-Prince.

Algumas semanas mais tarde, Philippe veio e deu algumas notas a *Madame* Laroche em moeda haitiana.

- Penso que o rapaz partirá para Nova Iorque daqui a duas semanas - disse Philippe. Senti-me envergonhado por ele não me mencionar pelo nome.

- Precisarás de algumas roupas de viagem. Ele não tem muita coisa - disse ela.

- Tenho pressa. Levo-o às compras para a semana - disse Philippe, indo embora.

Na semana seguinte, Philippe veio e levou-me às compras. Novamente, ninguém falou durante toda a viagem. Observei-o pelo canto do olho. Senti-me desconfortável, sabendo que era uma vergonha para ele. Estacionou à frente de uma loja e eu segui-o até ao interior. Comprou-me uma camisa branca, uma gravata e um par de sapatos pretos. Noutra loja, comprou-me uma mala de tamanho médio e depois fomos a um alfaiate onde me mediram para um fato azul. No caminho de volta, parámos no "Voyage Chatelin" e deu-me ordens para esperar no carro.

- Partes para Nova Iorque no próximo sábado. Está pronto para saíres às duas horas da tarde - disse Philippe no regresso.

- *Oui, Monsieur* - repliquei.

Na casa de *Madame* Laroche, tranferi o conteúdo da minha caixa de cartão para a minha nova mala. Saí com a caixa vazia para perguntar a *Madame* Laroche onde deveria pô-la mas, antes de eu abrir a boca, a empregada perguntou-me:

- Posso ficar com essa caixa?

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Eu entreguei-lha, a sorrir.

Todos falavam de Nova Iorque como se fosse um paraíso onde se encontrava dinheiro no chão. A cozinheira não se poupou a esforços para me tratar gentilmente.

- Não te esqueças de mim! Se encontrares dinheiro no chão, por favor, envia-me algum - suplicou ela.

- Ele vai ser igual aos outros que conheço que se foram embora do Haiti. Mal passe por baixo da árvore açacu em frente do aeroporto, vai esquecer-se de todos nós - disse *Madame Laroche*.

- Talvez alguém deva cortar essa árvore - disse uma voz no quintal.

Quando Philippe me veio buscar, agradeceu a *Madame Laroche* pelo grande favor que lhe tinha feito. Disse adeus a toda a gente, peguei na minha mala e sentei-me no carro.

Durante toda a viagem até ao aeroporto, observei Philippe pelo canto do olho. Tinha uma expressão séria na cara. Ninguém disse uma palavra. Depois de estacionar o carro, retirei a mala do assento traseiro. Ao segui-lo, reparei na árvore açacu e passei propositadamente por baixo dela.

Philippe apresentou a minha documentação de viagem à rececionista enquanto eu permaneci a seu lado.

- Ele vai viajar sozinho? - perguntou a funcionária.

- Sim, vai - respondeu Philippe.

Um porteiro pegou na minha bagagem, colocou-a na mala de um pequeno camião e conduziu até ao avião à espera.

- Ele já pode embarcar, senhor - disse a rececionista, devolvendo os meus documentos a Philippe, que mos entregou. Levantei a cabeça e olhei Philippe nos olhos, querendo apertar-lhe a mão, mas com medo de tomar a iniciativa.

- Bem, do que é que estás à espera? Vai, entra no avião! - disse Philippe, fazendo o gesto que me fosse embora. Caminhei para o avião sem olhar para trás.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Após ter-me sentado num lugar à janela, analisei os meus documentos de viagem. Li o meu passaporte que mostrava que a minha data de nascimento era 15 de fevereiro de 1955. A data do meu bilhete de avião indicava ser 15 de fevereiro de 1969. Não me ocorreu que era o meu aniversário porque nunca tinha tido um.

XII

Durante o voo, fiquei enjoado. Eu não sabia que os aviões tinham casa de banho. Olhei para o compartimento de revistas à minha frente e vi um lindo saco de papel branco com um interior metálico brilhante. Pensei que era muito valioso. Pu-lo novamente no sítio. Estava cheio de suores frios. Senti-me doente. O avião teve uma mudança de altitude repentina, impelindo o conteúdo do meu estômago para fora. Retirei depressa todas as revistas do compartimento, enfiei a minha cabeça lá dentro e vomitei. O passageiro ao meu lado pediu para se sentar noutra lugar. Uma hospedeira muito perturbada escoltou-me até à casa de banho. Depois de eu ter lavado a cara, a mesma hospedeira acompanhou-me a outro lugar e demonstrou-me o que eu deveria ter feito com o saco. Nessa noite, o avião aterrou no Aeroporto Internacional JFK. Conduziram-me até um funcionário aduaneiro que pareceu surpreendido quando viu, na minha mala, um copo e um prato de lata velhos e amassados. Florence e Denis estavam à minha espera no terminal. Vestido com um fato azul novo, camisa branca, gravata e sapatos pretos brilhantes, aproximei-me deles, carregando a minha mala.

- Como estás? Como foi o voo? - perguntou Denis.

- *Bien, merci* - repliquei.

Florence entregou-me um casaco.

- Bobby, tiveste saudades minhas? Toma, veste isto. Está frio lá fora - disse ela, a sorrir.

Fui engolido pelo casaco. Era um casaco velho de Denis.

- Como está a minha *Maman*? - perguntou.

- Está muito doente - respondi a pensar que já não via a Avozinha há muito tempo.

Uma vez fora do terminal, fiquei espantado com tantas luzes e com os edifícios altos. Enquanto seguia Denis e Florence até ao carro, mantive os meus olhos no chão, à procura do tão famoso dinheiro. Não encontrei nada, nem sequer um cêntimo vermelho.

A viagem para Nova Iorque pareceu-me longa. Ninguém disse uma palavra. O silêncio não foi muito perturbador porque eu estava preocupado, observando os carros e os camiões. Admirava-me que não tivessem buzinas e fossem tão silenciosos. Eram quase onze horas

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

quando o carro encostou. Tirei a mala do porta-bagagens e segui os dois até uma pequena casa de tijolos de dois andares. Denis disse boa noite e foi para o quarto dele.

- Tens fome? - perguntou Florence.

- *Oui* - repliquei, seguindo-a até à cozinha.

Pus a minha mala ao lado da mesa. Olhei em volta à procura de um pequeno degrau de madeira. Não havia nenhum. Ela deu-me uma tijela de guisado de vaca e mandou-me ir buscar uma colher à gaveta.

- *Merci, oui* - disse eu, à espera que me dissesse onde me podia sentar.

Florence, vendo que não estava à vontade, disse-me que me sentasse à mesa. Puxou de uma cadeira e sentou-me do outro lado. Eu estava nervoso. Não conseguia comer. Era a primeira vez que Florence partilhava a mesa comigo.

- Não fiques envergonhado. Come - disse ela.

Eu pus uma colherada de guisado na minha boca e engoli.

- Onde estão as crianças? - perguntei para quebrar o gelo.

Era a primeira vez que lhe fazia uma pergunta.

- Estão a dormir lá em cima - replicou.

Abri a minha mala, tirei o meu velho copo de lata e enchi-o com água da torneira. Ela ficou surpreendida por ver que eu ainda tinha o mesmo copo velho de lata.

- Não tens de usar o teu próprio copo e prato nesta casa e não precisas mais de autorização para abrir o frigorífico - disse ela. - Também não trataas ninguém da casa como *Monsieur*, *Madame*, ou *Mademoiselle* na presença de visitas.

- *Oui* - respondi.

- Ouve e escuta bem. *Madame* Denis não queria que tu viesses para este país. Ela pensa que tu vais ser uma má influência para os filhos dela. Tens de provar que ela está errada. Tens de ajudar o mais que puderes na casa, mostrando-lhe o quão útil podes ser. Tenta fazer tudo para não a aborreceres. A casa é dela e Denis fará tudo aquilo que ela quiser.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- *Oui* - acenei eu.

- Anda. Vou mostrar-te as crianças - disse.

Florence pegou no meu copo de lata e atirou-o para o balde do lixo ao lado da banca. Eu segui-a pela escada acima, em direção a um pequeno quarto e observei as crianças adormecidas. Ela voltou para baixo.

- Há um novo bebé no quarto de Lise. O nome dele é Denis Jr. - disse.

- *Oui* - disse eu.

Levou-me para um pequeno quarto que tinha sido um pequeno alpendre frontal. A pequena cama preenchia todo o comprimento.

- Vais dormir aqui. Ainda molhas a cama? - perguntou ela.

- *Oui* - repliquei, com o coração a acelerar.

Pela primeira vez, na minha vida, eu tinha uma cama. Ela foi até à cozinha e voltou com dois sacos de plástico grandes.

- Toma, espalha-os por cima do colchão - disse-me.

Eu segui as instruções dela.

- *Bonne nuit* - disse ela.

- *Bonne nuit* - respondi-lhe.

Era a primeira vez que Florence me desejava uma boa noite.

Na manhã seguinte, a minha cama estava seca. Vesti um par de calções velhos, enchi um pequeno balde com água e fui lá para fora lavar o carro. As janelas e os pára-brisas estavam brancos com a geada. Mal conseguia segurar na esponja molhada. Estava a tremer de frio. A água no balde ficou gelada. Ouvei um barulho vindo da janela. Era Denis, acenando-me para voltar para dentro.

- Estamos em fevereiro, Bobby, em pleno inverno. Não precisas de lavar o carro. Espera pelo verão - disse ele.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- *Oui* - disse eu, sentindo-me desconfortável por estar dentro de casa porque, no Haiti, o meu lugar era sempre no exterior ou num canto da cozinha.

- Vai vestir umas calças e uma camisola de mangas compridas. Deves estar gelado - disse ele.

Fui até ao quarto e vesti o meu fato azul. Não tinha mais roupas.

As crianças ficaram felizes por me ver. Pegaram na minha mão e levaram-me até ao quarto deles para me mostrarem os brinquedos. Lise estava a fazer o pequeno-almoço na cozinha. Florence foi até ao quarto das crianças.

- Quero que desças até à cozinha e digas *bonjour* a Lise. Põe a mesa para o pequeno-almoço e ajuda-a no que ela precisar. Lembra-te, esta casa é dela - disse Florence.

Fui até à cozinha. As crianças seguiram-me.

- Mamã, olha! O Bobby está cá! - disse Emilie, em inglês.

- Que bom - replicou Lise sem qualquer emoção.

- *Bonjour, Madame Denis* - disse eu.

- *Bonjour* - disse Lise secamente.

- O Bobby vai pôr a mesa para o pequeno-almoço. Vamos ajudá-lo - disse Emilie ao seu irmãozinho Marc.

Eu pus a mesa para cinco. Emilie contou os pratos.

- Um para a Mamã, outro para o Papá... Oh, falta um - disse ela.

- Eu como mais tarde - disse eu, sentindo-me deslocado.

- Põe outro prato na mesa - disse Lise.

Obedeci.

- Emilie, diz ao Papá e à Vovó que o pequeno-almoço está pronto - mandou Lise.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Sentaram-se todos. Em cima da mesa, havia torradas, ovos mexidos, bacon, café, sumo de laranja e leite. Lise serviu as crianças e os adultos serviram-se. Senti os meus braços demasiado pesados para os levantar e me servir.

- Com licença - disse, levantando-me da mesa.

Fui à casa de banho e sentei-me na borda da banheira enquanto todos terminavam. Depois levantei a mesa e comi o que sobrou, de pé em frente à banca. Lavei os pratos e guardei-os. Durante as refeições seguintes, eu ficava no meu quarto até todos saírem da mesa. A minha velha rotina estava retomada.

Segunda-feira de manhã, Denis e Lise saíram para trabalhar. Denis trabalhava num banco como responsável pelos empréstimos e Lise trabalhava ali perto, numa fábrica de carimbos. Florence trabalhava das quatro até a meia-noite em *Letchworth Village*, uma instituição para doentes mentais.

Alix, o irmão mais novo de Lise, que trabalhava na mesma ala que Florence, veio visitar-nos. Trouxe-me um saco de roupas de inverno em segunda mão e entregou-mo. Tinha-me conhecido quando era um *restavec* no Haiti.

- O Bobby tem de ir à escola. Neste país, é ilegal impedir um menor de frequentar a escola - disse ele.

- Podes levá-lo por mim? - perguntou Florence.

- Sim, mas ele precisa do passaporte - disse Alix.

- Bobby, vai buscar o teu passaporte. Alix vai levar-te à escola - disse Florence.

Tirei o passaporte da minha mala e segui-o até ao carro. Ele levou-me até à *Kakiat Junior High School* em Spring Valley, Nova Iorque. Fiquei admirado. A escola era absolutamente bonita. Eu conseguia ver o meu reflexo no chão brilhante. Enquanto caminhava pelo longo corredor até à secretaria, os meus olhos fixavam as luzes do teto. O cheiro era-me completamente desconhecido, diferente de qualquer outra escola na qual tinha estado. Na secretaria, Alix entregou o meu passaporte a uma senhora muito branca e disse qualquer coisa em inglês. Ela parecia escrever tudo o que Alix dizia sobre mim. Depois de Alix sair, dois estudantes brancos vieram ao gabinete e escoltaram-me até uma sala onde me deram

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

quatro livros. Depois conduziram-me a uma sala onde um professor branco, alto e barbudo me disse para me sentar ao lado de um rapaz ruivo, com sardas. Ele pareceu-me extremamente estranho. Todos os alunos se viraram para me verem. Eu era o único miúdo negro na turma.

- Estes *blancs* devem ser os alunos mais inteligentes do mundo inteiro. Como é que eu posso competir com eles? São tão pálidos - disse a mim mesmo, pensando no meu professor na *Ecole Jean-Charles*.

Olhei para todos os cantos da sala, à procura de um chicote. Não havia nenhum.

- Oh meu Deus, são todos tão inteligentes que o professor nem precisa de um chicote. Quando perceber que são todos mais inteligentes que eu, talvez traga um chicote só para mim - pensei.

Rapazes e raparigas levantavam as mãos e davam as respostas. O professor parecia satisfeito, acenando a cabeça em aprovação. Tentei ler as palavras escritas no quadro verde, mas não consegui. Não fazia ideia qual dos livros abrir nem qual era a matéria discutida. Parecia que o meu cérebro tinha sido removido. Queria rebolar para debaixo da mesa e desaparecer. Finalmente, um som não familiar assinalou o fim daquela aula. A aula seguinte não era intimidante - Matemática. Desta vez, senti que o meu cérebro estava a trabalhar e os meus ouvidos não. O professor e os alunos faziam sons que me eram completamente desconhecidos. A dado momento, o professor escreveu no quadro um problema matemático do qual eu sabia a resposta. Alguns alunos levantaram as mãos, mas eu mantive a minha na minha secretária porque a minha boca não conseguia reproduzir aqueles sons estranhos.

Depois de cada aula, um dos rapazes encontrava-se comigo à porta e escoltava-me silenciosamente à aula seguinte. De seguida, veio a hora de almoço. Pus-me na fila para a comida como toda a gente. Pensei numa das minhas escolas públicas no Haiti, *Ecole du Canada*, onde os alunos faziam fila a segurar nos seus copos de lata para receber gratuitamente leite em pó diluído para o almoço. Imitei um pequeno *blanc* à minha frente, pondo no meu próprio tabuleiro tudo o que ele punha no dele. No fim da fila, estava uma senhora branca obesa, com um uniforme branco, sentada atrás da caixa registadora. Quando chegou a minha vez, ela contou os itens do meu tabuleiro e disse algo não familiar aos meus ouvidos. Como não tinha nada no meu bolso, fiquei muito quieto. Ela repetiu o

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

som, confundindo-me ainda mais. O pequeno *blanc* atrás de mim gritou qualquer coisa. Olhei para ele e reparei que todos os outros estavam inquietos. Finalmente, deixei o tabuleiro e corri para fora, sendo empurrado de volta por um vento gelado que soprava gelo em pó para a minha cara. Alguns alunos riram-se e apontavam-me com o dedo. Passei o dia sem almoçar.

Na aula seguinte, fiquei mais sossegado ao ver dois rapazes negros apesar do cabelo deles me fazer lembrar um peru preto a exhibir as penas. Quando a aula terminou, aproximei-me dos dois rapazes negros e disse *bonjour*, esperando que eles me compreendessem. Eles olharam para mim, franzindo as sobrancelhas, e afastaram-se.

No final do dia, uma mulher branca acompanhou-me até ao autocarro da escola, apontou para o número 569 e foi embora. Eu subi para o autocarro e sentei-me perto de uma rapariga branca com um cabelo que me fazia lembrar a cauda de um cavalo branco.

O autocarro da escola deixou-me na esquina da rua Johnson e eu percorri o resto do caminho até casa de Lise.

Encontrei Florence, vestida com um uniforme branco, à espera da boleia para *Letchworth Village*. As crianças já tinham vindo da escola. Florence entregou-me um prato de comida. Fiquei surpreendido por ver que era parte da refeição que ela tinha preparado para a família dela. Na verdade, deu-me uma parte de frango com carne, em vez dos pés ou da cabeça, como me deixava sempre reservados no Haiti. Depressa aprendi que, neste país, os frangos eram vendidos mortos - sem pés, cabeças nem penas.

- Come agora antes que Lise chegue a casa. Ela costuma entrar às cinco e meia todos os dias e Denis às seis. Quando acabares, põe a mesa. Fica no teu quarto enquanto eles estiverem a comer. Lava os pratos quando eles acabaram e passa a esfregona no chão da cozinha. Isso fará Lise feliz. Lembra-te, esta é a casa dela - disse Florence ao sair para o trabalho.

Eu segui as suas instruções que se tornaram uma rotina diária. Comi a minha refeição de pé em frente à banca da cozinha.

No dia seguinte, na escola, uma senhora branca extremamente bonita que ensinava Francês levou-me até ao seu gabinete para me dar explicações. Era alta com cabelo de sereia, preto e longo até ao fundo das costas. A mini-saia e as botas cativaram o meu olhar. Sentei-me

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

ao lado dela numa mesa. A fragrância do seu perfume, a visão das suas pernas, a proximidade dos seus seios e o contacto accidental dos nossos corpos conspiraram para quebrar a minha concentração. Todos os dias era o mesmo. O meu corpo ficava com formigueiros e transpirava. Nunca me tinha sentido assim antes. Era como se eu olhasse para mulheres com novos olhos e o meu corpo respondesse de formas que me surpreendiam. Era um tipo de tortura inofensiva. Ao soar a campainha, eu saía do gabinete dela com os livros à frente das calças.

Depois de dois meses de explicações, ela mandou-me de volta para Inglês. Naquele dia, a professora tinha uma lista de palavras no quadro. Fiquei feliz por reconhecê-las quase todas por causa das suas raízes francesas. Os alunos levantavam as mãos, dando definições. Do nada, os meus ouvidos começaram a reconhecer e apanhar determinadas palavras.

Na manhã seguinte, houve um teste de vocabulário. Enquanto a professora ia distribuindo as folhas, ignorou-me propositadamente, pensando que o meu inglês não era suficiente. Sem conseguir expressar verbalmente o que queria, levantei a mão e aponte para os testes na mesa dela. Ela entregou-me educadamente um teste. Era de correspondência. A primeira palavra na coluna A era "invencível", que eu tinha aprendido nos livros de banda desenhada de Olivier. Ao verificar, as definições na coluna B, reparei na palavra "Super-homem". Em todas as definições, eu reconheci, pelo menos, uma ou duas palavras. Quando ela devolveu o teste na manhã seguinte, tive um Suficiente. Ao ver alguns testes de alunos brancos, reparei que alguns tiveram Insuficiente e Mau. Eu sorri e disse a mim mesmo: "Não é verdade. *Blancs* não são mais inteligentes que eu."

No final do ano letivo, frequentei a escola de verão e fui transferido para a Escola Secundária *Spring Valley*, em setembro.

Na Secundária *Spring Valley*, havia cerca de dez alunos haitianos. Eu evitei-os o mais que pude, a pensar que não teríamos mais nada em comum, para além do nosso sotaque das Caraíbas e o tom de pele. No Haiti, eu teria sido *restavec* deles, chamando-lhes *Monsieur* e *Mademoiselle*.

Mr. Rabinowitz, o meu professor de História, interessou-se por mim. Aquele homem branco e robusto, de cabelo preto e branco e com uma barriga de Pai Natal, levava-me todos os dias para o gabinete dele para me dar explicações. Contou-me histórias e obrigava-me a ler um livro de História americana. Eu gostava da atenção especial e

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

gostava particularmente de almoçar no gabinete dele porque a cantina era racialmente dividida: alunos negros que pareciam zangados num lado e brancos no outro, com poucos professores brancos a vigiar o centro para manter a paz. Sempre presumi que o Mr. Rabinowitz me ajudava porque eu não sabia falar inglês, mas estava enganado. Ele viu nos meus olhos um desejo de aprender e decidiu dar-me aquilo que pensava que eu precisava. Para ele, a minha atitude era mais importante do que a cor da minha pele. Ele tinha o mesmo objetivo que eu para mim mesmo.

Na minha aula de Inglês, Terry - uma linda rapariga grande com um cabelo longo preto e uma cara redonda - pediu-me ajuda com os trabalhos de casa de Francês. Eu concordei em ajudá-la na sala de estudo.

O seu físico arredondado fez-me pensar que a família dela era rica porque, no Haiti, volume sugeria que a pessoa tinha dinheiro suficiente para comer muito bem. E os homens achavam atrativas as mulheres grandes.

Terry sorria para mim frequentemente, levando-me a pensar que ela queria ser minha namorada. Eu gostava muito dela, mas o estatuto social inferior que eu carregara do Haiti e a pouca capacidade de falar em inglês impediram-me de expressar os meus sentimentos.

Um dia, ela faltou à sala de estudo e levou-me até casa dela, que ficava perto da escola. Tal como suspeitava, os pais dela eram mesmo muito ricos. A casa era grande e prodigamente decorada. Perto da lareira, na sala de estar, estava uma peça de mobiliário branca, enorme e fora do vulgar. Eu apontei e perguntei o que era num inglês defeituoso.

- É um piano de cauda - disse ela a sorrir.

Ela levou-me até lá de mãos dadas comigo e sentámo-nos ambos no banco. De seguida, pegou nos meus dedos castanhos com a sua mão branca macia e colocou-as nas teclas gentilmente, enquanto o seu longo, sedoso e perfumado cabelo preto roçava a minha face como uma brisa tropical quente num final de tarde. Enquanto tocávamos desajeitadamente *Frère Jacques*, os meus dedos pareciam caracóis a deixar um rasto de suor nas teclas de marfim. Eu tinha a certeza de que apenas o som da música a impedia de ouvir o meu coração bater no meu peito.

De repente, uma mulher bem vestida e de cabelo cinzento apareceu à nossa frente.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Oh, olá, Avó! - disse Terry.

Houve silêncio. A expressão no rosto da mulher parecia indicar que eu permanecia um *restavec* apesar da minha roupa lavada. Ela chamou Terry até à cozinha com um tom de voz severo. Depois de alguns minutos, Terry voltou à sala de estar, parecendo perturbada. Pediu-me para me ir embora. Os meus sentimentos não ficaram feridos porque eu já tinha aprendido lidar com o facto de ter um estatuto social inferior.

Apesar de Terry nunca mais ter falado comigo, sorria sempre que os nossos olhos se cruzavam nos corredores. Eu passei muitos dias a pensar como é que a avó dela tinha descoberto que eu era um *restavec*. Durante os meses seguintes, descobri que não tinha sido o meu estatuto social inferior que a tinha ofendido, mas sim o sangue africano que me corre nas veias e escurece a minha pele.

A atitude de Lise em relação a mim foi piorando gradualmente apesar de eu ser útil em casa. A sociedade americana, pelo que parecia, não era compatível com o costume haitiano de tratar crianças como *restavecs* ou escravos. Ela parecia ficar sempre desconfortável quando tinha de explicar às visitas quem eu era. A grande proximidade dos membros da família forçada pelo tempo frio juntamente com o estatuto social que trouxera do Haiti punham os ânimos ao rubro. Quando andava no segundo ano de faculdade, ela insistiu que eu contribuísse com dez dólares por semana para a comida.

- Comes como um porco e não trabalhas - disse Denis.

Encontrei um *part-time* numa empresa de limpezas para trabalhar depois das aulas, entre as 18h e as 22h, de segunda a sexta-feira. Andava cerca de duas milhas até à Empresa *Orange County Electric* para limpar escritórios e lavar e encerar o chão. Apesar de cumprir com a exigência dos dez dólares por semana, Lise ainda não estava satisfeita.

- Daqui em diante, não quero que laves as tuas roupas na minha máquina de lavar. Tens um emprego, podes utilizar uma lavandaria - disse ela.

Quando as crianças iam para a cama, ela levava a televisão para o quarto dela para evitar que eu visse.

Depois do jantar, Denis saía para ir para casa da amante, uma mulher haitiana de pele clara que era a melhor amiga da mãe dele. Às 22 horas, quando eu voltava do trabalho, lavava

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

ainda o chão da cozinha, punha a mesa para o pequeno-almoço e estudava antes de ir dormir. Apanhava o autocarro todas as manhãs e comia na escola um *bagel* com creme de queijo como pequeno-almoço. Quanto menos Lise me visse, menos irritadiça andava.

Alguns meses mais tarde, encontrei um novo emprego na *Shopper's Paradise* a recolher carrinhos de compras no parque de estacionamento. Trabalhava das 18 às 22 horas, de segunda a sexta-feira e das 10 às 18 aos sábados. Aos domingos, depois de ter feito as minhas tarefas, ia até à lavandaria para lavar as minhas roupas e para estudar.

Ao princípio da tarde de um sábado, o gerente de produtos, um homem branco de meia-idade, disse-me:

- Entra no carro. Temos de ir buscar umas coisas ao armazém.

Entrei e ele arrancou.

- O que é que vamos buscar? - perguntei.

- Tenho observado o teu trabalho. Trabalhas muito. Vou propor um aumento para ti - disse ele.

- Muito obrigado, senhor - disse eu, sentindo-me orgulhoso de mim mesmo.

Ele levou-me até uma área arborizada perto de um parque e estacionou.

- Eu gosto imenso de ti. Quero ser o teu melhor amigo - disse ele, colocando a mão dele na minha perna.

De repente, lembrei-me de Simon e percebi o que é que o gerente tinha em mente. Quando colocou a mão no meu fecho, eu gritei, abri a porta e corri todo o caminho até casa de Lise. Denis e Lise ficaram surpreendidos por me verem.

- O que é que estás aqui a fazer tão cedo? - perguntou Denis.

Eu expliquei o incidente.

- Despediste-te por causa disso? É bom que voltes para o trabalho. Não te podes dar ao luxo de perdê-lo - disse ele.

Quando voltei ao trabalho, vi outro rapaz a trabalhar no meu lugar e dirigi-me à secretaria.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Contratou um novo arrumador de carrinhos? - perguntei à secretária.

- Sim, estás despedido! Podes levantar o teu cheque na sexta-feira - disse ela.

Voltei para casa de Lise e disse a Denis que outro rapaz tinha sido contratado.

- É bom que encontres outro trabalho e depressa - disse ele, chateado.

XIII

Quando era adolescente, uma nova família haitiana mudou-se para uma casa ao fundo do quarteirão. Conheci o filho deles, Nicolas, na escola. Convidou-me para ir para casa dele para convivermos e falarmos. Eu aceitei o convite porque ele me fazia lembrar um pobre rapaz haitiano. A pele dele era muito escura e isso parecia envergonhá-lo quando estava na presença de brancos.

Num domingo à tarde, visitei-o como pretexto para sair de casa. Havia uma festa de aniversário para a irmãzinha dele. Vários adultos estavam sentados lá fora a saborear o licor de coco caseiro *crémasse*. Nicolas serviu-me um pequeno copo. Pelas nove horas, Mr. LaFontaine, pai de Nicolas, pediu a um amigo para me levar a casa. O homem tocou à campainha de casa de Lise e esperou. Lise abriu a porta.

- Este jovem bebeu um pequeno copo de *crémasse* em casa de Mr. LaFontaine. Acho que lhe subiu à cabeça - disse ele.

- Está bem, muito obrigada - disse Lise, educadamente.

Entrei e o homem foi embora.

- Quem era, querida? - perguntou Denis.

- Denis, despacha-te! Liga à polícia! Não vamos tolerar mais isto! - gritou Lise.

Denis apressou-se pelas escadas abaixo.

- O que é que se passa? - perguntou.

- O Bobby está bêbado. Se calhar também está drogado. Despacha-te, liga à polícia!

Denis pegou no telefone e marcou o número da polícia. Eu sentei-me nos degraus com a cabeça a latejar. Num espaço de cinco minutos, chegaram dois agentes.

- Ligaram à polícia. Qual é o problema? - perguntou um agente.

- Este rapaz está bêbado e acho que também está drogado. Quero que o prendam e que o mandem de volta para o Haiti - disse Lise.

- Onde é que ele vive? - perguntou o mesmo agente.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Vive aqui - respondeu Denis.

O outro agente apontou uma lanterna para os meus olhos e analisou os meus braços à procura de marcas de agulhas.

- É o tutor dele? - perguntou o agente.

- De certa forma, somos, mas ele não é nosso parente de maneira alguma. O pai dele, que por acaso é amigo da minha mãe, mandou-o vir viver connosco - disse Denis.

- Onde está a sua mãe? - perguntou o agente.

- De momento, está a trabalhar - replicou Denis.

- Não acho que esteja drogado. Talvez tenha bebido alguma coisa. O que é que bebeste, filho? - perguntou o agente.

- Um bocadinho de licor - respondi eu, a tremer de medo e a pensar que os agentes estavam prestes a levar-me até à esquadra para me espancarem como a polícia no Haiti espanca os *restavecs*.

O agente pediu-me a morada do Mr. LaFontaine.

- Nós vamos lá verificar. Não somos da Imigração. Não podemos enviá-lo de volta para o Haiti. Boa noite - disse o agente.

- Sai-me da frente! Trato de ti amanhã de manhã - disse Denis.

Fui para o meu quarto e deitei-me, sentindo-me como se não pertencesse à casa ou a parte alguma.

Mais tarde, nessa mesma noite, quando Florence chegou do trabalho, ouvi Denis dizer-lhe o quão chateada Lise ficara quando eu entrei bêbado.

- Eu e Lise não toleramos este tipo de comportamentos. Não só se despediu do emprego como anda a beber. Talvez se ande a drogar. Mais vale enviarmo-lo de volta para o Haiti. Já te tinha dito antes que não achava boa ideia trazê-lo para cá - disse Denis.

- Não te chateies. Por favor, diz a Lise que lamento imenso que ela tenha tido que suportar tal comportamento. Eu vou falar com ele - disse Florence.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Não acho que falar adiante muito. Boa noite, Maman - disse Denis.

Florence abriu a porta do meu quarto e ligou a luz. Eu sentei-me, a tremer de medo.

- Como é que te atreves a envergonhar-me desta maneira? Não percebes que esta casa não é minha? É de Lise. Quando o teu pai me ligou a contar que tinhas aparecido em casa dele e o quão envergonhado estava, eu prometi-lhe que te aceitava de volta. Tive de implorar a Denis e Lise para te deixarem vir e ficar na casa deles, pensando que lhes ficarias muito grato. Tinhas de te embebedar para agora eles pensarem que é melhor voltares para o Haiti? É bom que arranjes outro emprego rapidamente e que mostres algum apreço por Lise por te deixar ficar em casa dela - disse Florence e saiu porta fora.

Na manhã seguinte, na escola, encontrei Nicolas.

- Olá, Bobby! A polícia foi a minha casa ontem à noite fazer perguntas sobre o que tinhas bebido. O meu pai ficou furioso. Porque é que os teus pais ligaram à polícia? - perguntou-me.

- Eles não são meus pais. São apenas pessoas com quem estou a viver - disse-lhe.

- O que é que queres dizer com isso? - perguntou Nicolas.

- São amigos do meu pai. Ele mandou-me vir viver com eles - disse eu, tentando não revelar que era o *restavec* deles.

- Estou a perceber - disse Nicolas.

- Não sabes onde é que posso arranjar um trabalho *part-time*? - perguntei.

- Eu conheço um restaurante. Está sempre aberto. Também conheço uma pessoa que trabalha lá. Ele disse que estão sempre a contratar pessoas - disse Nicolas.

- Onde é? - perguntei.

Nicola deu-me a morada. Mais tarde, depois de terminar as minhas tarefas, apanhei o autocarro até o restaurante e candidatei-me a um posto.

- Preciso de um lavador de pratos das dez da noite até às sete da manhã. Se quiseres, eu dou-te o emprego - disse o patrão.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Eu quero - disse eu.

- Podes começar esta noite? - perguntou o patrão.

- Sim, posso - repliquei.

- É muito simples. Lavas os pratos, limpas as mesas. Quando o movimento estiver parado, descasca batatas. Também podes comer tudo aquilo que quiseres - disse o patrão.

- Eu volto às dez - disse eu e apanhei o autocarro de volta até casa de Lise.

Contei a Denis acerca do emprego.

- É das 22 às 7 horas - disse eu.

- Então e a escola? Vais desistir? - perguntou Denis.

- *Non*, a escola começa às oito e há um autocarro que parte do restaurante e para a um quarteirão da escola - expliquei.

- Está bem, eu digo à *Maman* amanhã de manhã que já tens outro emprego - disse Denis.

Peguei na minha mochila dos livros e saí para o trabalho. No restaurante, deram-me um uniforme demasiado grande e um avental de plástico. Estudei durante uma hora antes de começar a trabalhar. Às duas da manhã, quando não havia clientes, o patrão deixou-me dormir numa cabina durante uma hora. Depois, os grandes camiões estacionaram no parque de estacionamento. Eu limpei as mesas e lavei os pratos até às sete. Comi o pequeno-almoço e apanhei o autocarro que me deixou a dois quarteirões da escola.

Numa noite, quando estava prestes a sair para o trabalho, Denis deteve-me para falarmos.

- Os professores têm andado a ligar, queixando-se de que andas a dormir nas aulas. Não estás a aprender nada. Porque é que não desistes da escola e tentas arranjar um emprego na *American Tack Company*? Eles estão sempre a contratar - disse Denis.

- *Oui*, vou fazer isso - repliquei enquanto saía para o trabalho.

No restaurante, disse ao meu patrão para procurar outra pessoa, porque eu me iria demitir depois daquele turno.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Entretanto, na escola, chamaram-me ao gabinete da psicóloga. Disseram-me que o resultado do teste de QI demonstrava que eu tinha um nível de inteligência baixo. Ia ser colocado numa turma para deficientes mentais. A psicóloga sugeriu que eu fosse para mecânico ou trabalhasse como soldador em vez de estudar disciplinas acadêmicas. Eu não cedi e prometi que me ia esforçar mais.

Um dia, o professor de Matemática, que passou por acaso pela sala dos deficientes mentais, reparou em mim e entrou.

- O que é que estás aqui a fazer? - perguntou.

- A psicóloga pôs-me nesta turma - respondi.

Os dois professores foram falar para o corredor. Passado algum tempo, o professor de Matemática levou-me ao gabinete da psicóloga.

- Porque é que o pôs na turma dos deficientes mentais? - perguntou.

- De acordo com os resultados de Q.I., é onde ele deve estar - replicou a psicóloga.

- O teste que lhe foi dado estava em francês ou em inglês? - perguntou.

- Em inglês, claro. Não os temos em francês - replicou a psicóloga.

- Sabia que ele está neste país há menos de dois anos? - perguntou o professor de Matemática.

No dia seguinte, já tinha um horário normal outra vez.

Eu candidatei-me a um lugar na *Company Tack American* e indiquei que tinha dezoito anos. Estava esperançado em ficar no turno das três à meia-noite. No secretariado, disseram-me que seria chamado quando houvesse alguma vaga. Entretanto, tinha dinheiro suficiente para dar a Lise para um mês de renda do quarto.

- Entregaste a candidatura na *American Tack*? - perguntou Denis.

- Sim, eles disseram que, quando tivessem alguma vaga, que me ligariam - repliquei.

Denis saiu de casa.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Mais tarde, Lise deitou as crianças e foi para o seu quarto. Eu estava a fazer os meus trabalhos de casa na mesa da cozinha. Alguns minutos depois, as crianças desceram, a brincar e correr à volta da mesa.

- Parem com isso! Voltem para cima! Estão a abanar a mesa - disse eu, firmemente.

De repente, Lise apareceu, perturbada.

- Como é que te atreves? Quem é que pensas que és para falares com os meus filhos nesse tom de voz? Esta é a casa deles e a mesa deles. Não devias falar com os meus filhos dessa forma. Quero que saias da minha casa agora mesmo - gritou Lise.

Eu fiquei estupefacto. Fui até ao meu quarto silenciosamente, fiz a mala e fui para casa de Nicolas. Bati gentilmente na janela de Nicolas.

- Nicolas, abre. Sou eu - Bobby.

Nicolas abriu a janela.

- Qual é o problema? - perguntou.

- Lise expulsou-me - repliquei.

- O que é que fizeste? - perguntou.

- Levantei a voz às crianças - respondi.

Subi pela janela e passei a noite no chão do quarto de Nicolas. De manhã, Mrs. LaFontaine pensou que eu tinha ido buscar Nicolas. Ia para casa de Nicolas para jantar, todos os dias depois da escola. Eu comia com ele quer numa pequena mesa na cozinha quer no quarto dele. A família presumiu que eu estava de visita. Depois do jantar, eu ia para a lavandaria estudar até às onze horas e depois voltava para o quarto de Nicolas pela janela. Sempre que ouvia alguém a entrar no quarto, rebolava para debaixo da cama de Nicolas.

Tomei banho numa noite, já tarde. Quando saí, dei de caras com Mr. LaFontaine.

- O que é que estás aqui a fazer? Não tens casa? - perguntou.

- Eles expulsaram-me - repliquei.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Bem, não podes viver aqui - respondeu.

- Eu vou buscar as minhas coisas - disse eu, a pensar ir para a lavandaria passar a noite.

- Não precisas de ir agora. Encontra outro lugar amanhã - disse ele.

De manhã, ouvi a família a discutir a minha situação e o Mr. LaFontaine decidiu que eu tinha de sair. Como tinha duas filhas adolescentes, não ia deixar-me dormir na casa dele.

Na escola, Mr. Rabinowitz aproximou-se de mim no bar. Desde que tinha começado a trabalhar no restaurante, tinha parado de ir ao gabinete dele durante o almoço para o apoio extra nos estudos sociais.

- Porque é que deixaste de ir ao meu gabinete? - perguntou-me.

- O cheiro a cigarro é muito intenso para mim - repliquei.

- Bem, também já andava para deixar de fumar. Fazemos um acordo: voltas e eu paro de fumar - disse Mr. Rabinowitz, com a sua mão no meu ombro.

Enquanto nos dirigíamos ao gabinete dele, lágrimas desfocaram a minha vista e eu comecei a chorar.

- Então, estás a chorar! O que se passa? - perguntou Mr. Rabinowitz, preocupado.

- Não tenho onde viver. Eles expulsaram-me - disse-lhe.

- Quem é que te expulsou? O que é que fizeste? - perguntou.

Eu expliquei a Mr. Rabinowitz que tinha levantado a voz aos filhos de Lise e que ela me tinha mandado embora. Eu tinha muita vergonha de lhe dizer que, enquanto *restavec*, não estava autorizado a levantar a minha voz às crianças.

- Quando é que isto se passou? - perguntou Mr. Rabinowitz.

- Há cerca de uma semana atrás - repliquei.

- Não fizeste mais nada para além disso? - perguntou ele, incrédulo.

- Não, Senhor - repliquei.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Queres que ligue a Lise e que lhe peça para te aceitar de novo? - perguntou-me.

- Não! Não ligue! Eu não quero voltar - disse.

- Porque não? - perguntou Mr. Rabinowitz.

- Tenho medo dela. Sempre que cozinha ovos, põe as cascas nos degraus das traseiras da casa enquanto murmura qualquer coisa. Acho que é vodu - disse eu.

Eu tinha tanto medo das cerimónias de Lise que tinha comprado uma pequena cruz que usava à volta do pescoço. Pensei no filme do Drácula em que usavam uma cruz para afastar um vampiro.

- Amanhã é o Dia de Ação de Graças. Hei-de descobrir alguma solução durante as férias - disse Mr. Rabinowitz.

- Denis quer que eu desista da escola e que trabalhe na *American Tack*, a fábrica de pregos - disse eu.

- Independentemente do que faças, não desistas da escola. Eu vou ver o que posso fazer por ti na segunda de manhã - assegurou-me.

Nesse dia, depois da escola, voltei a casa de Nicolas. Mr. LaFontaine telefonou a Eddi, um amigo dele solteiro que vivia num pequeno apartamento. Quando Eddi chegou, Mr. LaFontaine apresentou-nos. Era haitiano.

- Este jovem precisa de um sítio onde ficar. Foi expulso de casa pelos pais - disse.

- Eu partilho o meu apartamento com ele por setenta e cinco dólares por mês - disse Eddi.

- Consegues arranjar o dinheiro? - perguntou Mr. LaFontaine.

- Sim, eu arranjo um emprego - disse eu.

Eddi levou-me de carro até onde vivia e mostrou-me um pequeno quarto sem janela, num edifício antigo de dois andares, na Main Street. O dono do edifício geria uma loja de artigos da Marinha no primeiro andar. No mesmo dia, fui contratado para um *part-time*

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

numa mercearia A&P²⁷. O que ganhava mal chegava para pagar a renda. Comecei a trabalhar doze horas aos sábados para ganhar dinheiro extra para comida.

Fiz amizade com um rapaz negro americano da vizinhança. Fui a casa dele, por volta da hora do jantar, e a mãe dele serviu-me um prato de comida. Eu agradeci-lhe ao que ela respondeu: “Sempre às ordens.”

Eu sorri com satisfação, a pensar que me ia alimentar todos os dias. Depois da minha terceira visita, ela e o filho passaram a ver-me como um intruso. Na minha quarta visita, não me deixaram entrar em casa deles.

Na segunda-feira de manhã, chamaram-me ao gabinete da psicóloga. Mr. Rabinowitz estava à minha espera.

- Onde é que estás a viver agora? - perguntou a psicóloga.

Eu contei-lhe do acordo que tinha com Eddi e do *part-time* depois da escola. A psicóloga entregou-me um documento e indicações para uma morada em New City, Nova Iorque. Eu presumi que me estava a mandar para um trabalho melhor.

- Alguém do escritório estará a contar com a tua presença amanhã de manhã - disse ela.

Na manhã seguinte, apanhei um autocarro para New City, em Nova Iorque, e saí em frente a um pequeno edifício. Entrei e fiquei chocado por ver tantas pessoas com roupas sujas à espera em fila para serem atendidas. Eu pensei que estavam ali para arranjam trabalho. Mostrei o documento à rececionista que me conduziu imediatamente a uma pequena cabina. Ela leu a carta para si mesma.

- Estás a trabalhar? - perguntou.

- Sim, estou a trabalhar em *part-time* numa loja A&P em Spring Valley - respondi num inglês arranhado.

- Se desistires do teu *part-time*, tens direito a todos os benefícios - disse a funcionária.

- O que são todos os benefícios? - perguntei.

- Tens direito à quantia total, selos para comida e cuidados médicos grátis - explicou-me.

²⁷ NT - Loja de conveniência americana.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- O que são selos para comida? - perguntei, sentindo-me confuso.

- Este é o Gabinete de Ação Social. Nós damos dinheiro para pagar a renda e cupões que podes trocar por comida numa mercearia. Tens de desistir do teu trabalho na A&P - explicou ela lentamente.

- Vocês dar-me dinheiro se eu não trabalho? - perguntei, sentindo-me ainda mais confuso.

- Sim, correto - respondeu.

- Está bem, eu não trabalhar, vocês dar dinheiro - disse eu.

Não fazia ideia de que neste país existiam gabinetes onde entregavam dinheiro a pessoas por não fazerem nada. “Ainda é melhor do que encontrar dinheiro na rua” - disse para mim próprio, a pensar na empregada da casa de *Madame* Laroche, em Port-au-Prince, Haiti, que pensava que Nova Iorque era uma espécie de paraíso onde se encontrava dinheiro no chão.

Depois da papelada preenchida, deram-me um cheque e disseram-me para voltar ao final do mês para vir buscar os selos para comida. Com os selos, comprei jantares, cachorros quentes e comida enlatada. Sempre me senti desconfortável ao pagar com selos enquanto os outros clientes pagavam com dinheiro.

Depressa me aborreci com tanto tempo livre. Depois da escola, dava longos passeios e sentava-me no parque. Quando o cheque seguinte chegou pelo correio, eu enchi-me de vergonha, sabendo que o meu colega de casa tinha de trabalhar para obter o dinheiro que ganhava e eu não trabalhava para o meu. Troquei o cheque pelo dinheiro, relutantemente, paguei a renda e candidatei-me imediatamente a um trabalho numa estação de serviço Esso.

Durante a entrevista, o gerente perguntou-me se eu sabia dar trocos e eu respondi “- Sim, senhor.”

- Alguns funcionários da Esso têm cartões de desconto e 10% de desconto na gasolina. Se alguém comprasse \$7,50 de gasolina e te entregasse um cartão de desconto e uma nota de dez dólares, quanto é que terias de lhe devolver? - perguntou o gerente.

- Dava-lhe \$2,50 mais 75 cêntimos. O que dá \$3,25 - respondi.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

O gerente sorriu e disse:

- Estás contratado.

Trabalhava das 18 às 23 horas, de segunda a sexta e 12 horas aos sábados. Aprendi o mais que pude com os mecânicos da garagem. Aos sábados, instalava silenciadores e amortecedores por um preço mais elevado.

Uma tarde, os dois outros funcionários estavam nos balneários enquanto eu limpava o chão.

- Bobby, vem aqui! - chamou o gerente do turno da noite, um estudante universitário.

Eu encostei a esfregona contra uma parede e entrei na sala das traseiras. Ele estava sentado num banco com um pequeno maço de cigarros em frente dele. O antebraço estava amarrado com um bocado de borracha cuja ponta ele segurava com os dentes. Na mão livre tinha uma seringa, pronta a injetar no braço atado. O outro funcionário estava a inspirar um pó branco, próximo dele.

- O que é que estão a fazer? - perguntei.

- Anda cá e injeta-me isto por mim - disse o gerente de turno.

- Bobby, queres uma fila? - perguntou o outro funcionário.

- Eu não quero uma fila e não te vou ajudar - disse e afastei-me.

Ao continuar a limpar com a esfregona, o gerente principal entrou.

- Onde estão os outros? - perguntou.

- Estão nas traseiras - respondi.

O gerente principal entrou no balneário, despediu os dois funcionários e terminou o turno comigo. Depois de desligar as bombas às onze horas, disse-me:

- A partir de amanhã, o novo gerente do turno és tu. Eu encontrei-os a drogarem-se nas traseiras. Arthur tinha uma agulha enfiada no braço.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Fiquei tão entusiasmado com a promoção que contei a história ao meu professor de Inglês na manhã seguinte, que me disse para a escrever como um trabalho.

Antes de sair para a escola todas as manhãs, eu via o meu colega de casa, Eddi. Numa segunda de manhã, fez-me perguntas sobre um encontro que eu tinha tido na noite anterior.

- O que é que fizeram? - perguntou Eddi.

- Fomos a um restaurante e depois ao cinema - respondi.

- O que é que fizeram depois disso? - perguntou Eddi.

- Levei-a a casa e aqui estou eu - repliquei.

- Gastaste dinheiro com ela?

- Sim, paguei o jantar e o cinema.

- Fizeram...? - perguntou Eddi.

- Não, só nos beijámos.

- Tomou-te por um tolo e nunca mais te vai respeitar. Quando uma mulher te deixa gastar dinheiro com ela, quer dizer que ela quer fazer sexo contigo. Muitas vezes, ela não vai oferecer nada porque não quer parecer fácil. Se tentares ser um tipo simpático e lhe perguntares, ela vai dizer não. Mas o "não" delas quer dizer "sim", especialmente depois de gastares dinheiro com elas - explicou Eddi.

Eu fiquei envergonhado e decidi não sair com ela outra vez. Numa tentativa de chamar a atenção, espetei o meu carro contra um poste telefónico depois do trabalho, numa noite de neve. Não fiquei ferido com gravidade. O paramédico segurou o meu pescoço antes de me levar para o hospital. Disse à polícia para ligar a Denis Cadet, na esperança de que algum dos meus antigos donos viesse ver-me. Apesar de tudo, sentia a falta deles porque eles eram a única família que eu alguma vez tinha conhecido.

- Que tipo de pais tens tu, miúdo? - perguntou o agente.

- Eles vêm ver-me? - perguntei, envergonhado.

- Eles disseram que já estavam na cama e que têm de trabalhar de manhã - disse o agente.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Depois telefonei a Eddi. Não estava em casa. No dia seguinte, apanhei um táxi para o apartamento.

XIV

Estávamos em Junho de 1972. O dia da entrega do diploma do secundário aproximava-se. Os alunos andavam a assinar os livros de ano e a contar os seus planos para o futuro. A minha casa era a bomba de gasolina e os mecânicos tratavam-me como um irmão mais novo. No dia da entrega do diploma, eu deveria trabalhar no turno das três às onze.

- A minha turma vai formar-se hoje - disse eu ao gerente.

- Bem, parabéns. Não deves perder a tua formatura. Vai buscar o teu diploma e depois volta ao trabalho - disse-me.

Apressei-me para a escola e enfiei a minha túnica por cima do uniforme de trabalho. Fiquei boquiaberto pelo número de pais que tinha vindo tirar fotografias aos seus filhos e filhas. Enquanto a banda tocava, debati-me contra as lágrimas. Depois de chamaram pelo meu nome, subi ao palco, recebi o meu diploma e voltei ao trabalho.

Enquanto os meus colegas haitianos também concluíram os estudos e entraram em faculdades para se tornarem médicos, engenheiros, advogados e homens e mulheres de negócios, alguns dos meus colegas negros americanos desistiram do secundário e seguiram o rumo dos desistentes. Quanto a mim, não tinha planos para o futuro. No meu entender, trabalhar numa bomba de gasolina era muito melhor do que ser um engraxador de sapatos onde quer que fosse.

No dia seguinte, enquanto caminhava pela rua principal, reparei num grande cartaz numa janela de um escritório, com um soldado a conduzir um tanque. Havia um letreiro onde se lia Estação de Recrutamento do Exército dos Estados Unidos. Entrei.

- O que posso fazer por ti? - perguntou um sargento.

- Eu gostava de conduzir aquele tanque - respondi, apontando para o cartaz.

- Posso tratar disso - disse o sargento, apertando-me a mão. - Chamo-me Sargento Johnson.

- Eu chamo-me Bobby Cadet.

- Tens algum diploma do secundário?

- Sim, recebi-o ontem - respondi com orgulho.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

O sargento Johnson mostrou-me um pequeno filme com soldados a treinar, o que me impressionou tremendamente.

- Estás pronto para começar? - perguntou o sargento.

- Sim, estou pronto - respondi.

Fez-me uma série de perguntas.

- Já cometeste algum crime? És viciado em drogas? És homossexual? Tens algum tipo de registo criminal?

Depois de eu responder não a todas as perguntas, ele tirou um formulário médico da secretária. Depois de várias outras questões, às quais respondi negativamente, ele perguntou:

- Tens algum problema em molhar a cama?

O meu coração quase parou. Hesitei por um segundo.

- Não - respondi.

- Vamos confirmar os antecedentes. Se estiver tudo bem, fazes um teste escrito. Se passares, fazes um teste físico e só depois é que te levamos para o exército - explicou-me.

Passadas duas semanas, o recrutador levou-me a Nova Iorque para fazer o teste escrito. A sala estava cheia com cerca de cinquenta candidatos. Comecei a roer as unhas. Os testes foram dados por três soldados extremamente bem apresentados. Um distribuiu lápis, enquanto os outros dois os livros de testes e folhas de resposta.

- Não abram o vosso livro até vos ser dito para o fazerem - disse um dos soldados.

O meu coração estava acelerado.

- Abram os livros e comecem - ordenou um soldado.

Depois de quase duas horas, outra voz disse “Parem”. Depois dos materiais serem recolhidos, os futuros candidatos foram encaminhados para uma cafeteria do outro lado da rua, onde o almoço seria servido. Depois do almoço, os homens voltaram para a sala do teste.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Se o vosso nome for chamado, saiam pela direita. Significa que não passaram - disse o sargento.

Quando terminou a chamada, metade da sala estava vazia. Eu continuava no meu lugar, a sorrir.

Os homens foram conduzidos para outra sala para o teste físico. A meio da tarde, todos tinham sido aceites. Orgulhoso, sentia que pertencia oficialmente ao Exército dos Estados Unidos. O meu destino era o Fort Dix, New Jersey, onde faria o treino básico.

Na caserna, mal as luzes eram apagadas, eu tirava o meu colchão do cacifo e dormia no chão para evitar a possibilidade de molhar a cama. Todas as manhãs, cada recruta tinha de se pôr em frente ao seu cacifo para ser inspecionado por um sargento. As camas eram verificadas para garantir que os cobertores estavam conforme as regras.

Todos os finais de tarde, depois da chamada do correio, os rapazes voltavam à caserna onde liam em voz alta cartas de mães, pais e namoradas e partilhavam o conteúdo de caixas cheias enviadas de casa. Eu ficava esmagadoramente deprimido. Sentia-me vazio por dentro.

- Ei, Cadet, cheira esta carta da minha miúda - disse um colega de beliche, acenando uma nota perfumada na minha cara.

- Ei, Cadet, ouve isto - disse outro.

- Que simpático! Que bonito! - dizia eu com um sorriso amarelo.

- Ei, Cadet, não recibes cartas de casa, meu? - perguntou um soldado próximo de mim.

- Eu recebo cartas - respondi, bruscamente, enquanto pensava em dar um tiro na cabeça.

Um final de tarde, enquanto os rapazes escreviam cartas aos familiares e amigos, decidi escrever uma carta de amor. Enderecei-a a mim e escrevi o nome Josephine Benson como remetente. Na chamada do dia seguinte, o meu nome foi chamado. Todos repararam que eu tinha uma carta. Ao regressar à caserna, a minha depressão ia-se atenuando enquanto lia a carta aos meus colegas. Continuei a escrever quase todos os finais de tarde, inventando uma mãe e duas namoradas.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Durante o treino de combate corpo a corpo, sempre que espetava uma baioneta no interior de um alvo de borracha, a cara de Florence vinha-me à ideia. No campo de tiro, parecia que sempre que acertava numa silhueta, via Florence a cair. Por vezes, era Lise, outras, Denis.

Depois de oito semanas de treino básico, foi-me dada uma semana de licença antes de me apresentar na Carolina do Sul para a FAI, Formação Avançada de Infantaria. Apanhei um autocarro para Nova Iorque para ir visitar Eddi. Este não estava no apartamento. Apanhei outro autocarro para ir visitar a tia de Eddi, uma senhora bondosa casada e com dois filhos. Disse-me que Eddi tinha ido no fim de semana para o Canadá e convidou-me a ficar até me apresentar no Fort Jackson, na Carolina do Sul. Na hora de dormir, ela pôs no chão da sala um colchão coberto com lençóis brancos para mim. Por volta das três da manhã, sonhei que estava a urinar contra uma árvore, o mesmo sonho que tinha quando era um rapazinho *restavec* no Haiti. Acordei com o colchão e os lençóis molhados. Quando liguei a luz, vi um rasto de urina a aproximar-se do sofá. Incapaz de enfrentar a tia de Eddi de manhã, vesti-me, pus tudo no meu saco de lona e fui embora do apartamento. Fui de táxi até o aeroporto e apanhei um voo até a Carolina do Sul.

Ao chegar à minha unidade, apresentei as minhas ordens militares ao sargento encarregado, que as leu torcendo o nariz.

- Vens seis dias mais cedo, Soldado. O que é que se passa contigo? Não tens uma casa ou uma família com quem estar? - perguntou-me.

- Eu quis vir cedo, meu Sargento - disse eu, a sorrir.

- És um *Gomer Pyle*²⁸? - perguntou o sargento, furioso.

- Não, meu Sargento! - respondi.

- É bom que não. Não queremos Gomers nesta unidade. Compreendes, Soldado? - gritou o sargento.

- Sim, meu Sargento - respondi e segui-o até à caserna vazia.

²⁸ NT - Personagem de uma série de comédia americana, transmitida entre 1964 e 1969, cujas características principais são a ingenuidade e a bondade.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Escolhe um beliche e vai até ao Depósito de Fardamento buscar lençóis e cobertores. O refeitório é atrás de nós. As refeições são às 6h00, 12h00 e 17h00. Amanhã de manhã, às 9 horas, apresenta-te ao sargento do depósito de fardamento, seu Gomer Pyle de um raio.

Nessa noite, pus o meu poncho por cima do colchão e adormeci. Não molhei a cama. Depois do pequeno-almoço, patrulhei a área, apanhei beatas de cigarros como tinha feito no treino básico. Às 9 horas, apresentei-me ao sargento do depósito de fardamento.

- Bom dia, meu Sargento - disse.

- Sur-pre-sa! Sur-pre-sa! Então, tu deves ser o Gomer! - disse o sargento com um grande sorriso na cara.

- Então, Gomer, vais fazer o inventário esta manhã. Conta todas as peças de equipamento e anota neste formulário - disse.

Quando o FAI começou, voltei a escrever cartas a mim mesmo para lutar contra a minha depressão na caserna. Quando me perguntavam porque dormia no chão, respondia sempre: "Passei na inspeção hoje de manhã e não quero estragar o beliche."

Apercebi-me cedo da falta de respeito geral por mulheres da parte de muitos homens alistados. Quase todos os que eu conhecia se referiam às mulheres como "cabras". Um soldado, a mostrar a fotografia da namorada ou noiva aos amigos, gabava-se: "Olhem-me para esta cabra. Não é ótima?" E enquanto marchavam e cantavam a cadência nas ruas, os sargentos do pelotão e líderes de esquadrão mudavam para letras sexualmente explícitas quando passavam mulheres.

No dia de conclusão de treinos, os que tinham completado todas as partes do treino com sucesso receberam as suas ordens. O comandante da companhia foi até a caserna. Todos se levantaram à voz de "atenção". Ele ordenou que eu e mais alguns homens déssemos um passo em frente e o seguíssemos até o gabinete. Todos entraram em pânico.

- O exército precisa de voluntários para o treino das tropas paraquedistas e eu gosto de vocês. Têm oportunidade para serem promovidos e receberem 55 dólares extra por mês por saltarem de aviões em perfeitas condições - disse ele.

Os homens entreolharam-se.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Está bem, eu vou - disse eu.

Os outros também se voluntariaram.

A cerimónia de conclusão teve lugar num campo aberto. As bancadas estavam cheias com civis e pessoal militar. A banda preenchia o ar com músicas patrióticas enquanto os finalistas desfilavam orgulhosamente nos seus uniformes caqui. Uma bandeira grande com estrelas e riscas flutuava na brisa fresca juntamente com bandeiras de unidade azuis, vermelhas e verdes atrás de um grande pódio. Às unidades foi dada voz de "atenção".

O meu comandante pôs-se à frente das tropas dele.

- Em cada turma final, há sempre um indivíduo que se destaca como o mais notável na sua unidade - disse ele. - Os oficiais e NCO's seleccionaram o *Pfc*²⁹ Primeiro-cabo Jean-Robert Cadet como a melhor sentinela desta unidade.

Depois leu uma carta e disse:

- Esta carta será colocada no teu ficheiro militar e será enviada uma cópia aos teus pais.

Senti-me orgulhoso. Enquanto lutava para reprimir as lágrimas, tinha arrepios pelo corpo todo.

Depois da conclusão do treino, recebi ordens para me apresentar no treino de paraquedistas no Fort Benning, na Geórgia. Uma vez mais, apresentei-me mais cedo e fui recebido com uma cara parecida por um sargento que também me batizou de Gomer Pyle.

O treino de paraquedistas era muito exigente. As tropas corriam para todo o lado a que iam e exercitavam três vezes por dia. Alguns soldados desistiram e a outros foi dada a possibilidade de desistir. Àqueles que sofriam de enjoos, como eu, foi fornecido *Dramamine*³⁰.

Chegou a altura do primeiro salto. Todos estavam sentados no chão de um avião C-130 vazio, com dois paraquedas, um nas costas e um em miniatura à frente. O instrutor de saltos entrou.

²⁹ NT - Private First Class, equivalente ao grau OR-3 da NATO que, por sua vez, é equivalente a Primeiro-cabo do Exército Português.

³⁰ NT - Medicamento para tratar vômitos e tonturas provocados por enjoos.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Se alguém quiser desistir, agora é a altura certa. Uma vez no ar, todos têm de saltar. Quem mudar de ideias, será atirado. Estão prontos? - gritou.

- Sim, meu Instrutor - gritaram os recrutas.

O avião descolou e depressa ganhou altitude. O meu coração estava acelerado. Eu era o cabeça da fila e o primeiro o saltar.

- Instrutor de saltos, prepare-se - disse o piloto através do rádio.

- De pé! - gritou o instrutor de saltos. Todos se levantaram, a segurar o gancho de metal da corda.

- Prendam os ganchos - ordenou o instrutor de saltos.

As tropas prenderam o mosquetão às cordas do paraquedas fazendo lembrar uma corda de roupa presa de uma ponta à outra do avião. O instrutor de saltos abriu a porta, deslizando-a. Uma poderosa rajada de vento frio abanou o avião, tornando difícil a tarefa de ouvir as ordens do instrutor. Acendeu-se uma luz vermelha perto da porta. Todos verificaram os paraquedas uns dos outros, assegurando-se de que todos estavam bem presos.

- Aguarda à porta!- gritou o instrutor de saltos.

Eu aproximei-me da porta aberta e olhei em frente para as nuvens lentas mesmo à minha frente. Pus as palmas das mãos na parte de fora do avião, os meus pés na soleira da porta. A luz vermelha mudou para verde. O meu estômago rugiu e comecei a ter suores frios.

- Vai! - gritou o instrutor.

Congelei. Olhei por cima do ombro e vi a bota brilhante do instrutor de saltos a entrar em contacto com o meu traseiro. De repente, as minhas mãos deixaram de tocar na superfície do avião. Estava a cair de pernas para o ar. Ao tentar contar "mil e um, mil e dois ..." o vento entrou-me pela boca dentro e forçou as palavras a voltarem para a minha garganta. O paraquedas abriu, puxando-me violentamente para cima e fazendo-me vomitar a dois mil pés de altura. Passado um bocado, aterrei com força no chão enquanto uma forte brisa puxou o paraquedas, arrastando-me alguns metros ao longo da erva alta e castanha.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Levantei-me, atordoado e desorientado. Tinha saliva a escorrer pelo lábio inferior. Um instrutor de saltos correu rapidamente e fez-me frente.

- Porque raio é que congelaste? Queres desistir, soldado? Queres ir para um raio de uma unidade de infantaria? - gritou ele a plenos pulmões.

Olhei-o olhos nos olhos:

- Não, meu Instrutor. Não sou um desistente - repliquei.

Depois de mais três saltos, recebi as minhas asas e ordens para me juntar à 82.^a Divisão Aérea em Fort Bragg, na Carolina do Norte. Não demorei a juntar-me à minha unidade, Companhia C, 1.º Batalhão, 325.º Infantaria. Era a minha nova casa: uma unidade pronta a combater, constantemente em movimento, a praticar exercícios de combate.

Durante a primeira formação, o primeiro-sargento explicou as regras e penalizações. As duas regras mais importantes eram não se ausentar sem licença (AWOL³¹) e seguir sempre a cadeia de comando. Depois, o comandante da companhia apresentou-se e enfatizou o que tinha sido dito anteriormente.

- Quaisquer problemas que venham a ter, nós ajudaremos a resolvê-los. Mas não incorram em AWOL sob qualquer circunstância - disse ele e voltou para o seu gabinete.

- O toque de alvorada é às 5 horas, o TF³² é às 5 e 30, a refeição é às 7 horas - disse o primeiro-sargento e dispensou as tropas.

Na caserna, as tropas separaram-se por iniciativa própria. Os negros ocuparam um dos lados da área, tratando-se por "*nigga*³³" e ouvindo Marvin Gaye e James Brown. Os brancos ocuparam o outro lado, tratando-se pelos apelidos e ouvindo música *country* e *rock*. Alguns hispânicos ocuparam a área central e jogavam dominó. Todos os grupos tinham uma coisa em comum: fumavam marijuana e disfarçavam o cheiro com incenso.

Foi-me dado um beliche no lado negro da área. Era um dia quente e húmido. Tirei a minha camisa e sentei-me no meu beliche, em frente ao soldado Williams, que segurava uma beata de charro com uma pinça. Ele colocou-a nos lábios e sugou num instante.

³¹ NT - Acrónimo de "absent without leave", em inglês.

³² NT - Treino físico

³³ NT - Expressão pejorativa equivalente a "nigger", sinónimo de negro, em inglês.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Ei, como te chamas, *nigga*? - perguntou.

- Chamo-me Bobby Cadet - respondi.

- Tens uma pronúncia esquisita, *mano*. D'onde raio és tu? - perguntou ele, sugando novamente ao ponto de quase queimar os lábios.

- Venho do Haiti - repliquei.

- Onde raio é isso? - perguntou ele, confuso.

- É um pequeno país nas Caraíbas - respondi.

- Porque raio é que falas assim, meu? Soas à branco e parece esquisito - disse ele.

- É a forma como falo. Tenho pronúncia - disse-lhe.

O soldado Williams abriu o cacifo, enrolou outro charro, acendeu-o e deu uma longa passa. Expeliu lentamente o fumo, fazendo-o enrolar de volta às narinas e passou-mo.

- Não, obrigado, eu não fumo - disse.

- Que tipo de *nigga* és tu, meu? - disse ele.

Senti-me deslocado.

- Desculpa, mas não gosto de marijuana - repliquei olhando para as cordas de fumo que subiam lentamente de um pauzinho de incenso aceso num cinzeiro.

- Todos em sentido! - gritou o líder de esquadrão.

Todos vestiram rapidamente uma camisa e apressaram-se a sair.

- Companhia, ATENÇÃO! - comandou o primeiro-sargento.

As tropas puseram-se em sentido. O comandante da companhia saiu do edifício.

- Todos presentes, meu Comandante - disse o primeiro-sargento.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- À vontade, homens! - ordenou o comandante da companhia. - Amanhã, vamos fazer uma caminhada de vinte milhas com todo o equipamento de combate. O toque de alvorada é às 4 horas.

- ATENÇÃO! - gritou o primeiro-sargento. As tropas voltaram à posição de sentido e o comandante da companhia voltou para dentro.

- Dispersar! - gritou o primeiro-sargento.

As tropas foram comer. Nesse final de tarde, cada grupo encontrava-se nas suas atividades normais - fumar erva, ouvir música e jogar dominó. Eu estava sentado no meu beliche, a engraxar as minhas botas com cuspo e a polir as minhas asas e a medalha de atirador certo.

Às 21 horas, as luzes apagaram-se e todos foram para a cama. Adormeci a observar a lua pelas janelas de vidro sem cortinas. O soldado Williams acendeu um charro, ajoelhou-se à frente da minha cara e soprou o fumo para o meu nariz. Acordei a tossir incontrolavelmente. O soldado Williams riu-se e saltou de volta para o seu beliche.

- Não queres fumar, eu faço-te fumar, *nigga* - disse-me.

Puxei o meu beliche para mais perto da zona branca e voltei a adormecer. Às 4 horas, o sargento do pelotão acendeu as luzes.

- Levaaaantem-se e limpem esses rabos sujos - gritou ele.

Todos se levantaram, fizeram a cama e se lavaram. Depois do pequeno-almoço, as tropas alinharam-se em frente à sala de armas com os seus registos de armas. Foi-me atribuída uma M-16 com um lançador de granadas montado. Antes da caminhada, marchei até ao escritório do sargento de pelotão.

- Meu Sargento, o soldado Williams soprou fumo de marijuana para o meu nariz ontem à noite, enquanto dormia - expliquei-lhe.

O sargento de pelotão olhou para o líder de esquadrão e escangalharam-se os dois a rir.

Fiquei estupefacto. “Terei dito alguma piada?” - pensei.

- Estava só a meter-se contigo, meu. É a sua forma de ser - disse o sargento.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Esperava que a minha queixa passasse pela cadeia de comando e que dessem deveres extra ao soldado Williams, mas não lhe aconteceu nada. Durante a caminhada, o soldado Williams aproximou-se de mim.

- Ei, *nigga*, que raio foste dizer ao sargento, meu? Eu só me estava a meter contigo - disse-me.

Como ainda continuava chateado, ignorei-o. O soldado Williams afastou-se e juntou-se a mais dois soldados negros que depressa se começaram a rir e a olhar para mim.

Na caserna, eu era excluído pelas tropas negras e ignorado por quase todos os brancos e hispânicos. Sempre que as tropas estavam em guarnição, eram-me atribuídos os deveres de latrina pelo líder de esquadrão. Uma manhã depois da refeição, o tenente Walker da Sede do Batalhão veio até a caserna. Alguém ordenou às tropas que se pusessem em sentido.

- Preciso de um voluntário com um resultado de, no mínimo, 110 no GT³⁴ para fazer secretariado na sede. Quem for selecionado será enviado para a escola de secretariado durante quatro semanas e terá dispensa de todas as tarefas da caserna. E também será o motorista do coronel - disse ele.

Cerca de dez de nós levantámos as mãos. O tenente olhou para cada soldado dos pés às cabeça. Finalmente, voltou-se para mim.

- Qual é o teu resultado no GT, soldado? - perguntou.

- É 122, meu Tenente - disse.

- Alguém bate 122? - perguntou.

Olhei pelos cantos dos olhos para a esquerda e para a direita. Ninguém levantou a mão.

- Segue-me - disse o tenente Walker.

Eu segui-o até o seu gabinete. Ele tirou o meu ficheiro militar e leu a carta que me nomeava como a melhor sentinela.

- Parabéns, parece-me que fiz a escolha certa - disse-me.

³⁴ NT - Referente a “General Technical”, teste do exército dos Estado Unidos onde se colocam questões de conhecimentos de língua, matemática e cultura geral.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Depois de completar o treino de secretariado, fui enviado para um gabinete na Sede do Batalhão, para trabalhar das nove às cinco. Já não era renegado nem ignorado pelos meus colegas.

- Não te metas com ele. É o motorista do coronel - diziam os militares sempre que eu voltava à caserna do trabalho.

Eu gostava de trabalhar com oficiais e desejava tornar-me um oficial. Um dia, entrei no gabinete do tenente Walker.

- Meu Tenente, o que posso fazer para me tornar oficial? - perguntei.

- Porque te queres tornar oficial? - perguntou o tenente.

- Porque os oficiais são respeitados, não usam linguagem grosseira e não se drogam. E gosto de estar no exército - disse.

- Precisas de ter uma licenciatura de quatro anos, de ser admitido numa escola de candidatos a oficiais e tens de ser cidadão dos Estados Unidos - disse o tenente.

- Obrigado, meu Tenente - disse eu, voltando ao meu gabinete, pensando que estes requisitos nunca estariam ao meu alcance.

XV

Domingo de manhã, vesti o meu uniforme verde e fui a uma igreja católica na base militar. Assisti à Primeira Comunhão de várias crianças. Comecei a recordar o tempo em que ia à catequese em miúdo. A voz de Florence ecoou na minha mente: “Pensas que vou gastar o meu dinheiro num rapaz que faz xixi na cama para poderes fazer a Comunhão?” Imaginei-me novamente a matá-la com o meu revólver M-16 de calibre 45. De repente, comecei a choramingar. “Por favor, Deus, perdoa-me por pensar numa coisa tão terrível” - sussurrei. No fim da missa, esperei lá fora pelo capelão.

- Desculpe, senhor Padre. Gostaria de trocar algumas palavras consigo - disse-lhe.

O capelão sorriu e apertou-me a mão.

- O que posso fazer por ti? - perguntou-me.

- Gostaria de fazer a Primeira Comunhão. O que é que devo fazer? - perguntei com vergonha.

- Oh, queres tornar-te católico? - perguntou o capelão.

- Não, senhor Padre, eu já sou católico. Eu ia à catequese quando era pequeno e vivia no Haiti. No dia em que eu deveria ter ido à igreja para receber o meu sacramento, a minha mãe disse-me que eu não podia ir porque ela não tinha dinheiro para me comprar roupas - expliquei-lhe, sentindo-me desconfortável.

- Ah, compreendo! - disse o capelão.

- Eu sei o catecismo de cor. Pode testar-me, se desejar - acrescentei.

Segui o capelão até ao seu gabinete. Ele deu-me alguns panfletos para ler e perguntou-me qual era o nome da minha unidade.

- Se a tua unidade não sair, vem ver-me no sábado às 16 horas - disse o capelão.

Apertei-lhe a mão e senti-me como se um grande peso me tivesse saído de cima dos ombros.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Quando voltei no sábado seguinte, o capelão batizou-me. Durante o batismo, lembrei-me que já tinha sido batizado. Foi numa sexta-feira de manhã porque a cozinheira tinha acabado de regressar do mercado com peixe fresco. Tinha cerca de sete anos de idade. Nessa manhã específica, Florence veio da igreja com um padre alto, de pele escura com uma veste branca. Os dois sentaram-se no alpendre da frente por alguns momentos e depois ela convidou-o a entrar para tomar café. Ele retirou a veste, colocou-a nas costas de uma cadeira e seguiu Florence até ao quarto. Passado algum tempo, ele saiu e voltou a pôr a veste. Florence estava de pé, atrás dele. Eu estava sentado nos degraus da frente, a matar formigas com os meus dedos. Ao sair, o padre sorriu para mim.

- Pode batizá-lo, por mim? - perguntou Florence.

- Com certeza - respondeu o padre e voltou para dentro. Florence fez-me sinal para ir para a sala de jantar.

O padre tirou do bolso o seu rosário preto, colocou-o à volta do pescoço e pediu um copo de água a Florence.

- Como te chamas? - perguntou o padre.

- Bobby - respondeu Florence, antes que eu pudesse abrir a boca.

- Bobby, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - disse o padre, mergulhando o dedo no copo de água e fazendo o sinal da cruz na minha testa.

Depois do sacramento, Florence olhou para mim e disse:

- Eu sou a tua madrinha e o padre é o teu padrinho.

Antes de sair, o capelão do exército deu-me instruções para a minha Primeira Comunhão.

- Vejo-te amanhã às 9 horas - disse o capelão.

No domingo de manhã, vesti o meu uniforme verde e as botas pretas brilhantes. Ao sair da caserna, o soldado Williams, que agora me tratava por "Franciú", gritou da janela do segundo andar.

- Oh, *Franciú*, onde raio é que vais, meu?

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Olhei para ele com um grande sorriso e gritei-lhe de volta:

- Vou fazer a Primeira Comunhão.

Enquanto estava sentado na igreja, à espera da cerimónia, revi-me como um pequeno rapazinho *restavec* entusiasmado, que outrora sonhara vestir uma camisa branca, calças brancas e um pequeno laço vermelho na sua Primeira Comunhão. Mas agora, a excitação que tinha sentido enquanto criança, depois da semana final de catequese, não regressara. Em vez disso, senti-me vazio, sozinho e frio interiormente.

Depois da Comunhão, fui até ao PX³⁵, comprei uma caixa de bolachas e voltei à caserna. Comi algumas e distribuí o resto pelos tropas sem lhes dizer o que estava a celebrar.

Devido às drogas, eu mantinha-me o mais possível longe da caserna, passando o meu tempo livre no ginásio ou na escola de artes marciais, gerida por um sargento de boina verde.

Numa sexta-feira à tarde, os militares tinham acabado de receber o salário. Um dos sargentos veio à caserna, trazendo um saco de lona por baixo do braço. Destrancou a porta do quarto dele e entrou. Três soldados dirigiram-se imediatamente à sala do sargento. Passado um bocado, um primeiro-cabo saiu com uma fronha de almofada com uma proeminência e voltou ao seu beliche. Depois, abriu o cacifo e tirou de lá uma caixa com saquinhos de plástico.

- Lockhart, vai vigiar a porta - disse ele a um amigo, enquanto o via despejar um monte de folhas verdes secas na cama dele.

Esfregou as folhas nas mãos e encheu os saquinhos de plástico.

- Ei, Franciú, queres um saquinho de um níquel? - perguntou-me.

- Não, obrigado - respondi.

O soldado pôs todos os saquinhos na fronha de almofada e saiu da caserna.

Segunda-feira de manhã, às 4 horas, os militares foram acordados pelo som de duas tampas de caixotes do lixo a baterem uma contra à outra, como címbalos.

³⁵ NT - *Post Exchange* - loja na base militar que vende bens a pessoal militar e suas famílias e a civis autorizados.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Acordem e levantem já esses rabos imundos! - gritou o sargento.

Durante uma semana, os soldados iam participar num exercício de simulação de fogo, fora da base. Estava frio e escuro lá fora. Armas, munições e “rações-C³⁶” foram distribuídas. As tropas fizeram as malas. Dobrei o meu poncho enquanto observava o soldado Williams, despido da cinta para cima, de pé, em frente ao seu cacifo com a cabeça e braços lá dentro. Passado algum tempo, ele colocou uma pequena caixa de cigarros na mochila e sentou-se no beliche. Tinha os olhos vermelhos. Pequenas gotas de suor rolavam-lhe das sobrancelhas até ao queixo como orvalho matinal num relvado alto. Estavam todos prontos para combater.

- Está bem, vamos embora! - gritou o sargento.

O soldado Williams vestiu a camisa e pegou na arma. Fomos de carrinha até ao aeródromo, onde vestimos os nossos paraquedas e esperámos para embarcar num avião C-141. Estavam a colocar jipes e tanques em grandes aviões chamados C-5. Finalmente, embarcámos no avião. O salto correu bem. Não houve baixas. Os paraquedas foram deixados no campo relvado para serem recolhidos por pessoal especializado.

No campo de tiro, foi-nos ordenado que carregássemos as armas e as mantivéssemos em segurança. Carreguei a minha M-16. O soldado Williams tomou a sua posição e inseriu um cinto de munições na sua arma M-60.

- Comecem a disparar - gritou o sargento.

Movíamo-nos e disparávamos. O soldado Williams parou. A arma dele tinha encravado. Ele virou a M-60 e deu um pontapé no cabo de montar com a cabeça por cima do cano da arma. Disparou. A cabeça do soldado Williams explodiu enquanto o seu corpo caía sem vida no chão.

- Cessar fogo! Médico! - gritou o líder do esquadrão.

Alguns soldados vomitaram; outros viraram a cara. O médico apressou-se a ir buscar um poncho à sua mochila, com o qual tapou o corpo.

³⁶ NT - Comida pré-cozinhada enlatada individual.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Mais tarde, nesse dia, o capelão celebrou uma pequena missa. Uma espingarda M-16 montada com uma baioneta foi colocada no solo com um par de botas pretas brilhantes ao lado. O corneteiro tocou e, no fim da cerimónia, foram todos dispensados para a respetiva unidade.

Ao regressar à caserna, no sábado à noite, limpámos as nossas armas e entregámo-las. No chuveiro, todos tinham um sabão numa corda porque ninguém se queria dobrar nu para apanhar o sabão.

- Ei, *Franciú*, queres ir até Fayetteville? - perguntou um soldado.

- Está bem, eu vou contigo - respondi. Uma vez na baixa, todos seguiram o seu caminho. Eu fui a um restaurante chinês para comer rolos de ovos e ovos *foo yong* e depois vi um filme de Kung Fu. À meia-noite estava de volta ao meu beliche. A caserna estava vazia.

Na segunda-feira de manhã, um número elevado de tropas meteu baixa. Parecia que todos tinham a mesma doença: gonorreia. Eu também pedi permissão para ir à clínica.

- O que é que se passa contigo, *Franciú*? - perguntou o sargento. - Nunca meteste baixa.

- Tenho algumas dores de estômago, meu Sargento - disse.

- Queres dizer que estás com caganeira? - perguntou o sargento.

- Sim, meu Sargento - respondi.

Quando cheguei à clínica, esta estava cheia de jovens soldados numa longa fila à espera de serem atendidos.

- Se estás aqui para o tratamento de gonorreia, segue a fila amarela - disse a enfermeira. Eu confundi "gonorreia" por "diarreia" e segui a linha amarela. Quando chegou, por fim, a minha vez, entrei numa pequena sala onde me esperava uma enfermeira.

- Quando foi o teu último contacto sexual? - perguntou-me.

- O quê? - perguntei surpreendido, a pensar que os problemas de estômago não deveriam ter nada a ver com sexo.

- Quando é que foi a última vez que tiveste relações sexuais? - repetiu.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Como tinha muita vergonha de dizer que tinha sido há mais de um ano, disse-lhe:

- Na semana passada.

- Está a pingar? - perguntou-me.

- Sim - respondi, pensando que se referia a movimentos do líquido nos intestinos.

- Baixa as calças - ordenou a enfermeira, ao mesmo tempo que ia buscar uma cotonete.

- Não está a pingar agora. Não há nada para ver - repliquei, perguntando-me porque queria ela uma amostra.

- Quando foi a última vez que pingou? - perguntou a enfermeira.

- Ontem à noite e hoje de manhã, cedo - respondi, nervoso.

Naquele momento, a enfermeira já estava a ficar irritada e impaciente. Perguntou-me:

- Quando é que vais pingar outra vez?

O meu estômago roncou.

- Em breve - respondi, perguntando-me porque é que ela estava tão zangada.

- Vai para a sala de espera. Quando achares que vais pingar outra vez, vem cá avisar-me - disse a enfermeira.

Saí e esperei. Passados alguns minutos, voltei para dentro para informar a enfermeira, mas ela estava a ver outro soldado. Fui à casa de banho e aliviei-me. Em vez de puxar o autoclismo, pus a tampa para baixo e esperei à porta. Quando o paciente saiu, eu entrei para vê-la.

- Enfermeira, já pingou - disse.

- Está bem. Agora baixa as calças e deixa-me ver - disse a enfermeira.

- Não, está na sanita - disse eu.

A enfermeira seguiu-me até à casa de banho.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Tenho mesmo que ver isto - disse ela.

- Está ali dentro - disse eu, a apontar para a sanita.

Ela levantou a tampa e deixou-a cair.

- Merda, tu não tens gonorreia, tens é diarreia. Quem é que te deixou entrar no exército? - atirou-me a enfermeira.

Fui encaminhado para outra secção e deram-me medicação.

Quando voltei ao trabalho na sede, encontrei uma carta escrita à mão na minha secretária para ser datilografada. Lia-se:

“Caros Mr. e Mrs. Williams,

É com um enorme pesar que vos informamos da morte acidental do vosso amado filho, soldado John D. Williams... O soldado Williams era um soldado excepcional que serviu bem o seu país... O Exército sentirá a sua falta.

Datilografei a carta e coloquei-a em cima da secretária do tenente Walker para ser assinada pelo coronel, perguntando-me como é que o soldado Williams teria servido bem o seu país.”

Durante a formação da tarde, o comandante da companhia colocou riscas de cabo no colarinho da minha camisa.

- Parabéns, Soldado! Passaste a Cabo.

Saudei-o e senti-me orgulhoso de mim mesmo. Pensei em ligar a Florence e Denis, que estavam no estado de Nova Iorque, para partilhar o meu entusiasmo com eles. Fui à cabine telefónica, marquei o número e desliguei logo que uma pessoa disse:“ Estou?” Entrei no gabinete do sargento e pedi uma licença de ausência por cinco dias.

- Para onde raio é que vais? Pensava que não tinhas casa para onde ir - disse o sargento.

- Vou visitar o meu pai no Haiti - disse, a pensar que as minhas conquistas pessoais seriam suficientemente boas para merecer um lugar na vida do meu pai. Queria estabelecer uma

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

ligação que preenchesse o vazio do meu peito. Queria que Philippe olhasse para mim com olhos de pai.

A minha licença foi aprovada em pouco tempo. Fui ao banco, levantei mil dólares das minhas poupanças e fui às compras no PX. Comprei uma grande mala e enchi-a com presentes de todas as cores e feitios. Pedi a um vendedor para embrulhar uma máquina de barbear eléctrica e dois relógios.

- Que pai é que não ficaria orgulhoso do filho que é um cabo e um paraquedista do Exército dos Estados Unidos? Quando me vir de uniforme, vai dar-me as boas-vindas de braços abertos e vai adorar os meus presentes - disse a mim mesmo.

As minhas botas brilhavam, assim como as minhas asas do exército, e o meu fato estava bem engomado. Estava pronto para a inspeção da minha vida.

Durante o voo para o Haiti, sentei-me muito direito como um *robot* para não encorralhar o meu uniforme. Depois de aterrar, fui até aos lavabos e vi-me duas vezes ao espelho. No aeroporto de Port-au-Prince, parecia que todos me olhavam e apontavam como se tivesse chegado de outro planeta. Senti-me um visitante sem um país. Eu era um soldado do exército americano que apenas conhecia o hino nacional do Canadá, mas que nunca vivera no Canadá. A minha alma, no entanto, continuava haitiana. Pedi a um taxista para me levar até a Rua Bernard, 18 e sentei-me no banco de trás como um VIP. Quando o motorista parou em frente da casa, retirei um lenço e limpei o pó das minhas botas. O meu coração palpitava. O motorista carregou a minha mala até a porta da frente. Paguei-lhe dez vezes mais do que o total. O motorista tremeu de entusiasmo e correu para o carro a dizer:

- *Merci, bon Dieu, merci éternel.*³⁷

Bati à porta. Uma empregada abriu-a e perguntou em crioulo, com os olhos a brilhar:

- Quem queres?

- *Monsieur Sébastien* - repliquei.

- Entra - disse ela, fitando-me.

³⁷ NT - Obrigado, bom Deus, eternamente obrigado, em francês.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Entrei e fiquei na sala de estar, nervoso, com a mala ao meu lado. Passado pouco tempo, Philippe apareceu.

- Oh, és tu. Estás no exército? - perguntou-me.

- Sim, estou no Exército dos Estados Unidos - respondi.

- Estás cá por quanto tempo? - perguntou Philippe.

Sem responder à questão, abri rapidamente a minha mala e tirei de lá os presentes embrulhados e entreguei-lhos. Depois, tirei tudo o resto e dispus tudo no sofá, tentando impressioná-lo.

- Vou estar fora da cidade por uns dias. Podes ficar aqui - disse Philippe.

- Posso ir contigo? - perguntei.

- *Non* - respondeu Philippe.

Fiquei lá três dias, mas senti-me mais como um convidado tolerado do que um parente. A mãe de Philippe tinha morrido dois anos antes. Nunca conheci o seu pai. Dei por mim sozinho a maior parte do tempo. Quando Philippe voltou, levou-me até ao aeroporto e desta vez apertou-me a mão e disse “Adeus”.

Embarquei no avião, sentindo-me desapontado. O vazio no meu peito parecia ter ficado maior e o meu coração era uma pedra no meio de uma caverna fria e vazia. Senti que não tinha passado à inspeção e que não tinha completado a minha missão.

Ao voltar para o Fort Bragg, comprei um carro usado e, aos fins de semana, dava longos passeios para me manter afastado da caserna.

A Sede recebeu notícias do Pentágono que informavam que todas as unidades de combate deveriam manter-se em alerta. A crise energética de 1973 tinha começado e enfrentávamos a possibilidade de entrar em guerra com o Médio Oriente. Aprendi que as nações ricas, por causa do petróleo do Golfo Pérsico, tinham boicotado os Estados Unidos, provocando uma enorme escassez de combustíveis. Pensei que iríamos invadir o Kuwait e a Arábia Saudita para resolver a crise. Dois funcionários da Divisão da Sede vieram até à companhia para

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

atualizar os ficheiros militares pessoais. Colocaram a todos os soldados a mesma questão: “Quem é o teu beneficiário em caso de morreres em combate?”

- Quero que o exército fique com o dinheiro do meu seguro caso não regresse vivo - disse eu.

- A sério, tens de me dar o nome do teu beneficiário - disse o funcionário.

- Estou a falar a sério. Não tenho ninguém e quero que o exército utilize o dinheiro para comprar mais armas - expliquei, a pensar que, visto que o exército estava a tomar conta de mim, eu deveria retribuir.

- Está bem. Vou pôr o Exército dos Estados Unidos como teu beneficiário - disse o funcionário.

Durante a formação da tarde, o comandante da companhia disse às tropas para estarem prontas a combater até novo aviso. Dois soldados do meu pelotão ausentaram-se sem licença. Às 5 horas, milhares de tropas prontas a combater estavam no aeródromo com os seus paraquedas, à espera da luz verde do Pentágono. Pelas 15 horas do mesmo dia, o alerta foi retirado e as tropas foram levadas de volta à caserna. Fui dar uma volta de carro. Numa estrada longa e deserta na base, comecei a acelerar. Lágrimas caíam-me pela cara abaixo.

- Qual é o meu problema? Porque é que ninguém me quer? Estou a viver pelo quê? - gritei.

Vi uma árvore enorme ao lado da estrada e fui contra ela de propósito. Perdi a consciência. O carro cingia a árvore. Fui acordado por um paramédico e levado para o hospital militar. Os meus raios-X mostravam que não tinha ossos partidos.

- Estavas a tentar suicidar-te? - perguntou um polícia militar.

- Não, não estava. Perdi o controlo do carro - repliquei.

Depois de uma curta estadia no hospital, deram-me alta com uma nota a sugerir que ficasse de cama durante cinco dias. Na caserna, estava constantemente a respirar fumo de marijuana. Ignorei as recomendações do médico e voltei ao trabalho. A minha cabeça andava preocupada com o problema das drogas. Depois do trabalho, fui ao gabinete DIC -

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Divisão de Investigação Criminal, a versão FBI do exército. Fui recebido por um sargento-mor.

- O que posso fazer por ti? - perguntou-me.

- Quero que seja feita alguma coisa relativamente ao sério problema de drogas na caserna - respondi.

- Já falaste sobre isto ao teu comandante? - perguntou-me.

- Não, não quero ir pela cadeia de comando porque o sargento do pelotão é um dos distribuidores - disse.

- Dá-me o nome dele e a unidade - pediu o sargento-mor.

- Sargento Johnson, Companhia C, 1º Batalhão, 325º Infantaria - disse eu, nervoso.

- Onde é que ele normalmente tem as drogas? - perguntou-me.

- Às vezes, distribui a partir do gabinete dele, nos dias de receber o salário. Outras vezes, a partir de casa dele - disse-lhe.

- Já alguma vez estiveste em casa dele? - perguntou-me.

- Não, mas a maioria dos soldados já esteve - respondi.

- Consegues fazer com que os rapazes te convidem para ires a casa dele? - perguntou.

- Isso seria impossível. Eles não confiam em mim porque eu não fumo - repliquei.

- Fuma um charro com eles para ganhares a confiança deles ou então finge que fumas. Queremos apanhá-lo e aos fornecedores dele - disse o sargento-mor.

Refleti por alguns momentos, roendo as unhas.

- É contra o regulamento do exército o uso de drogas ilegais - disse-lhe.

- Por vezes, é necessário violar a lei para a aplicar. Trabalhar à paisana é mesmo isso. Para ganhar a confiança de alguém, tens de agir como essa pessoa e fazer tudo o que ela faz - explicou o sargento-mor.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Vou pensar sobre isso - disse-lhe.

- Não demores muito tempo. Temos de ser rápidos. Toma, tens aqui o meu cartão. Liga-me amanhã. Quero apresentar-te uma pessoa - disse o sargento-mor.

- Ligo-lhe amanhã antes do meio dia - disse, saindo do gabinete DIC.

A caminho da caserna, parei no PX e comprei uma grade de cerveja. Ao aproximar-me do local, abri uma cerveja e fingi estar bêbado.

- Olá, pessoal! Alguém quer beber uma cerveja comigo? - perguntei.

- Sim, dá-me um raio de uma cerveja - disse um soldado branco.

- Pessoal, olhem só para o *Franciú*. Está a beber cerveja. Eu pensava que ele era um raio de um santo, meu - disse outro.

A cerveja foi rapidamente distribuída. Enquanto os rapazes bebiam, fui à casa de banho e despejei a cerveja pelo urinol abaixo. Quando voltei, alguém me passou um charro.

- Eu bebo, mas não fumo e estou muito bêbado para fumar - disse eu, enquanto me atirava para a cama.

- É na boa com o *Franciú*, meu. Pensava que o *nigga* era um raio de um santo - disse uma voz.

No dia seguinte, liguei ao sargento-mor da sede. Marcamos um encontro às 19 horas. Encontrei-me com ele e com um detetive civil. Contei-lhes o episódio da cerveja.

- Acho que estão a começar a confiar em mim - disse.

- O dia de receberem o salário é daqui a duas semanas. Tens de fazer com que eles te levem até casa do sargento Johnson. Assim que vires as drogas, inventa uma desculpa para vires embora. Estaremos do outro lado da rua, em qualquer ponto, à espera do teu sinal - explicou o detetive, dando-me o seu cartão.

- Está bem, eu tiro a boina quando tiver visto as drogas - disse-lhe.

- Se concordarem em levar-te, liga-me antes de saíres da caserna - disse o detetive, apertando-me a mão.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Quando estava prestes a sair, o detetive deu-me mais dinheiro para comprar mais cerveja. Eu voltei à caserna com mais duas grades de cerveja. Fingi estar bêbado outra vez e distribuí a cerveja.

No fim de semana antes do pagamento, fui até Fayetteville com os rapazes. Pedi cerveja num bar e despejei-a pela sanita.

Na noite de receber o salário, os rapazes estavam a preparar-se para sair.

- Onde é que vocês vão? - perguntei.

Eles entreolharam-se.

- Com o *Franciú* é na boa, meu - disse o soldado negro.

- Queres vir connosco? - perguntou o outro.

- Sim - respondi.

- Veste-te, *nigga*. Não vamos esperar - disse o outro soldado negro.

- Tudo bem. Deixem-me ir à lavandaria - disse ele.

Fui até ao telefone no andar de baixo e liguei ao detetive.

- Está tudo pronto! - disse e desliguei.

Tirei as roupas da máquina de secar e voltei a subir. Vesti-me rapidamente e saí com os dois primeiros-cabos negros e o cabo branco. Achei estranho que os dois primeiros-cabos negros se tratassem por *nigga* enquanto o amigo branco não usava essa palavra. Quando me tentei enquadrar, tratando o cabo branco por *nigga*, este pareceu não gostar.

Apanhámos um autocarro até à baixa e caminhámos quatro quarteirões até o parque de caravanas. O cabo bateu à porta e o sargento Johnson abriu-a. Estava a suar imenso e pareceu surpreendido ao ver-me. A caravana estava sumptuosamente decorada. A carpete felpuda dourada parecia almofadas sob os meus pés. O ar condicionado zumbia suavemente na janela da sala de estar. Quatro raparigas negras, vestidas como prostitutas, estavam sentadas no sofá a ver *Lawrence Welk Show*. Eu estava nervoso. O sargento

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Johnson trouxe duas cadeiras da cozinha para a sala. Todos se sentaram em frente à televisão.

- Onde é a casa de banho, sargento? - perguntei, nervoso.

- Segunda porta à direita - disse ele, a apontar para o corredor estreito. Em vez de ir à casa de banho, tentei abrir outras duas portas. Estavam trancadas por dentro. O meu coração estava acelerado. Voltei para a sala de estar e sentei-me ao lado de uma rapariga com uma saia estampada de pele de leopardo colada ao corpo. A sua peruca loura e comprida contrastava com a sua tez de mogno. Ela sorriu para mim e lambeu lentamente o lábio superior. Eu devolvi o sorriso e foquei a minha atenção na televisão. De repente, o sargento Johnson fez-me sinal com a cabeça para o seguir até à cozinha.

- Ela gosta de ti, meu. Deseja-te mesmo. Vai para o quarto na parte de trás e eu mando-a ir ter contigo. Dá-lhe vinte e cinco dólares quando acabares - disse ele.

- Eu tenho namorada, sargento. Prometi-lhe que não estaria com mais ninguém - disse-lhe.

Um homem negro e alto saiu de um quarto.

- Dá-me dois níqueis - disse ele.

O sargento Johnson foi a um quarto, saiu com dois saquinhos de plástico de marijuana e entregou-lhos ao sair. De repente, uma rapariga saiu de um dos quartos e foi sentar-se na sala de estar. Os dois primeiros-cabos foram para as traseiras e foram logo seguidos por duas raparigas.

- Tenho de ir agora, meu Sargento. A minha namorada está à minha espera - disse, removendo a minha boina do cinto.

- Vejo-te segunda de manhã - disse o sargento Johnson.

À saída, pus a boina e saí. Enquanto descia a rua, reparei no detetive sentado atrás do volante de um Chevrolet branco. Tirei a minha boina cor de vinho por uns segundos e voltei a pô-la à cabeça.

Voltando rapidamente à guarnição militar, fui ver um filme para me distrair.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Depois do espetáculo, voltei à caserna inquieto, esperando que os soldados não suspeitassem que era eu o bufo. Às 21 horas, as luzes desligaram-se. Não conseguia dormir. Temia pela minha vida. Às 5 horas, os militares s foram acordados pelo som de tampas de caixotes do lixo a baterem umas contra as outras. Procurei pelos três soldados. Não estavam lá dentro. Durante a formação, o líder do pelotão deu pela falta de quatro soldados. Depois do exercício, fomos comer. Apresentei-me ao trabalho na sede.

Às 17 horas, voltei à caserna. Os três soldados estavam à minha espera.

- Filho da mãe, foste tu que nos tramaste, não foste? - disse o cabo, acenando a mão em direção à minha cara. Estava rodeado. Os três soldados estavam a encurralar-me.

- *Nigga*, pensei que fosses nosso irmão - disse um primeiro-cabo negro.

- És um dos homens do DIC? - perguntou o outro.

Eu estava aterrorizado.

- Se algum de vocês me tocar, eu digo ao coronel e serão julgados no tribunal militar - disse eu.

- É um maldito DIC a trabalhar à paisana como motorista do coronel - disse o cabo.

De repente, o líder do pelotão entrou. Fui ao meu cacifo e descobri que o cadeado tinha sido cortado. Faltava-me a minha coleção dos Beatles e o meu sistema de som. Um dos primeiros-cabos apontou o dedo indicador para mim como uma arma. Saí da caserna e liguei ao detetive.

- Eles sabem - disse eu.

- Sai daí e vai para o gabinete do DIC - disse o detetive.

Peguei no meu saco de lona e abandonei a caserna. Um sargento-mor enviou-me para outra unidade do outro lado da base para passar a noite. Na manhã seguinte, o meu comandante chamou-me à sede.

- O que é que se está a passar? - perguntou-me.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Meu Comandante, eu estava a tentar quebrar um círculo de drogas na caserna e agora a minha vida corre perigo - respondi.

- Tens ordens para abandonar imediatamente o Fort Lewis, em Washington - disse o comandante. Depois daquele encontro, comprei outro carro com o dinheiro do seguro e conduzi até Tacoma, Washington.

XVI

No Fort Lewis, em Washington, apresentei-me numa unidade não aérea ou “unidade de infantaria.”

- Vejo que tens formação de secretariado - disse o primeiro-sargento, ao analisar o meu ficheiro militar pessoal.

- Sim, meu Primeiro-sargento - respondi.

- O Quartel-General do Batalhão precisa de um secretário S-2. Apresenta-te ao tenente McKay - disse-me.

Dirigi-me ao Quartel-General.

- Cabo Cadet apresenta-se ao serviço, meu Tenente - disse, saudando o tenente.

O tenente McKay devolveu a saudação.

- Pareces perspicaz, Cabo - disse.

- Obrigado, meu Tenente - repliquei.

No gabinete S-2 havia duas secretárias e um grande cofre. O tenente atribuiu-me a secretária mais próxima do cofre, abriu-o e entregou-me uma pilha de documentos carimbados com "Secreto".

- Eu digo-te como abrir e fechar o cofre - disse o tenente.

Após a primeira semana, aprendi a rotina do escritório e tomei o comando sempre que o tenente estava ausente.

Um dia, depois da refeição, um coronel entrou no escritório para o inspecionar. Algo chamou a minha atenção.

- À vontade, Cabo. Mostre-me o seu registo - disse o coronel.

- Posso ver o seu cartão de identificação, meu Coronel? - perguntei.

- És muito perspicaz, Cabo - disse o coronel, entregando-me o seu cartão de identificação.

- Obrigado, meu Coronel - respondi, sentindo-me orgulhoso.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Estou a detetar um sotaque. De onde és, Cabo? - perguntou o coronel.
- Sou do Haiti, meu Coronel - respondi, sentindo-me envergonhado.
- Depreendo que sejas um cidadão naturalizado - disse o coronel.
- Não, meu Coronel, ainda não sou, mas pretendo ser - respondi.
- Estás a dizer-me que não és um cidadão americano e estás a tratar de segredos militares? - perguntou o coronel apreensivo.
- Eu não sabia que tinha de ser um cidadão americano para trabalhar no S-2, meu Coronel - afirmei.
- Há quanto tempo é que tratas de segredos militares, Soldado? - perguntou o coronel.
- Há cerca de dois meses, meu Coronel - respondi.
- Receio que não possas trabalhar mais aqui - disse o coronel, cuja face estava a ficar cada vez mais vermelha.

Ele foi falar com o comandante do batalhão e eu voltei à caserna.

- Porque é que não me disseste que não eras um cidadão dos E.U.A.? - perguntou-me o primeiro-sargento.
- Não me ocorreu - respondi.
- O coronel contou ao general, que ligou à Imigração e a um juiz federal. Creio que te tornarás um cidadão dos E.U.A. mais depressa do que pensas - disse o primeiro-sargento.
- É o que eu mais quero, meu Sargento - disse.
- Entretanto, apresenta-te ao sargento do pelotão - disse ele.

A vida na caserna em Fort Lewis não era diferente da do Fort Bragg. Todas as noites depois do trabalho e todos os fins de semana, alguns soldados juntavam-se para fumar marijuana. Dei comigo a dizer interiormente: “*Não, vá, eu não fumo.*”

Quando estava no PX numa sexta à tarde, reparei num soldado primorosamente vestido de branco, com botas brilhantes. A sua boina preta estava briosamente colocada na cabeça. Aproximei-me dele.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Desculpa, estás destacado aqui? - perguntei.

- Sim, estou no 75.º *Rangers* - respondeu o cabo.

- Posso juntar-me à tua unidade? - perguntei.

- Liga ao primeiro-sargento e diz-lhe que queres tornar-te um *Ranger*. Talvez te chame para uma entrevista. Se gostar de ti, falará com o comandante e terás ordens para te juntares a nós - explicou o *Ranger*.

A primeira coisa que fiz na segunda-feira de manhã foi falar com o sargento do pelotão.

- Meu sargento, eu quero juntar-me aos *Rangers*. Queria pedir permissão para falar com o primeiro-sargento deles - disse eu.

- Certamente, não vais querer juntar-te aos *Rangers*... Eles passam mais tempo na floresta do que as malditas cobras. Aqueles fulanos são malucos. Eles treinam em pântanos! - explicou o sargento de pelotão.

- Não me importo; eles têm boa aparência - disse.

Naquela manhã, liguei à unidade dos *Rangers* e o primeiro-sargento deles convidou-me para uma entrevista.

- Porque te queres tornar num *Ranger*? - perguntou-me o primeiro-sargento.

- Sou um paraquedista de uma unidade de infantaria e sinto falta de saltar - respondi.

- Qual é a tua nota no GT³⁸? - perguntou.

- É 122 - respondi.

O primeiro-sargento sorriu.

- Tomas narcóticos ou drogas? - perguntou-me.

- Nunca - respondi.

- Parabéns, bem-vindo ao 75.º *Rangers*! - disse ele, apertando-me a mão.

³⁸ NT - Um dos testes de aptidão militar.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Os *Rangers* eram diferentes das outras unidades. Eles apresentavam-se com elegância, mostrando-se altivos e orgulhosos deles próprios. Tratavam-se uns aos outros com um tipo de respeito que parecia fortalecer o seu *esprit de corps*³⁹, e o comandante da companhia felicitava-os sempre pela sua execução para além do expectável.

O complexo e a caserna eram o reflexo do espírito *ranger*. Os acessos de pedra eram primorosamente delimitados por pedras imaculadamente brancas. Não se avistava qualquer tipo de sujidade. O chão da caserna, de tão brilhante, poderia fazer de espelho. Pairava sempre no ar um suave cheiro a cera. No refeitório, os cozinheiros tratavam-nos a todos como a clientes habituais. Como era o único *Ranger* negro na caserna, não voltei a ouvir a palavra "nigga".

Na semana seguinte, levaram-me até um edifício do governo em Seattle, Washington, onde um juiz federal estava à minha espera.

- Levanta a tua mão direita e repete depois de mim - disse o juiz.

Eu obedeci ao seu pedido dele.

- Parabéns! Agora, és um cidadão americano - disse ele.

De repente, apercebi-me de que tinha atingido inadvertidamente, metade dos requisitos para me tornar um oficial do Exército dos Estados Unidos. Fui à biblioteca pela primeira vez para me informar sobre universidades. Olhei para as mesas alinhadas e reparei que todas estavam ocupadas por oficiais. A bibliotecária olhou para mim com curiosidade.

- Gostaria de saber o que é que preciso fazer para ser aceite na universidade - disse-lhe.

- Já fizeste os TAE⁴⁰? - perguntou-me.

- Não conheço. O que são? - perguntei.

- São os Testes de Aptidão Escolar - disse ela lentamente como se eu fosse surdo ou burro.

- Como posso estudar para eles? - perguntei.

A bibliotecária entregou-me algumas brochuras para ler.

- Estas têm questões-modelo e informações sobre os TAE - disse ela.

³⁹ NT - Espírito de equipa, em francês.

⁴⁰ NT - *Scholastic Aptitude Test* - Testes de Aptidão Escolar.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Comecei a frequentar regularmente a biblioteca nos meus tempos livres para me preparar para os TAE. Estava decidido a tornar-me um oficial do exército. Por esta altura, os meus três anos no exército aproximavam-se do fim. Fui chamado ao gabinete do primeiro-sargento para uma conversa sobre realistamento.

- Se te realistares por mais quatro anos, o Tio Sam dá-te um bónus de dez mil dólares e promove-te a sargento - disse o primeiro-sargento.

Não fazia ideia de quem era o Tio Sam, mas também não queria saber.

- Eu quero ir para a universidade para me tornar um oficial - disse-lhe.

- Vais tentar os ROTC⁴¹? - perguntou o primeiro-sargento.

- Sim, respondi, sem saber o que queria dizer ROTC.

Por vezes, era gozado na caserna porque nunca tinha tirado qualquer licença, nem sequer nas férias.

- Ei, *Franciú*, queres vir comigo passar o dia de Ação de Graças? A minha mãe é uma excelente cozinheira. Vais ter a oportunidade de conhecer a minha família - disse vaidoso o primeiro-cabo Kelly.

Aceitei o convite e fomos até Oregon numa fresca tarde de quarta-feira. Não fiquei preocupado por ir para casa de alguém e passar lá a noite visto que já não molhava a cama há muito tempo.

Em casa dos Kelly, dormi numa cama extra no quarto do primeiro-cabo Kelly. A família dele era calorosa e amigável. Mrs. Kelly tinha andado ocupada a cozinhar e a fazer bolos. O aroma a tarte de abóbora e a alho enchia a casa. A rádio transmitia música *country*. Sempre que Mrs. Kelly passava pelo filho, havia um sempre contacto: uma carícia na cabeça, um toque nos ombros, um abraço ou um sorriso luminoso que transparecia. “Amo-te. Bem-vindo de volta, meu filho.” Mr. Kelly, por seu lado, andava ocupado a mostrar ao filho o trabalho que tinha feito na casa e a mantê-lo informado dos próximos eventos locais. Betty, a irmã mais nova do primeiro-cabo Kelly, saltou para as cavalitas do irmão. Testemunhar tanta afeição fez-me sentir desconfortável, acentuando o vazio do meu peito. Se houvesse uma arma disponível, teria disparado na minha cabeça, sentado na sala de

⁴¹ NT - *Reserve Officers Training Corps* - Corpo de Treinos de Oficiais de Reserva

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

família. Sempre que estava longe de pessoas, desaparecia para o quintal e sentava-me num tronco de árvore atrás de uma barraca de ferramentas.

Quando o jantar estava quase pronto, a casa ficou cheia de familiares. O primeiro-cabo Kelly chamou-me para me juntar aos seus amigos e família. À mesa de jantar, as minhas mãos começaram a tremer. Mantive a cabeça baixa.

- Estás bem? - alguém perguntou.

- Tenho dores de cabeça - respondi.

- Queres ir deitar-te? - perguntou Mrs. Kelly.

- Sim, por favor - respondi, pedindo licença para me levantar da mesa.

Todos pareciam preocupados. Fui até ao quarto do Kelly e depois escapei pela porta das traseiras. Voltei para trás da barraca de ferramentas onde me sentia mais à vontade. Ouvi o primeiro-cabo Kelly a chamar por mim.

- Ei, Cadet, onde estás?

Fingi não o ouvir.

Ele gritou novamente e mais alto.

- Aqui - respondi finalmente.

- O que é que se passa contigo? Estás um bocado estranho - disse.

- Já estou bem - respondi.

O primeiro-cabo Kelly parecia desapontado.

- A minha mãe guardou algum jantar para ti. Porque não vais comer? - sugeriu.

Fui até a sala de jantar e comi o mais depressa que consegui. Enquanto os homens viam televisão na sala de estar, as mulheres estavam reunidas na sala de família a conversar e a preparar a sobremesa. Quando acabei de comer, voltei para o exterior.

O primeiro-cabo Kelly chamou-me para voltar para dentro pela terceira vez.

- Porque não ficas cá dentro connosco? - perguntou.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Não sei. Gosto de estar lá fora - respondi.

- Anda lá, vamos para dentro. Vamos comer a sobremesa agora - disse-me.

Quando entrei na sala de família, a minha presença parecia ter transformado uma festa num velório. Mrs. Kelly tentou quebrar o silêncio, mostrando os álbuns de família. Senti-me nu, sentado em frente a todas aquelas pessoas. Tremia e o suor escorria pelas costas abaixo. Alguém me passou um álbum e eu mantive-o no meu colo sem o abrir. Pensei nos álbuns de Denis e Florence, onde nunca vira uma fotografia minha. Pensei no mulato a tirar fotografias a Emilie com o seu cão. Enquanto Mr. Kelly tirava fotografias ao seu filho, filha e mulher entre os convidados, eu fui à casa de banho para que não me tirasse fotografias.

Mais tarde, quando Betty deixou cair acidentalmente uma fatia de tarte no chão, saltei como um gato e apanhei-a. Depois, limpei a nódoa na carpete com um guardanapo. Vi-me, por breves momentos, como o pequeno *restavec* que fora outrora, mantendo o chão limpo sempre que havia uma festa. Todos ficaram surpreendidos.

- Obrigada - disse Betty.

Enquanto levava o guardanapo sujo para fora da sala, soltei um suspiro de alívio. Tentei ficar na cozinha o máximo de tempo possível, mas Mrs. Kelly convenceu-me a juntar-me a eles novamente na sala de família.

- Bem, cabo, vai fazer carreira no exército? - perguntou Mr. Kelly, a tentar dar vida à sala.

- Quero tornar-me um oficial - respondi acabrunhado.

- É uma boa decisão - respondeu Mr. Kelly.

Eu acenei que sim.

Mr. Kelly saiu da sala e algumas pessoas viraram a sua atenção para a televisão.

Já era tarde quando os convidados se despediram. Antes de adormecer, o primeiro-cabo Kelly sugeriu que partíssemos na manhã seguinte depois do pequeno-almoço.

Mr. e Mrs. Kelly vieram até à porta do quarto e desejaram-nos boa noite. Todos pareciam incomodados. Mrs. Kelly fechou lentamente a porta. O primeiro-cabo Kelly deitou-se na cama, virado para a parede. Tirei uma T-shirt da minha mala e meti-a dentro da minha

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

roupa interior para absorver a urina em caso de acidente. Acordei com a T-shirt molhada. O colchão estava seco. Eu tomei o pequeno-almoço com os Kelly num silêncio constrangedor.

Durante a viagem de volta a Fort Lewis, em Washington, o roncar do motor era o único som dentro do carro. A minha amizade com o primeiro-cabo Kelly extinguiu-se lentamente.

XVII

Estávamos em junho de 1975. As minhas duas últimas semanas no exército tinham sido uma tortura emocional. Andava preocupado por ir abandonar os *Rangers*, o único lar seguro que eu alguma vez tivera. Voltei a molhar o meu beliche. O meu desejo de obter uma licenciatura de quatro anos era mais forte do que a minha vontade de ficar no exército como um homem alistado. Despedi-me dos meus camaradas e apanhei um autocarro até ao aeroporto com o meu saco de lona ao ombro.

Aproximei-me da funcionária da bilheteira e disse-lhe que gostaria de ir para uma cidade quente que tivesse uma universidade. Ela pareceu confusa.

- Para onde pretende ir, exatamente? - perguntou-me.

- Eu gostaria de ir para um sítio onde não neve e onde exista uma universidade. Sabe, eu quero utilizar o meu GI Bill⁴² para conseguir uma licenciatura de quatro anos - respondi-lhe.

À medida que me ia ouvindo, arregalava mais os olhos.

- Mas faz ideia para que estado ou cidade pretende ir? - perguntou-me.

Pensei por um momento.

- Eu sei que não quero ir para Nova Iorque. É muito frio. Mas se tiver um voo que vá para um sítio quente e que tenha uma universidade, pode pôr-me lá - disse-lhe.

A funcionária verificou o ecrã à sua frente.

- Tenho um voo a partir para Tampa, Florida. É um sítio quente. Quer? - perguntou-me.

- Há uma universidade em Tampa? - perguntei.

- Sim, a University of South Florida fica lá, assim como outras faculdades - explicou-me.

- Eu aceito - disse.

Depois de pagar o bilhete, fui abordado por dois seguranças.

⁴² NT - Programa que dá benefícios na área da educação a veteranos.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Desculpe, jovem, posso ver a sua identificação? - perguntou um segurança.

- Sim, senhor - respondi, procurando a minha carteira.

Entreguei-lhes a minha identificação.

- Acabou de sair do exército? - perguntou-me um deles.

- Sim, senhor, e vou a caminho da universidade - disse eu sorridente.

- Boa sorte, filho - disse o segurança, devolvendo-me a identificação.

O avião aterrou tarde no Aeroporto Internacional de Tampa. Aluguei um quarto de hotel no aeroporto e passei lá a noite. De manhã cedo, procurei algumas faculdades na lista telefónica e apontei algumas moradas. Apanhei um táxi e disse ao motorista para me levar para um hotel barato nas redondezas de Hillsborough Community College. Aluguei um quarto por dois dias e deixei lá ficar o meu saco de lona. Depois dirigi-me à faculdade e preenchi a minha candidatura, deixando a morada em branco.

- Precisa de uma morada - disse a funcionária.

- Estou hospedado num hotel. Ainda não tenho uma morada - respondi.

- A candidatura não será válida sem uma morada - explicou-me.

- Onde é que posso alugar um apartamento? - perguntei.

A funcionária mandou-me ir até ao painel de avisos onde encontrei vários anúncios à procura de colegas de casa. Eu apontei vários anúncios e abandonei o campus. De volta ao motel, parei num concessionário de automóveis e comprei um antigo Dodge Dart de 1963 por 250 dólares. Eu precisava de uma morada rapidamente porque as candidaturas começavam dentro de poucos dias. Domingo de manhã cedo, quando fui tomar o pequeno-almoço ao McDonald's, reparei numa mulher negra de cabelo cinzento, de pé, no passeio ao lado do carro. Encostei atrás do dela.

- Está com algum problema no carro, *Ma'am*? - perguntei.

- Sim, jovem, tenho um furo no pneu. Eu sabia que Jesus ia enviar alguém para me ajudar - disse ela.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Vive longe daqui? - perguntei, a levantar o carro com o macaco.
- Não, vivo perto da faculdade. Onde é que vives? - perguntou-me.
- Estou num motel até encontrar casa. Estou a tentar entrar na faculdade, mas não aceitam a minha candidatura sem uma morada - expliquei.
- Quanto é que te cobram no motel? - perguntou.
- Vinte dólares por dia - respondi.
- Podes ficar comigo por quarenta dólares por semana até encontrares uma casa e dou-te jantar - ofereceu.
- Aceito - respondi.

Depois de lhe mudar o pneu, ela seguiu-me até ao motel para eu ir buscar o meu saco de lona e depois segui-a até casa.

Segunda-feira de manhã, voltei à faculdade e inscrevi-me nas aulas, utilizando a morada da mulher na minha candidatura.

Depois de viver em casa dela uma semana inteira, comecei a procurar apartamentos. Marquei um número. Um jovem atendeu.

- Encontrei o seu anúncio no campus. Ainda continua à procura de um colega de casa? - perguntei.

- Sim, continuo. A renda é duzentos por mês, incluindo despesas - respondeu a voz.

Deu-me a morada do apartamento. Quando toquei, um jovem branco abriu a porta.

- Estou aqui para ver o quarto - disse.

- Não me disseste que eras negro - respondeu o jovem.

- Não perguntaste - repliquei, confuso.

- Não me interpretes mal - a culpa não é minha. Devias ter-me dito logo que eras negro. Eu não perguntei porque nem sequer pareces um negro a falar. Não penses que sou

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

preconceituoso - não sou. Mas são os meus pais que financiam o apartamento e eles vêm visitar-me, pelo menos, uma vez por semana. Não acho que eles te aceitem como meu colega de casa - explicou-me.

- Eu compreendo - disse eu, vindo embora.

Liguei para várias outras pessoas dos anúncios e acrescentei sempre: “Acontece que sou negro. Vai ser um problema?” Respondiam-me sempre: “Sim, vai.” Não conseguia compreender por que razão, na vida civil, nenhum branco queria ter um colega de casa negro, enquanto, no exército, nenhum dos trinta *Rangers* brancos com quem partilhara os louros tinha apresentado objeções - na verdade, todos me tratavam como um irmão. No Sul, a vida enquanto jovem negro foi muito dura. O meu tom de pele era um obstáculo para suprir as necessidades mais básicas da vida. Era ainda mais difícil arranjar um trabalho *part-time* do que uma casa decente. Ao mesmo tempo que me sentia como um soldado que não estava devidamente treinado para sobreviver em território inimigo, a maioria dos brancos, parecia-me, tinham sido treinados durante a vida toda para me verem como estúpido, sujo, desonesto, diabólico e perigoso. Não conseguia desprezá-los porque, na minha terra natal e ambiente negro, a minha consciência fora moldada para ver os brancos como inteligentes, honestos, atenciosos e semelhantes a deuses. No entanto, evitei ser condicionado pelo racismo e concentrei-me em atingir o meu objetivo.

Uma vez, entrei numa barbearia e sentei-me numa cadeira para esperar pela minha vez ao lado de um senhor mais velho. Peguei numa revista que estava numa mesinha e comecei a folheá-la. Não me apercebi de que era o único não-branco da sala. De repente, o ruído das tesouras e máquinas de cortar cessou totalmente, instalando-se um silêncio arrepiante na loja. Senti uma presença à minha frente. Baixei a revista e levantei a cabeça. Um dos barbeiros dirigiu-se a mim.

- Posso ajudá-lo? - perguntou-me, diretamente.

- Estou aqui para cortar o cabelo - respondi a pensar: “Que outro motivo poderia haver?”

- Não cortamos o cabelo à tua gente. É melhor pores-te a andar rapidamente - disse o barbeiro num tom belicoso, empunhando firmemente a tesoura seguras.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Todos os pares de olhos caucasianos da sala eram penetrantes. Levantei-me desajeitadamente. Mal comecei a caminhar, senti que as pernas pesavam e os meus ombros ardiam. A porta da frente parecia estar a um quilómetro de distância.

Aluguei um apartamento com um único quarto por 350 dólares por mês e senti que me cobravam a mais por causa da minha raça. Trabalhei como lavador de pratos ao final da tarde para complementar o meu GI Bill e passei muitas horas a estudar com a ajuda de um dicionário francês-inglês. Tirava Suficientes e, ocasionalmente, Bons. A maioria dos professores não tinha elevadas expectativas em relação a mim por causa da minha raça, contrariamente ao meu professor da Ecole Jean-Charles no Haiti, que tinha grandes expectativas por causa da minha tez clara.

Um dia, enquanto almoçava na cantina, um dos meus professores aproximou-se e sentou-se a meu lado.

- De onde vens? Gosto do teu sotaque - disse ele.

- Sou do Haiti - repliquei.

- Vais a casa passar o Natal? - perguntou-me.

- Não, vou passá-lo aqui - respondi, sentindo-me envergonhado por não ter uma casa na minha terra natal.

- Eu vou ter uma festa de Natal em minha casa. Consegues ir? - perguntou o professor.

- Obrigado. Lá estarei - respondi.

O professor deu-me a morada, que anotei no meu caderno.

Em casa do professor, ele abriu a porta e pôs o braço à volta dos meus ombros.

- Entra, Jean. Ainda bem que pudeste vir - disse-me.

Enquanto me apresentava aos convidados e à família, entregou-me um copo de *eggnog*⁴³.

- Senta-te, fica à vontade - disse.

⁴³ NT - bebida tradicional, consumida principalmente nos Estados Unidos e Canadá durante a época natalícia.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Nervoso, sentei-me no sofá, ao lado de uma senhora branca. Os meus joelhos estavam juntos, os cotovelos pousados no colo, as costas curvadas e a cabeça virada para baixo. Estava a tremer com o copo na mão. De repente, todos pararam de conversar e se voltaram para mim.

- O que se passa, Jean? Estás bem? - perguntou o professor.

Eu levantei-me, pus a minha bebida na mesa e avancei para a porta.

- Tenho de me ir embora - gaguejei enquanto saía.

Todos ficaram boquiabertos. Fui para o meu apartamento e passei as férias sozinho. Quando as aulas recomeçaram, evitei ao máximo encarar o professor. No fim de uma aula, enquanto saía, ele travou-me.

- Quero ver-te agora no meu escritório - disse ele, autoritário.

Nervoso, segui-o até ao escritório dele e ele fechou a porta.

- O que é que se passou contigo em minha casa? Envergonhaste-me a mim e à minha família à frente de todos os meus amigos - disse ele, aborrecido.

- Desculpe, Senhor - respondi.

- Desculpe, desculpe... É tudo o que tens a dizer? Tu esforças-te tanto na aula. Impressionaste-me. Convidei-te para ires a minha casa. Envergonhaste-me e à minha família e agora estás arrependido? - disse o professor, esbracejando.

- Eu não sei o que fazer ou como me comportar, quando estou numa sala com pessoas porque as pessoas que me criaram nunca me permitiram estar na sala a não ser que limpasse o pó ou o chão. Sinto-me muito desconfortável numa sala de estar com pessoas - expliquei-lhe.

- Que tipo de pessoas eram essas? Estás a brincar? - perguntou.

- Não, Senhor. É a verdade - respondi.

- Onde estão os teus pais? - perguntou o professor.

- O meu pai, que é branco, deu-me a uma mulher porque eu nasci negro - disse.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Onde está a tua mãe?

- A minha mãe morreu quando eu tinha cerca de um ano. Era a cozinheira do meu pai - contei-lhe.

- A mulher que te criou era negra? - perguntou o professor.

- Sim, é - respondi.

- Como vieste para os Estados Unidos?

- Quando a mulher que me criou veio para este país, abandonou-me no Haiti. E o meu pai, que não sabia o que fazer comigo, mandou-me vir viver com ela em Nova Iorque - respondi.

- Tu precisas de ajuda e muita. Já alguma vez foste a um psiquiatra? - perguntou-me.

- Não, senhor - repliquei, sem saber o que era um psiquiatra.

- Devias pedir transferência para a University of South Florida. Eles têm pessoas que te podem ajudar - sugeriu-me.

No final do semestre, fui transferido para a University of South Florida e tirei a licenciatura em Relações Internacionais e Francês.

Na minha primeira aula de estudos internacionais, um professor alto e bem parecido, de cabelo branco, vestido com um fato cinzento claro, entrou na sala. O seu laço vermelho trouxe-me memórias dolorosas do dia em que deveria ter feito a minha Primeira Comunhão. A cara furiosa de Florence surgiu momentaneamente na minha mente. Rapidamente, encontrei algum conforto no sorriso fácil e espírito acolhedor do professor. Apresentou-se à turma como Dr. Mark T. Orr, responsável pela cadeira de História, o que me deixou confuso. Se era responsável por uma cadeira deveria ser marceneiro, tal como o homem que entrega cartas é o carteiro, e o que pesca é o pescador, e por aí fora. Fiquei curioso, porque ele não parecia nada um marceneiro. Levantei a mão e perguntei:

- Pode dizer-me qual é sua função?

- Tenho uma reunião de departamento depois desta aula. Porque não vens comigo e vês por ti - sugeriu com aquele seu sorriso espontâneo.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Depois da aula, enquanto seguia o Dr. Orr pelos longos corredores, imaginei uma oficina de madeira onde as cadeiras eram feitas. Para minha surpresa, ele entrou numa sala onde se encontravam vários professores à espera numa comprida mesa oval. O Dr. Orr apresentou-me aos professores como se eu fosse um convidado de honra e fez-me sinal para me sentar ao lado dele. Senti-me simultaneamente importante e desconfortável. Após a reunião, ele acompanhou-me até a saída e disse:

- Isto é o que eu faço enquanto diretor.

A atitude dele estimulou ainda mais a minha vontade de aprender.

Fui até ao centro de saúde de estudantes e marquei uma consulta para a psiquiatra. Quando voltei ao centro de saúde, sentei-me na entrada à espera que me chamassem. Finalmente apareceu uma bela mulher hispânica.

- Jean Cadet? - chamou.

- Sim - respondi, seguindo-a até ao seu gabinete.

- Como te posso ajudar? - perguntou-me.

- O meu professor da universidade disse que eu precisava de ajuda porque não sei como me comportar quando estou numa sala de estar - repliquei.

- Porque é que ele te disse que precisavas de ajuda? - perguntou-me.

Expliquei o incidente na festa de Natal assim como aquele em casa do primeiro-cabo Kelly, enquanto a psiquiatra me ouvia atentamente.

- Conta-me algo sobre a tua infância - pediu-me.

- Quando eu era um *restavec* no Haiti, nunca me deixavam estar na sala de estar a não ser para limpar o pó ou o chão - comecei.

Como ela não sabia o significado da palavra *restavec*, eu expliquei-lhe como funcionava o sistema. À medida que a sessão continuava, a psiquiatra começou a fazer mais perguntas.

- O que mais te obrigava ela a fazer? - perguntou-me.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Uma vez por mês, ela trancava-me na casa de banho e fazia-me lavar os trapos que ela utilizava para o período - continuei.

Nessa altura, ela estava boquiaberta.

- O que mais?

- Eu não sabia de onde vinha o sangue... Pensei que ela ia morrer - disse eu, com as lágrimas a enevoar a minha visão.

A psiquiatra tirou um lenço, limpou os seus próprios olhos e entregou-me a caixa.

- Quero que voltes daqui a três dias - disse-me, e tomou nota da data da sessão seguinte.

Mudei-me para uma moradia mais próxima da USF. Quando entrei em casa, o meu colega de casa, Aaron, um aluno estrangeiro, estava ao telefone. Ouvi-o a dizer: "Também te amo, Mãe." Algo dentro de mim despertou subitamente. Tirei a mochila dos ombros e atirei-a com raiva contra a parede, atirando um quadro ao chão.

- Qual é o teu problema, pá? - gritou Aaron.

Fui para a cozinha a gritar. Atirei tachos e panelas para o jardim das traseiras e dei pontapés às cadeiras.

Aaron ligou para as Emergências.

- O meu colega de casa está a dar em doido no apartamento. Não sei o que é que se passa com ele - disse.

Eu saí e dei uma grande caminhada antes de a ambulância chegar. Quando voltei para o apartamento, pedi desculpa a Aaron, que manteve as suas suspeitas em relação a mim.

- A polícia esteve aqui. Assustaste-me, pá. O que é que se passou contigo? - perguntou-me.

- Estava chateado com a minha mãe - respondi, pensando em Florence.

Nessa mesma noite, comecei a ter pesadelos em câmara lenta, revivendo as partes horríveis da minha infância que eu tinha descrito à psiquiatra e voltei a molhar a minha cama. Debatia-me e tremia enquanto dormia e sonhava que era um rapazinho *restavec*, perseguido por uma Florence gigante que andava nua empunhando um pénis e uma

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

vassoura. Ela apanhava-me. Quando ela estava prestes a colocar um pé no meu pescoço, era acordado pelo meu próprio grito. O meu coração batia excessivamente, estando eu ofegante. Nessa manhã, a caminho das aulas, parei no escritório ROTC.

- Gostaria de me inscrever para a formação profissional - disse.

Deram-me um papel de candidatura e disseram-me para voltar no mesmo dia e hora da sessão com a psiquiatra. Não consegui decidir naquele momento se deveria suspender os tratamentos ou não frequentar a ROTC. Esperei até ao último momento e rasguei a candidatura enquanto esperava no gabinete da psiquiatra. As sessões esgotavam-me emocionalmente - chorava sempre em cada uma delas. Os pesadelos tornaram-se rotina.

Por esta altura, o meu senhorio alugou o terceiro quarto da moradia que dividia com Aaron. O nosso novo colega de casa era um homem barbudo e de altura média chamado Ross, que devia andar entre os 50 e os 55 anos. Num final de tarde, reparei que Ross estava a ler uma revista chamada *Soviet Life* à mesa da cozinha. De repente, lembrei-me que o Exército me tinha treinado para encarar todas as nações comunistas como países inimigos. Depois lembrei-me da conversa com a cozinheira de Florence no Haiti sobre os Kamokins mortos que eram deixados perto do aeroporto como um aviso a quem quer que fosse simpatizante de comunistas. A partir daquele momento, tomei Ross como inimigo nacional dos Estados Unidos, o país que eu amava. Ecoou na minha mente o juramento que tinha feito no dia em que embarquei para Fort Dix para a formação básica: "Apoiarei e defenderei a Constituição dos Estados Unidos contra todos os inimigos, estrangeiros e nacionais."

De manhã, logo que Ross saiu para o trabalho, revistei o quarto dele e encontrei uma grande pilha de revistas da *Soviet Life* na mesinha de cabeceira. Isso convenceu-me que ele era, de facto, um inimigo nacional. Peguei no telefone, marquei "0" e pedi ao operador para me passar a chamada para o gabinete do FBI local.

- Daqui é o FBI, Agente McCain ao telefone - disse uma voz.

- O meu nome é Jean-Robert Cadet. Sou um veterano do exército e um aluno na University of South Florida. O meu colega de casa é um comunista - disse.

- Como é que sabe que ele é comunista? - perguntou o agente.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Tem uma grande pilha de *Soviet Life* no quarto dele - repliquei.
- Que tipo de trabalho é que ele faz? - perguntou o agente.
- Ele disse-me que era professor - respondi.
- Ele faz investigação na universidade? - perguntou-me.
- Não, ele é professor no secundário.
- Dá-me o nome completo dele. Eu vou investigar - disse o agente.

Eu contei ao agente do FBI tudo o que sabia sobre Ross. A partir daquele dia, ouvi todas as conversas de Ross ao telefone e via sempre se o correio dele tinha algum selo estrangeiro. Eu tinha a certeza de que, devido ao meu treino no exército, me seria dada a ordem para eliminar Ross. Esperei, ansioso, mas a ordem nunca chegou. Eventualmente, Ross saiu de casa. Não consegui compreender por que razão se permitira que este inimigo escapasse até ter, no fim do curso, uma cadeira sobre o Governo dos Estados Unidos na qual aprendi que a Constituição protege as preferências políticas de todos.

Fazer amizades com jovens negros americanos da minha idade era uma tarefa desafiante. Tentei entrar na fraternidade universitária negra, mas eles rejeitaram-me logo após a primeira entrevista porque, como justificaram, "Não falas como um irmão, não andas como um irmão, não és irmão." Quando tentei entrar na fraternidade de brancos, olharam para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. No entanto, as estudantes brancas eram mais recetivas à minha pessoa. Ter-me-ia juntado à irmandade delas, aceitassem elas homens. As três de quem me tinha tornado amigo disseram-me que eu era diferente dos negros americanos. Calculei que fosse por causa do meu sotaque das Caraíbas.

Convidei uma de cabelo escuro que andava na minha turma de estudos internacionais para ir a minha casa discutir sobre a Resolução 242 das Nações Unidas. Ela chegou de bicicleta com os livros e apontamentos por volta das oito e meia. Fiz frango com arroz para o jantar. Por volta das onze, houve uma enorme tempestade e eu convidei-a para passar lá a noite. Ela olhou lá para fora e aceitou relutantemente a minha oferta.

Quando chegou a ordem de dormir, dei-lhe uma escova de dentes nova e o meu único pijama. Mostrei-lhe o meu quarto e pedi desculpa por não ter uma cama. Depois pus

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

lençóis frescos no colchão e mudei as fronhas enquanto ela se mudava na casa de banho. Vesti um par de calções e uma T-shirt. Ela voltou ao quarto e eu fui até o quarto de banho para lavar os dentes. Quando voltei ao quarto, dobrei o meu antigo casaco do exército e utilizei-o como almofada. Deitei-me, virei-me de costas para ela e apaguei a luz.

- Boa noite - disse.

- Boa noite - respondeu.

Houve silêncio que foi ocasionalmente interrompido por um raio e respetivo trovão. Depois ouvi-a soltar um longo suspiro de alívio.

De manhã, fiz-lhe o pequeno-almoço e sumo de laranja fresco. Enquanto comíamos, ela olhou para mim sorridente.

- Decididamente, não és um negro - disse ela.

- O que queres dizer com isso? - perguntei.

- Bem, não tentaste nada e foste tão simpático para mim. Achas que eu sou bonita? Sê honesto!

- És muito bonita. És minha amiga e eu respeito-te - disse-lhe.

- É como te disse, não és um negro porque nunca conheci um que não se atirasse a mim.

Passei finalmente a empregado de mesa no restaurante onde trabalhava. Um dia, um cliente deu-me uma nota de dez dólares como gorjeta. Era um homem negro alto com cerca de 1,83, bem constituído, que rondaria os cinquenta anos. Ele distinguia-se pela sua aparência de homem de negócios e pelo seu cabelo grisalho.

- O serviço foi soberbo - disse-me.

- Obrigado, Senhor. Espero que nos visite em breve novamente - repliquei.

Era quase meia-noite e o restaurante estava prestes a fechar.

- És estudante universitário? - perguntou-me.

- Sim, Senhor, sou finalista - respondi, com orgulho.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Eu sou reformado. O meu nome é Jeff Bronston. Como te chamas, jovem? - perguntou-me.

- Chamo-me Jean Cadet - respondi.

- Trabalhas todas as noites? - perguntou-me.

- Não, Senhor. Tenho folgas às segundas e terças - disse-lhe.

Na quarta-feira à noite, Mr. Bronston voltou ao restaurante e pediu para se sentar na minha secção. Antes de sair, deu-me outra nota de dez dólares e o cartão de negócios.

- Gosto de ajudar jovens ambiciosos sempre que posso - disse-me.

- Obrigado, Senhor - agradei.

Após algumas semanas, comecei a confiar em Jeff, telefonando-lhe para casa pelo menos uma vez por semana. Jeff prometeu ajudar-me, graças aos seus contactos profissionais, a encontrar um bom trabalho, logo que eu concluísse os estudos.

Fiquei contente por ter encontrado uma figura paternal que parecia importar-se comigo.

- Se alguma vez precisares de explicações, tudo o que tens a fazer é pedir-me - ofereceu Jeff.

Fiquei radiante, mas nunca tive coragem para pedir dinheiro a Jeff apesar de precisar de pneus e de uma bateria para o meu Dodge Dart de 16 anos. A maioria das vezes recorria aos transportes públicos para ir para o emprego.

Numa sexta-feira à noite, Jeff foi jantar. Pediu para se sentar na minha secção, como habitualmente.

- Pode dar-me uma boleia até casa depois do trabalho? - perguntei.

- Claro. O que aconteceu ao teu carro? - perguntou-me.

- Não pegava - respondi.

Depois do trabalho, Jeff levou-me a casa.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Eu ajudo-te com o carro de manhã. Vejo-te por volta das dez - disse Jeff e foi embora.

Na manhã seguinte, Jeff apareceu.

- Estás pronto? Vamos - tenho uma coisa para te mostrar - disse-me.

Entrei no seu Lincoln Continental preto. Ele parou num concessionário da BMW e pediu para testar a condução do modelo mais pequeno.

- Porque não conduzes tu? - sugeri.

- Vai comprar outro carro? - perguntei.

- Sim, preciso de outro carro, um mais pequeno para conduzir na cidade - disse ele.

Quando voltamos ao concessionário, Jeff pediu para conduzir e disse ao vendedor que voltaria mais tarde.

- Há outra coisa que te quero mostrar - disse.

Conduziu até um lindo complexo num condomínio fechado.

- Eu vivo aqui - disse Jeff enquanto estacionava.

Segui-o até o interior e ele mostrou-me todas as salas.

- Gostarias de viver aqui comigo? - perguntou Jeff.

- Claro! É o sítio mais bonito que já vi! - disse eu.

Jeff sentou-se no sofá e fez-me sinal para me sentar a seu lado.

- Podes mudar-te hoje e eu deixo-te levar o BMW para a escola - disse ele.

Fiquei sem saber o que dizer e senti-me desconfortável.

- Está tudo bem. Não tens que te preocupar. Eu tomo conta de ti - tudo o que tens de fazer é ser meu amigo.

Ao dizer isto, Jeff colocou a mão dele na minha coxa, tocando a minha pele debaixo dos calções. Levantei-me.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Quero voltar para casa. Tenho de estudar para um exame - disse eu.

Jeff, notando o meu desconforto, levou-me de volta ao meu apartamento. Não trocámos uma palavra no carro.

- Se mudares de ideias, liga-me - disse Jeff enquanto eu saía do carro.

Despedi-me do meu trabalho como empregado de mesa para ter mais tempo para estudar para os exames finais.

XVIII

Na **minha última sessão** com a psiquiatra, expressei o meu medo de abandonar a segurança de um campus universitário para enfrentar o mercado de trabalho.

- Eu tenho fé em ti. Vais sair-te muito bem. Mas penso que devias ir a Nova Iorque e confrontar Florence. Mostrar-lhe o quanto ela te magoou - disse-me ela.

- Durante os três anos que frequentei o exército, sempre que segurava uma arma, via Florence do outro lado. Sempre que tocava numa baioneta, via-me a esfaqueá-la. E sempre que conduzi um tanque contra uma árvore, via-a deitada no chão. No entanto, todos os anos depois de entrar no exército, comprei-lhe postais de Natal e do Dia da Mãe. Escolhi sempre os que mostravam os sentimentos mais queridos, assinei-os e pus-lhes selos, mas nunca tive coragem de os deixar num marco de correio - disse eu.

- Porque é que os compravas? - perguntou-me a psiquiatra.

- Porque é aquilo que é suposto um filho fazer pela sua mãe - respondi.

- Não acredito que sejas capaz de matar alguém - disse-me.

- Não sei - respondi, encolhendo os ombros.

Em junho de 1979, recebi o meu último cheque do GI Bill. A minha renda já não estava em dia e tinha recebido uma notificação de despejo.

Durante a cerimónia de formatura, sentei-me sombrio no auditório a pensar onde é que iria viver. Olhei em volta e observei pais sorridentes com orgulho nos olhos.

- Jean-Robert Cadet! - chamou o diretor da minha universidade.

Dirigi-me ao palco, apertei a mão do diretor, recebi o meu diploma e vim embora.

Fui de carro até o meu apartamento e pus todos os meus pertences na mala do meu carro. Apareci no apartamento de uma amiga, uma jovem mulher negra que trabalhava numa empresa de telefones.

- Posso dormir no teu sofá até me recompor? - perguntei-lhe.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Não tens emprego e queres dormir no meu sofá e comer a minha comida? Não, não aceito isso, desculpa - disse-me.

Durante as duas semanas seguintes, dormi no carro e comi em restaurantes *fast-food* até arranjar outro emprego como empregado de quarto num hotel. Através de um conhecido, encontrei uma senhora já velhinha chamada Alvina Jefferson que me acolheu por sessenta dólares por mês. Senti-me logo confortável com ela porque me fazia muito lembrar a Avozinha Alcée, mãe de Florence.

Certo dia de agosto de 1979, fazia muito calor em Tampa. Pelas dez da manhã, a temperatura estava na casa dos 30°C na pequena casa de estrutura de madeira. Sentei-me no alpendre da frente, ao lado de Mrs. Jefferson que se abanava e balançava e queixava sobre o calor. A ventoinha que ela segurava na sua mão envelhecida tinha uma imagem de Martin Luther King Jr. A sombra de uma grande árvore no quintal da frente proporcionava algum alívio.

Não queria sair de casa naquela manhã porque tinha enviado quase duas dúzias de currículos e não queria perder uma resposta para uma entrevista de emprego. Mrs. Jefferson, com os seus oitenta e dois anos, demorava bastante tempo a sair da cadeira para atender o telefone. Normalmente, quando alcançava a entrada da frente, quem telefonava já tinha desligado. Pelas onze horas, o telefone tocou. Corri para dentro e atendi.

- Posso falar com Jean Cadet? - perguntou a voz de uma mulher.

- É o próprio - respondi, ansiosamente.

- Daqui é Joyce Hughes, da Citrus Internacional. Mr. White gostaria de saber se amanhã pode vir a uma entrevista pelas dez horas - disse-me.

Depois de aceitar o convite, escovei o meu único fato azul e levei os sapatos para fora para os engraxar.

- Pareces-me muito feliz. Conseguiste o emprego? - perguntou Mrs- Jefferson.

- Não, *Ma'am*, ainda não. Para já só querem entrevistar-me. Eu vou conseguir o emprego - disse-lhe, confiante.

- Eles sabem que és um homem de cor? - perguntou-me.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Não, *Ma'am* - respondi com o entusiasmo a diminuir.

- Não fiques com expectativas muito altas. Malucos não gostam de contratar negros. São M-A-U-S! - disse ela.

Parecia, a avaliar pela expressão da sua cara, que tinha testemunhado os dias de escravatura.

- Há algumas pessoas brancas boas, Mrs. Jefferson. Já conheci algumas - assegurei-lhe, pensando em Mr. Rabinowitz, o meu professor de História em Spring Valley High School.

- Mesmo que encontres alguma, ela nunca te vai pagar o que tu vales realmente, rapaz - disse-me.

- Eu só quero apanhar-me lá dentro - repliquei.

- Quando lavava roupa para uma família judia, eu dobrava as toalhas e eles contavam-nas à minha frente. Faziam-me sentir como uma ladra - disse-me ela, incomodada, cuspidando sumo de tabaco para uma grande taça de lata que estava ao lado da cadeira. Depois, riu-se.

- Qual é a piada? - perguntei-lhe.

- Eu andava a trabalhar todo o dia, a limpar a casa e a lavar as roupas de uma mulher judia. Estava morta de cansaço, digo-te. Apanhei o autocarro para casa e uma miúda branca entrou e pôs-se a observar-me. Deveria ter treze ou catorze anos. Saímos do autocarro juntas. Ela continuava a observar-me. Então virei-me para ela e perguntei-lhe porque é que não parava de olhar para mim assim. Ela disse-me: “A minha mãe tem um vestido igualzinho ao teu e, quando chegar a casa, vou dizer-lhe e ela vai queimá-lo.” Fiquei tão furiosa que lhe disse para dizer à mamã dela que eu tinha uma c--a igualzinha à dela e que também a podia queimar. Estou-te a dizer, aquela miúda branca correu o caminho todo até chegar a casa - disse Mrs. Jefferson, a rir-se até lhe virem lágrimas aos olhos.

Ao contrário de Florence, que achava que os brancos não faziam nada mal, a atitude de Mrs. Jefferson em relação a brancos era tão amarga que eu não poderia ter convidado um amigo branco para casa dela. Era realmente amarga em relação à polícia e, sempre que via um carro-patrolha a passar por casa dela, dizia: “Olha para aqueles malucos. São incansáveis. Devem andar à procura de *niggers* para espancar”.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

No dia seguinte, conduzi até à Citrus International com um bloco de notas e uma caneta. Dirigi-me à receção do edifício de dois andares e apresentei-me à rececionista branca. Ela marcou um número e anunciou a minha chegada. Pouco depois, uma secretária loira desceu os degraus e acompanhou-me até ao gabinete de Mr. White. Ele apresentou-se como o diretor geral e questionou-me imediatamente acerca do meu conhecimento da língua francesa.

- Eu sou do Haiti - respondi, sentindo-me envergonhado por ter nascido num país que é sinónimo de pobreza extrema e de instabilidade política - um país cujo governo tolera a escravidão infantil sob o rótulo de *restavec*.

Ao longo da entrevista, senti o coração a acelerar. Não conseguia acreditar que eu, um antigo *restavec*, estava num gabinete corporativo, a ser entrevistado para a posição de assistente do vice-presidente de exportação. Mr. White ofereceu-me dez mil dólares por ano para trabalhar como assistente de exportação e assistente do cônsul honorário francês. Fiquei tão impressionado com as designações das funções atribuídas que aceitei a oferta dele. Apertámos as mãos, mas eu saí do gabinete dele sentindo-me desencorajado. Apercebi-me que tinha aceitado uma posição com a mentalidade de um escravo. “Deveria ter negociado com ele” - disse em voz alta, no carro, enquanto conduzia para casa. Fazia mais dinheiro a trabalhar seis horas por dia como empregado de mesa.

Ao chegar a casa de Mrs. Jefferson, estacionei o carro por baixo da árvore. Ela abanava-se, balançava-se e mastigava tabaco. Cuspiu para a taça de lata.

- Conseguiste o emprego? - perguntou-me.

- Sim, *ma'am* - respondi, sombrio.

- Não parece que tenhas sido aceite no emprego - acrescentou.

- Oh, é o calor, Mrs. Jefferson, é o calor... - repliquei, a refletir sobre as suas convicções de que um branco nunca paga a um negro por aquilo que ele vale.

Não quis incendiar mais a fúria dela contra o homem branco ao contar-lhe a razão da minha má cara, pois começaria a atacar, mais uma vez, todas as instituições em Tampa. Eu sabia que, em primeiro lugar, me contaria acerca do juiz que tinha sentenciado um amigo dela a cinco anos de prisão por um roubo que não tinha cometido ou acerca do hospital que

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

tinha negado tratamento à própria equipa negra do estabelecimento. Depois, falaria acerca da polícia maluca que espancava negros.

Quando me apresentei para trabalhar, na manhã do dia seguinte, apresentaram-me a um senhor mais velho chamado José Fernández, um imigrante cubano que já trabalhava na empresa há alguns anos. José disse-me, muito orgulhoso, que tinha sido um oficial na marinha cubana no tempo de Batista. Não me impressionei porque não me estava a contar sobre um dos departamentos do exército dos E.U.A. “Grande coisa. Eu já fui um Ranger no Exército dos E.U.A.” - disse a mim mesmo.

- Esta empresa é boa. Eu comecei como assistente de exportação, tal como tu - disse José.

Quis perguntar-lhe qual foi o salário dele inicial, mas era contra a política interna dos funcionários discutir sobre salários. Aprendi tão bem os negócios de exportação juntamente com as práticas não éticas que podia ter começado a minha própria empresa comercial. Trabalhava uma média de cinquenta horas por semana e o meu salário de duas semanas era menos de quatrocentos dólares.

José sorria sempre para o seu salário antes de o pôr no seu casaco que pendurava no cabide num canto do escritório. Mal ele foi à casa de banho, eu procurei-o no bolso para comparar os valores. Era quatro vezes mais do que eu recebia. Fiquei tão perplexo que perdi a concentração e não consegui enviar um telex a um cliente em Paris.

Mais tarde, nesse dia, confrontei o contabilista da empresa com o meu cheque e disse-lhe que tinha trabalhado cinquenta horas por semana e que merecia que me pagassem o tempo extra.

- És um funcionário assalariado. Ser-te-ia paga a mesma quantidade independentemente das horas que trabalhasses - disse-me.

- Gostaria de ser pago à hora - repliquei.

- Preciso da autorização de Mr. White antes de fazer isso - disse.

Quando voltei ao trabalho no dia seguinte, o contabilista deu-me um caderno.

- Mr. White quer que tomes nota das tuas horas extra. No final de cada semana, dá a José a folha para ele assinar antes de a transformares numa folha de pagamento - disse ele.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Era uma empresa de bons velhos amigos. O único funcionário negro para além de mim era o contínuo. Quando havia pouco trabalho, os bons velhos amigos juntavam-se para contarem anedotas de *niggers*. As anedotas mais recentes eram, por vezes, contadas em primeiro lugar ao diretor geral que, satisfeito, exibia com um grande sorriso na cara.

A caminho da casa de banho dos homens, ouvi um vendedor contar uma piada sobre um acidente de carro.

- Este bom velho amigo bateu na parte de trás de um carro num sinal vermelho. Quando o polícia chegou ao local do acidente, falou primeiro com o seu bom velho amigo. Disse ele: “A que velocidade ia aquele *nigger* quando se cruzou contigo?”

Eles partiam-se todos a rir até terem lágrimas nos olhos. Eu ria-me com eles porque, naquela altura, não tinha o espírito de um americano negro para sentir o peso da palavra *nigger* quando proferida por brancos.

Aos poucos, a minha alma negra haitiana foi sendo americanizada. Aconteceu gradualmente, através de experiências que nunca procurei e pelo processo de adaptação - da mesma maneira que os animais mudam a aparência para se adaptarem e sobreviverem em ambiente hostis.

Tudo começou a acontecer às nove horas de uma noite quente e húmida na Hillsborough Avenue. Tinha acabado de mudar-me de casa de Mrs. Jefferson para um apartamento de dois quartos que partilhei com um jovem branco que tinha respondido ao meu anúncio. Tentei evitar um sinal vermelho numa zona escura da cidade enquanto conduzia para casa. Um carro-patrolha estava a uma boa distância atrás de mim. Entrei em pânico e fiz uma curva apertada para a esquerda para um parque de estacionamento escuro, para me tentar esconder da polícia. Desliguei as luzes do carro e esperei. O carro-patrolha estacionou mesmo atrás de mim com as luzes a piscar. Eu tremia de medo. A voz de Mrs. Jefferson ecoou na minha cabeça: “Devem andar à procura de *niggers* para espancar.”

Os dois agentes brancos - um homem alto e uma mulher - aproximaram-se do meu carro. A mulher apontou uma lanterna para a minha cara do lado do passageiro. O agente do sexo masculino ficou ao lado da minha porta a olhar para os assentos de trás.

- Ei, rapaz, tens o hábito de passar vermelhos? - perguntou-me, dando ênfase ao "rapaz".

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Ao tentar mover a cabeça para ter contacto visual com ele, um objeto duro tocou-me num lado da cara.

- Não te mexas, rapaz. Ainda não respondeste à minha pergunta.

- Pensei que ainda estava amarelo quando passei - repliquei, tão assustado como um gato encurralado.

- Não sabes as cores, pois não, R-A-P-A-Z? - perguntou.

- Sim, senhor, eu sei, senhor - repliquei.

- Carta de condução e registo - exigiu ele.

Dei-lhe os documentos e voltaram os dois para o carro. Após um longo momento, eles voltaram até ao meu carro e o foco da lanterna foi apontado novamente à minha cara. Assinei a citação de trânsito e liguei a ignição. Ao fazer marcha atrás, o polícia pôs-se atrás do meu carro de repente como que se estivesse a desafiar-me a bater-lhe. Eu pressionei rapidamente o travão, parando a milímetros de distância.

- Qual é a pressa, *nigger*? - gritou, oferecendo-me a última oportunidade de realizar o sonho dele, mas eu estava determinado a não ser espancado. Foi a primeira vez que um homem branco me tratou por *nigger* e a palavra teve o mesmo efeito em mim como a palavra *restavec* quando eu era uma criança. Parecia que tinha levado um forte murro que me tirou o ar dos pulmões.

Na Citrus International, esperei pela época de maior azáfama para pedir um aumento.

- As minhas responsabilidades aumentaram e eu preciso de roupas novas - disse eu ao meu patrão.

Mr. White olhou para mim durante um minuto ou dois e depois respirou fundo.

- Deixa-me dizer-te uma coisa, jovenzinho. Esta empresa tem oitenta anos e nunca teve um negro na tua posição. Não estiques a corda - disse ele.

Eu saí do escritório dele, sentindo-me dormente. Voltei ao meu escritório e esperei por uma Mrs. Roy, que tinha uma reunião com o cônsul francês. Andrea, a secretária do departamento, entrou e anunciou a chegada de Mrs. Roy.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Por favor, mande-a entrar - disse eu.

Mrs. Roy entrou e eu levantei-me para a cumprimentar.

- Estou aqui para ver o cônsul francês - disse ela.

- Eu sou o assistente do cônsul francês. Em que é que a posso ajudar? - perguntei-lhe.

- Não pode ajudar-me porque o meu documento está em francês. Apenas o cônsul francês me pode ajudar. Você é um homem de cor - não sabe francês nenhum - atirou-me à cara.

- *Ma'am*, o cônsul francês não fala francês. Eu sou o assistente dele. Eu trato de todos os assuntos dele - disse-lhe.

- Não estou assim tão desesperada. Posso arranjar outra pessoa - replicou, saindo.

Eu respirei fundo e mantive a compostura.

Mr. Smith, o cônsul francês, era um bom velho amigo. Como estava prestes a reformar-se, eu estava a contar que ele me recomendasse ao cônsul geral em Nova Orleães para lhe suceder. Pensei que tal título impressionaria definitivamente o meu pai, conquistando, assim, um lugar no seu coração. Mas quando chegou a altura, Mr. Smith seleccionou outro bom velho amigo para o substituir e manteve-me como assistente do novo nomeado.

Na véspera do Dia de Ação de Graças, o meu colega de casa, Harry, fez-me um pedido.

- Olha, Jean, tens planos para o Dia do Peru? - perguntou-me.

- Não, não tenho nada planeado - respondi, a pensar que ele estava prestes a convidar-me para ir a casa dos pais dele para jantar.

- Posso pedir-te um favor? - perguntou Harry.

- Que favor? - perguntei-lhe.

- Os meus pais vêm cá para a Acção de Graças e vão trazer comida. Eles não sabem que és negro e o meu pai não partilha pão com negros. Podes desaparecer por algumas horas? Eu ato uma fita na maçaneta da porta para te avisar se eles ainda cá estiverem - disse Harry.

- A que horas queres que saia? - perguntei, sentindo-me um pequeno *restavec* novamente.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Eles vêm ao meio-dia. Podes sair por volta das onze.

Por volta das onze horas, Harry saiu para comprar gelo. Estava prestes a sair para a *Morrison's Cafeteria*, onde comia a refeição de Ação de Graças todos os anos, quando a campainha tocou. Abri a porta. Seis pessoas estavam do lado de fora. Antes que eu pudesse dizer o que quer que fosse, um homem mais velho disse: “Desculpe, enganámo-nos na porta” enquanto tocava no apartamento ao lado. Eu fechei a porta e voltei para dentro. Passado um bocadinho, a campainha tocou novamente. Abri-a.

- A vizinha disse-nos que o nosso Harry vive neste apartamento. Quem és tu? - perguntou o pai de Harry.

- O meu nome é Jean. Eu vivo aqui e Harry é o meu colega de casa - disse eu.

- Onde é que ele está? - perguntou-me.

- Foi até à mercearia. Deve chegar a qualquer momento - disse.

Todos entraram com cestos e sacos de comida. A mãe de Harry reorganizou a mobília e pôs a mesa. Eu estava prestes a sair, mas o cheiro da comida convenceu-me a ficar. Harry entrou e olhou para mim, surpreendido.

- Eles chegaram quando eu estava para sair - sussurei, encolhendo os ombros.

Fui para o meu quarto e sentei-me na cama. Deixei a porta propositadamente aberta para ouvir a conversa na sala.

- Nunca me disseste que tinhas um homem de cor como colega de casa - disse o pai.

- Desculpa, Pai. Mas nós não convivemos. Ele trabalha de dia e eu trabalho de noite - explicou Harry.

- Está bem. Venham todos. A mesa está posta - disse a mãe.

Todos se mantinham em silêncio, ouvindo-se apenas o som dos talheres nos pratos. O meu estômago rosnou.

- Se calhar pensam que eu saí do apartamento - disse a mim mesmo.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

Tossi três ou quatro vezes e esperei um convite. Por fim, saí do meu quarto, passei a sala de jantar e fui para a cozinha. Ninguém olhou para mim. Tirei uma maçã do frigorífico, voltei e pus-me perto da mesa.

- Que peru com aspeto tão delicioso! - disse depois de dar uma dentada na maçã.

- Pois é - respondeu o pai com a boca cheia.

Voltei para o meu quarto e vi televisão. A família de Harry saiu pouco depois do jantar.

- Olha, Jean, tenho muitas sobras. Tens fome? - perguntou Harry.

- Sim, Harry, tenho fome, mas preferia passar fome a comer as sobras dos teus pais - disse eu de saída para o *Morrison's Cafeteria*.

Enquanto comia, perguntei-me se me teria comportado normalmente à mesa com a família de Harry.

Na semana seguinte, apanhei um voo para o Haiti. Quis impressionar o meu pai com a licenciatura e com o emprego de assistente do diretor de exportações. Viajei novamente com algumas prendas, desejando comprar a minha entrada na vida dele.

Vesti o meu fato de negócios. Dessa vez não fiquei nervoso, não senti que tinha de passar na inspeção. Mas a minha missão era a mesma que a anterior: ser aceite e reconhecido no nome pelo meu pai, Philippe.

Após passar a alfândega, apanhei um táxi até à Rua Bernard, 18. Abriu a porta a mesma criada, que me reconheceu.

- Não está ninguém em casa - disse ela.

Fui até casa de *Madame Laroche*. Vivia lá outra família. O vizinho da casa ao lado ficou surpreendido por me ver e disse-me que a *Madame Laroche* tinha vendido a casa para mandar a *Mademoiselle Marie-Claire* para a faculdade de medicina no México. Jérôme tinha ido para a faculdade de direito em Paris e *Monsieur Laroche* tinha abandonado a mulher, trocando-a por uma mulher mais nova. Jérôme apoiava a mãe.

Voltei a casa de Philippe e cumprimentei-o com um aperto de mão e *Bonjour*.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Ainda estás no exército? - perguntou-me.

- Não. Saí do exército há cinco anos. Licenciiei-me na University of South Florida e estou a trabalhar como assistente do Vice-Presidente de uma empresa de exportações - disse.

Philippe acenou sim com a cabeça. Parecia pouco à-vontade comigo.

- Estou aqui porque gostaria de conhecê-lo. Quero trabalhar consigo e viajar consigo - disse eu.

- Não tenho tempo. Estou sempre ocupado e não preciso de ajuda - disse Philippe.

Senti-me envergonhado e colado ao chão. Por breves momentos, experienciei a sensação de me afundar, parecida com a queda livre num pesadelo. Ouvi um carro. Dois jovens mulatos, que rondavam os vinte anos, entraram na sala. Eram os filhos gémeos de Philippe. Beijaram-no em ambas as faces.

- *Bonjour, Papa* - disseram, e deram-me um aperto de mão.

Os gémeos tinham-me conhecido na minha última viagem até ao Haiti. Philippe tirou um rolo de notas do bolso e distribuiu-as quase todas pelos gémeos.

- *Merci, Papa* - disseram.

Tinham desistido da escola e viviam com a mãe deles em Pétionville, um subúrbio rico a norte de Port-au-Prince.

- Vemo-nos mais tarde, *Papa* - disseram.

- Está bem - disse Philippe.

- Ei, Bobby, queres vir connosco esta noite? - convidou um dos gémeos.

- Sim, eu gostaria disso - respondi.

- Venho buscar-te por volta das oito - disse-me.

Fiquei satisfeito pelo convite do meu irmão. Philippe foi até ao quarto e mudou de roupa.

- Vemo-nos quando voltares - disse ele.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Os gémeos apanharam-me por volta das oito no seu carro. Um deles ofereceu-me um cigarro e eu recusei.

-Não, obrigado, não fumo.

Os gémeos entreolharam-se e acenderam os cigarros. Essa noite estava húmida e quente. O fumo do cigarro estava a pôr-me mal disposto.

- Se eu e os meus irmãos nos dermos bem, talvez o meu pai ultrapasse o meu cabelo carapinha e me aceite na vida dele. Talvez até me dê o seu apelido. Depois disso, serei alguém - disse a mim próprio.

- Vamos a uma festa, Bobby. Já tenho uma rapariga à tua espera - disse o que conduzia.

- *Oui, merci* - repliquei, a tentar enfiar a minha cabeça na janela para apanhar ar fresco.

O carro parou numa rua sem saída e o condutor desligou as luzes. Estava nervoso.

- O que é que estamos a fazer nesta rua escura? - perguntei-lhe.

- Estamos à espera de uma pessoa - respondeu o gémeo que conduzia.

Pouco depois, alguém apareceu no escuro, aproximou-se do carro, entregou ao gémeo condutor um saco de papel e desapareceu.

- Tu drogas-te, não drogas? - perguntou o gémeo do lugar do passageiro.

- Às vezes - respondi, sentindo-me desiludido.

Quando o carro avançou, pensei: “Se somos apanhados e presos, a polícia espanca-me até morrer e deixa ir os meus irmãos.”

Eu estiquei-me e bocejei alto no banco de trás.

- Estou muito cansado e sonolento. Tive um longo voo. Não quero ir à festa hoje à noite - disse.

Ficou tudo silencioso. Deixaram-me ficar em casa de Philippe e despediram-se.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

“Estraguei tudo” disse a mim mesmo. Entrei e encontrei Philippe na sala de estar a ler uma *Paris-Match*.

- Estás de volta tão cedo? - perguntou.

- Tenho uma coisa para lhe contar - disse-lhe.

Philippe baixou a revista e olhou para mim.

- O que é? - perguntou-me.

- Os rapazes consomem drogas ilegais. A caminho da festa, eles pararam num sítio qualquer e fizeram uma compra - disse.

Philippe ficou furioso e baixou a cabeça.

- Eu não consumo - acrescentei, esperando que ele gostasse mais de mim do que dos gémeos.

Ele foi para o quarto sem dizer boa noite.

“O que é que eu fiz? Mais valia não ter dito nada” pensei e fui para a cama no quarto que Madelaine costumava ocupar. Na manhã seguinte, Philippe continuava irritado. Eu disse-lhe que estava de partida e ele murmurou algo. Dei uma gorjeta às empregadas, apanhei um táxi para o aeroporto e regressei a Tampa.

Certo dia de trabalho, voltei do almoço e dei de caras com um enorme bolo de chocolate com uma vela na minha secretária. Numa pequena mesa a um canto, estava um saco de papel castanho cheio de pratos, guardanapos e garfos. Lembrei-me logo da data de nascimento que estava no meu passaporte. Liguei para Andrea, a secretária de departamento e agradei-lhe, não me sentindo merecedor. Levei o bolo e o saco para o meu carro e fui até casa. Pus o bolo do frigorífico e voltei para o trabalho. Por volta das duas horas, Andrea entrou no meu escritório com o resto do pessoal do departamento.

- O que é que se passa? - perguntei, surpreendido por toda a gente estar no meu gabinete.

- Onde está o bolo? - perguntou Andrea.

- Que bolo? - perguntei-lhe.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- O bolo que pus na tua secretária logo depois do almoço - disse-me.

- Pensei que o bolo fosse para mim - disse-lhe.

- Sim, é o teu bolo, mas estamos aqui para celebrar o teu aniversário com ele. Não tem piada. Onde está o bolo? Estamos aqui para a sobremesa - disse ela, à procura atrás da minha secretária.

- Anda lá, Jean, vamos cortar o bolo - disse José.

Pus as mãos à frente dos olhos, envergonhado.

- Eu levei o bolo para casa - disse, lentamente.

Todos se entreolharam e saíram.

Fui até à zona de trabalho de Andrea.

- Peço imensa desculpa, Andrea. Eu não sabia o que fazer porque nunca tinha festejado o aniversário antes - expliquei-lhe.

- Não me acredito. Olha para ti. Os teus pais deixaram-te ir para a faculdade, mas nunca celebraram um aniversário teu? Estás mesmo à espera que eu acredite nisso? - perguntou-me Andrea, olhando-me dos pés à cabeça.

Voltei para o meu gabinete e sentei-me à secretária pensativo. Comecei a sentir-me desconfortável na presença dos meus colegas e secretárias. Pensei em assassinar Florence e suicidar-me novamente.

Um mês mais tarde, tirei uma semana de férias e decidi guiar até Nova Iorque para confrontar Florence. Fiz uma pequena mala e parti às três da manhã. Conduzi o dia todo, parando apenas para comida, gásóleo e necessidades. Ao final da tarde, cheguei a Nova Iorque e passei a noite em casa do meu amigo do secundário, Nicolas.

Soube que Florence tinha saído de casa de Lise porque a relação entre elas se tinha deteriorado. Florence tinha comprado uma pequena casa de dois quartos e vivia sozinha.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, pus a minha mala no carro e fui até casa de Florence. Estacionei do outro lado da rua. A casa precisava de reparações e o quintal

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

estava negligenciado. Dirigi-me à porta da frente com a minha mala. Bati à porta. Florence abriu-a.

- Oh, meu filho, és tu, entra! - disse ela, sorridente.

Ela nunca antes me tinha tratado como filho dela. Faltavam-lhe três dentes da frente e o lado esquerdo da sua cara estava mais escuro do que o outro. Parte do seu cabelo cinzento carapinha estava visível através da beira da sua peruca preta. Segui-a. As costas estavam ligeiramente curvadas sob o seu roupão.

Cortinas vermelhas de veludo gastas com enormes manchas de água estavam penduradas à toa na sala de estar mal iluminada. Teias de aranha balançavam do teto. Numa mesinha de café em vidro estava uma caneca com a forma de um crânio com três rosas artificiais. O cheiro a BenGay⁴⁴ e a mofo contraiu o meu nariz. Ela parou na cozinha. O fogão estava manchado com resíduos de comida e a banca estava cheia de panelas e tachos sujos.

- Senta-te, meu filho - disse ela, sacudindo da mesa duas pequenas baratas com as costas da mão.

- Há baratas por todo o lado! Parece que não me consigo ver livre delas - disse-me.

Sentei-me do outro lado dela e pus o saco à minha frente.

- Queres um pouco de café? - perguntou-me.

- Não, obrigado - agradei, enquanto se começavam a formar lágrimas nos meus olhos.

- Estou contente por te ver. Pensei que te tinhas esquecido de mim - disse.

Respirei fundo. Estava nervoso.

- Não sou um engraxador de sapatos - disse eu.

Florence pareceu envergonhada. Manteve os olhos fixos na mesa.

- Vim dizer-te o quanto me magoaste, mas não sei por onde começar - continuei com os lábios a tremer.

⁴⁴ NT - Analgésico utilizado para alívio de dores.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Florence abriu a boca para falar.

- Por favor, não digas nada. É a minha vez de falar. Evitaste que eu expressasse as minhas vontades, as minhas necessidades, os meus sentimentos e as minhas opiniões durante quinze anos. Lembraste como costumavas puxar e beliscar o meu pénis e como costumavas bater-me enquanto dormia, por molhar os trapos que me serviam de cama? Pensei que me detestavas por ter um pénis. Tentei cortá-lo apenas para te agradar. Atingiste-me no olho com um tacão do teu sapato porque eu parti um copo. Sangrei e não conseguia ver do olho. Olha para a cicatriz - ainda a tenho - disse, apontando para o canto do meu olho direito - Foi a cozinheira que me lavou a cara e me tratou.

Naquele momento, os olhos de Florence encheram-se de lágrimas.

- Emprestaste-me aos teus amigos como se eu fosse uma espécie de aspirador humano. Lembraste quando era suposto eu ter tido a minha Primeira Comunhão? Recebi o sacramento no exército. Tive vergonha de contar ao padre que a minha mãe não tinha querido gastar dinheiro para me comprar roupas e sapatos.

As lágrimas caíam-lhe pelo rosto.

- Quando o teu filho ameaçou levar-me à esquadra da polícia, olhei para ti e tu nada disseste. Se eu não tivesse fugido, a polícia ter-me-ia matado. Quase me mataste quando puseste o teu pé no meu pescoço porque eu tinha perdido um dólar. Sim, eu *perdi* o dólar. Tinha um furo no meu bolso. Costumavas dar mais que isso ao teu amante Paul. Onde está ele agora?

Florence chorava. Pegou num guardanapo e secou os olhos. Eu também peguei num guardanapo e sequei os olhos, mas as lágrimas continuavam a correr.

- Tive tanto medo quando me obrigaste a lavar os teus trapos ensanguentados. Não fazia ideia de onde é que o sangue saía. Pensei que estavas a morrer. Quando nos mudámos para a casa dos Villards, tratavas os filhos deles por “queridinhos”, mas eu era um excremento, *extrait de caca*, um merdoso, um paneleiro, um engraxador de sapatos. Costumavas dizer-me que a minha verdadeira mãe era uma cadela e eu acreditava em ti.

- Para, estás a magoar-me! - interrompeu Florence a chorar.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

- Ainda não acabei - gritei-lhe, batendo na mesa com o meu punho enquanto as lágrimas e gotas de suor me escorriam pelo queixo.

- Ficaste de pé e viste a tua amiga Yvette forçar-me a pôr de joelhos e a pôr a minha cabeça na sanita suja. Onde é que ela está agora? Festejaste o teu aniversário, o aniversário do teu filho, o aniversário da tua nora e o aniversário dos teus netos - mas todos os anos me dizias que o meu aniversário tinha sido no mês anterior. Tinhas mesmo de fechar a casa comigo cá fora sempre que ias passar o dia fora com os teus amigos? Podias-me ter levado contigo - eu era um bom rapaz. No mês passado, uma senhora no trabalho pôs um bolo na minha secretária para celebrar o meu aniversário. Sabes o que é que eu fiz? Levei o bolo para o meu apartamento sem ninguém ver porque eu não sabia como reagir. Quando estava no exército, sempre que um soldado se largava eu, instintivamente, dizia "perdão". Sabes? Imaginei-me várias vezes a matar-te.

Florence olhou para cima, para os meus olhos.

- Porque é que não me matas e acabas com isto agora mesmo?! - exclamou Florence.

- Eu devia estar aqui contigo para cuidar de ti, para te levar a jantar fora e dizer orgulhosamente a todos os meus amigos: "Esta é a minha mãe." Mas não posso porque me magoaste imenso. Levantei-me, ainda a choramingar. Desapertei a mochila lentamente, tirei o meu diploma de licenciatura e coloquei-o à frente dela.

- Não sou um engraxador de sapatos - disse-lhe novamente.

Saí e fechei a porta atrás de mim, sentindo-me livre, renovado e aprovado. Ao aproximar-me do carro, respirei fundo e senti que respirava pela primeira vez.

XIX

Regressei a Tampa, terminei o segundo ano na *Citrus International* e demiti-me. Imediatamente a seguir, consegui um novo emprego de exportação numa pequena empresa em Nova Iorque. O meu patrão chamava-se Bill, era um homem branco, alto e esguio, com um forte sotaque nova-iorquino. Tinha de localizar clientes estrangeiros e vender-lhes géneros alimentícios. Depressa contactei todos os meus antigos clientes europeus e localizei um cliente que queria fazer uma encomenda de mel. O fornecedor, que se encontrava na Carolina do Norte, tinha concordado por telefone com as nossas condições, mas insistiu em ter acesso às contas da empresa. Eu teria de me deslocar até a Carolina do Norte para uma reunião com ele antes de concluir o negócio. Aproximei-me de Bill e expus-lhe o caso.

- Os homens de negócios brancos na Carolina do Norte não gostam de negociar com negros. Acho que é melhor tratar eu mesmo deste assunto para não correremos riscos - disse Bill.

- Então e a minha comissão? - perguntei.

- O que tem? Quem trata da transação, fica com a comissão - disse ele ousadamente.

Mais uma vez, a voz de Alvina Jefferson ecoou na minha cabeça: “*Os negros não têm nada porque os brancos não deixam.*” Saí do escritório dele, sentindo-me agoniado e cada vez mais convencido da existência de algum tipo de conspiração organizada pelos homens brancos para manter os negros em desvantagem financeira. Só a comissão dessa transação teria igualado o meu salário anual de 1,600.00 dólares.

Limpei a minha secretária e abandonei a empresa, levando comigo o nome dos meus clientes. Regressei ao meu apartamento de eficiência⁴⁵ que tinha sido alugado no nome de um amigo branco porque o senhorio não alugava a negros. Pus as malas no carro e rumei para oeste, para a Califórnia. Queria viver aí porque tinha ouvido dizer que os californianos eram liberais e sofisticados.

Uma vez em Los Angeles, percebi que era impossível arranjar um emprego na área da exportação. Parecia que os negócios preferiam qualquer outra raça a negros. Já desesperado, entrei numa loja de pneus e fui imediatamente contratado para montar pneus

⁴⁵ NT - Quarto único com uma zona de dormir e uma pequena cozinha no mesmo espaço e uma casa de banho.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

por quatro dólares por hora. O trabalho era exigente para as costas. O gerente da loja media a eficiência dos novos trabalhadores com um cronómetro. A rapidez era mais importante do que a segurança dos clientes. Eu trabalhava cinco dias por semana, com folgas à quinta e ao domingo. Um jovem vendedor negro na loja, que por acaso estava à procura de colega de quarto, alugou-me um quarto. Ao final da tarde, comecei a frequentar uma escola técnica, onde estudava programação de computadores, contando conseguir um emprego melhor numa daquelas grandes fábricas de armamento.

Cedo, numa quinta-feira de manhã, o telefone tocou. Era o meu patrão da loja de pneus. - Quero ver-te no meu escritório agora mesmo - disse ele.

Calculei que ele quisesse que eu fizesse horas extraordinárias. Apresentei-me com a roupa de trabalho para começar imediatamente.

- Não te dêes ao trabalho de picar o ponto. Não vais trabalhar! - disse ele.

No escritório dele, encontrava-se à espera um homem branco, vestido com um fato azul, que segurava uma mala de metal.

- Onde estiveste tu terça à noite, por volta das dez? - perguntou-me o gerente.

O seu tom de voz pôs-me nervoso.

- Estive em casa, a ler, na cama - respondi.

- Duas das nossas lojas foram assaltadas ontem à noite. Sabes alguma coisa sobre isso? - perguntou-me.

- Não. Como disse, estive em casa, a ler, na cama - assegurei.

- Se não fizeste nada, não tens nada a temer. Queremos que faças um teste de polígrafo - é a política da empresa - disse-me.

- Eu não roubei a sua loja e não vou fazer o teste - repliquei eu, nervoso.

- Estás despedido! Faz-te à estrada, rapaz! - gritou ele.

Fui esvaziar o meu cacifo e reparei no meu nome escrito numa carta colocada no painel de avisos. Dizia: “Por favor, reveja com os seus empregados as políticas sobre depósitos, em

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

anexo. Já foram assaltadas duas das nossas lojas e queremos que todos tenham em atenção os procedimentos relativos a dinheiro, cheques e registos de cartão de crédito que devem ser guardados nas caixas-registadoras. Se tiver alguma dúvida relacionada com estes procedimentos, contacte, por favor, o departamento de contabilidade. A descrição do suspeito é a seguinte: Sexo masculino, negro, entre os 25 e os 30 anos, 1,75 m de altura, 75 kg, sozinho e armado. Poderá ser Jean ou Frank. Vigie-os de perto." Eu tinha 1,73 m e pesava 61 kg; Frank era mais baixo que eu.

Eu peguei na carta e saí com ela no bolso. Depois de alguns dias, fiz várias cópias e fui até à Comissão para a Igualdade de Oportunidades de Emprego, onde preenchi uma queixa contra a loja alegando rescisão abusiva. Trinta dias depois, recebi uma resposta a convocar-me para uma audiência. Entretanto, o meu carro foi confiscado, o meu crédito destruído e fui despejado do meu quarto alugado. Dei por mim a dormir entre os sem-abrigo em Venice Beach e a comer refeições de caridade no complexo de Hare Krishna, todas as tardes. Estava zangado e queria recurso. Sentia-me enganado e abusado. Não me podia queixar nem à polícia nem aos tribunais - nem sequer à Câmara, à Casa Branca nem ao Congresso. Alvina Jefferson estava tão longe. Não tinha mulher nem filhos com quem desabafar. Queria que o mundo conhecesse as minhas frustrações. Queria explodir, mas o motim em Watts tinha acontecido há vinte anos. Já não estava agradecido à América branca pela minha formação superior e comecei a ter a mesma atitude que os estudantes negros americanos em Spring Valley High School.

Na CIOE, a empresa de pneus foi obrigada a readmitir-me. Embora me tivessem oferecido o meu emprego de volta, como ainda me restava alguma dignidade, em vez de aceitar, abri um processo contra a empresa. Após quase dois anos de negociações extrajudiciais, o meu advogado aceitou um acordo de trinta mil dólares, dos quais reteve cerca de dezassete mil para ele.

Depois de terminar a escola técnica, consegui um emprego como programador de computador numa grande empresa de serviços de informática. Tudo corria bem e eu tentava esquecer o passado. Tal como na Citrus Internacional, eu era o único negro da empresa além do contínuo.

Uma bela jovem morena captou a minha atenção no departamento. Vi-a, um dia, no restaurante de *fast-food*, à hora do almoço, e pedi-lhe para partilharmos a mesa. Ela

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

concordou e começámos a almoçar juntos regularmente. Encontrávamo-nos todas as sextas-feiras à tarde num restaurante local para aperitivos e jantar. A nossa amizade tornou-se óbvia para todos no local de trabalho. Uma sexta-feira à tarde, depois de me ser entregue o pagamento, o meu patrão chamou-me ao seu gabinete.

- Quero que te demitas porque o teu comportamento não favorece a imagem da empresa que queremos preservar - disse ele.

- O que é que eu fiz de mal, exatamente? - perguntei, sentido o meu mundo a ruir novamente.

- Somos uma empresa com uma política conservadora e o teu comportamento não é compatível com a nossa imagem. Compreendes, não compreendes? - disse ele, entregando-me um papel para assinar.

Retirei-me sem o assinar. Cedo, na manhã seguinte, fiz novamente as malas e voltei para a Florida. Mal cheguei a Tampa, parei no local onde me formei e senti uma enorme vontade de voltar para as aulas, como um jovem caloiro, novamente. Entrei num dos edifícios e sentei-me numa sala vazia. O cheiro familiar parecia acalmar a minha alma haitiana ferida.

Quando voltei a casa de Mrs. Jefferson, ela acolheu-me de braços abertos. Os seus três filhos, vários netos e alguns bisnetos estavam todos no alpendre frontal. Todos estavam ansiosos por ouvir falar sobre Califórnia. Contei-lhes o incidente na loja de pneus assim como o ocorrido na empresa dos serviços de informática. George, filho de Mrs. Jefferson, relembrou a brutalidade da polícia; as suas filhas falaram sobre os patrões racistas no trabalho; os seus netos falaram sobre o assédio policial; e Mrs. Jefferson resumiu tudo, dizendo: “Eles são maus, estou-vos a dizer, o homem branco é mau” enquanto as mentes dos seus bisnetos gravavam tudo o que era dito para a próxima geração.

Quis fazer uma pausa e respirar fundo antes de voltar a aventurar-me no mundo dos negócios dos brancos. Encontrei uma pessoa conhecida que me disse que estava a trabalhar como professora de substituição e pensei que seria bom tentar também por uns tempos. Candidatei-me na Direção da Escola Hillsborough County em Tampa e depressa me chamaram para a Escola Secundária King. Fui para uma turma de História do nono ano e apaixonei-me logo pelo ensino. O cheiro da sala de aula transportou-me de volta para as aulas de História do Mr. Rabinowitz e, por breves momentos, senti que era ele. Era uma

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

turma integrada, tinha maioritariamente alunos negros. Mal comecei a falar, uma rapariga de pele escura, que não estava familiarizada com o meu sotaque das Caraíbas, levantou a mão. “É negro?” perguntou-me. Fiquei ligeiramente ofendido pela sua pergunta, tendo em conta o que tinha passado devido ao tom da minha pele.

- Claro que sou. Tu e eu podemos ser parentes - respondi-lhe.

De repente, todos ficaram muito atentos.

- Nos tempos da escravatura, quando os navios negreiros depositavam aqui escravos vindos de África, por vezes, continuavam até às Caraíbas onde deixavam mais escravos. É possível que os nossos antepassados tenham estado num desses navios - acrescentei.

De repente, os seus olhos e sorrisos iluminaram a sala. Todos tinham uma pergunta sobre os escravos das Caraíbas. Como o professor habitual da turma não tinha deixado um plano de aula, eu falei-lhes sobre a emancipação dos escravos africanos no Haiti, que lutaram contra o poderoso exército francês, criando a primeira república negra independente do Hemisfério Ocidental. No entanto, senti-me muito envergonhado para lhes contar que, depois da independência, pretos e mulatos influentes reintroduziram a escravatura sob o rótulo de *restavev*. Os alunos negros escutavam com os olhos a brilhar, como se Toussaint-Louverture e Jean-Jacques Dessalines fossem os seus tios-avôs. Também lhes quis falar acerca da minha vida como *restavec* no Haiti e em Nova Iorque, mas não o fiz, com medo de que me ridicularizassem com a palavra *restavec* na cantina durante o período de almoço.

Os seus livros de textos de História, parecia-me, tinham sido escritos por brancos para o benefício de alunos brancos. Tinham-lhes ensinado que donos de escravos, como George Washington e Thomas Jefferson, eram os seus heróis. Escravos que tinham planeado insurreições e matado os seus donos para tentar libertar os seus companheiros não eram mencionados. Nunca tinham ouvido falar de escravos como Toussaint-Louverture, David Walker, Nat Turner, Denmark Vesey, Gabriel Prosser e de outros que defenderam e utilizaram violência para derrubar o sistema escravagista - apenas conheciam negros não-militares como Frederick Douglass, Sojourner Truth, e Martin Luther King Jr.

Depois da aula, alguns dos alunos negros aproximaram-se de mim para indagarem se eu ia voltar no dia seguinte para terminar a história sobre Toussaint-Louverture. Estavam

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

ansiosos para aprender histórias sobre pessoas semelhantes a eles, em vez de histórias sobre pessoas que costumavam ser donos dos seus antepassados.

Eu quis ensinar por três razões. Em primeiro lugar, estaria a dar-me a mim mesmo a oportunidade de ser um Mr. Rabinowitz para alunos negros americanos. Em segundo lugar, porque a escola era o único lugar onde alguma vez me sentira seguro. E, por último, equacionar o regresso ao mundo do lucro fazia-me sentir como um nadador que está prestes a penetrar em águas turvas.

Fui até ao instituto de professores da Universidade do Sul da Florida, onde um conselheiro analisou o registo das minhas notas e me apresentou uma lista de unidades curriculares que precisava obter para me tornar professor de História. Após analisar vários livros de textos de História, decidi ensinar francês, uma das línguas com as quais cresci. Depois de completar todos os requisitos, estava pronto para estagiar como aluno-professor. A senhora branca de meia-idade que era responsável por colocar estagiários como professores do secundário teve dificuldades em arranjar-me uma vaga em Hillsborough County. Após quase dois meses à espera, comecei a ficar impaciente. Voltei ao instituto de professores e exigi um reembolso.

- Não consigo arranjar uma escola secundária em Hillsborough County que o aceite. Pode considerar ir para outro lado? - perguntou-me.

- Sim, posso, mas não quero ter de ir para muito longe - repliquei.

Ela prometeu telefonar-me mal arranjasse uma vaga.

O telefone tocou numa sexta-feira à tarde. Era a mulher do instituto de professores. Disse-me para me apresentar na Huson High School, em Pasco Country, apenas a uma hora de distância de carro, e que Ms. Cynthia Nassano tinha concordado receber-me como estagiário. Não fiquei muito entusiasmado por ir para um local onde as atividades Klan⁴⁶ apareciam constantemente nas notícias, mas não tinha outra hipótese.

Telefonei imediatamente a Ms. Nassano a confirmar a informação.

Na segunda-feira de manhã, apresentei-me na Hudson High School e esperei ansiosamente no serviço de atendimento. Após uns momentos, fui cumprimentado com um aperto de

⁴⁶ NT - referente a Ku Klux Klan - movimento racista e antisemita, fundado em 1866 nos Estados Unidos da América, que utiliza violência extrema para atingir o seu objectivo, discriminação racial e supremacia dos brancos.

ANEXO: *Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média*

mão e um sorriso caloroso de uma jovem morena. Segui-a até a sala dos professores onde me apresentou a um grupo de professores brancos. A campainha tocou e eu segui-a novamente até uma sala de aula que depressa se encheu de alunos brancos. Observaram-me com curiosidade. Ms. Nassano apresentou-me à turma como um aluno-professor. À medida que as turmas iam passando, reparei que não havia alunos negros. Durante o período de almoço, caminhei pela cantina à procura de alunos negros, pois todos pareciam observar-me, como se estivesse perdido. Reparei numa face africana que pertencia a uma senhora de meia-idade que segurava uma esfregona. Não havia alunos afroamericanos na escola.

Eu e Ms. Nassano tornámo-nos rapidamente amigos. Ela achava que eu era eficiente e inteligente. Por vezes, eu trazia-lhe *donuts* frescos para pequeno-almoço, demonstrando assim o meu apreço, mas sem me aperceber de que ela estava a apaixonar-se por mim, uma antiga criança *restavec*.

- Não acredito que tenho de vir de tão longe para o meu estágio, quando há tantas escolas em Hillsborough County - disse-lhe.

- A senhora que me ligou perguntou-me se eu estava disposta a aceitar um estagiário. Disse-me o teu nome e depois que eras negro.

Eu perguntei-lhe:

- E então, que diferença faz?

E ela respondeu-me:

- Pode fazer a diferença para algumas pessoas. Pode ter dito a todos os professores de francês em Hillsborough County que eras negro - explicou-me Ms. Nassano.

Comecei a perguntar-me porque é que os pais negros mandavam os seus filhos serem educados por professores racistas, sem ter consciência de que eles não tinham alternativa.

Quando terminei o meu estágio na Hudson High, a minha amizade com Ms. Nassano tinha-se tornado algo mais profundo. Como ia ser colocada em Ohio, sugeriu ao diretor que eu a substituísse. Fui contratado para a substituir no ano seguinte.

Sentia-me genuinamente bem-vindo visto ser o único membro negro dos funcionários. Os meus colegas fizeram tudo o que estava ao seu alcance para me fazer sentir integrado.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Todos os meus alunos eram brancos com a exceção de Udey, um rapaz do décimo-primeiro ano, de pele escura, proveniente da Índia. Na minha opinião, ele era o aluno mais inteligente da escola. O pai dele era o médico da comunidade. À primeira vista, Udey era aceito pelos seus colegas. As raparigas gostavam muito dele, mas consideravam-no apenas "amigo" para sua própria proteção.

Uma manhã, perto da cantina, quando passei por um grupo de rapazes, ouvi gritarem "Olá, preto". Quando me virei, ficaram todos calados. Ao continuar o meu percurso para a sala, gritaram "preto" outra vez. De repente, lembrei-me do episódio que Alvina Jefferson me tinha contado sobre a pequena rapariga branca que a seguia e a observava. Quis responder aos rapazes, mas senti que os professores deveriam ser um modelo para todos os alunos, independentemente da raça destes. Também sabia que qualquer tipo de retaliação resultaria na minha demissão imediata. Ignorei os rapazes e continuei até ao meu destino, mas fui invadido por um grande desânimo. Tinha perdido a vontade de dar aula às minhas duas últimas turmas do dia.

Um dia, enquanto corrigia uma pilha de trabalhos, reparei que, alguns rapazes escreviam na primeira linha, em letras maiúsculas, as iniciais KKK⁴⁷. Dei-lhes uma aula sobre a cobardia dos KKK. Para minha surpresa, pararam de escrever as iniciais exceto um rapaz, que me disse que eu estava a ir contra a sua liberdade de expressão. Eu escrevi no trabalho dele: "Eu tenho o direito de não ser insultado" e parei de corrigir os trabalhos dele. Quando se deu conta disso, desistiu daquele comportamento.

Antes de a escola terminar, passei pelo mesmo grupo de rapazes perto da cantina. Virei-me subitamente, quando chegou a altura em que normalmente ouvia a palavra "preto" e vi a palavra a sair da boca do culpado. Descobri o nome dele e levei-o até ao conselho executivo. O pai dele, que tinha sido convocado para uma reunião, jurou que não sabia onde o filho tinha aprendido a usar aquela palavra. Mesmo assim, foi-lhe dada uma suspensão de cinco dias.

As minhas experiências com os alunos brancos na Hudson High completaram a americanização da minha alma negra haitiana. Sou agora um verdadeiro homem afroamericano apesar do meu sotaque das Caraíbas.

⁴⁷ NT - Referente a Ku Klux Klan.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Eu e Cindy continuamos a nossa relação apesar da distância que nos separava. Escrevíamo-nos frequentemente e eu visitava-a em fins de semana prolongados e nas férias da Páscoa. No final do ano letivo, demiti-me e mudei-me para Cincinnati, uma cidade muito conservadora do Ohio, para me juntar a Cindy. Ainda atualmente, algumas pessoas em Cincinnati decoram o relvado da frente com um *lawn jockey*, uma pequena estátua de um escravo africano com um casaco vermelho e umas calças brancas, a segurar um anel de metal, apesar de Ohio nunca ter sido um estado onde existisse a escravatura. Poderá simbolizar um desejo inconsciente de ser dono de plantações, ter riqueza suficiente para possuir um rapazinho de estábulos bem-vestido para cumprimentar os convidados ao portão e tratar das suas carruagens.

Perguntei a um carteiro e a um funcionário do gás negros o que sentiam quando se deslocavam diariamente até estas casas.

- Ferve-me o sangue - replicou o carteiro com raiva na voz.

- Não gosto. É ofensivo, acho, mas também não posso fazer nada em relação a isso - replicou o outro.

Eu queria casar com Cindy e não estava nada preocupado com o facto de ela ser branca. Eu amava-a muito porque ela acreditava em mim e me fazia sentir especial, mesmo depois de lhe ter contado a minha vida como antiga criança escrava, vivendo numa pobreza absoluta no Haiti, o país mais pobre do Hemisfério Ocidental.

Preocupava-me mais não ter os meus próprios parentes no nosso casamento do que ser a única pessoa negra. Um dos irmãos de Cindy, que conheci dois anos antes, permaneceu ao meu lado como padrinho. Sentia-me constrangido, parecia que tinha acabado de sair de um buraco.

Após o casamento, senti-me muito desconfortável, quer como marido, quer como padrasto. Cindy tinha uma filha de quatro anos chamada Katrina. Tinha a sensação de que estava a participar numa peça de teatro e que não sabia nem as minhas frases nem a minha posição em qualquer das cenas. Por vezes, durante as refeições, fechava-me num armário e recusava-me a sair. Outras vezes, comia sozinho na cozinha onde me sentia mais à vontade, como se voltasse a ser uma criança *restavec*.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

Sabotava os aniversários que Cindy me preparava, cortando o bolo e saindo de casa antes da ocasião.

Os pesadelos voltaram. Quase todas as noites me debatia e gritava contra um monstro gigante o que fazia com que desse pontapés e murros a Cindy. Acordava com o som da voz dela, chamando-me de onde estava sentada, mesmo na ponta da cama: “Jean, acorda, querido.”

Cindy insistiu que eu voltasse a ter aconselhamento ou outro tipo de acompanhamento. Resisti a esta ideia porque não queria ter de contar o horror da minha infância a um novo psiquiatra. No entanto, a dor estampada na cara da minha esposa convenceu-me.

Durante as sessões, Cindy chorava mais que eu, abanando a cabeça em descrença, ouvindo atentamente o terror que constitui agora parte da vida dela. Após cada visita, eu dormia num saco-cama no roupeiro para evitar magoá-la e para me esconder dos monstros do meu passado. As sessões proporcionavam-me algum alívio, mas não eram uma cura.

Parece-me que muitas pessoas ficam desconfiadas e constrangidas quando veem brancos e negros a caminharem unidos na sociedade americana. Uma vez, levei comigo a minha filha adotiva Katrina, uma menina loira de quatro anos, à mercearia para comprar leite. Chorou porque eu não lhe comprei doces. Quando a levei para o carro, um cidadão preocupado tirou nota da minha matrícula, chamou a polícia e disse que uma criança branca estava a ser raptada por um homem negro. Antes de chegar a casa, a polícia já lá tinha estado a interrogar a minha Cindy para se assegurarem de que a filha dela não tinha, de facto, sido raptada.

Numa outra ocasião, fui buscar Katrina à pré-escola pela primeira vez. Entrei numa grande sala na cave de uma igreja e uma jovem morena, com cerca de vinte anos, cumprimentou-me.

- Vim buscar a minha filha adotiva, Katrina - declarei.

- As crianças estão a dormir a sesta agora. Eu vou buscá-la - disse-me, sorrindo, ao mesmo tempo que desaparecia para outra sala.

Pouco depois, voltou com a única criança negra ao seu cuidado e colocou-me nos meus braços.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Esta não é a minha filha. Katrina é loira - disse-lhe, olhando para o bebé de pele escura adormecido.

- Oops! - exclamou, levando a criança novamente. Passados cinco minutos, voltou de mãos a abanar.

- Posso ver algum tipo de identificação? - perguntou-me.

Entreguei-lhe a minha carta de condução, que ela comparou com ficha de Katrina, assegurando-se de que eu estava, de facto, autorizado a ir buscá-la.

Fui contratado pelas Escolas Públicas de Cincinatti, no ano letivo de 1988-1989 para lecionar Francês e Estudos Sociais numa escola secundária. Estava ansioso por ser um Mr. Rabinowitz na vida de algumas crianças negras.

A escola que me foi designada localizava-se num bairro de negros degradado. Quando entrei no edifício, fiquei espantado. A ampla receção tinha sido pintada de fresco e as paredes estavam decoradas com bandeiras de quase todas as nações do mundo. Tive a sensação de estar a entrar no edifício das Nações Unidas em Nova Iorque, apesar de nunca ter lá estado. Quando os autocarros da escola começaram a chegar, reparei que quase todos os alunos que desciam dos mesmos eram negros. Depois disso, vi que uma grande parte de crianças brancas era trazida à escola pelos pais de carro.

Tinha de ensinar História Mundial a quatro turmas do sexto ano e Estudos de Ohio a duas turmas do sétimo ano. Em duas das minhas turmas do sexto ano, todas as crianças eram brancas excepto duas. Os alunos brancos estavam bem preparados em todas as turmas. Faziam regularmente os trabalhos de casa e tudo o resto que era esperado. Os alunos negros, no entanto, eram o oposto com exceção de uma meia dúzia. Lutavam nos corredores, gritavam palavrões, chamavam-se "nigga" uns aos outros e passavam menos tempo nas salas de aulas do que os seus colegas brancos. iam constantemente à casa de banho ou ao conselho executivo para serem repreendidos pelo assistente da diretora.

Depressa soube que o distrito escolar estava sob mandado judicial de desagregação. As decorações, a mudança do nome de Warner Middle School para Academia de Línguas Estrangeiras e a imersão total em programas de língua estrangeira tinham sido criados para atrair estudantes brancos da classe média. Enquanto o edifício era desagregado, a maioria das salas de aula não o era. E, enquanto vários pais negros acreditavam mesmo que os seus

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

filhos teriam uma educação melhor se se sentassem perto dos brancos, alguns pais brancos pediam que os filhos fossem colocados preferencialmente em turmas com poucos ou até mesmo sem alunos negros.

Todas as sextas-feiras à tarde, um grupo de professores brancos convidava-me para me juntar a eles num restaurante local para uma *happy hour*. Disseram-me que eu era diferente dos outros negros. Costumávamos discutir sobre a falta de liderança da diretora e da sua recusa em disciplinar as crianças negras. Os poucos professores negros referiam-se a mim como "traidor" e "um deles".

Decidi tornar-me no Mr. Rabinowitz de três alunos negros que me chamaram a atenção. Considerei que tinham um grande potencial e seriam fáceis de educar. Uma era uma menina cega de treze anos, chamada Tamika que me fazia lembrar Anita, a minha amiga de infância *restavec*. Ela tentava mostrar a sua independência, fechando-se em si própria. Decidi almoçar com ela todos os dias na cantina para a conhecer. Depois de almoçar três vezes com ela, contou à mãe que eu me estava a "atirar" a ela e que eu queria fazer sexo com ela. De imediato me ordenaram que me mantivesse longe de Tamika.

O segundo aluno era Deandre, um rapaz de catorze anos. Liguei para casa dele num final de tarde porque já não o via há duas semanas. A mãe dele disse-me que tinha decidido mantê-lo em casa porque havia uma fuga de água. Uma vez, trouxe-me um recado da mãe dele que dizia: "Deandre não pôde fazer os trabalhos de casa ontem à noite porque a conduta de água da zona tinha rebentado."

Depois, havia Marcus, um aluno do sexto ano, de pele muito escura. Era inteligente e dinâmico mas preguiçoso. Eu dava as aulas sempre ao lado dele, a ver por cima do ombro dele se ele tirava apontamentos. Um dia, fui chamado ao gabinete da diretora para uma entrevista com a mãe de Marcus. A diretora, uma mulher negra, estava sentada atrás da sua secretária como uma rainha no seu trono. A mãe de Marcus estava sentada em frente à secretária da diretora. Eu sentei-me numa cadeira afastada da mãe de Marcus.

- Esta é Mrs. Booker, mãe de Marcus, da tua turma do sexto ano. Quer falar contigo sobre o filho - disse-me a diretora.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

- Marcus disse-me que está a tornar-lhe a vida miserável e que fica sempre ao lado dele na aula e espreita por cima do ombro dele e que não faz o mesmo com os meninos brancos da turma - disse Mrs. Booker.

- Marcus precisa de atenção constante. Para estar atento na aula, precisa que eu fique ao lado dele - expliquei-lhe.

- Marcus também me contou que, quando os alunos brancos se portam mal, não os repreende. Parece-me que favorece os alunos brancos em relação aos alunos negros. Eu ouço-o e nem sequer parece um homem negro. Você parece negro mas não é negro - disse Mrs. Booker.

Olhei-a e sorri nervosamente.

- Não compreende as crianças negras, pois não, Mr. Cadet? - perguntou-me a diretora.

- Pelo contrário, eu compreendo-os muito bem - respondi.

- Não me parece que os compreenda - respondeu Mrs. Booker.

Sempre que tentava falar sobre o comportamento de Marcus, era interrompido e ouvia protestos sobre o meu tom de pele, considerado insuficientemente escuro. Depois da reunião, saí a pensar no meu pai branco que me rejeitava porque eu tinha nascido preto, com cabelo carapinha. Apesar de não me sentir nem preto nem branco, sou tão americano como um homem negro do Interior Sul, com cicatrizes de guerra suficientemente emocionantes para ganhar uma dúzia de *Purple Hearts*⁴⁸.

Concluí que era mais fácil ser um Mr. Rabinowitz com alunos brancos do que com alunos negros porque os negros tendem a pensar que a educação é uma "coisa de brancos".

No final do ano letivo, fui transferido para outra escola. Continuei a ensinar no secundário enquanto trabalhava no meu mestrado na Universidade de Cincinnati.

Num dia de abril de 1990, vieram entregar-me uma dúzia de rosas e um cartão na escola onde eu dava aulas. A minha primeira reação foi de que a pessoa das entregas se devia ter enganado. "Tem a certeza que é para mim?" perguntei. O cartão era-me endereçado. Ao

⁴⁸ NT - Medalha dada a membros das Forças Armadas dos Estados Unidos que foram feridos por um instrumento de guerra pelas mãos de um inimigo. É uma condecoração de mérito.

ANEXO: Restavec: de Menino Escravo Haitiano a Afroamericano de Classe Média

abrir, reconheci imediatamente a caligrafia de Cindy. Era a sua maneira de me anunciar que estava grávida. Eu já a amava, mas naquele momento comecei a sentir-me a salvo com ela - como se eu confiasse que me dobrasse o paraquedas enquanto eu dava uma espreitadela apenas com um olho.

Nessa semana específica, dois dos meus professores sugeriram que eu trabalhasse para a minha graduação. No regresso a casa, parecia-me que pairava sobre as nuvens e, ao chegar, pus Cindy a par da situação.

- Acho que deves ir em frente - aconselhou, cheia de confiança.

Quando as águas de Cindy rebentaram, na manhã de 6 de janeiro de 1991, levei-a ao hospital e entrei com ela na sala de partos. Durante o parto, dei-lhe a mão e acompanhei as técnicas de respiração que tínhamos aprendido nas aulas de preparação para o parto. Durante o nascimento do bebé, o vazio que sempre tinha sentido no meu peito foi-se preenchendo lentamente. O meu coração já não era uma pedra no meio de uma caverna vazia e fria. Depois do parto, a enfermeira pôs-me um bebé lindo nos braços. Olhei para ele e vi algo que me lembrou *Blanc Philippe*. Dentro de mim, houve uma explosão de felicidade que me fez vibrar até aos ossos.

Nessa primavera, o meu diploma de mestrado chegou pelo correio, quando eu brincava com o meu filho, Adam.

Posfácio

Ainda que o nascimento do Adam me tenha preenchido o vazio do coração, sofri de angústia em muitas ocasiões, especialmente em períodos de férias e feriados, quando todos aqueles que eu conhecia pareciam estar prestes a encontrar-se com os membros das suas famílias. Quando os avós, tia e tios do Adam nos visitavam, sentia-me como que obrigado a sair de um buraco porque não conseguia obrigar-me a fazer qualquer referência à minha família, às pessoas que me criaram. Ao ver Adam nos braços da avó, tocando-lhe na face sorridente, sentia-me como uma vítima silenciosa de violação. Depois, apercebia-me que o Adam era, também ele, uma vítima, vítima da escravatura *restavec*. Tivesse o meu antigo país abolido todas as formas de escravatura, o tratamento da Florence para comigo nunca teria sido socialmente tolerado. Talvez me tivesse tratado como um filho, o Denis considerado um irmão e o Adam apreciado a companhia de uma avó e de um tio do meu lado da família.

A escravatura *restavec* é intolerável. É o pior crime imaginável porque as vítimas são incapazes de enfrentar os seus predadores adultos. É, também, um crime contranatura, pois todos os direitos de vida de uma criança - pertencer, crescer, sorrir, amar, sentir, aprender e ser criança, simplesmente - são negados precisamente por aqueles cujos antepassados foram, também eles, escravos.>>